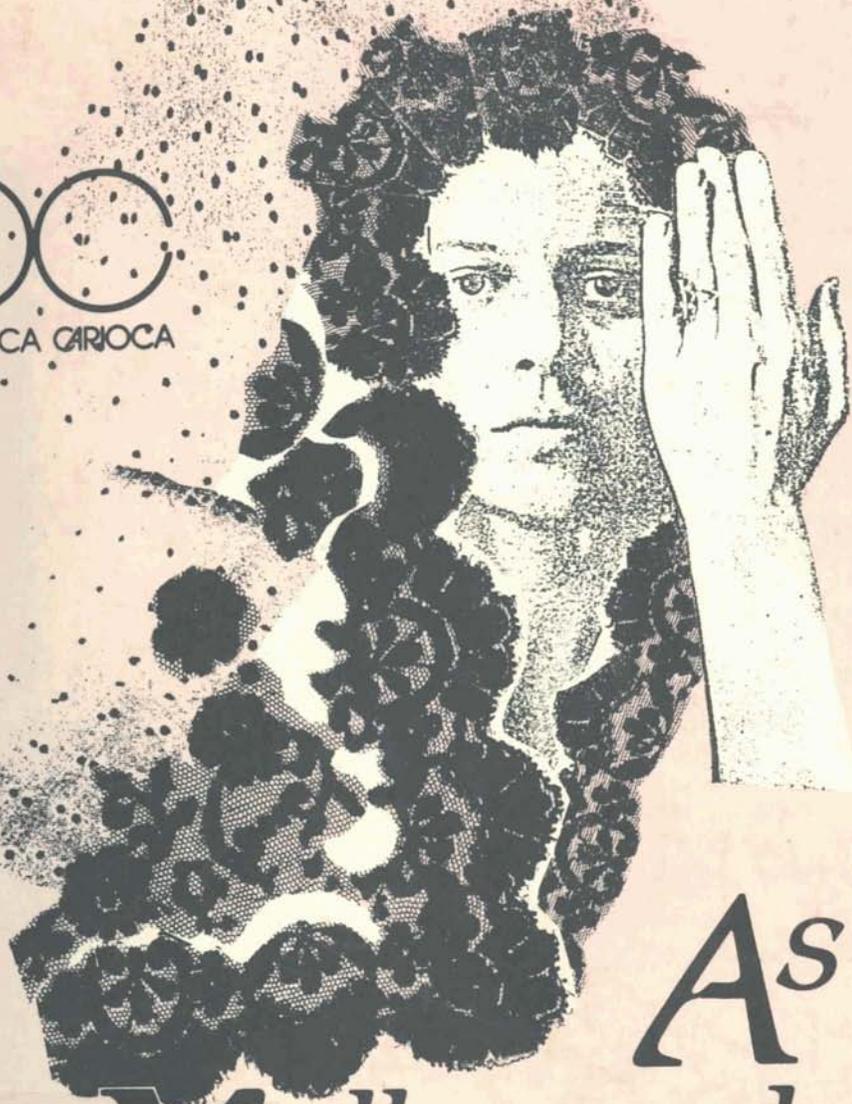


BIBLIOTÉCA CARIOCA



As
Mulheres de
Mantilha

Joaquim Manuel de Macedo

(815.3)-311.6
1 Ex.3

AS MULHERES DE MANTILHA

Em *As Mulheres de Mantilha*, Joaquim Manuel de Macedo pretendeu construir um romance histórico, ou seja, um texto que mostrasse para os leitores do século XIX, quando foi lançado, a vida do Rio de Janeiro nos idos de 1769, durante o vice-reinado do Conde da Cunha.

Circunscrevendo o enredo ao calendário das festas populares e tradições fluminenses do século XVIII, Macedo vai revelando ao leitor um grande painel do Rio de então. A cidade colonial é apresentada em minúcias, em seus hábitos, costumes e mazelas, com a descrição de suas festas e diversões, os detalhes do vestuário de seus habitantes, suas convenções sociais, o registro dos pasquins, em verso e prosa, pregados à noite nas portas e paredes, denunciando as arbitrariedades do governo e os crimes impunes.

No desenrolar da trama, o calendário das festas populares, como a serração da velha e o entrudo, ancestral do carnaval, vai sendo invadido por dois elementos perturbadores, ameaçadores de estruturas: o desejo e a rebelião, que irrompem sob formas diversas de disfarce.



PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Roberto Saturnino Braga

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA
Miguel Angelo Oronoz Proença

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO GERAL DE
DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CULTURAL**
Epitácio José Brunet Paes

CHEFE DO SERVIÇO DE EDITORAÇÃO
Luzia Regina Gomes dos Santos Alves

*As
Mulheres de
Mantilha*

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Conselho Editorial

Epitácio José Brunet Paes — Presidente
Luzia Regina Gomes dos Santos Alves
Carlos Henrique Santos de Almeida
Paulo Cezar Pereira Nazareth
Martha Maria Maurício Viana
Moacyr Felix
Helena Theodoro Lopes

821.124.3(81)(815.3)-3M.6
M 141

ARQUIVO GERAL
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA

N.º de Registro: 15565

Data: 29/5/1998

NC
1291

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de
Documentação e Biblioteca do C/DGDI

Macedo, Joaquim Manuel de, 1820 — 1882

M141m

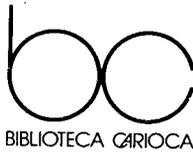
As mulheres de mantilha/Joaquim Manuel
de Macedo. — Rio de Janeiro: Secretaria
Municipal de Cultura: Dep. Geral de Doc.
e Inf. Cultural, 1988.

240 p. — (Biblioteca Carioca; v. 7)

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

CDD — B869.3

CDU — 869.0(81)-3



Joaquim Manuel de Macedo

As Mulheres de Mantilha

1988



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Cultura
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural

Direitos desta edição reservados ao Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura.

Proibida a reprodução, total ou parcial, e por qualquer meio, sem expressa autorização.

Impresso no Brasil — Printed in Brazil

ISBN 85-85096-06-3

Edição e revisão de texto — Serviço de Editoração do DGDl:

Ana Lucia Machado de Oliveira

Célia Almeida Cotrim

Diva Maria Dias Graciosa

Luzia Regina Gomes dos S. Alves

Rosa Maria de Carvalho Gens

Rosemary de Siqueira Ramos

Capa: Iêda Botelho

Projeto gráfico: Luzia Regina Gomes dos Santos Alves

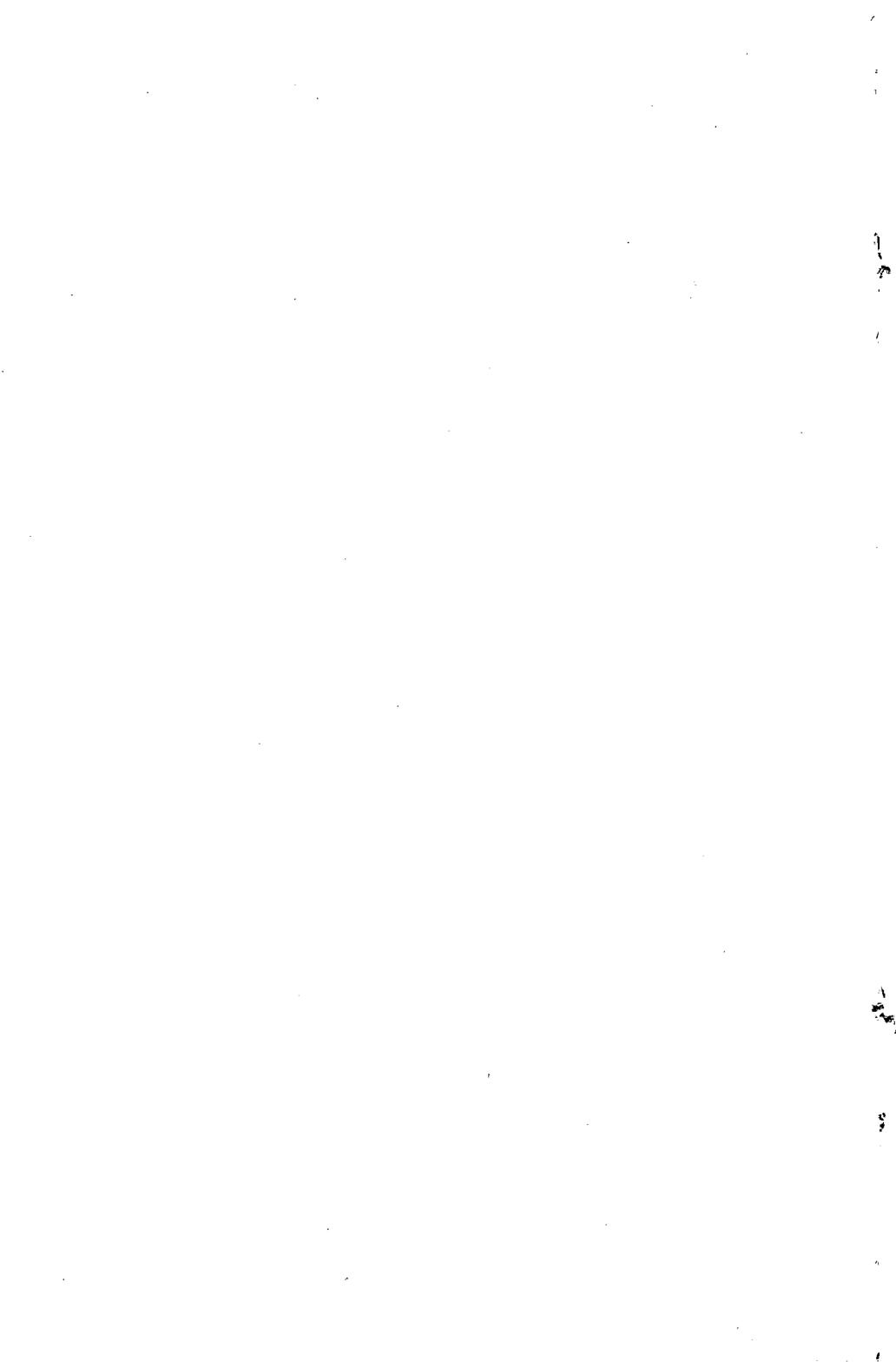
Secretaria Municipal de Cultura

Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural

Rua Afonso Cavalcanti, 455 — 2º andar — Rio de Janeiro

SUMÁRIO

ENTRE VÉUS, SOMBRAS E DESEJOS	9
Prefácio de Maria Cristina Franco Ferraz, Ana Lucia Machado de Oliveira e Rosa Maria de Carvalho Gens.	
AS MULHERES DE MANTILHA	17
BIBLIOGRAFIA	239
1 – Obras do autor	
2 – Sugestões de leituras sobre o autor	



Entre Véus, Sombras e Desejos

Maria Cristina Franco Ferraz, Ana Lucia Machado de Oliveira e Rosa Maria de Carvalho Gens.

Ao escrever *As Mulheres de Mantilha*, romance histórico, Joaquim Manuel de Macedo pretendeu construir um texto com base em fatos reais que mostrasse, para os leitores do século XIX, a vida do Rio de Janeiro nos idos de 1769, durante o reinado do Conde da Cunha. O subtítulo já anuncia este propósito que, ainda, é confirmado pela introdução do próprio autor, bastante informativa, criando no leitor a expectativa de um romance em que a ficção se subordine ao dado histórico.

No entanto, sua intenção vai mais longe, tenta preservar na memória o que não chegaria, provavelmente, vivo até os dias atuais.

Tenho quase certeza de que hoje haverá de sobra quem me censure por estas explicações de que todos sabem, visto como ainda atualmente existe o cancro da escravidão, ainda há população escrava, e, portanto, ainda há também nas famílias — nhandãs e sinhazinhas, há senhores pais de — nnonhôs e sinhazinhas, ou senhoras mães de sinhás sinhazinhas; mas no século vigésimo os romancistas históricos, que são os professores da história do povo, hão de agradecer estes e outros esclarecimentos da vida íntima das famílias do nosso tempo (As Mulheres de Mantilha, p. 49)

Evidencia-se, de início, uma lacuna deixada pela história oficial, e que a ficção toma para si a função de suprir. Pelo romance histórico, portanto, recuperar-se-ia a "história do povo", só que povo, aqui, se restringe à "vida íntima das famílias" e, ainda assim, como veremos ao longo da leitura da obra, se traduz pela configuração, em primeiro plano, de famílias abastadas da época. Em *As Mulheres de Mantilha* temos, então, a história de apenas um segmento, e os participantes de outras classes — carpinteiros, escravos, trabalhadores livres, soldados — aparecem como personagens secundárias ou limitam-se a constituir um pano de fundo, simples figurantes que dão cor lo-

cal às grandes cenas populares, componentes do panorama do Rio de Janeiro do século XVIII. Tanto na literatura quanto na história oficial, trata-se sempre de elementos que pertencem à mesma classe dominante, que freqüentemente se autodenomina povo, confirmando o circuito fechado em que, no Brasil, circulam produtores, consumidores e protagonistas da História e da Literatura.

Observam-se, no romance, quadros superpostos. Um, ligado ao século XVIII, pintado por Macedo com a óptica do século XIX e que se poderia chamar de pequeno — realista; outro, a ser delineado por nós, agora, em fins do século XX. Embora a intenção explícita do autor seja colocar o enredo a reboque do documento histórico, a trama urdida vai ocupando espaço tal dentro da obra que o interesse pela crônica passa a um plano secundário. Confirma-se com a seguinte passagem: "Enquanto não chegam os compradores de limões-de-cheiro que as meninas despacharam, matarei o tempo conversando sobre o entrudo" (Mm, p.85).

Desta forma, escrever uma crônica histórica, que se revelou, a princípio, como objetivo principal do livro, passa a ser elemento ornamental, conversa para "matar o tempo", mostrando que as intenções do historiador seriam apenas um véu que encobre o romancista. Na verdade, os elementos objetivos da crônica histórica percorrem a narrativa, surgindo aqui e ali, apenas armando um cenário que complementa as informações necessárias à compreensão da intriga. Quando esta se resolve, o livro termina em forma de documentário, meramente citando fatos e datas de forma resumida, não romancada. E o próprio narrador diz: "Mais tarde me empenharei em escrever a história ou romance desses amores". Logo, para Macedo, história e romance se equivalem, e o dado real é apenas o piparote inicial que engendra todos os elementos fabulados. Mais uma vez, isto se encontra descrito na obra, metalingüisticamente: "(...) e os fatos, comentados e exagerados, tomaram proporções romanescas" (Mm, p. 210).

O entrecho obedece a uma marcação temporal que se vincula ao propósito de circunscrever, no espaço do romance, a crônica das festas populares e tradições fluminenses do século XVIII. Mais ainda, vai-se tecendo uma trama onde o calendário de comemorações populares, regidas por festejos sobretudo religiosos, vai sendo invadido por um elemento perturbador, ameaçador de estruturas: o desejo. Cabe a pergunta: tais festas organizariam a força desejante da coletividade ou viria o desejo desconcertar o instituído, provocando um turbilhão anárquico dificilmente controlável?

Por incrível que pareça, a ficção de Macedo possibilita a discussão dessas questões. Entretanto, não de forma evidente; caberá à crítica a formalização de questões diluídas ao longo da obra. Eis, aliás, sua possível vitalidade: tratar de temas que muitas vezes só o olhar de outra época pode explicitar e colocar em relevo. Ou melhor: que só o olhar de outra época constrói.

A já velha história da recriação da obra pela leitura crítica; da sua reescrita pelo leitor. O novo olhar do leitor vai, assim, engendrando questões que o texto já trabalhava, de forma diluída, por sua própria formalização. Paradoxalmente: a leitura produziria indagações num texto que já as traria, não em latência, mas como elemento organizador da narrativa. No caso de *As Mulheres de Mantilha*, de que maneira a marcação temporal do trecho ultrapassa as exigências convencionais da verossimilhança, apontando para uma investigação sobre a relação instituição, vida coletiva e desejo, esse elemento vital, desagregador e anárquico.

O romance de Macedo se inicia numa "daquelas noites excepcionais" "de folgança e alegria" — "a de 5 de janeiro, a noite da véspera do dia dos Reis ou das cantatas dos Reis, que aliás se repetem animadas na noite seguinte" (cap. I). Cabe assinalar, de início, o privilégio concedido à noite como momento que se dissemina ao longo de toda a narrativa, remetendo a uma associação, aliás bem a gosto romântico, noite/desejo/sexualidade. A narrativa abre-se, então, com as festas populares da noite de Reis, que arrematam as do Natal. Tem início um ciclo de festejos religiosos que, partindo da folia de Reis, detém-se na origem do carnaval — o entrudo —, estendendo-se este último do capítulo XIII, domingo, ao capítulo XXXVIII, noite de terça-feira, até chegar à serração da velha, no vigésimo dia de quaresma, que corresponde, "em todo o mundo católico", "à suspensão de penitência, e como de férias dadas pela Igreja aos jejuns e aos austeros preceitos" religiosos (cap. XLV). O romance ainda se fecha no dia 19 de março, festa já então de cunho cívico, que coincide, no entanto, com o dia de São José, e em que a cidade acorda "ao ribombo das salvas de artilharia das fortalezas embandeiradas" (cap. LIII).

Embora aparentemente Macedo apenas recubra, assim, os momentos em que a vida social fluminense do século XVIII estaria melhor caracterizada, cabe ressaltar de que forma o trecho se apressa entre as festas, para distender-se nesses períodos de exceção, em que acontecem as peripécias principais. O entrudo, aliás, atravessa quase metade da narrativa (25 dos 49 capítulos), revelando, de forma não muito evidente numa primeira leitura, que são esses momentos de "férias" em que a Igreja suspende as rigorosas normas de penitência que vão atrair o olhar curioso do autor. Como se a vida, que o romance deseja flagrar, acontecesse, em sua efervescência, apenas nesses intervalos. Com efeito a sexualidade urde suas peripécias nos intervalos da austeridade. Como sempre, o demônio saltimbanco, mascarado, faz das suas nos momentos em que a ordem — a Igreja e o Estado — suspende temporariamente suas interdições, provando, por outro lado, que não há vida — mesmo a mais austera e familiar — sem desejo, e que este brota, qual erva daninha, aqui e ali, pelo meio, nas festas, pelas frestas da ordem e das mantilhas.

Afirma-se, então, a positividade da força desejante. A questão que se coloca, segundo a própria organização do enredo, refere-se à forma como tal força, em princípio desagregadora, deve se organizar coletivamente, para que se mantenha a ordem. Senão, vejamos: em primeiro lugar, não é à toa que o espaço do entrudo é tão dilatado no texto, promovendo a momento em que se alonga a narrativa o que seria intervalo na austeridade "clausal das famílias"; além disso, grande parte dos capítulos dedicados ao entrudo dão conta dos fatos ocorridos durante os dias em que tal festa popular havia sido proibida pelo vice-rei. Encontramos, ainda, mais um curioso elemento para avançar nossas investigações a respeito de como um autor do século XIX pensou a questão do desejo. Com efeito, quando, no capítulo XXXV, libera-se o entrudo, o texto é tomado por metáforas de desrepressão e desafogo: o fluxo do desejo, até então contido, transborda, qual água represada, derrubando paredes e diques:

A tarde e a noite de terça-feira, o último dia de entrudo, foram de alegria, de delírio, de frenesi, e de inocente loucura na cidade do Rio de Janeiro.

O jogo do entrudo proibido nos seus dois primeiros dias, e autorizado na tarde e noite do terceiro, foi como o ímpeto da inundação que vence e destrói o dique que se lhe opunha (p. 139).

Liberado o entrudo, o desejo, acumulado pela interdição, tem livre curso, orientando-se em direção a "inocentes loucuras" — o que parece aconselhável, uma vez que tais águas que destroem diques vêm apagar o fogo que tomara, pouco antes, na narrativa, a casa do carpinteiro Marcos Fulgêncio, alastrando-se pelo corpo de Emiliania, violentada pelo oficial-de-sala Alexandre Cardoso.

Parece, aqui, que deliramos metáforas, extrapolando, por exemplo, a referência do texto acima transcrito. Acontece que, se o narrador afirma que a autorização do entrudo "foi como o ímpeto da inundação que vence e destrói o dique que se lhe opunha", é ele que constrói uma metáfora que, refluindo sobre elementos anteriores da narrativa, tem duplo efeito: primeiro, através de um contraponto de metáforas, a liberação do entrudo passa a ser água que purifica, livrando a sociedade da força destrutiva e anárquica do fogo; em segundo lugar, lança sentido novo, carregado de intenções ideológicas, sobre o fogo que, curiosamente, incendiara a casa do carpinteiro e, metaforicamente, o corpo de Emiliania. A imagem criada nessa abertura de capítulo retroage sobre fatos anteriormente narrados, como o incêndio e o estupro, construindo sentidos que, de outra forma, não estaríamos legitimados a mencionar. Assim um texto se transforma em seu fazer; a aparência de inocente sucessão linear, numa narrativa, mascara que aí passa uma construção

de sentido. Uma metáfora como a que destacamos pode voltar-se para trás e enriquecer com novos sentidos peripécias aparentemente inocentes.

O fogo, em *As Mulheres de Mantilha*, vai, *assim*, associando-se ao desejo que irrompe fora do lar, quando se encontrava proibida a festa; nesse momento de interdição, na casa do comerciante Jerônimo Lúrio, ingênuos jogos com limões-de-cheiro encharcavam o casto corpo da menina Inês, inundando a sala inteira (p. 80), enquanto ocorria a cena do incêndio proposital da casa do carpinteiro, provocado pelo oficial-de-sala, e o estupro de Emiliana. Incêndio e desejo parecem combinar-se, quando a festa está oficialmente interdita, pois o que ocorreu na casa do comerciante foi a quebra meramente acidental e espontânea da proibição, e dentro da casa da família. Toda essa organização da narrativa leva a crer que, segundo Macedo, mais vale liberar e mesmo promover festas em que se canalize o desejo, do que deixar que este, incontrolável, extravase, ameaçando casas e famílias, em suma, a ordem. Curiosamente, ainda, o desejo, tomado como força incendiária, quando represado, só atinge a casa do pobre e honesto carpinteiro, realizando, por evidente substituição, o desejo de Alexandre Cardoso.

No início do capítulo XXI, "sempre ocupado de Inês" e dirigindo-se à casa de Maria, Alexandre Cardoso faz uma volta e desvia-se de seu caminho em direção "à pequena rua, onde naquele mesmo século [fora] estabelecido o matadouro", até a "pequena casa térrea isolada, quase solitária, mas com o seu terreiro limpo e meia dúzia de laranjeiras", onde moravam "Marcos Fulgêncio com sua mulher e uma filha de vinte anos de idade" (p. 94). O caminho é o do desvio, remetendo para o deslocamento do objeto do desejo do oficial-de-sala. Entre Inês, o casto lúrio, e a ativa e livre Maria, bela e rica, encontra-se Emiliana, ponto de confluência entre a interdição — pois, como a casa, o terreiro e as laranjeiras, é limpa e virgem — e uma possível realização do desejo, por ser pobre e "de cor menos branca", razões que, segundo o narrador, amesquinhavam-na aos olhos do oficial-de-sala do vice-rei. Assim, na narrativa, Inês, o lúrio alvo e imaculado, é poupado; é na simples flor-de-laranjeira, na pobre e não-branca Emiliana, que vai se realizar a sexualidade exacerbada e violenta do autoritário oficial-de-sala. A violência sexual, aliada à social, caracteriza Alexandre Cardoso. Ele é o vilão da história e a construção de sua vilania, associada a jogo, mulheres e corrupção, não desfaz, entretanto, a linha de pensamento que estamos traçando. É bem verdade que é no autoritário Alexandre Cardoso que o desejo se torna violento, mas tal caracterização da personagem não apaga, do texto, a insinuação de quanto é perigoso proibir oficialmente as brechas consentidas por onde pode escapar o desejo. Se a intriga serve para delinear o seu mau-caratismo, nem por isso deixa de enfatizar, nos episódios levados adiante por essa mesma personagem, a importância por assim dizer saneadora da organização coletiva do desejo, articulada pelo poder. Aquele que melhor souber administrar essa

força desejante viva terá em suas mãos a capacidade de controlar os corpos, fazê-los produzirem e manter-se no poder. O incêndio e o estupro caracterizam, sim, Alexandre Cardoso, mas esta personagem só é possível como desvio de uma autoridade ideal, mais "liberal", que, por sua vez, perceberia a importância política da autorização das festas populares, onde se desata excepcionalmente o desejo, canalizado, então, para gestos e atitudes relativamente mais controláveis.

Ao criar os episódios paralelos do incêndio da casa do carpinteiro e do estupro da personagem pobre e mestiça, Macedo acaba espelhando a sociedade brasileira, violentamente hierarquizada; no entanto, ao incorporar à narrativa tais fatos como pelo menos previsíveis, parece contrair certa dívida, que revela comprometimento e culpa. Dívida com relação à idealização romântica da vida e quanto às convenções românticas do narrar.

Com efeito, depois de sacrificar Emiliana, em local contíguo ao matadouro, Macedo vai restabelecer uma ordem provisoriamente transgredida, casando-a quase imediatamente com um velho rico à beira da morte. Ou seja: é concedido a Emiliana o único lugar social cabível em sua nova condição de não mais virgem: o lugar de viúva. E viúva rica. Assim, Macedo e o leitor ideal da obra, previsto em sua própria elaboração formal, veriam paga certa noção de culpa com relação à substituição de Inês por Emiliana, ocorrida no enredo. Bem ainda ao gosto romântico, surge a necessidade de "limpar" a narrativa, aliviando-se o sentimento de injustiça que o estupro da mais pobre suscitaria. O romance retrata a violência da sociedade, mas cria mecanismos de compensação que funcionam como catarse, através da representação simbólica, do sentimento de culpa e comprometimento com um sistema social injusto. O romance flagra a violência e o racismo, para resolvê-los simbolicamente, no entrecho; e realmente, na leitura, resgatando a boa consciência do público a que se dirige.

A substituição de Inês por Emiliana fica ainda evidenciada em outras peripécias: a tentativa de rapto da figura central do desejo do oficial-de-sala, Inês, já no capítulo XLVI. O assalto sexual programado por Alexandre Cardoso, tendo como objeto o casto lírio, acabará em fracasso, pois ela terá sido guardada por um valente mancebo vestido de mulher. A sexualidade, relacionada, no romance, principalmente ao masculino, elemento ativo, e caracterizada em Alexandre Cardoso, emerge como violenta e violentadora; só pelo disfarce e pela dupla máscara (Isidoro/Isidora), pode ingressar no claustro familiar, escondendo-se, debaixo de saias, a contundência do sexo masculino. E é assim, disfarçado, que Isidoro vai proteger os lírios do ataque, inclusive, do seu próprio sexo. Descoberto, restam-lhe as vias suaves do matrimônio, grande força organizadora do temível desejo.

Segundo a organização da narrativa, portanto, a sexualidade representa ameaça da sólida sociedade patriarcal brasileira; mais vale, então, liberar-

lhe momentaneamente (nas festas) o fluxo, para que se apague o fogo que inevitavelmente incendeia os corpos, sem que as casas caiam, destruindo-se a ordem. Sobretudo no carnaval, como diz já o século XX: "Menina, vai, com jeito vai, senão um dia, a casa cai". Antes apaziguar o desejo, canalizando-o em festas que o organizem coletivamente, em períodos de exceção, que deixá-lo irromper anarquicamente. Senão, um dia, a casa cai. Já no século XIX, evidencia-se a função catártica, purificadora do carnaval:

(. . .) os folguedos do nosso carnaval não são menos perigosos do que o antigo entrudo, no que diz respeito à saúde dos que nele tomam parte; mas em relação à moral a sociedade moralizada ficou menos exposta. O nosso carnaval também facilita mil abusos, mas em regra as vítimas desses abusos não têm muito que perder com eles (p. 77).

Se o desejo aflora principalmente nas festas, a rebelião irrompe quando o elemento agenciador se encobre, descaracterizando-se. Ao longo do texto, verifica-se que seu processo básico é o do encobrimento — um jogo de dissimulação e mascaramento que se realiza em vários níveis.

Evidenciada a partir do próprio título, a mantilha é o elemento-chave deste mecanismo de disfarce. De objeto de uso utilizado pelas mulheres honestas do século XVIII, passa na obra a exercer a função de possibilitadora da verdade, pois é através dela que personagens agem, objetivamente, com sua identidade encoberta. Logo no início da narrativa, estudantes do Seminário São José anunciam ao povo a situação de força imposta pelo vice-rei, e metamorfoseiam-se em mulheres de mantilha para escapar à fúria da gente oficial. Também Maria, amante de Alexandre Cardoso, utiliza a mantilha para montar um jogo de descobertas e armar ações de outros personagens. E velhas pobres, envoltas em véus, esmolam pelas portas e servem de confidentes e recadistas do amor. Assim, figuras encobrem-se de véus e devassam a verdade, agilizando ações de rebelião.

Num momento de repressão, mascarar atos e perder a identidade no coletivo é uma possibilidade para que a crítica se afirme sem comprometer seu enunciador. Cartas e relatórios anônimos têm grande importância na trama, pois é através deles que o vice-rei vai, aos poucos, tomando conhecimento das reais atitudes de seu oficial-de-sala. Além desses elementos, pasquins colocados "à noite nas portas das igrejas, nas paredes das casas e dos muros" e lundus reforçam a oposição ao governo. E como o grande signo do livro é o da opressão, a técnica do narrar persegue o encobrimento até mesmo na relação narrador/leitor. Este deve recolher as pistas que são deixadas ao longo da intriga, buscando as identidades que se escondem por trás de mantilhas, disfarces e documentos anônimos.

Dentro dessa linha de procedimento textual, a do camuflar, a referência a Isidoro é essencial. É como mulher de mantilha que se apresentará aos dois Ífrios e só irá revelar sua identidade quando a força — marca do masculino — se fizer necessária. Nele, a duplicidade de nome (Isidoro/Isidora) esconde o sexo no discurso, assim como a roupa encobre o sexo no corpo. E, no nível do tempo na narrativa, também a noite serve como mantilha aos atos e é nela que acontecimentos rebeldes têm a possibilidade de ocorrer, como foi anteriormente observado.

Afinal, nas festas populares, à noite, ou por meio de disfarces, crítica e desejo sempre encontram brechas pelas quais se expandem. E assim se vai revelando o caminho ficcional de Macedo. Percorrendo o Rio de Janeiro, entre véus, sombras e desejos.

INTRODUÇÃO

Os quatro anos que correram de 1763 a 1767 não foram por certo dos mais suaves e agradáveis para os habitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, embora muito ufanos e orgulhosos devessem eles estar em consequência da definitiva mudança da capital do Brasil que passara da primogênita de Cabral para a bela filha de Mem de Sá, assumindo com caráter de permanência o chefe da grande colônia portuguesa da América a graduação e hierarquia de vice-rei.

Mas o primeiro vice-rei que D. José ou por ele o Marquês de Pombal despachou para o Rio de Janeiro, e que governou o Brasil desde 16 de outubro de 1763 até 21 de novembro de 1767, foi D. Antônio Álvares da Cunha, conde do mesmo título, homem talvez animado de boas intenções, porém tão facilmente irritável como violento e déspota.

Não é da nossa conta o que fez o Conde da Cunha em Mazagão e Angola que também governara; no Rio de Janeiro porém deixou ingrata e turva memória pelos desabrimentos e escandalosos abusos da sua administração.

É verdade que lhe podem dar como circunstância atenuante da aspereza e despotismo do seu governo as prevenções bem ou mal fundadas que trouxera contra o corpo do comércio e talvez contra toda a população da nova capital do Brasil.

E precisamente eram os naturais de Portugal habitantes da cidade os mais suspeitos ao vice-rei, que aliás estendia a todos sem exceção o rigor e as violências que, ou provinham do seu gênio, ou adotara por sistema.

Os negociantes estabelecidos no Rio de Janeiro eram todos portugueses, e tendo sofrido grandes prejuízos com a tomada da colônia do Sacramento pelos espanhóis em 1762, vingaram-se no Governador Geral Conde de Bobadela, atando-o e flagelando-o no pelourinho da maledicência, e injuriando-o e caluniando-o tão furiosamente em päsquins e cartas anônimas que o brioso Gomes Freire de Andrade apaixonou-se a ponto de adoecer grave-

mente, vindo a morrer no dia 1 de janeiro de 1763.

O Conde de Bobadela fora muito amado pelos brasileiros e com especialidade pelos fluminenses, a estes porém a lembrança desse amor não serviu de escudo contra os golpes do aspérrimo rigor do vice-rei, que incessante lembrava a morte de Bobadela, e por isso agradava sempre a opressão em que desconfiado tinha o povo.

É provável que também uma sinistra medida tomada pelo governo de Lisboa e executada pelo Conde da Cunha concorresse muito para o desgosto profundo que causou a sua administração.

Ou porque se quisesse prevenir o muito descaminho do ouro em pó e em folhetas, ou porque, como parece mais verdadeiro, se resolvesse sob aquele pretexto sacrificar os interesses legítimos dos colonos aos interesses egoístas dos ourives da metrópole, a Carta Régia de 30 de julho de 1766 mandou extinguir o ofício de ourives nas capitânicas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e foi o Conde da Cunha o infeliz executor desse assassinato da ourivesaria que principalmente no Rio de Janeiro tinha chegado a um grau de perfeição que excluía o concurso dos produtos respectivos da metrópole.

A Carta Régia de 30 de julho de 1766 era a pobreza para muitos, e a iniqüidade para todos. Um castiçal de prata amassado, uma colher de prata quebrada, uma jóia de ouro precisando de conserto, deviam ou perder-se, ou ir pedir conserto a Portugal.

O governo de Lisboa sentenciara à morte a ourivesaria do Brasil, e o Conde da Cunha era o algoz que enforcava a vítima no patíbulo levantado pelo despotismo.

Ora, em fato de execução de sentença de morte, dos juizes se maldiz, mas do carrasco tem-se horror.

Ao Conde da Cunha sobreveio quase no fim do seu governo essa infelicidade.

Mas uma outra ainda maior o perseguiria desde 1763.

Era opinião corrente e averiguada que muitas vezes e em muitos casos a bolsa aberta em segredo poupava vexames e até iludia a justiça do vice-rei.

Escândalo tão revoltante ajuntava-se à experiência de extorsões do fisco sem regra, às crueldades do mais arbitrário e atroz recrutamento, que deixava mães viúvas e irmãs órfãs ao desamparo, filhos sem pais e esposas sem maridos, os atentados contra a propriedade, e contra a liberdade individual, privando-se em proveito das obras públicas os senhores dos serviços de seus escravos, e coagindo-se homens livres, sob pretexto de que eram vadios, a ir trabalhar nas obras do rei.

Tudo isso se mandava e tudo isso se cumpria com energia tirânica, e sem que houvesse para as vítimas o direito de queixa: porque a queixa

era insulto e crime punidos imediatamente e com descomedimento brutal.

E, pior ainda, era ponto incontroverso a impunidade do ajudante oficial-de-sala e dos protegidos do vice-rei que atentavam contra a honra das famílias, desrespeitando a inocência de donzelas, a honestidade de esposas, e o recato de viúvas.

De duas destas acusações o Conde da Cunha defendeu-se, confessando-se enganado, e descarregando as culpas da corrupção por dinheiro e depravação por luxúria sobre o ajudante oficial-de-sala, tenente-coronel do regimento velho, que se chamava Alexandre Cardoso de Meneses, e a quem despediu mal recomendado para Lisboa.

Mas a tão infames crimes não bastava esse simples banimento, e a suavidade do castigo dado por quem tão severo com todos se mostrava, não é de grande proveito e de convincente defesa para a memória do Conde da Cunha, que aliás foi de improviso, sem que o esperasse, e menos airoso-mente substituído em novembro de 1767 no vice-reinado do Brasil pelo Conde de Azambuja, o que indicia que o Marquês de Pombal desagradou-se da sua administração.

Como quer que seja, Alexandre de Meneses, o ajudante oficial-de-sala, foi a asa-negra do vice-reinado do Conde da Cunha.

Como escrevemos sempre e somente para aqueles que sabem tão pouco que ainda sabem menos do que nós, e não para aqueles que nos podem ensinar, vamos, porque isso é preciso, dizer o que era e o que podia naqueles tempos o ajudante oficial-de-sala do vice-rei.

A melhor lição é o exemplo, é dizer o que nos nossos dias e nos nossos costumes corresponde hoje àquele cargo da época colonial.

O exemplo e a explicação saem ingenuamente e sem malícia alguma.

O ajudante oficial-de-sala do vice-rei era então o que é hoje em dia o oficial-de-gabinete do ministro de Estado ou do presidente de província.

Ora, o oficial-de-gabinete é meio ministro e meio presidente de província, e às vezes não é meio, é todo, e sem responsabilidade perante os juizes daqueles de quem está na confiança: era tal e qual assim o ajudante oficial-de-sala do vice-rei.

O mais humilde, e especialmente os mais humildes dos pretendentes do nosso tempo sabem de quantos milagres e de quantos abusos é capaz um oficial-de-gabinete, que sendo hábil torna-se em vez de mão direita do ministro ou presidente de província, cabeça e árbitro do ministro ou presidente de província que for menos hábil que ele.

E dão-se casos em que a ilustração e superiores habilitações do ministro ou do presidente de província cedem à firmeza e à energia do oficial-de-gabinete que ou pela simpatia e confiança que inspira, ou pela in-

fluência da idade mais vigorosa, do entusiasmo mais fascinador, ou do prestígio da prática e dos conhecimentos minuciosos da administração, governa, fingindo submeter-se, e, quando lhe convém, abusa impunemente, escondendo-se atrás da pobre e inocente sombra do responsável, cuja confiança explora.

O ajudante oficial-de-sala do vice-rei era pois exatamente como é hoje um oficial-de-gabinete de ministro de Estado, ou de presidente de província.

O Conde da Cunha era um déspota; não há porém fundamento para julgar-se que tivesse sido concussionário, nem devasso; era um violento opressor; mas não vendia a justiça, nem atacava a moral das famílias.

Entretanto, Alexandre de Meneses abusava da confiança que merecera do vice-rei, e explorando a importância oficial, alimentava indignamente os instintos da sua ambição, e da sua lascívia.

Gula de ouro, e sede de prazeres sensuais, dois golfões em que se afoga a honra, duas fontes de corrupção que infamam os corruptores e os corrompidos.

Os habitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro estavam pois sofrendo muito: o despotismo cruel do Conde da Cunha e o desenfreamento de Alexandre de Meneses, que era imitado por alguns companheiros e protegidos seus, traziam a todos em susto contínuo e em tristes incertezas da vida.

Mas os fluminenses tiveram sempre e têm ainda hoje alguns pontos de semelhança com os franceses: dir-se-ia que estes, tendo sido os primeiros ocupadores do Rio de Janeiro, deixaram nesta parte do Brasil o seu gosto pelo sarcasmo e pela zombaria contra o governo que detestam e que só obrigados toleram.

Antes de se revoltar levam anos a ridicularizar a opressão.

Com o seu rir sarcástico desacreditam, solapam, diluem o poder que hão de mais tarde e oportunamente destruir de todo, e quando não podem destruí-lo, vingam-se ao menos, ferindo-o com as setas do epigrama e da zombaria.

No governo do Conde da Cunha os fluminenses sofriam muito e riam-se ainda mais.

Eis aqui uma das cantigas desse tempo, cantiga que devemos à memória de um velho octogenário, fiel herdeiro de recordações que lhe foram legadas.

Não é preciso dizer que de 1763 a 1767 somente em segredo e em sociedade bem retirada e cautelosa se ousava cantar a copla audaciosa que aliás todos sabiam de cor.

Ei-la aí vai:

Um dia o Conde da Cunha
Em dois seu nome cortou:
Do primeiro se enjoou,
O segundo nada impunha;
Mas o Meneses matreiro
Dele fez comprida unha,
Furtando o u do primeiro.

À parte o que de menos polido e decoroso se pode adivinhar na cantiga, aí está a condenação do vice-rei e do seu oficial-de-sala sentenciada, lavrada pelo povo a rir.

Salvo o perigo das perseguições, e vinganças tomadas nos parentes, e das seduções impunes com que indignamente se celebrizavam Alexandre de Meneses e seus sócios de perversões, o belo sexo poderia apenas queixar-se da indiferença, com que o tratava o Vice-Rei Conde da Cunha que aliás por fim, e como se há de ver, bem pudera ter sido declarado o benemérito das moças solteiras, mas esposo fiel, recatado e de costumes austeros em relação à família, nem sequer tinha olhos para ver e dizer que havia na capital da colônia algumas ou muitas senhoras bonitas.

Entretanto andava também o belo sexo descontente da situação: primeiro, porque indiretamente as mães, as esposas e as filhas recebiam por contrapancada os golpes que o despotismo desfechava em seus pais, esposos e filhos, segundo, porque o Bispo D. Fr. Antônio do Desterro inocentemente as contrariava e semeava espinhos na vida de flores a que elas se julgavam com direito incontestável.

Na opinião das senhoras o Bispo D. Fr. Antônio do Desterro completava o Vice-Rei Conde da Cunha.

Havia injustiça nesse juízo: o vice-rei era déspota; o bispo era severo, e devia sê-lo.

Queixavam-se, murmuravam do bispo por causa do Recolhimento do Parto e do Recolhimento de Itaipu, onde muitas vezes abusiva e cruelmente alguns pais desterravam as filhas, alguns maridos encarceravam as esposas, essas injustas violências porém não estavam na intenção do virtuoso prelado.

Murmuravam ainda do bispo porque ele sabiamente acabara com os penitentes de açoites nas procissões do enterro, como os ajuntamentos de povo e conversações profanas às portas e nos adros das igrejas antes e depois das festas, e com as solenidades religiosas que se celebravam à noite, e de que abusavam os namorados e os libertinos em proveito de seus amores inocentes ou condenáveis.

O Fr. Antônio do Desterro, que prestou os mais importantes serviços à sua diocese, foi um bispo modelo na sua época e a severidade de que usou, de grande socorro à moralidade, ao ensino, à santidade do culto, e aos

costumes do século.

Não pensavam assim naquele tempo as senhoras ameaçadas pelas casas de severo recolhimento e contrariadas pelas justas providências que observavam a fácil turbulência à sua beleza nos átrios e às portas das igrejas, e nem pensavam assim as moças estouvadas e alguns padres que viviam vida desagrada, que o venerando bispo corrigiu com a mais santa energia.

O Bispo D. Fr. Antônio do Desterro não podia escapar aos golpes do epigrama e do ridículo que eram as armas de oposição dos desgostosos.

Esse sábio e honestíssimo prelado, zeloso da moralidade do seu rebanho, fulminara um dia com os raios da sua reprovação as cantigas demasiadamente livres que eram cantadas em companhias pouco discretas, e até recebidas e ouvidas com repreensível tolerância em sociedades estimáveis.

Com efeito, o lundu, a cantiga folgazona, sarcástica, erótica e muito popular, exagerava os seus direitos, e ia às vezes até a licença, ofendendo, arranhando os ouvidos da decência, e contribuindo insensivelmente para a corrupção dos costumes.

O Bispo D. Fr. Antônio do Desterro fulminou o lundu demasiado livre, às vezes até quase obsceno.

A oposição popular reagiu, considerando condenado em absoluto todo e qualquer lundu, e desrespeitosa atacou o bispo com a arma do lundu.

Em toda parte cantou-se com aplauso o seguinte lundu que se compunha de muitas coplas, cada qual mais extravagante e zombeteira:

Já não se canta o lundu
Que o não quer o senhor bispo:
Mas eu já pedi licença
Da Bahia ao arcebispo.

E hei de cantar,
E hei de dançar,
Saracotear,
Com as moças brincar.
E impunemente,
Cantando o lundu,
Ao bispo furente
Direi uh! uh! uh!

Fr. Antônio do Desterro
Quer desterrar a alegria;
Mas eu sou patusco velho,
E teimarei na folia.

E hei de cantar,
E hei de dançar,
Saracotear,
Com as moças brincar.
E impunemente,
Cantando o lundu,
Ao bispo furente
Direi uh! uh! uh!

Era com semelhantes cantigas ou lundus, e muitas vezes com pasquins em verso e prosa que se pregavam à noite nas portas das igrejas, nas paredes das casas, e nos muros, que os desgostosos justa ou injustamente se pronunciavam, visto como não tinham tribuna parlamentar, onde se falasse por eles, nem imprensa, que fosse livre órgão da opinião de cada um.

Estas breves informações que acabamos de escrever dão idéia embora um pouco obscura da situação, costumes, prevenções, antipatias e disposição dos ânimos dos habitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro na época em que se vai passar o romance histórico que tomamos sobre nós escrever.

Ainda mesmo durante o carrancudo vice-reinado do Conde da Cunha a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro tinha seus dias e suas noites excepcionais de folgança e de alegria.

O bastão despótico do vice-rei ficava suspenso, deixando que os pobres colonos gozassem, algumas vezes por ano, horas de inocentes folguedos consagrados por motivos que eram santos e legitimados pelos costumes, que são leis imperiosas embora não sejam decretadas pelo poder. Ao governo opressor até importa muito que o povo se entregue a festas e divertimentos; enquanto o povo brinca, não reflete: *pueri ludunt*.

Uma daquelas noites excepcionais era a de 5 de janeiro, a noite da véspera do dia dos Reis ou das cantatas dos Reis, que aliás se repetiam animadas na noite seguinte.

Filha de uma recordação profundamente religiosa, de uma lição do Evangelho, da visita e das oferendas dos Reis Magos ao berço humilde de Belém, onde acabava de nascer da Virgem Imaculada Deus feito homem, Jesus Cristo enfim, esse costume do povo português passara ao brasileiro, e era como um reflexo do júbilo da igreja no regozijo profano, mas puro pela origem, e cheio de enlevos para todos no século passado, para todos ainda por muitos anos no século atual, para muitos ainda agora mesmo nos municípios e nas paróquias do interior, onde se recolhem a último, a extremo asilo, antes de aniquilarem-se completamente as usanças e os costumes rudes porém ricos de poesia característica da vida brasileira no passado.

Deus nos livre de maldizer da civilização: a civilização é sol; mas o sol tem manchas; no assunto de que muito de passagem tocamos, a civilização tem europeado demasiadamente o Brasil.

Avivemos um pouco a lembrança da festa profana dos Reis que em suma era na cidade do Rio de Janeiro como em toda parte do Brasil.

A festa popular da noite dos Reis era a que rematava as festas do Natal, que, acompanhando as sagradas comemorações da igreja, começa-

vam na noite de 25 de dezembro pela exposição dos presepes, onde se figurava a cidade de Belém, o lugar humilde do berço do Menino Deus, um campo cheio de pastores e de multidão de animais, árvores, flores, rios, fontes e cascatas, tudo em mais ou menos bem feita miniatura, e tudo perturbado por mais ou menos anacronismos e impropriedades, que aliás não preocupavam nem aos mais entendidos em história natural e na arqueologia.

Os presepes conservavam-se abertos até a terminação das alegres folias dos Reis, e todas as noites eram visitados por multidão de curiosos, e amadores.

Hoje em dia ainda se observam na capital do império e em capitais de províncias fracos arremedos dos antigos presepes.

As cantatas dos Reis se preparavam com esmero e muita antecedência: organizavam-se sociedades êmulas umas das outras, como agora para os passeios de carnaval em relação aos homens; combinavam-se alegres mancebos e também velhos folgazões, jovens senhoras estimáveis, de ordinário parentas daqueles, ensaiavam danças alegóricas, quase sempre pastoris, ajustavam suas vozes, tomando de cor a música das cantatas, e enfim na noite de 5 e de 6 de janeiro saíam a obsequiar seus amigos e pessoas de distinção, cantando — os Reis — em suas casas.

Quer estivesse aberta ou não a casa obsequiada, a cantata se entoava na rua e à porta, e começando quase sempre por um infalível:

Acordai, se estais dormindo. . .

ou algum outro verso com o mesmo pensamento; o dono da casa recebia os visitantes que repetiam a cantata na sala, onde em seguida executavam suas danças; ceias lautas, meas de banquetes, ou cobertas de doces, se patenteavam aos cantadores dos Reis que assim passavam duas noites em regalada festança. A ninguém se prevenia e todos se preveniam: nas noites dos Reis cada chefe de família tinha mesa pronta para ser oferecida às sociedades obsequiadoras, e mesas que em muitas casas se renovavam com ostentação; pois que os cantadores dos Reis uns aos outros se sucediam, e as pessoas mais distintas se reputavam menos consideradas, se não lhes entoassem à porta três ou quatro cantatas.

Com estas boas sociedades de cantadores dos Reis contrastavam muitas vezes bandas especuladoras dos Reis, que os cantavam, pedindo tributos de favor; ainda no presente século essa exploração se denunciava na quadrinha velha, já antes repetida cem vezes com a mais desgraçada música:

*Pedir Reis é do costume
E o dar é bizzarria;
O negar é mo fineza,
O aceitar é cortesia.*

Mas aos próprios pedidos dos Reis não se fechavam as casas, e para eles era certa a colheita de pingues presentes que serviam depois para multiplicar os jantares e as folganças dos especuladores da festa; estes porém tinham ao menos a prudência e bom juízo de se afastarem das boas sociedades que em caso algum consentiriam em reunir-se com eles.

E havia casos de reunião das sociedades de cantatas dos Reis.

Na cidade do Rio de Janeiro era quase obrigada, era de costume a reunião dessas sociedades no grande pátio do convento de Nossa Senhora da Ajuda. Ali se terminava a festa, a folia de cada uma das duas noites pelas razões mais justas e convenientes.

Em primeiro lugar essa concentração das sociedades dos Reis no pátio do convento da Ajuda era moda no século passado e a moda é lei; em segundo o precepe do convento da Ajuda passava por ser o mais famoso ou pelo menos um dos mais famosos da cidade, e portanto atraía numerosa concorrência; em terceiro as freiras da Ajuda eram, como ainda hoje o são, habilíssimas e delicadas mestras de doces e de empadas, que então não poupavam ao regalo das sociedades, que recebiam os presentes em tabuleiros e bandejas cobertas com riquíssimas toalhas perfumadas; em quarto e último lugar era de costume que o pátio do convento da Ajuda se transformasse nessas noites em outeiro poético; as freiras que estavam às grades davam motes e muitos bons e maus poetas glosavam de improviso.

Por todas estas razões as boas sociedades de cantatas dos Reis se reuniam de acordo no pátio do convento da Ajuda, quando muito além da meia-noite haviam terminado as suas visitas e cantatas de obséquio, e nesse pátio cada uma delas por sua vez entoava seus cantos, e todas em amiga efusão dançavam alegremente.

As duas horas da madrugada do dia 6 de janeiro de 1766, apinhava-se o povo da cidade, que já era capital do Brasil, no pátio do convento da Ajuda. Quatro sociedades de cantatas dos Reis tinham-se encontrado ali, e estreitado jubilosamente seus laços de fraternidade; todas cantaram por sua vez, e de cada vez houve três a aplaudir a que cantara, e todas quatro se fizeram uma só na execução das suas danças; as freiras batiam palmas, e a multidão de curiosos louvava as sociedades, admirava o presepe, e vitoriava as pobres freiras, que estavam das grades a olhar para o mundo, de que se achavam perpétua e desumanamente banidas.

O concurso imenso ostentava no pátio do convento da Ajuda o que havia de mais nobre ou de mais belo e distinto na população da capital. Pouparemos aos leitores deste romance a descrição dos calções e dos sapatos com fivelas, e dos grandes jalecos, casacas e cabeleiras com rabicho dos velhos e dos mancebos elegantes da época; relativamente ao belo sexo limitarnos-emos a dar uma notícia curiosa às nossas leitoras: as damas elegantes daquele tempo vestiam-se um pouco ou muito à moda da atualidade; calçavam sapatos de saltos de cor à fantasia, como os têm as botinas dos pés mimosos de hoje, traziam vestidos estreitos e como os nesgados de agora e arrastando caudas mais ou menos longas como exatamente se observava há pouco tempo; mas também usavam trazer ricos pendentes às orelhas, e profusão de ouro e pedras preciosas com especialidade no colo e nos dedos cheios de anéis; em muitas a protetora e romanesca mantilha escondia a parte superior do corpo, a cabeça e quase totalmente o rosto; mas no modo de trajá-la e na graça dos movimentos as moças sabiam atraí-loar-se.

Quanto aos dotes físicos das senhoras dava-se o caso de todos os tempos e de todas as cidades grandes ou pequenas, havia feias e bonitas e poucas formosas, mas os belos olhos, a cintura delicada e fina e os pés mimosos tão comuns nas brasileiras faziam-se admirar, como também hoje se admiram. Não se reparava então; agora porém muito se notaria naquela nu-

merosa reunião a falta de variedades de tipos; a razão era simples: o Brasil colônia só se comunicava com a metrópole; não se admitia comércio estrangeiro e por exceção apenas alguma família espanhola se misturava com as famílias portuguesas e brasileiras; mas ainda assim a raça era no fundo a mesma, e os caracteres físicos obedeciam às leis da sua origem natural: umas senhoras eram mais engraçadas, mais esbeltas, mais bonitas do que outras somente por aquele segredo, aliás explicável, que faz com que a mesma árvore, ou o mesmo arbusto, apresente flores mais ou menos defeituosas e mais ou menos perfeitas.

Encantado em um dos ângulos do pátio estava um grave ancião trajando com a séria elegância dos homens ricos, tendo a seu lado, mas um pouco para trás, uma senhora trazendo rica mantilha e que como ele observava zelosa duas belas meninas de dezoito a vinte anos de idade, vestidas com esmero, sem mantilhas, e unidas uma a outra e com as mãos dadas, como a medo de se separarem embora estivessem entre o ancião e a senhora que as guardavam, sentinelas à vista, cuidando ainda mais delas do que do preseppe que já tinham apreciado bastante, e das cantatas e danças que as duas donzelas aplaudiam com inocente encantamento.

O ancião era conhecido de todos e portanto sabiam muitos e adivinharam os outros que a senhora de mantilha era a esposa e as meninas as duas filhas de Jerônimo Lório, português e rico negociante da praça do Rio de Janeiro. Muito raramente Jerônimo Lório mostrava a família em público; mas a fama da beleza das filhas corria pela cidade ainda mais porque se ajuntava com a fama da riqueza do pai, e as duas donzelas tinham recebido de um bem inspirado admirador, uma denominação que foi adotada, e que não podia chamar-se alcunha, porque em suma era o plural do sobrenome de Jerônimo, e tinha alguma coisa de poético; pois lembrava duas flores irmãs: chamavam às duas meninas — os dois Lórios.

Muitos amigos tinham cumprimentado Jerônimo e sua família; os velhos gracejaram com as donzelas e lhes ofereceram doces; as moças as saudaram respeitosas, contentando-se com o direito geral de contemplá-las a distância, e sempre com precaução para não ofender o exagerado melindre dos pais.

A despeito das duas desconfiadas sentinelas, grupos de mancebos e mancebos isolados aqui e ali, prestavam aos dois Lórios o devido culto à beleza. Jerônimo e sua esposa maldiziam em monossílabos que lhes escapavam, do que lhes parecia atrevida licença de mocidade desmoralizada; como porém suas filhas só tinham olhos para as danças, deixavam-se ficar no pátio.

Mas de súbito pai e mãe estremeceram: entrara no pátio já atotado de povo um grupo de oficiais militares, à frente dos quais vinha o oficial-de-sala do Vice-Rei Conde da Cunha; Jerônimo Lório olhou para as duas filhas, como se um abutre se tivesse aproximado do ninho, onde se

achavam inocentes e ainda implumes avezinhas; pensou logo em retirar-se, mas o oficial-de-sala do vice-rei avançou para ele, e foi apertar-lhe a mão.

Não havia recurso possível fora de cerimonioso acolhimento; o oficial-de-sala do vice-rei era a cabeça e o braço do violento Conde da Cunha; a imediata retirada de Jerônimo poderia parecer ofensa, e a ofensa não ficaria impune; o ancião não teve sorrisos; mas simulou voluntária tolerância, recebendo os cumprimentos do muito respeitoso oficial, que ousava já dirigir olhos ardentes e cobiçosos às duas meninas, quando felizmente para o zeloso pai começou a última parte da folgança pública.

Dez vozes gritaram: — Motes! motes! . . .

As freiras acudiram ou já estavam às grades; uma delas disse com voz alta e argentina:

— Deus no berço da humildade.

— Ouçamos! exclamou Jerônimo, puxando com força o braço do oficial-de-sala; ouçamos! Eu aposto que é Mariano Antunes que vai improvisar.

O oficial-de-sala cedeu ao puxão e fingiu atender; Mariano Antunes ou outro qualquer mostrou-se na escada do tablado das danças, e bateu palmas.

Silêncio geral. O poeta do outeiro improvisou:

Enquanto os grandes da terra
Ostentando vã nobreza,
Em vaidade sempre acesa
Trazem sempre o mundo em guerra;
Enquanto as nações aterra
De cem reis a potestade,
A celeste majestade
Dos reis o orgulho fulmina,
Mostrando em lição divina
Deus no berço da humildade.

A multidão batia palmas ao poeta.

— *Que insolente,* murmurou o oficial-de-sala, pondo as mãos no copo da espada; falar dos reis assim! . . .

— *Em comparação com Deus.* . . . tolera-se, disse Jerônimo.

Subira ao tablado outro poeta, bateu palmas, e logo disse em voz altissonante.

Foi um poeta infeliz
O que há pouco improvisou;
Outra explicação vos dou
Do que o Evangelho nos diz:
Deus mostrar ao mundo quis
Que às avessas da verdade,
Aviltando a dignidade
O mundo vil vai e vem,
E assim nasceu em Belém
Deus no berço da humildade.

O segundo improvisador foi como o primeiro vivamente vitorioso; acudiram outros poetas, renovaram-se os motes das freiras e as glosas dos poetas do outeiro.

Ainda uma voz de freira proclamou da grade, donde estava olhando e ouvindo:

— Viva o bispo e o vice-rei.

O mote era uma provocação ao desgosto geral do povo; não houve poeta que subisse os degraus do tablado; mas do meio da multidão compacta alguém bateu palmas, e rompendo o silêncio que imediatamente se fez, falou em voz alta, mas fanhosa, e como para disfarçá-la:

Quando em casas e conventos
Prende o bispo as raparigas,
E o vice-rei por intriga
Recruta moços aos centos;
Quando o bispo faz tormentos,
E o vice-rei não tem lei,
Quando o pastor mata a grei
E é todo povo infeliz,
Maldito seja quem diz
— Viva o bispo e o vice-rei!

Estrondosa aclamação vitoriou o poeta; mas o atrevimento insólito deste provocou as fúrias da gente oficial que estava na reunião popular.

O poeta reproduzira em seus rudíssimos versos a opinião e o sentimento de todos, e fora por isso entusiástica e espontaneamente festejado; logo porém o oficial-de-sala desembainhou a espada, e imitado pelos oficiais que o seguiam, um e outros lançaram-se no encalço do revoltado e audacioso improvisador.

A importância oficial do homem que à frente dos seus sequazes se atirava contra o povo em procura do órgão do povo, o susto e o terror das famílias, o movimento da multidão que procurava fugir e que se esmagava no ímpeto da fuga, o choro das crianças, os gritos e clamores das mulheres, os gemidos da gente que se pisava, e de alguns que eram feridos pelas espadas dos agressores, os brados de *misericórdia!* soltados pelas freiras, o furor de muitos do povo que atiravam pedradas sobre os oficiais que loucamente perturbavam a ordem do divertimento público produziram assustadora confusão, e fizeram reecer lamentáveis conseqüências.

No fim de poucos minutos o pátio do convento da Ajuda estava quase deserto; as freiras tinham-se retirado das grades; todo o povo conseguira fugir e o oficial-de-sala do Vice-Rei Conde da Cunha sem ter podido encontrar o poeta revoltador via apenas diante de si e de seus companheiros de prazeres e de orgia uns oito pobres feridos e esmagados que estendidos no chão bradavam por socorro.

— Que faremos destes miseráveis? perguntou ao oficial-de-sala um dos seus sequazes.

— Pois que nenhum deles parece ter sido o poeta que nos escapou, deixemo-los, que há de haver quem deles se ocupe, e vamos acabar a noite, onde nos espera melhor folia.

Os oficiais retiraram-se e quando não se ouviu mais o tinir das bainhas das espadas, seis homens e duas mulheres de mantilha que jaziam por terra foram-se levantando: nenhum deles tinha sofrido ferimento grave, nem contusão que molestasse muito; o mais infeliz tinha recebido um leve golpe na frente, os outros apenas arranhões sem conseqüência, mas haviam como de concerto gemido e bradado dolorosa e aflitivamente para se verem livres do oficial-de-sala.

Um a um esgueiraram-se os seis homens que nem sequer olharam para as duas mulheres de mantilha; estas porém quando se julgaram sós, levantaram-se também, e depois de observar o pátio, que acharam deserto, disse uma dessas à outra:

— Ah! Guido Vaz! fizeste-la bonita! De que escapamos! . . . Se nos descobrem, pelo menos éramos expulsos do seminário e tínhamos fardas às costas!

— Mas que inspiração, Manuel Dias! Que décima! Nunca farei outra igual! . . .

As duas mulheres de mantilha eram dois estudantes do seminário de São José!

D. Antônio Álvares da Cunha, conde do mesmo título, era um varão de costumes rígidos e de caráter severo, honesto, bem intencionado, mas déspota no governo; nomeado primeiro vice-rei do Brasil na capital do Rio de Janeiro trouxe, infelizmente, para o desempenho de tão alto cargo, prevenções contra os negociantes portugueses desta cidade, e vendo por isso em todos e em tudo indícios de oposição e desobediência exagerou o sistema de rigor até a opressão e o despotismo cruel; por maior desdita sua chamou para oficial-de-sala o tenente-coronel do regimento velho, Alexandre Cardoso de Meneses, e dentro em pouco vivamente impressionado pela inteligência, atividade e energia deste, aplaudiu-se na escolha que fizera e depositou no escolhido a mais plena e cega confiança.

Alexandre Cardoso reunia felizes condições para agradar e tornar-se o braço direito do vice-rei: suficientemente instruído e talentoso poupava o Conde da Cunha a muito trabalho; infatigável e diligente dava asas à ação do governo; sempre de acordo com o vice-rei, déspota como ele, e fazendo executar todas as suas ordens e resoluções com a prontidão e o rigor que aprendera na disciplina militar, nada deixava a desejar ao chefe do governo da grande colônia; além de tudo isso moço ainda, pois que apenas ia tocar os quarenta anos, muito agradável de feições, tendo elegante figura, graça no falar e nas maneiras, e como belo-lavor de tudo isso, bravura natural' abrilhantando o dever do soldado, exercia uma espécie de fascinação sobre o velho Conde da Cunha.

O vice-rei tinha dito a si mesmo cem vezes: "tenho o meu homem!"

Podera antes dizer: "tenho a meu lado um mau gênio".

Alexandre Cardoso era com efeito o mau gênio do Conde da Cunha.

Em pouco tempo estudara e conhecera as fraquezas do caráter do seu chefe, que era sobretudo orgulhoso, soberbo e dominador; pôs-lhe de freio as fraquezas e dirigiu-as em seu proveito; adulou sem exageração nas

lisonjas, admirou incessantemente a sabedoria de consumado administrador, deu sempre conselhos sem dizer que os dava, nunca pretendeu parecer mais do que submisso e dedicado executor das ordens do vice-rei, e este deixou-se mil vezes arrastar e dominar pelo seu oficial-de-sala sem pensar que o fazia. Alexandre Cardoso abusava em nome do Conde da Cunha e o Conde da Cunha carregava com a responsabilidade dos abusos.

A fascinação era tão forte que ninguém se animava a queixar-se do oficial-de-sala depois que dez ou vinte exemplos demonstraram que as queixas além de desatendidas eram fundamentos para cruéis perseguições.

Alexandre Cardoso não podia ser perfeito, e julgava-se o melhor dos homens, porque os seus principais senões, a que não chamava vícios, eram três amores que o obrigavam ainda a um quarto amor; amava as mulheres bonitas, amava o luxo, amava o jogo, e por causa das mulheres, do luxo e do jogo, amava o dinheiro.

Os três amores eram exigentes e o soldo de tenente-coronel não os satisfazia; o oficial-de-sala do Vice-Rei Conde da Cunha pôs a justiça e a administração à venda em seu proveito: dava empregos e empreitadas de obras públicas a preço ajustado, como negócio seu; fazia prender e soltar, recrutava e dispensava do serviço militar, ameaçava e anulava a ameaça a troco de favores pecuniários, explorava enfim o governo de que era oficial, centuplicando os lucros legais com os lucros da prevaricação e da infâmia.

Era fácil assim amontoar tesouros; mas a Alexandre Cardoso nunca sobrava o dinheiro; porque ele tinha as mãos sempre abertas para animar seus três amores: ao luxo, e ao jogo não há riqueza que chegue, e o amor das mulheres é também um abismo que nunca se enche de ouro.

Alexandre Cardoso abusando das suas vantagens e da sua influência de oficial-de-sala do vice-rei tornou-se o perigoso inimigo das famílias, o sedutor ousado que levava a desonra aos lares domésticos; para essa guerra imoral e perversa tinha ele por armas seus dotes pessoais, o seu poder no governo da colônia, a ameaça de perseguição aos pais, e de recrutamento aos irmãos das donzelas, cuja beleza o encantava: as famílias pobres de ordinário eram vítimas da violência, quando não cediam à garantia de proteção; as ricas nem sempre escapavam à audácia daquele amor das mulheres e precisavam às vezes lutar contra o ressentimento e o furor do desenfreado e impune oficial-de-sala do vice-rei.

Pior que tudo isso ainda Alexandre Cardoso por suas paixões do jogo e da luxúria, tinha sócios de jogo e de orgias e estendia sobre eles o encanto da sua impunidade; era portanto o chefe de uma banda de mancebos imorais, corrompidos e audazes, recrutados principalmente na oficialidade dos corpos militares da guarnição da cidade do Rio de Janeiro, e essa banda perigosa, ousada, petulante, era o terror das famílias, e o testemunho vivo da perversão do governo.

O Conde da Cunha, retirado, quase sepulto na solidão da casa que tinha de ser no século seguinte palácio de reis e de imperadores, ignorava completamente as tropelias e os crimes do seu oficial-de-sala e dos sequeles que este comandava, e era força que os ignorasse, porque à semelhança dos pais extremosos e cegos, que se irritam quando lhes denunciavam os abusos e os vícios dos filhos, reputava caluniosas as censuras e acusações que se faziam ao seu querido oficial-de-sala, e violento se revoltava contra os censores e acusadores dele.

A obstinação e a parcialidade do vice-rei abriram fontes de suspeitas e de calúnias; porque muitos supuseram e alguns propalaram que o Conde da Cunha ganhava como sócio principal nas toleradas prevaricações de Alexandre Cardoso, cuja desenvoltura permitia em atenção aos lucros que lhe dava a sociedade infame.

A probidade do Conde da Cunha triunfou dos botes dessa calúnia atroz, mas desculpável por circunstâncias atenuantes; é porém certo que o oficial-de-sala Alexandre Cardoso foi o mau gênio do primeiro vice-rei mandado à capital do Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro era naqueles tempos muito diferente do que é hoje: o aspecto ainda das melhores casas era triste e indicava a educação clausural das famílias: abundavam as casas térreas e de um só pavimento, e essas reservavam as portas e batentes das janelas para se trancarem à noite, mas de dia tinham os vãos das portas e janelas defendidos aos olhos curiosos por peneiros ou tecidos de palha firmados em um quadrado de sarrafos, que se penduravam, ou se podiam mover encaixilhados; as casas de dois ou mais pavimentos, quase todas uniformemente de três portas eram de sacadas com grades de madeira mais ou menos completas e sombrias: mais ou menos porque essas grades ou eram da altura de meio corpo do homem, ou tinham a altura do pé-direito do pavimento que sombreavam, de modo que simularam triste prisão; em regra abriam-se pequenos postigos nesse engradamento, postigos maiores e cômodos na altura em que deviam ser as janelas, para que as senhoras deles se aproveitassem, olhando a rua, e pequenos postigos rentes ou quase rentes com o assoalho para que as senhoras ou as escravas debruçando-se vissem menos expostas ao público, o que se passava na rua, ou chamassem os pregoeiros vendedores de quanto podiam precisar a mesa da família.

No século passado e ainda no princípio do atual havia quitandeiros ambulantes de todos os gêneros da alimentação geral dos habitantes da cidade: os escravos vindos da África, negros e negras; corriam as ruas da cidade que hoje se chama velha, apregoando além do peixe e das verduras, o feijão, a farinha, o arroz, o guandu, o milho verde e seco, e tudo já medido em tabuleiros pirâmides, de que eram base a porção avultada e necessária à família numerosa, e ápice o quinhão de cinco ou dez réis que convinha aos pobres.

Tudo se vendia pelas ruas e até os refrescos utilíssimos em país de tanto calor; ninguém então se lembrava do gelo, ninguém desejava os sorvetes do nosso tempo; não havia confeitarias; mas era certo o popular

aluá, a inocente e refrigerante cerveja do arroz, apregoado nas horas mais calmosas dos dias de verão e em todas as estações.

Os humildes postigos inferiores das casas de sobrado serviam pois principalmente às recatadíssimas chefes de família e às suas escravas para chamarem os pregoeiros vendedores de todos esses produtos agrícolas e do industrial, o rude mas utilíssimo aluá, que muito aproveitavam às famílias.

Em todos esses costumes estampava-se o atraso e a rudeza da sociedade colonial do Rio de Janeiro; mas indisputavelmente, se a civilização tivesse poupado alguns deles, limitando-se a destruir os peneiros e as grades de pau, e outros semelhantes, o povo pobre pelo menos teria mais facilidade na vida.

Ponhamos porém de parte estas inúteis memórias do passado, e no passado sigamos apenas os fatos que servem ao romance que nos propusemos a escrever.

Na rua que agora se chama do Hospício e que no último século se chamava do Alecrim, desde o ponto em que é cortada pela Rua da Vala até o Campo de Santana, levantava-se uma casa de sobrado com sacadas de grades de pau e meia altura e que na madrugada de 6 de janeiro de 1766 se mostrava refulgente de luz e ruidosa de alegria e de festança.

Era a casa de D. Maria de. . . , notabilidade feminina, que por sua formosura, sua independência audaciosa, sua natureza ardente e indomável, suas paixões e seus desvarios fáceis desde o Conde de Bobadela até o vice-reinado do Marquês do Lavradio, influiu algumas vezes mais do que se pode supor no governo da grande colônia portuguesa da América.

Maria de. . . , da mais nobre estirpe luso-brasileira, nobre por seus avós, rica pela opulência de seus pais, tinha direito a pretender esposo da mais alta hierarquia na colônia portuguesa; o mais orgulhoso dos nobres mandados ao Brasil seria apenas igual a ela; a natureza lhe dera o encanto de irresistível formosura; a fortuna sublimara esse dom natural com a condição da riqueza e da fidalguia da família.

Infelizmente a bela mulher, que ainda se distinguia pelos encantos do espírito mais cultivado do que então era usual no seu sexo, mentira à educação e aos exemplos dos seus maiores, e nodoara um nome ilustre: a vaidade, o ímpeto das paixões, o desprezo do santo dever do recato a tornaram famosa, como as Lenclos e as Marion Delorme, zombando da reprovação pública e da repugnância com que a olhava a sociedade.

O primeiro amor de Maria de. . . foi o segredo da sua perdição: aos quinze anos deixou-se seduzir por um mancebo pouco mais velho, ou pouco menos criança que ela; um ano tinha já de duração o seu amor secreto e criminoso, quando foi descoberto pela família que aflitíssima se precipitou em imprudente vingança: o amante não foi julgado digno de lavar a

mancha pelo casamento; e imediatamente passou a ser preso para assentar praça por ordem do Conde de Bobadela, a quem o pai da seduzida dirigira queixa particular sob diversos fundamentos que dissimulavam a desonra da filha.

Maria era ardente, colérica, arrebatada; sabendo que destino se preparava ao amante, não verteu lágrimas inúteis nem protestou em vão no lar doméstico: encerrou-se em seu quarto, vestiu-se com apuro de elegância que amava muito por vaidosa, e aproveitando hora oportuna, saiu da casa sozinha, arrostando os costumes do tempo, e atrevidamente foi falar ao governador, Conde de Bobadela, que a recebeu e ouviu-lhe a história da sua paixão e da sua franqueza, e o formal pedido da sua intervenção para que ela se casasse com o mancebo recrutado.

O Conde de Bobadela tinha todos os prejuízos da aristocracia para não aceder ao empenho da jovem fidalga seduzida por mancebo de humilde e desprezada condição; mas admirado da afoiteza e da energia daquela menina delicada, e ainda mais da sua peregrina beleza, assegurou-lhe decidida proteção atenuadora do ressentimento de seus pais.

Dentro em pouco tempo o protetor se tornou amante: Maria, repelida pela família honestíssima, teve casa própria, vida reprovada, mas luxo e riqueza que ostentava sem corar. Ou fosse que só um único amor, o primeiro, tivesse ela verdadeiramente sentido, e que pelo infortúnio desse lhe houvesse ficado o coração endoidecido, ou fosse que envenenado sangue lhe abrasasse a natureza com o fogo da luxúria, Maria não soube ser fiel a amante algum, e a todos atraía menos pela torpeza do interesse, do que pelos delírios do capricho, e pelas inconstâncias da sensualidade.

O Conde de Bobadela apaixonado e cativo resistiu alguns anos aos desatinos da famosa moça; mas por fim quebrou as cadeias que o prendiam, deixando-a porém rica, e protegida sempre pelo seu favor até o dia em que morreu.

No vice-reinado do Conde da Cunha, Maria foi amante de Alexandre Cardoso: tinha tomado gosto ao amor do chefe do governo da colônia; em falta do vice-rei que era de austeros costumes, contentou-se com o oficial-de-sala que era quase vice-rei pelo poder da sua influência.

Na noite das cantatas dos Reis, Alexandre Cardoso e seus companheiros, retirando-se do pátio do convento da Ajuda depois da inútil desordem que haviam feito, tinham-se dirigido à Rua do Alecrim e entrado na casa de Maria de. . .

Havia sarau e ceia esplêndida que bem se pudera chamar almoço pela hora adiantada da noite; mas na noite dos Reis a mesa não tinha hora, estava sempre posta e renovada até o amanhecer.

Apesar de sua má reputação, e graças à sua riqueza, ao seu espírito e à sua influência, Maria tinha círculo numeroso e agradável, embora não formado por senhoras de classe elevada e de educação escrupulosa. Os manebos mais distintos, muitos homens ricos, e os oficiais dos regimentos da guarnição da cidade freqüentavam a sua casa, e não faltavam às suas reuniões; por isso mesmo acudiam também a estas muitas jovens de procedimento equívoco, e algumas famílias sem protetor zeloso, e pouco exigentes e melindrosas, ou por dependência da bela e rica libertina, ou pelo desejo de atrair noivos para as filhas, ou enfim pelas aparências e exterioridade de boa companhia, que a elegante pervertida zelava em sua casa.

Alexandre Cardoso e seus companheiros entraram na sala, quando Maria dançava o minuete com um requinte de enlevadora e provocante graça que nenhuma outra possuía como ela.

Maria contava então vinte e quatro anos e não parecia ter vinte; era de estatura regular, esbelta, ligeira e um pouco lasciva, não afetada, naturalmente lasciva nos movimentos; seus cabelos eram louros, seus olhos grandes e de celeste azul, o rosto oval, branco, as faces docemente coradas, o nariz pequeno e bem-feito, os lábios admiráveis de suave rubor e não finos nem demasiadamente grossos, bordando pequena boca, escondendo lindíssimos dentes, e servindo a sorrisos cheios de magia; tinha o colo alto e elegante, como a frente, o peito encarnado a não deixar adivinhar as clavículas, e de alvura deslumbrante, os seios pequenos, a cintura fina, os braços admiráveis, as mãos e os pés de maravilhosa delicadeza, e em seus modos e na expressão móbil de sua fisionomia certo quê de graça indizível, de inocência que ela não tinha, de malícia que lhe sobrava, de contradição caprichosa, de mistura do bem que se adora e do mal que cativa, de anjo cujos pés se devem

beijar e de demônio a cuja tentação se obedece à força de encantamento irresistível.

Maria chegara nessa época ao apogeu da sua formosura e à consciência experiente do poder dos seus enfeitiçadores dotes físicos.

Sem interromper o seu minuete ela viu entrar Alexandre Cardoso e em vez de saudá-lo com um sorriso, encrespou passageira e levemente os supercílios e a fronte, como se um ressentimento do ânimo lhe viesse ondear nos supercílios e na fronte; logo porém serenou e seu rosto foi todo, como pouco antes, espelho de bonança, e céu de alegria.

Acabado o minuete no meio de palmas batidas em aplauso, conforme era de uso, Maria recebeu as saudações dos recém-chegados, e logo depois conduziu todos os seus convidados para a mesa da ceia que foi longa e ruidosamente festejada.

Entre os brindes que se faziam, falaram todos dos divertimentos da noite, comparando as diversas sociedades dos cantadores dos Reis disputando sobre o merecimento de cada uma delas para o ganho da primazia.

Cada qual referia os episódios interessantes ou grotescos que havia observado; só Maria, um pouco pensativa, ouvia e não falava, e Alexandre Cardoso e seus companheiros discorriam sobre tudo, guardando porém reserva acerca do tumulto do pátio do convento da Ajuda, porque não lhes convinha propalar o improviso injurioso do poeta que atacara o bispo e o vice-rei antes de comunicarem a este o insólito caso.

— Faço um protesto, disse Alexandre Cardoso elevando a voz.

— Um protesto?

— Sim; contra o silêncio obstinado da encantadora fada que nos hospeda.

— Ah! disse Maria, interrompendo-o; são tantos os que protestam contra o oficial-de-sala do senhor vice-rei, que bem se lhe pode permitir que ele também proteste alguma vez.

Alexandre Cardoso corou e prosseguiu:

— Aqui cada um de nós tem contado o que viu de melhor e de pior nesta noite de folia e de divertimentos característicos: que viu, que sabe e guarda consigo a bela Maria? . . . Aposto que ela dirá o que ninguém disse ainda, porque seus lindos olhos vêem sempre mais do que os dos outros com a luz divina que radia neles.

— Eu? . . . pobre mulher que não saiu de sua casa, o que eu dissesse agora, vinte bocas já o têm repetido.

— Fale! fale!

— Vós outros que tão tarde chegastes, sois os que tendes mais a contar; tenente-coronel Alexandre Cardoso, capitão Aires de Brito, alferes Constâncio Lessa, vós todos, que chegastes tão tarde, dizei-nos: que aconteceu por aí? . . .

— Responda, quem pergunta.

— Posso eu adivinhar?

— Como fada que é.

Maria sorriu:

— Pois bem, disse ela; ensaiarei um sortilégio. . .

E deitando no cálice algumas gotas de vinho, fingiu que murmurava palavras cabalísticas, depois tocou com os lábios no vinho, e exclamou:

— Vejo longe daqui, e é a vós que eu vejo, senhores oficiais recém-chegados!

— E então?

— Jogastes a banca até às dez horas da noite; o senhor tenente-coronel Alexandre Cardoso ganhou mais de mil cruzados; mau sinal; feliz no jogo, infeliz no amor.

— Sinistro agouro!

— Saístes a correr a cidade e a visitar os presepes; tenente Gonçalo Pereira, não foi decente nem digno que na ladeira de Santo Antônio abraçasses à força uma mulher de mantilha: recebeste justo castigo nas risadas dos teus amigos, quando descobrindo o rosto da vítima, encontraste em vez de um fresco semblante de moça, a cara enrugada de uma velha.

— Ah! um espião nos seguiu!. . .

— Poupo-vos a muito mais que estou vendo e que pudera dizer, e agora vos observo na vossa última estação. . .

— Onde?

— Há apenas uma hora, no pátio do convento da Ajuda.

Os oficiais começavam a perturbar-se.

— Ali Alexandre Cardoso estava embevecido a contemplar um dos dois Írios. . . feliz no jogo, infeliz no amor. . . o Írio indiferente não pendia para ele, que perdido e cego não viu, não soube ver, se bem perto para alguém a furto pendia o Írio. . . eu também não sei se houve pendor. . . mas é tão natural. . .

Alexandre Cardoso fingiu sorrir; mas estava confundido.

— É saber muito e até demais! disse o tenente Gonçalo Pereira.

— Se eu sou fada! respondeu sem olhar o interruptor a soberba moça.

Depois continuou:

— As freiras davam motes, e os poetas glosavam. . .

— Basta. . . basta. . .

— Não; agora hei de ir até o fim, e hei de dizer-vos o que não sabeis, embora estivésseis lá, e eu não sásse daqui.

— Ouçamo-la, disse Alexandre Cardoso, seriamente.

Maria compreendeu a seriedade do oficial-de-sala, e sem cons-

trangimento aparente, mediu suas palavras para não dizer mais do que lhe convinha.

Uma freira deu por fim o mote:

Viva o bispo e o vice-rei.

E um poeta que não se quis mostrar glosou do meio da multidão, improvisando com voz fanhosa uma décima insultuosa que acabou assim:

Maldito seja quem diz
Viva o bispo e o vice-rei.

— Ah! . . . exclamou com hipócrita horror a assembléia.

— Vós, nobres oficiais, vos atirastes de espada em punho contra o poeta audacioso, houve tumulto, desordem, ferimentos, contusões de inocentes, e tudo em vão, porque o misterioso improvisador escapou sem ser ao menos conhecido, e, o que foi ainda pior...

— Acabe. . .

— Quando Alexandre Cardoso voltou ao seu posto de embevecida contemplação, o Írio tinha fugido com o poeta. . . feliz no jogo, infeliz no amor. . . paciência!

Evidentemente os mal disfarçados ciúmes de Maria saíam-lhe do coração para cair dos lábios transformados em epigramas pelo ressentimento.

Alexandre Cardoso sentiu a natureza dos golpes que sobre ele descarregava a terrível e ciumenta amante; mas dominado pelo desejo ardente de conhecer o desconhecido, aquilo que Maria sem sair de casa sabia do que se passara no pátio do convento da Ajuda, mais do que os oficiais lá tinham estado, disse:

— A história do poeta e do nosso empenho para castigá-lo é exata, confesso-o; mas que é que podemos ignorar e que a bela fada adivinha?...

— Vós não pudestes saber e eu sei quem foi o poeta que improvisou a décima revoltante. . .

— Quem foi? . . . perguntou Alexandre Cardoso levantando-se.

— Uma mulher de mantilha.

— Não. . .

— Sim; eu nunca minto, nem quando erro, ou me comprometo: o poeta que improvisou a décima foi uma mulher de mantilha.

— E o seu nome? . . .

Maria fez um movimento com o braço, e tocou no cálice encantado, que caiu sobre a mesa e quebrou-se, entornando as gotas de vinho.

— Ah! exclamou a pérfida sereia, cobrindo o rosto com as mãos mimosas, que o não podiam esconder de todo.

— O nome dessa mulher de mantilha. . . tornou a perguntar, alterado, Alexandre Cardoso.

— Não viu que se quebrou o copo?. . . respondeu Maria; agora acabou o encanto; não adivinho mais, esqueci tudo.

Uma hora depois, todos os convidados tinham-se retirado; o último, Alexandre Cardoso, teimava em demorar-se.

— Tenho sono, disse-lhe Maria; quero ficar só e dormir.

— Maria!

— Feliz no jogo, infeliz no amor. . .

— Não jogarei mais, . .

— Não me importa que jogue ou não! . . .

— Mas o resto desta noite? . . .

— Disse a palavra: é um resto. . . e eu rejeito o resto. . .

— Maria! . . .

— Vá sonhar com o lírio.

Alexandre Cardoso beijou a mão gelada da amante ciumenta e colérica, e retirou-se.

Jerônimo Lírio era negociante de grosso tráfico, de bem merecida fama de probidade e de austeros costumes; português de nascimento e muito pobre, viera para o Brasil procurar fortuna; sabendo apenas ler e escrever e as quatro espécies de aritmética, começara por varredor do armazém e arranjador de fardos na casa comercial de outro português que o recebeu; ativo e fiel, agradou ao amo, que nunca deixou, foi gradualmente subindo até primeiro caixeiro depois de oito anos de labor e de provas; no fim de doze anos, chegou a sócio com direito à terça parte dos lucros da casa e três anos depois casou com a filha única do seu patrão, a qual viu pela primeira vez no dia do casamento; ainda viveu algum tempo sob a tutela do sogro e por morte deste, que já era viúvo, herdou-lhe toda a riqueza e ficou único representante da casa.

No casamento por aquele modo realizado haveria que notar a manifestação franca do interesse material, servindo de base ou razão exclusiva da união de dois corações, de um homem e de uma mulher que não se conheciam; mas no século passado eram freqüentes os casamentos feitos assim, e não havia então quem se lembrasse de censurar essa prática absurda e muitas vezes fatal; especialmente na nobreza e no comércio rico a autoridade dos pais não queria em tal ponto reconhecer limites, e amesquinhava até o extremo a condição da mulher que, aliás era educada com preciso cuidado para não revoltar-se contra a inaudita prepotência; basta lembrar que era de regra que as filhas não aprendessem a ler e ainda menos a escrever.

Se os costumes da época escusavam a Jerônimo Lírio o se ter sujeitado ao casamento com uma noiva a quem nunca tinha visto, nada mais há no seu proceder que possa desmerecê-lo. É certo que ainda hoje, às vezes a inveja, às vezes a irreflexão ou a murmuração indesculpável, atiram contra a opulência de quem começara paupérrimo a lembrança de seus rudes e abastidos serviços no princípio da mais afadigosa vida; eis aí o que é deprimir aquilo mesmo que dá direito, que obriga o elogio! Nada mais belo nem mais

nobre do que a riqueza filha do trabalho e da economia. O homem que assim enriquece, anda e deve andar de cabeça levantada, e é digno de servir de exemplo aos outros homens.

Jerônimo foi um esposo modelo para sua dedicação e fidelidade à honestíssima e dócil senhora, com quem se casara; viveu feliz e teve de sua união duas filhas: Irene e Inês; dera à primeira o nome de sua mãe, à segunda o nome de sua esposa; amou-as extremosamente, mas sem comprometer com os carinhos a sua gravidade de pai; a mãe educou as filhas no sacrário do lar doméstico; ensinou-lhes quanto sabia, a rezar, a coser, e a bordar, a tocar o cravo e a guitarra, a dançar o minuete, e danças do tempo, a preparar delicadíssimos doces, a governar a casa e nada mais; não sabendo ler, deixou-as na mesma triste ignorância.

O pai foi contando os anos, e medindo a altura e o desenvolvimento das meninas, e dobrando de cuidados logo que as sentiu chegadas à idade em que a natureza revela à jovem mulher uma súbita revolução na vida, embora a inocência não compreenda nem explique o misterioso segredo, pensou no futuro das filhas, e em prudente silêncio estudou solícito e perseverante os costumes e o procedimento dos seus caixeiros, e dos mais estimados fez logo a um sócio em pequena parte dos lucros, a outro guarda-livros da sua casa comercial.

Jerônimo tinha o seu armazém na Rua Direita, onde passava os dias, dirigindo as transações; chegava já almoçado, às oito horas da manhã; ao meio-dia em ponto, jantava só ou com negociantes e amigos, que lhe aceitavam a mesa; todos os caixeiros e empregados da casa comercial jantavam à parte; às duas horas da tarde começavam a arrefecer os negócios; das três em diante, só os havia para os armazéns de retalho, e então retirava-se o negociante para o seio de sua família, que morava em uma grande chácara da Gamboa.

Por mais que eu me exponha a não me perdoarem certas digressões, teimarei nelas, porque são indispensáveis para o conhecimento do estado e dos costumes da cidade do Rio de Janeiro, no século passado.

A retirada diária e constante de Jerônimo Lírio para passar a noite na sua chácara da Gamboa, onde fazia morar a família, era uma das raras exceções que em semelhante prática se observava na cidade.

É verdade que muitos negociantes e homens ricos possuíam chácaras nas vizinhanças do outeiro da Glória, no caminho depois chamado Rua de Mata-Cavalos, e agora Rua do Riachuelo, em memória da mais gloriosa vitória e também na Gamboa e no Saco do Alferes; essas chácaras, porém, serviam só para o gozo dos domingos e dos dias santificados, que eram muitos até perto da metade do século atual. Então as famílias faziam os seus farneis, convidavam os amigos e na tarde da véspera dos dias sem trabalho, lá iam para Mata-Cavalos ou para a Gamboa, como atualmente se vai para Pe-

trópolis e para Nova Friburgo. Aqueles lugares eram solidões, retiros mal povoados, para onde não havia ruas, e apenas azinhagas difíceis, e tinham fama de perigosos pela lembrança dos roubos e assassinatos que algumas vezes ali fácil e impunemente se davam.

Bem poucos, bem raros eram aqueles que tinham suas famílias morando em chácaras, e entre esses contava-se Jerônimo, que provavelmente, como os outros, assim procedia pelo justo receio da insalubridade e das moléstias contagiosas que com freqüência eram o flagelo da cidade.

Duas causas principais contribuíam para empestar a capital do Brasil: a vala que deu tão feio nome à rua que apenas ultimamente recebeu o de Uruguaiana, em lembrança de outra importante vitória, era vala aberta, imunda, que servia para escoamento das águas e para despejos, sendo, portanto, foco perene de infecções.

O tráfico de africanos escravos já era então muito importante; os míseros filhos d'África, guardados em multidão, em depósitos, dentro da cidade, propagavam nela suas moléstias, e, sem o pensar, vingavam-se da escravidão, envenenando os senhores com os germes da peste que espalhavam.

O Conde da Cunha acertara de combater aquela primeira causa de infecções mortíferas, mandando cobrir a vala sinistra com grandes lajes, melhoramento incontestável que a ele se deve, embora realizado a alto e violento pagar de sacrifícios pelos particulares, cujos escravos foram tomados à força para serviços dessa, como de outras obras.

Continuava, porém, ainda a influência maligna, mortífera, dos depósitos de escravos africanos no centro da cidade, e, pois que o podia, Jerônimo Lírio praticava prudentemente, conservando a família longe dos focos de moléstias contagiosas.

Por isso, sujeitava-se ele a ir todas as tardes, e algumas vezes à noite, para a chácara da Gamboa, marchando a cavalo, levando boas pistolas e seguido de dois pajens prontos para defendê-lo em algum encontro arriscado, por uma azinhaga quase sempre deserta, que poucos anos depois se alargou sem corrigir sua tortuosidade para dar lugar à rua que se chamou do Valongo até o ano de 1849, em que tomou o nome de Rua da Imperatriz em lembrança da passagem que fez por ela, após o seu desembarque na capital do Império, a virtuosa senhora que é a augusta esposa do atual Imperador do Brasil.

A azinhaga que dava caminho para a Gamboa, Saco do Alferes e outros pontos, muito pouco povoados, era, como dissemos, suspeita de maus encontros, e dada a hipótese de algum caso sinistro, era inútil gritar ali — ah! quem del-rei! — pois que não havia socorro possível da autoridade naqueles confins solitários do Campo do Rosário; em tais apertos, cada qual devia contar exclusivamente com os seus próprios recursos.

Jerônimo Lírio sabia bem que a sua condição de negociante rico era um perigo demais, e, portanto, não se esquecia nunca de renovar as escovas das suas pistolas e de se fazer acompanhar sempre de dois e à noite, por três ou quatro pajens escravos que mereciam a sua plena confiança, por valentes e dedicados.

Irene contava dezessete anos. Inês ia fazer dezesseis e, embora resplendessem com todo o viço da mocidade, que tão doce se ostenta sob a influência do nosso clima, eram ambas inocentes e puras, como os amores da infância: duas avezinhas irmãs nascidas no mesmo ninho, criadas presas, mas no meio de mil desvelos na mesma gaiola, tinham asas para voar, e não conheciam, nem sabiam desejar o espaço; eram lindas com seus longos cabelos pretos, suas fronteiras lisas e altas, sua tez moreno-clara, e com a delicadeza e justas proporções de seus corpos esbeltos; ambas se pareciam muito: Irene, porém, tinha os olhos pardos e de suavíssimo brilho, e a cor um pouco menos morena que Inês, cujos olhos eram negros, maiores e mais ardentes, além de que esta lastimava-se de um buçozinho mimoso que lhe ornava o lábio superior.

Irene era um pouco menos alegre de gênio, Inês mais viva e curiosa; qualquer das duas, muito acanhadas diante de estranhos, amando com temor o pai, com expansão a expansiva mãe e com enlevo indizível uma à outra: diríeis duas belas flores abertas à luz da mesma aurora em dois pedúnculos unidos no mesmo ramo.

Jerônimo Lúrio e sua esposa guardavam no retiro doméstico os dois belos frutos de sua união. Só os amigos íntimos e suas famílias eram admitidos à companhia das duas meninas; fora dessas relações prediletas e escrupulosamente escolhidas a muralha do zelo defendia Irene e Inês a toda e qualquer sociedade. Se algum homem velho ou moço ia passar um domingo ou dia santificado na chácara da Gamboa, desde que não era dos excetuados pela amizade, Irene e Inês não se mostravam nem à mesa do jantar.

Todavia, muitas vezes por santo dever, e algumas por notável contradição entre esses costumes de clausura doméstica e os costumes de certos folguedos tradicionais, Jerônimo Lúrio levava a mulher e as filhas, onde a multidão concorria.

Por santo dever, em todos os domingos e dias santificados, a família

Lírio, embarcando em suas cadeirinhas que eram levadas aos ombros de escravos possantes, trajando véstia e calças brancas, mas com os pés descalços, descia à porta da Igreja da Matriz da paróquia do Sacramento para assistir ao sagrado sacrifício da Missa, e além do cumprimento do preceito do decálogo, Jerônimo concorria, com sua esposa e filhas, às grandes solenidades religiosas, e a todas as procissões, em que o culto católico se ostentava nas ruas, nem sempre com proveito real da religião.

E também, por obediência ao império tradicional dos costumes, as duas meninas, sistematicamente clausuradas, eram no entanto vistas, olhadas e admiradas através de seus véus, que muitas vezes cediam ao ímpeto da curiosidade, em divertimentos profanos e públicos, como os presepes da festa do Natal, a serração da velha, as corridas de touros e outros, que, por herança do passado, se usavam no século décimo-oitavo.

Assim, pois, Jerônimo, contraditoriamente, escondia as filhas em casa, e as mostrava nas Igrejas e nos grandes espetáculos públicos.

Os véus transparentes e de finíssima renda, mal podem eclipsar a beleza, e tanto mais que o sopro de uma aragem traiçoeira, aproveitando um descuido feliz, enrola ou levanta o véu, e patenteia o rosto que se reserva e procura ocultar-se na sombra.

A lindeza e as graças naturais das duas filhas de Jerônimo Lírio eram desde algum tempo geralmente conhecidas e apregoadas no Rio de Janeiro, e, como já dissemos, o povo, ou antes primeiro os mancebos entusiastas e depois todos adotaram a denominação dada por algum apaixonado ou simples admirador: do belo às duas meninas, que foram conhecidas pelo nome poético — os dois lírios.

Irene e Inês não eram brancas, como o lírio; mas a denominação ou amorosa alcunha fizera do nome da família um nome de flores.

No lar doméstico eram outros ímpetos ou nomes familiares dados às meninas ou pelos pais ou pelas escravas: a Irene chamavam nanhã, diminutivo feminino que quer dizer filha do senhor, a Inês, que recebera no batismo o nome de sua mãe, a quem os escravos tratavam por sinhá, corrupção do nome senhora — chamavam sinhazinha, que, como se vê, é o diminutivo de sinhá.

Tenho quase a certeza de que hoje haverá de sobra quem me censure por estas explicações do que todos sabem, visto como ainda atualmente existe o cancro da escravidão, ainda há população escrava, e portanto, ainda há também nas famílias — nanhãs e sinhazinhas, há senhores pais de — nhonhôs e sinhás, ou senhoras mães de — sinhazinhas; mas no século vigésimo os romancistas historiadores, que são os professores da história do povo, hão de agradecer estes e outros esclarecimentos da vida íntima das famílias do nosso tempo.

E uma vez que tocamos neste assunto, que parece mais que

muito insignificante e que por certo o não é, deixem-me escrever juma página alheia ao romance, e toda reveladora dos costumes domésticos da antiga colônia e ainda do nosso tempo.

O nnonhõ, a nnanhã e a sinhazinha, os filhos e as filhas dos senhores e das sinhás ou senhoras são de ordinário elos de amor que prendem, como eram e prendiam, alguns escravos aos senhores e fontes de reconhecimento dos senhores que aproveitava aos escravos.

Aleitados às vezes por escravas, o filho e a filha do senhor, o nnonhõ e a nnanhã e a sinhazinha eram e são os protetores de suas amas de leite, que freqüentemente por esse serviço recebiam e recebem a sua emancipação, merecendo ainda depois continuados benefícios.

O nnonhõ, a nnanhã, a sinhazinha têm nos escravos e escravas de sua idade companheiros e sócios nos brincos e travessuras da infância, e sabem amá-los então, e protegê-los depois, tornando-se providências desses desgraçados pela escravidão.

O nnonhõ, a nnanhã, a sinhazinha são os anjos de compaixão e de caridade, que impõem o seu celeste veto de lágrimas aos castigos que seus pais querem impor aos escravos; são os agentes do bem, e os pais os deixam ser, e se aplaudem de que eles o sejam, e exageram furores fingidos e desarmados por aquela angélica influência, para também exagerar a influência dos filhos, e a poderosa e santa intervenção destes a favor daqueles infelizes.

O nnonhõ, a nnanhã, a sinhazinha em casa de seus pais significam alegria da família, patronagem dos escravos, perdão de castigos, emancipação para um ou outro, e esperança para muitos desses míseros condenados. O nnonhõ é o travesso que assegura impunidade aos cúmplices; a nnanhã é quem às vezes acalenta em seus braços a filha ou o filho da escrava de sua predileção: o nnonhõ, a nnanhã, a sinhazinha são quase sempre amados pelos escravos da casa.

Cada escravo traz ao nnonhõ o passarinho que apanhou no laço, à nnanhã uma fruta e uma flor silvestre, um ninho de beija-flores, pombinhas-rolas a criar, o pouco, que é muito, porque é tudo quanto ele pode dar.

E essa afeição que alguns escravos tributavam aos senhores moços a quem tinham visto nascer e crescer, era (como ainda se observa) talvez o único sentimento generoso contrastador do ódio que todos os escravos naturalmente votam aos senhores.

A fama da beleza dos dois lírios tinha chegado aos ouvidos de Alexandre Cardoso, que em breve mais de uma vez, pelos próprios olhos, se convenceu da verdade que todas as vozes proclamavam; impressionou-se principalmente da graça e dos encantos de Inês, e amando-a ou presumindo amá-la, o sedutor costumeiro e impune planejou essa nova e difícil conquista.

As duas meninas tinham aprendido que não lhes era lícito nas igrejas e nos espetáculos públicos, olhar com atenção para mancebo algum e ou obedeciam à risca a exageradamente austera lição, ou Alexandre Cardoso apesar de seus dotes naturais e do seu bonito uniforme militar, não conseguia delas a glória almejada do mais furtivo reparo.

Jerônimo, ancião venerando por suas virtudes, e negociante de grande consideração pela sua riqueza, não era homem contra cuja família se tentasse escandalosa violência ofensiva da honra.

O leão fez-se raposa: para as diversas obras de abertura de ruas, de melhoramento da Vala, fundação do arsenal junto ao monte de São Bento, reconstrução e aumento de fortalezas, edificação de armazéns para guarda de pólvora que se retirou da cidade, o vice-rei mandava prender homens bem ou mal declarados vadios, e escravos apanhados nas ruas, e os empregava naqueles trabalhos, além de pedir, o que era exigir e mandar, o concurso dos negociantes e proprietários em tributos de materiais ou de dinheiro que se recebiam como voluntários donativos.

Provando a má fortuna dos seus companheiros do comércio e dos proprietários desde 1763 até 1765, Jerônimo notou que a começar da semana santa desse último ano, era ele poupado às costumadas exigências e arbitrariedades do governo; não lhe pediam mais donativos, e nenhum dos seus caixeiros, como nenhum dos seus escravos era agarrado para o serviço das obras do rei; o nobre ancião, sem explicar o motivo do seu ressentimento, sem falar e menos queixar-se em silêncio contra a exceção obssequiosa, e

para as obras em andamento e a cada nova obra do governo mandou o dobro dos donativos que de ordinário fazia, e o dobro do maior número de escravos que à força lhe haviam tomado para aqueles ou outros trabalhos nos três primeiros anos.

Poucos meses depois, em um dia prenderam quatro escravos de Jerônimo para os trabalhos públicos; mas logo depois, no mesmo dia, dois soldados acompanharam os escravos à casa comercial do negociante, a quem os entregaram, com o seguinte bilhete:

“O senhor Vice-Rei condena como injusta a prisão destes escravos do mais dedicado vassalo del-Rei nosso Senhor na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. — Alexandre Cardoso de Meneses, oficial-de-sala.”

Na manhã seguinte, Jerônimo enviou oito trabalhadores para as obras do rei.

Passados alguns dias, um mancebo, afilhado de batismo de Jerônimo, foi recrutado e no fim de algumas horas levou ao negociante este outro bilhete:

“A bênção do padrinho benemérito poupa este excelente soldado ao tribunal da guerra. — Alexandre Cardoso.”

Algumas horas depois, Jerônimo tinha, a elevado preço, conseguido contratar para o serviço do exército dois portugueses recém-chegados do reino, e os mandava diretamente a Alexandre Cardoso.

O oficial-de-sala, vencido na luta dos favores, recorreu a outro meio: obteve do vice-rei ordem para uma visita oficial de agradecimento a Jerônimo, e na manhã de um domingo, apresentou-se na chácara da Gamboa, para desempenhar a comissão, e foi recebido com respeito e consideração, cercado de obséquios, instado, como era de regra inalterável, para aceitar o jantar, a que polidamente se recusou, retirando-se sem ter visto nem a mulher, nem as filhas do negociante.

Jerônimo foi, na manhã seguinte, cortejar o Vice-Rei Conde da Cunha, e visitar Alexandre Cardoso, a quem convidou para jantar em sua chácara em dia apazado: deu-lhe com efeito o mais rico banquete a que concorreram todos os homens notáveis por sua posição oficial, nobreza e riqueza da cidade do Rio de Janeiro; mas faltaram à mesa a mulher e as filhas do zeloso e austero ancião.

Alexandre Cardoso voltou três vezes à chácara da Gamboa, e ali três vezes aceitou o jantar de Jerônimo: nem uma só vez, porém, mereceu ser recebido na sociedade da família; a senhora Inês e suas filhas nunca lhe apareceram.

Naquele tempo, semelhante reserva não era motivo de queixa ou de reparo; porque a abstenção da presença das senhoras no recebimento e nas honras que se faziam ao hóspede, entrava nos costumes de muitas casas, mas evidentemente essa prática anunciava ao hóspede que ele era um ho-

mem obsequiado, talvez bem aceito pelo dono da casa, não era, porém ainda um amigo, cavalheiro da confiança íntima da família.

Alexandre Cardoso, inteligente e atilado, compreendeu o procedimento do pai de Inês; adivinhou que Jerônimo pressentira o seu amor ou a sua paixão condenável e que nem lhe aprovava o amor honesto, nem toleraria culto menos respeitoso a qualquer de suas duas filhas; simulou, porém, desconhecer a contrariedade, e, cultivando suas relações com o nobre velho, tornou impossível um rompimento, esmerando-se em escrupulosas delicadezas.

A oposição, os obstáculos, a resistência produziram seus naturais resultados: Alexandre Cardoso amou ou desejou mil vezes mais ardentemente Inês e por Inês sacrificaria tudo.

Amante feliz de Maria de. . ., Alexandre Cardoso, preso ainda nos laços dessa encantadora sereia, vaidoso da sua posse muito invejada, mas saciada de gozos impuros, não hesitaria em esquecer a Vênus da inconstância e da libertinagem pela flor mimosa, cândida e rescendente de inocência e de pureza.

Na noite dos Reis, em 1766, ainda Alexandre Cardoso contemplara inutilmente e sem merecer ao menos passageiro olhar, o lindo rosto e a figura graciosa de Inês.

O afortunado sedutor de vinte míseras vítimas começava a irritar-se contra a isenção e fria indiferença da filha de Jerônimo.

Talvez que essa irritação houvesse contribuído para o ímpeto de furor oficial que fizera Alexandre Cardoso arrancar da espada e acometer desastrosamente a multidão em cujo seio se escondia o poeta improvisador da décima terrível.

E para mais vivo incitamento da paixão de Alexandre Cardoso, a ciumenta Maria lhe lançara no coração veneno semelhante ao que a estava abrasando, dizendo-lhe à mesa da ceia festiva: "feliz no jogo, infeliz no amor. . ." O lírio indiferente não pendia para ele, que, perdido e cego, não viu, não soube ver, se bem perto, para alguém a furto, pendia o lírio. . .

Alexandre Cardoso saíra da casa de Maria de . . . quando a auro-ra vinha já rompendo; parecia, pois, natural, que a bela mulher tivesse sono e quisesse dormir, como dissera, ao despedi-lo seca e enregeladamente.

Todavia, apenas a porta da rua se fechou sobre o oficial-de-sala do vice-rei, Maria, que se deixara ficar sentada, voltou os olhos para o corredor que se estendia até à casa de jantar, e para o qual abria uma porta cada um dos aposentos interiores do sobrado, e poucos momentos depois apareceu diante dela, e foi sentar-se em uma cadeira fronteira da sua, um bonito mancebo que certamente ainda não contava trinta anos de idade.

Era um homem de estatura regular e tão bem feito de formas, como desejaria sê-lo uma mulher; tinha os cabelos pretos, finos e crespos, e os olhos tão negros e belos, como eram belos e brancos os dentes; o rosto oval ostentava encantos e graças demais para o seu sexo; longe de ser um tipo de beleza varonil, dir-se-ia um erro da natureza que lhe dera formosura feminina e sexo masculino.

— Maria, disse ele seriamente; não me sujeitarei segunda vez a situação tão mesquinha e aviltante!

Maria pareceu não tê-lo ouvido, porque não lhe respondeu; mas perguntou-lhe:

— Ângelo, sabes jogar? . . .

Também Ângelo não respondeu à pergunta de Maria, e continuou, insistindo no seu protesto.

— Por que excluir-me da sala e da mesa dos teus convidados e impor-me essa cruel prisão de duas ou três horas em um quarto retirado, que nem ao menos é o do teu leito! . . . Envergonhas-te da minha companhia, ou pensas que me causam medo os teus amigos de bigodes e espadas? . . .

Maria tornou-lhe:

— Ângelo, sabes jogar a banca? . . .

O mancebo levantou-se colérico:

— É demais! . . . exclamou.

— Senta-te e ouve, tornou-lhe Maria com voz imperiosa.

Ângelo sentou-se.

— Deixei-te naquele quarto, porque me convinha que não te vissem hoje em minha casa: muito me serviste hoje; mas se te encontrassem aqui, não poderias servir-me amanhã; pois adivinhariam em ti o amigo, que há tempo me pôs ao fato de quanto se passou no pátio do convento da Ajuda.

Ângelo curvou a cabeça e disse:

— Entendo: pensaste bem em ti mesma, zelando o teu espião.

Maria encrespou os supercílios, e falou em tom severo:

— Tens vinte e sete anos, Ângelo, e aos vinte e cinco, na idade em que o homem deve assumir uma posição na sociedade, eras o filho mimoso de pais sem fortuna, um pobre moço sem ofício, sem hábito do trabalho, e portanto um condenado às provações dos desvalidos; eu te encontrei, te distingui, e te amei porque eras e és belo; fiz por ti o que teus pais não poderiam fazer.

— Mas eu também te amei, Maria!

— E o amor é fogo que se apaga. . .

— O teu. . .

— Pois seja assim, o meu: arrefecido o meu amor, nem por isso te faltou minha proteção; de amante furtiva ou mal encoberta, eu me tornei tua amiga manifesta; dei-te um emprego que te assegura posição medíocre, mas suficiente para a vida do homem modesto, e não poupei nem poupo favores que te facilitem aparências de abastança que não possuis.

— Lanças-me em rosto os benefícios, Maria?

— Não; somente lembro os fundamentos da gratidão que tenho exigido e exijo ainda.

— E poderias julgar-me ingrato?

— Também não: ainda precisas muito de mim para que tão cedo me voltasses as costas. Lembrei-te o casamento com a filha mais nova do negociante Jerônimo, que te tornaria esposo de uma linda moça e herdeira de grande fortuna. . .

— Inspiração do ciúme. . .

— Já o neguei? É certo, inspiração do ciúme; mas inspiração que te pode aproveitar; prometi auxiliar-te neste empenho, e sabes que o tenho feito; que mais quererias que fizesse por ti a amante de dois anos, que saciada do teu amor, hoje faz muito ainda, amparando-te, protegendo-te com a sua amizade?

— Tua franqueza é cruel e desalmada! . . .

— Que importa? Eu sou melhor do que as que fingem e mentem; eu não te devo nada, Ângelo; porque paguei-te o que me deste; e tu me de-

ves muito, porque não te pedindo mais, e quando de balde mais me querias dar, ainda te dou e te prometo; eu, porém, preciso de ti contra Alexandre Cardoso, de quem jurei vingar-me; nada mais claro e nada mais franco; entendamo-nos pois; queres continuar a servir-me? . . .

Ângelo respondeu submisso:

— Estou pronto.

— Já te fiz rival de Alexandre Cardoso, aconselhando-te o amor e o casamento com Inês Lírio: neste empenho tu me serves e eu te sirvo; agora tenho outro.

— Qual?

— O jogo.

— O jogo?

— Sabes jogar?

— Conheço as cartas do baralho, e mais ou menos compreendo os jogos.

— Jogas a banca?

— Mal.

— É preciso que a saibas jogar honesta e desonestamente; porque eu quero que ganhes o dinheiro de Alexandre Cardoso.

— O famoso jogador?!!

— Serei tua sócia nas perdas e lucros e tomo à minha conta o capital necessário; entrarei com cinco mil cruzados para a sociedade, e tu com a tua simples participação no jogo, que muitas vezes se dará em minha casa.

— Aceito a proposta sem modificação alguma, disse Ângelo.

— Eu, porém, exijo mais alguma coisa, tornou Maria.

— O quê? . . .

— Que ganhes sempre a Alexandre Cardoso.

— Isso desejo eu; mas o meio? . . .

— Ângelo, tens as mãos finas, e a sutileza das organizações delicadas; tudo é fácil no jogo, a quem sobram essas condições: irás amanhã, quero dizer, hoje mesmo, ao outeiro da Glória, ensinar-te-ão ali a casa do velho Placêncio Guedes, o mais hábil jogador, adivinhador e empalmador de cartas, que a fama apregoa; é um velho que deixou de jogar somente porque todos se esquivam de o fazer com ele; entregar-lhe-ás um bilhete de recomendação que vou escrever-lhe; durante quinze dias ou um mês praticarás com Placêncio Guedes a ganhar sempre ao jogo, e especialmente ao jogo da banca, e quando o velho Placêncio te disser: — “podes jogar” — tu, de sociedade comigo, que fornecerei o dinheiro, jogarás sempre contra Alexandre Cardoso.

Ângelo não respondia.

— Explique-me claramente, disse Maria; cumpre-te agora responder; queres ou não? . . . aceitas ou não? . . .

— Quero e aceito, respondeu enfim, sobriamente, o mancebo. Maria levantou-se, e abrindo uma rica escrivaninha de jacarandá, escreveu algumas linhas em uma folha de papel, que dobrou e veio a entregar a Ângelo.

— Amanhã te apresentarás com este bilhete ao velho Placêncio. Agora deixa-me; preciso descansar.

Ângelo saiu.

Depois da retirada de Ângelo, Maria deixou-se como esquecida na sala, em sombria meditação.

A entrevista confidencial que acabava de ter com o mísero manco que se prestava a ser instrumento cego e indigno de planos sinistros, indicava bem que um abismo de odiento ressentimento já separava o coração de Maria do de Alexandre Cardoso, se é que algum dia ela amara verdadeiramente o ajudante oficial-de-sala; mas a paixão deste pela filha de Jerônimo Lírio, explicando muito, não explica bastante os sentimentos que agitavam e moviam os dissimulados furores da bela cortesã.

Além dos ciúmes e das apreensões de perda de influência que essa paixão provocava, a vaidade de Maria tinha recebido da mão de Alexandre Cardoso o golpe mais profundo e doloroso.

É indispensável voltar um pouco atrás para se apanhar a ponta do fio desta intriga que promete desenvolver-se.

No século décimo-oitavo e ainda em princípios do atual, eram muito notáveis e curiosas as cerimônias da festa de Nossa Senhora do Rosário em diversas capitais do Brasil e especialmente na do Rio de Janeiro.

Eram os pretos livres, emancipados, e em grande parte os escravos que tomavam a si as solenidades da devoção de Nossa Senhora do Rosário, e os senhores de escravos devotos concorriam por eles com elevadas quantias.

Os principais festeiros tomavam o título de rei e rainha, e se apresentavam na igreja trajando vestidos magníficos e com sinais e aparato de realeza, tendo corte mais ou menos numerosa de príncipes e criados de ambos os sexos, trazendo também vestidos apropriados e às vezes ricamente extravagantes.

Acabada a missa solene da manhã, e o Te-Déum ao anoitecer, o rei e a rainha de Nossa Senhora do Rosário, com toda a sua corte, dançavam pelas ruas ou em tabladou, horas inteiras, as suas danças d'África, algumas

das quais já modificadas pela influência dos costumes da colônia portuguesa da América e sempre ao som dos seus rudes instrumentos especiais.

À parte o ridículo da cômica realeza que se misturava assim com o divino culto, era pelo menos divertido, aquele espetáculo que os pretos davam nas ruas, e tornava-se notável a despesa que faziam os senhores para vestir com riqueza e luxo os seus escravos que deviam ser príncipes ou criados e principalmente rei e rainha da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Em 1765 a festa foi brilhante e ostentosa na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, cujos habitantes, terminadas na Igreja do Rosário as sagradas solenidades, acudiram em massa ao campo do mesmo nome, ainda pouco povoado, para assistir às danças e gozar a iluminação.

Foi na noite desse dia que Alexandre Cardoso viu pela primeira vez a família Jerônimo Lírio, sentindo-se arrebatado na contemplação da beleza de Inês.

Ou porque houvesse notado esse arrebatamento ou por outro qualquer motivo, Maria retirara-se cedo do campo do Rosário, onde ostentara formosura e esplêndido luxo.

Às onze horas da noite, as danças tinham terminado; ia, porém, começar o fogo de artifício e a multidão se aumentava ainda.

Em algumas barracas improvisadas, muitas famílias ceavam alegremente e em uma casa de um só pavimento, porém espaçosa e transformada nesse dia em casa de pasto, Alexandre Cardoso e uns vinte oficiais dos regimentos velho e novo dominavam absolutamente; raros paisanos, e esses, amigos dos oficiais, ali se achavam; mas em compensação, abundavam na sala imensa, alegres moças, que faziam tolerar uma dúzia de mulheres de mantilha, sem dúvida velhas mães ou parentes que as acompanhavam.

Desde que se respeitava a mantilha, a mulher que a trazia, guardava com facilidade o incógnito; ora, os oficiais, tendo em conta de velhas as amantilhadas, as deixavam em tranqüilo abandono.

A ceia era abundante, embora muito trivial, e mais de cem garrafas já tinham sido despejadas.

De súbito, viram entrar na sala e logo recuar, um oficial do regimento novo.

— O tenente Gonçalo Pereira! gritaram uns.

— O tenente anacoreta! bradaram outros.

— Vão buscá-lo preso à ordem de Baco e Vênus! exclamou Alexandre Cardoso.

Alguns oficiais saíram e pouco depois voltaram com o tenente Gonçalo Pereira, que não quisera negar-se ao convite de camaradas, mas que, sentando-se à mesa, ceou e bebeu com sobriedade e decência.

As cabeças começavam a tontear.

Alexandre Cardoso bebia, e requestava uma bela e travessa mo-

rena que fizera sentar a seu lado.

A morena, que bebera já três cálices de vinho, principiava a tornar-se eloqüente.

Alexandre Cardoso acabava de jurar-lhe amor eterno sob a condição de merecer-lhe um beijo diante da assembléia.

— Um beijo a preço de amor eterno, valia a pena; mas, quantos amores eternos é capaz de sentir o senhor Tenente-Coronel em uma noite?

A morena falava em voz alta.

— Por que o perguntas, meu anjo?

— Porque ainda há duas horas, era um dos dois lírios que o transportava; agora sou eu que o cativo; e dentro em pouco. . .

— Dentro em pouco? . . .

— É uma coisa que todos sabem. . . dentro em pouco a famosa Maria lhe tomará contas desta noite.

E a morena, empunhando o copo, exclamou:

— Viva o sultão!

Os oficiais e as moças beberam, e depois desataram a rir.

Alexandre Cardoso tinha afogado a dignidade em vinho.

— Meu anjo, disse ele: o lírio mais novo é a mais formosa; tu, porém, és a mais linda e voluptuosa. . . a vitória é tua.

— E Maria? . . .

— É um livro de história antiga, que às vezes releio pela força do hábito.

— É bela. . .

— E toda ela não vale os olhos que tens. . . palavra de honra!

— Sei que não posso comparar-me com ela! Sou bonita; porém

Maria é formosa. . .

— Toma-lhe o luxo e a riqueza, e verás que a aniquilas, eclipsando-lhe as graças! és um querubim! Não é, senhores? . . .

— Pois bem; dou-lhe um beijo, se, a seu convite, todos aqui me proclamarem mais bela que Maria.

— Como te chamas? . . . perguntou Alexandre Cardoso, enchendo pela vigésima vez o copo

— Eduvirges.

— Viva Eduvirges, mil vezes mais bela que Maria! exclamou Alexandre Cardoso.

— Viva Eduvirges, mais bela que Maria! responderam quase todos, bebendo.

— Ouviste!

— Mas aquele senhor não bebeu, e, portanto, não dou-lhe o beijo, disse Eduvirges, mostrando Gonçalo Pereira.

— Tenente Gonçalo Pereira! Quer estorvar-me o gozo de um beijo? . . .

— Não, Sr. Tenente-Coronel, respondeu Gonçalo; beije mil vezes Eduvirges; mas eu não direi que Eduvirges é mais bela que Maria.

— Está vendo? . . . disse Eduvirges um pouco ressentida, mas fingindo-se calma; — perdeu o beijo.

E voltando-se para Gonçalo Pereira, acrescentou:

— Obrigada, Sr. Tenente; pois que salvou-me da sedução.

— Que lambida é aquela Eduvirges! murmurou outra moça de iguais costumes, ao ouvido do oficial que ficava ao lado.

— Mas eu protesto contra a injustiça de que sou vítima, tornou Alexandre Cardoso com palavra já difícil pelo excesso das libações; protesto duas vezes: primeiro, contra o Tenente, que se improvisa cavaleiro de dama que não é sua; e contra Eduvirges, que me sacrifica à impertinência e à abelhudice de um cavaleiro que não é seu.

— O Sr. Tenente-Coronel está sem dúvida gracejando, quando fala em impertinência e abelhudice, respondeu Gonçalo, corando.

Alexandre Cardoso, muito ocupado de Eduvirges, não ouviu a resposta do Tenente, a quem outros oficiais trataram de serenar.

— Estou no meu direito, negando-lhe o beijo, disse Eduvirges, falando sempre em alta voz, e a rir sem saber de quê ou somente para melhor mostrar seus dentes lindíssimos; estou no meu direito, pois que se declarou uma opinião contra mim, e eu exigia por condição todas a meu favor.

Alexandre Cardoso insistia ridiculamente.

— Agora, Sr. Tenente-Coronel, só lhe daria um beijo, se diante de Maria, o senhor fosse capaz de declarar-me mais famosa que ela...

— Sou capaz. . .

— Na sua presença. . . não creio.

O vinho tinha já embotado todos os sentimentos de delicadeza e de generosidade no ânimo de Alexandre Cardoso; pois que ele ousou responder:

— Já estou muito aborrecido de Maria. . . tomei-a por vaidade, e conservo-a por. . . eu sei? por costume.

— É fácil dizê-lo aqui; mas diante dela. . .

— Pois mandem-na chamar! exclamou Alexandre Cardoso.

Uma das incógnitas e supostas velhas ergueu-se, atirou com força a mantilha para trás, e disse:

— Eduvirges teve a idéia de abater Maria sem compreender a superioridade da cortesã formosa, instruída e espirituosa, sobre a bonita; mas, ignorante e rude rapariga de vida alegre, teve porém essa idéia, e notando a hesitação de Alexandre Cardoso, pisou-lhe com força o pé para que ele a olhasse, sorriu-se provocadoramente, e depois fechou os olhos, alongou um

pouco o pescoço para o oficial, e com um leve movimento extensor dos lábios não lhe ofereceu, pediu-lhe um beijo.

Alexandre Cardoso balbuciou sem consciência e com um tom rouquenho:

— Eduvirges é mais bela que Maria.

E beijou três vezes os lábios de Eduvirges.

Quando Alexandre Cardoso, Eduvirges e os sócios de orgia procuraram com os olhos a formosa cortesã, acharam somente a mantilha negra, que ela deixara esquecida, ou desprezada no chão.

— Sabe que é aquela mantilha preta? perguntou um oficial a Gonçalo Pereira.

— Que é?

— É a mortalha em que se enterrou o amor de Alexandre Cardoso e Maria.

O oficial que vira na mantilha deixada por Maria a mortalha do amor da cortesã e do ajudante oficial-de-sala do vice-rei, enganara-se completamente.

A ligação de Alexandre Cardoso e Eduvirges acabara no fim de uma semana, e tão friamente, como se tivesse durado à força um século.

Alexandre Cardoso, envergonhado da cena de embriaguez em que se dera em espetáculo, não procurara dar desculpas a Maria do seu escandaloso procedimento. Em verdade ele não sentia mais a paixão em que se abrasara pela esplêndida cortesã; esta porém o prendia pelo seu espírito e pelas aparências de comedimento, ostentação de luxo e de elegância, e delicadezas de fino trato com que cobria de lavor as misérias do vício.

Saudoso de Maria, Alexandre Cardoso não pôde resistir à lembrança dos seus encantos por mais de oito dias e receoso de justificável repulsa, não ousou ir logo à casa da sua amante; escreveu-lhe, pois, um bilhete pouco mais ou menos assim concebido:

“Maria — oito dias têm me parecido oitenta anos: não posso mais. Um homem que se embriaga uma vez não é bêbado; mas basta uma hora de embriaguez para enlouquecê-lo; preciso ajoelhar-me a teus mimosos pés e limpar neles os lábios, que o sacrilégio nodouo. Maria! serás tão santa que possa perdoar-me? . . . — Alexandre.”

Uma hora depois o ajudante oficial-de-sala do vice-rei recebeu a seguinte resposta:

“Alexandre — Vênus perdoa a Baco. Vem — Maria.”

A mão de Maria tinha intencionalmente errado, escrevendo; em vez de Vênus, a deusa dos compassivos amores, deveria ter escrito — Juno — a deusa das implacáveis vinganças.

A famosa cortesã tão caprichosa em seus amores, como violenta em seu ódio, conservando viva e sempre profundamente dolorosa a memória da orgia da noite da festa de Nossa Senhora do Rosário, *nem* uma só vez, *nem* sequer por um só instante lembrou-se de vingar-se em Edvirges; muito vaidosa e soberba esqueceu em sua vida miserável a bonita mas pobre e desgraçada vítima da devassidão; em seu orgulho de rica e nobre, em sua presunção de formosíssima e fascinadora, a cortesã altiva desprezava aquela irmã pelo vício, e dela só se ocuparia um minuto, se julgasse preciso mandar-lhe esmola.

Há pretensões e tons aristocráticos em todas as classes, e até na classe da corrupção hedionda.

Maria esquecera pois Eduvirges; não esquecera porém o escárnio, os insultos, e a afronta que recebera de Alexandre Cardoso na orgia escandalosa.

O amor, ou a paixão do ajudante oficial-de-sala do vice-rei pela menina Inês, filha de Jerônimo Lírio, era pois somente um incentivo concorrente que acendia as fúrias da terrível Medéia.

Era por isso que Maria deixara-se como esquecida na sala em sombria meditação depois da retirada de Ângelo.

Ela tinha mentido a Alexandre Cardoso quando fizera suspeitar que no pátio do convento da Ajuda um namorado feliz gozara as vistas furtivas da menina Inês, e tinha mentido a Ângelo, quando o animara com a esperança de casamento com a filha mais moça de Jerônimo Lírio; nem sabia se houvera namorado de Inês, nem ela até então pensara em casar Ângelo.

Maria tinha um único pensamento, uma única ambição, um único empenho; era vingar-se de Alexandre Cardoso.

Eram seis horas da manhã, quando Maria procurou no leito o descanso e o sono; na noite que acabava de passar, sofrera muito em sua vaidade e nos seus cálculos: não amava Alexandre Cardoso, nunca se dera a ele nem por paixão, nem por capricho; mas essa mulher inconstante e louca que se reservava o direito de atraiçoar seus amantes e de mudar de amantes, sempre e logo que isso lhe aprazia, não tolerava o ser deixada, e menos que por outra algum amante quebrasse suas cadeias; então a ciumenta elevava-se a inimiga terrível que não poupava, nem escolhia generosa os meios e a natureza da vingança.

Alexandre Cardoso não só começava a mostrar-se menos cativo dos encantos de Maria, como não fazia mistério da sua paixão por Inês, chegando a declarar-se no círculo de seus amigos disposto a tomá-la por esposa.

Maria estava habituada a perdoar a Alexandre seus deboches, suas seduçõs imorais, seus crimes de concupiscência malvada; mas o desprezo que a ameaçava, e a hipótese do casamento com Inês eram o primeiro um ultraje à sua vaidade de formosa, e também e ainda mais com o segundo a ruína da sua influência que ela sabia fazer valer.

A amante do Conde de Bobadela provava por vezes a importância do patronato exercido pelo domínio do coração daquele que governa: Gomes Freire nunca escravizara com escândalo o governador à amante, sempre porém que o pôde fazer sem desar público, servira-lhe aos empenhos.

O oficial-de-sala do Conde da Cunha, perdido de paixão durante muito tempo e até 1765 pela encantadora e voluptuosa moça, obedecia cego aos seus desejos e preceitos, e Maria dispunha de empregos e de favores, governando o governo pelo poder de sua beleza e pela magia das suas graças que fascinavam Alexandre Cardoso.

O amor que a inocente Inês sem pensar e sem querer inspirava ao oficial-de-sala do vice-rei, viera dar a Maria a certeza do que ela já sentira no arrefecimento da paixão de Alexandre, isto é, o próximo termo do

seu reinado no coração do poderoso secretário do governo da colônia.

Esta convicção encheu de cólera e de ódio a alma da soberba e ambiciosa Maria, que jurando a si vingar-se de Alexandre Cardoso, destruindo os fundamentos da sua influência oficial que em breve não mais a ela poderia aproveitar, abafou seus furores, e fingindo-se ora ciumenta, ora terna e apaixonada, e retendo ainda com prodígios de lascivos laços o amante arrefecido e infiel, cercou-o de espionagem segura e vigilante que ela sabia alimentar, pagando-a a preço de ouro e de favores de natureza diversa.

Às onze horas da manhã Maria saltou do leito, como arrependida de haver dormido tanto; após demorado e perfumado banho, entregou-se ainda mais aos próprios cuidados, do que aos de duas habilíssimas escravas, que por acordo com o espelho lisonjeavam à porfia a formosa moça, que à uma hora da tarde achando-se primorosamente vestida, toucada e fresca, e bela como a aurora, que ela tinha saudado antes de dormir, foi sentar-se na sala, tendo aí mesmo tomado por almoço meia chávena de chocolate.

— O jantar? . . . perguntou ela.

— Está pronto.

— Às duas horas precisas deve estar na mesa.

As escravas retiraram-se.

Maria esperava sem dúvida alguém. Meia hora depois entrou na sala o tenente Gonçalo Pereira, aquele mesmo que na ceia da precedente madrugada fora objeto das zombarias e do ridículo dardejado pela formosa moça pelos abraços dados à velha de mantilha na ladeira de Santo Antônio.

Gonçalo Pereira era um elegante oficial português desde dez anos mandado para o Brasil com o posto de alferes e incorporado ao *regimento novo*, entre este e o *regimento velho* havia ciúmes e pontos de vaidoso antagonismo, que cada vez mais acesos e irritados, contudo se concentraram temerosos pela elevação de Alexandre Cardoso, tenente-coronel do *regimento velho*, a oficial-de-sala do Vice-Rei Conde da Cunha.

Os oficiais do regimento novo queixavam-se de que os do outro por mais protegidos os preteriam na escala dos postos, o que foi sempre e é motivo de grande desgosto no exército; Gonçalo Pereira, apesar de exato e ativo no cumprimento de seus deveres militares, e de ser muito mais instruído do que o eram então em geral os oficiais das tropas portuguesas, conseguira em dez anos apenas passar de alferes a tenente; no regimento novo todos o apresentavam como exemplo de injustas preterições; entretanto o tenente não se queixava, e o que mais é, alegre e folgazão, devoto do belo sexo, e dos prazeres da mesa, do amor e do jogo, era o mais infalível companheiro, desde alguns meses ao menos do chefe das orgias famosas, de Alexandre Cardoso, a quem antes o supunham justificavelmente adverso.

No regimento novo todos lamentavam a indigna e adúladora li-

gação de Gonçalo Pereira com o comandante do regimento velho, e nenhum tinha adivinhado que ele era o mísero escravo do amor mais ardente a que até então rendera cultos, ajoelhando aos pés da falsa amante de Alexandre Cardoso.

Em 1765 as primeiras relações de fácil intimidade de Gonçalo Pereira com Alexandre Cardoso marcaram a época das primeiras e misteriosas relações do tenente do regimento novo com a amante do chefe do regimento velho.

Maria, vendo entrar o elegante oficial, correu para ele, exclamando:

— Tardavas-me!

Gonçalo Pereira recebeu-a nos braços e com fervor que aliás não encontrou resistência, beijou-a duas vezes nos lábios.

Sentaram-se ao lado um do outro com as mãos dadas, e com os olhos a gozarem-se.

— Tardavas-me, repetiu Maria.

— Cheguei meia hora antes do prazo marcado. . .

— Eu te esperava há uma hora.

— Obrigado! disse Gonçalo, beijando-a outra vez.

— Conversemos. . . tornou Maria, procurando esquivar-se às carícias do amante amado.

— Sobra-nos tempo, respondeu o oficial, insistindo.

A bela moça recuou, ameaçou Gonçalo com o leque, e fugiu a rir-se pela sala, enquanto ele a perseguia, rindo-se também.

Como duas crianças, uma corria, outro cercava, correndo também: Maria ligeira e viva escapava rodeando o cravo e as cadeiras; mas por fim, deixando-se enganar ou enganada pelo falso ataque simulado por um lado, foi pelo outro cair nos braços de Gonçalo Pereira, soltando um fraco grito evidentemente de alegria menos pudica.

Maria e Gonçalo Pereira levantaram-se da mesa do jantar às três horas da tarde, e voltando à sala, acharam-se livres da presença dos escravos.

— Que há? perguntou Maria.

— O vice-rei ficou furioso, recebendo a notícia da fatal décima improvisada; numerosos agentes do governo se espalharam disfarçados pela cidade, e ao meio-dia o oficial-de-sala deu conta ao Conde da Cunha das suas descobertas.

— E quais foram?

— Nem mais nem menos do que aquilo que a tua admirável polícia tinha te informado imediatamente depois do fato: o poeta improvisador fora uma mulher de mantilha.

— Quem é? Como se chama?

— O Conde da Cunha oferece mil cruzados a quem lho disser, e o seu oficial-de-sala bem desejara achar o revelador; porque sem dúvida lhe daria metade daquela quantia, tomando a outra metade para si.

Maria pôs-se a rir.

— Tens-me feito três perguntas; agora é a minha vez: quem te contou o que se passara no pátio do convento da Ajuda?

— Um homem que esteve lá, e que correu a informar-me de tudo antes que chegasses a minha casa.

— Ah! tens outro espião além de mim? . . .

— Tenho dez e mais.

— Maria! . . . Porque me abraço de paixão por ti, sujeito-me a

aviltamento que me repugna; impuseste-me, como condição essencial do teu amor, a companhia e a sociedade do homem que mais detesto; resisti longas semanas; mas enfim, desonrei-me para que me abrisses os braços; duas manchas enegrecem-me a vida: é uma a tolerância, com que suporto a entrada de Alexandre Cardoso nesta casa, que deverá ser somente minha pelo amor, e onde eu penetro como ladrão de tesouro alheio; é outra essa deslealdade indigna, com que espio para te contar as ações e os passos do meu inimigo.

— Do nosso inimigo, murmurou surdamente Maria.

— Pois bem: dois opróbrios já são demais e não me submeto a terceiro; sei e sabes a moeda que me paga a infâmia da deslealdade e da espionagem; acabas de declarar-me que tens um outro e mais dez espíões: com que moeda lhos pagas, Maria? . . .

A feiteira moça sorriu-se docemente, e inclinou a cabeça, procurando com os lábios a face de Gonçalo Pereira; este, porém, susteve-a, pondo-lhe as mãos nos ombros formosos e nus, e renovou a pergunta:

— Com que moeda lhos pagas?...

Maria respondeu seriamente:

— Na minha vida condenada, tenho ao menos o bom costume de iludir as perguntas, quando não me convém confessar a verdade, e de nunca mentir, quando falo ou respondo positivamente.

— Tanto melhor!

— O meu outro espião é Ângelo, a quem amei até que te encontrei no caminho da minha vida, e que deste então é apenas interesseiro instrumento de meus projetos de vingança; os outros são as mulheres que tudo dizem, velhas a quem protejo, moços e velhos que de meus auxílios precisam, e que muitas vezes me servem sem saber que o fazem.

— Maria!

— Eu te juro, Gonçalo; não tens rival no meu coração e nem sei mais ter caprichos loucos: amo só a ti e quero-te por meu senhor; se um dia mudar de sentimentos, quem primeiro to há de dizer, sou eu.

E a sereia que cantara, inclinou de novo a cabeça, as mãos do oficial cederam e roçando pelo tronco, foram apertar a cintura mais delicada, enquanto os lábios da amante beijavam a face do amado.

Maria pagava a deslealdade e a espionagem, alucinando o oficial perdidamente escravo da sua beleza e dos seus invites fascinadores.

Vencido o ímpeto de ciúme e embotados os santos escrúpulos e protestos de honra sacrificados à paixão mais violenta, Maria, voluptuosamente reclinada na cadeira em que se sentara, com um lindo anel de madeira, que fugira ao penteado já meio confuso, a brincar-lhe na face levemente corada, disse a Gonçalo:

— Contigo eu me perco, porque esqueço o mundo. . .

— E para que lembrá-lo?

— Para vingar-me.
— Muito amaste, ou ainda muito amas Alexandre Cardoso!
— Nunca o amei, e hoje o detesto; mas cada qual tem suas misérias na vida. . .

— Cuidemos antes dos prazeres da vida.
— Alexandre Cardoso é o meu amante, passa por meu amante e dono; se queres poupá-lo, como é que me amas? . . . se queres ser só, como é que o poupas? . . .

Gonçalo soltou um gemido profundo, que pareceu um rugido feroz.

Maria toçara na corda sensível de Gonçalo Pereira.

O poder e o orgulho desse homem imoral e perverso devem ser abatidos, continuou Maria.

— Devem, disse Gonçalo.
— Como procede ele agora?
— Como dantes: bebe, joga e seduz.
— E o vice-rei?
— Surdo e cego; surdo às queixas, cego pela confiança.
— Pois que Alexandre Cardoso beba e jogue, e seduza em dobro.
— Fa-lo-á sem esforço nosso.
— Joga feliz?
— Nem sempre.
— Sobre-lhe dinheiro? . . .
— Emprestei-lhe anteontem dois mil cruzados.
— Ainda bem. Que premedita ele agora? . . .
— Novo e numeroso recrutamento para duas ou três companhias de cavalaria ligeira, que sirvam à guarda especial dos vice-reis e novas obras de aquartelamento de tropas na ponta da Misericórdia.

— E no recrutamento e nas obras novas, novo meio de bater moeda na forja do patronato.

— É da sua regra.
— Quanto pior, melhor: também é de regra.
— Talvez.
— Que diz a esses projetos o Conde da Cunha? . . .
— Hesita ainda, pretendendo que a população tem sido por demais onerada.

— E Alexandre Cardoso? . . .
— Sustenta que o povo vive feliz e satisfeito; mas que o número excessivo dos vadios torna o serviço militar uma providência salutar para a sociedade ameaçada por eles, e que o comércio altanado e revoltoso tem obras de lucros que são exageradas, e que podem aproveitar às obras do rei, entrando para elas como donativos voluntários.

– Perfeitamente, e o melhor possível; uma última pergunta. . .

– Qual? . . .

– E Inês? . . . a filha de Jerônimo Lírio?

– Sabe ela que Alexandre a ama? . . . Eu duvido.

Maria sorriu-se.

– De que ris? . . .

– De tua dúvida; a mulher, ainda que não olhe, sempre vê quem

a namora.

– Em tal caso, Alexandre Cardoso namora em vão.

E, tornando-se um pouco triste, Gonçalo Pereira perguntou:

– Era isto o que querias ouvir, Maria? . . .

A resposta da famosa cortesã foi lançar-se nos braços do belo

oficial.

No princípio do mês de fevereiro, uma série de resoluções tomadas pelo Conde da Cunha, algumas das quais inspiradas pelo oficial-de-sala, que com a sua enérgica atividade ia pô-las em execução, encheu de cuidados a capitania e especialmente a cidade do Rio de Janeiro.

Foi ordenado o alistamento dos habitantes da capitania para organização de quatro novos terços de infantaria auxiliar, milícia ainda mais opressora do que o é a própria guarda nacional dos nossos dias.

Determinou-se e abriu-se recrutamento geral para companhias de cavalaria ligeira da guarda do vice-rei.

Deu-se começo às obras de uma grande casa para recolher o parque da artilharia, e estabelecer aí fábricas e oficinas respectivas, e de um quartel para a cavalaria na Ponta da Misericórdia.

E enfim, retiraram-se da comunicação da cidade os míseros afetados de morféia, que foram reunidos na antiga casa dos Jesuítas, em São Cristóvão, mandando-se preparar ali um hospital suficiente, sendo em favor deste caridoso estabelecimento lançado sobre a cidade um imposto anual de 480 réis por casa de sobrado e 240 réis por casa térrea.

Apesar do tributo, a providência relativa aos morféticos agradou à população; mas as obras do hospital, e ainda as militares da Ponta da Misericórdia, anunciaram novos vexames e violências, como o alistamento e o recrutamento levaram o susto e o terror aos moços de todas as paróquias da capitania, onde os capitães-mores e seus delegados eram déspotas impiedosos.

O oficial-de-sala sabia, por experiência, os lucros que lhe trariam o recrutamento com as dispensas, os novos terços de infantaria auxiliar, com as nomeações de mestres de campo, de sargentos-mores e de outros postos, e as obras com a modificação e a eximção de custosas imposições.

Toda a cidade se preocupava, alterada e temerosa, dos vexames que acompanhavam semelhantes medidas.

Nos governos absolutos e opressores o desgosto público, a quem falta a válvula da imprensa, antes de chegar a revolta, manifesta-se nas zombarias e nos insultos do pasquim, e nos versos e cantigas, de que não se conhece o autor, e se espalham e se decóram, e se repetem, a despeito da autoidade.

No domingo do entrudo, amanheceram nas portas da casa da Câmara Municipal, da Misericórdia, do convento do Carmo, e em vinte outros, pasquins injuriosos, que antes de arrancados e despedaçados, foram lidos e tomados de cor, passando a correr em cópias confidenciais pela cidade.

Um deles dizia assim:

O vice-rei os leprosos
Da cidade desterrou;
Mas a lepra mais horrível
Na cidade conservou!

Se a morfêia o apavora,
E quer de nós afastá-la,
Vá o vice-rei embora
Com o oficial-de-sala.

Outro era o seguinte:

A nau Sebastião está no estaleiro (*),
Há obras novas e recrutamento,
Para terços geral alistamento,
Povo a servir governo caloteiro;
A explicação quereis?...
Vós todos o sabeis:
Alexandre Cardoso quer dinheiro.

Eis ainda outro:

Senhor Conde da Cunha,
De vós muito se fala;
Tem brio?... corte a unha
Do oficial-de-sala.

Como estes, muitos outros pasquins que não chegaram até nós. O furor de Alexandre Cardoso, que espalhou soldados e espiões pela cidade toda, a cólera do vice-rei, que mandou proibir o entrudo, as pri-

(*) Alusão ao navio desse nome, que então se estava construindo.

sões dos rapazes que andavam com seringas e tintas, molhando-se e pintando-se uns aos outros, os gritos das negras, que em tabuleiros vendiam os famosos limões-de-cheiro, isto é, pequenos globos com paredes finas de cera e cheios de água cheirosa, os quais foram esmagados nos tabuleiros pelas patrulhas rondante, a privação de um divertimento, rude e perigoso sem dúvida, mas arraigado aos costumes do povo, o pesar das moças e dos macebos, que adoravam o estruço por mil razões injustificadíssimas, derramaram a tristeza e quase a consternação na cidade.

As casas se fecharam e em cada família falava-se em voz baixa e temerosa da ousadia dos pasquineiros e da reação excessiva do governo.

Na chácara de Jerônimo Lírio também se conversava sobre as novidades do dia.

O velho negociante português Antônio Pires, amigo de Jerônimo desde quarenta anos e padrinho de batismo de Inês, tinha ido passar o dia na chácara da Gamboa, e dera conta do que se passara na cidade.

Estavam na sala a Sra. Inês e suas duas filhas, que alegremente festejavam os presentes de doces e frutas que lhes trouxera o velho amigo de seu pai, e especialmente a bela afilhada, que recebera, além do mais, uma linda boneca, não cabia em si de contente.

— Imprudências loucas, Antônio! Não nos governam bem, mas a falta de respeito ao governo é pior, dissera Jerônimo.

Antônio Pires olhou em torno da sala, e não vendo senão o amigo, a comadre e as meninas, respondeu, fazendo com o braço um movimento:

— Leve o demo o governo que desgoverna, Jerônimo.

— Compadre! disse a Sra. Inês.

— Arrancam-nos dinheiro e propriedades, prendem nossos caixeiros e nossos escravos, desenfreiam e protegem a devassidão. . . pois em tal caso venha ao menos a vingança do pasquim!

— Antônio, tu és um velho criança; vamos jogar o gamão.

— Cala-te aí, que pensas como eu penso, e como todos os homens de siso e de honra.

— Anda jogar o gamão ou eu mando as meninas molharem-te a cabeleira e os babados da camisa.

— Elas não ousariam fazê-lo, compadre, observou Inês.

— E que o fizessem! O dia é de folgado e eu não sou carranca rabugento, como seu marido, comadre.

E voltando-se para as duas meninas, perguntou:

— Sinhazinha, tens limões-de-cheiro?

— Não, meu padrinho, respondeu Inês.

— E tu, nhanhã?

— Também não.

O velho tirou da bolsa duas moedas de ouro, e dando uma a cada menina, disse-lhes:

— Hoje governo eu aqui, e muito melhor do que se governa lá fora; enquanto vou ensinar o gamão a vosso pai mandem vocês comprar limões-de-cheiro nas casas em que os vendem, fazendo trazê-los em caixas fechadas, para não serem quebrados pelos rondantes do vice-rei, e molhem-se uma a outra, e molhem pai e mãe, e a mim também, com a condição de serem e de se mostrarem bem contentes e bem felizes; não?!

As meninas, coitadinhas, hesitavam, olhando para o severo pai.

— Este velho criança tem direitos de padrinho, que é quase pai; ide brincar, e obedecei-lhe; pois que ele manda; nada, porém, de doidices. . . ide brincar.

As meninas saíram correndo.

— Olhem como elas vão! exclamou Antônio.

— Inês, disse Jerônimo, manda-nos vir o gamão.

A Sra. Inês saiu da sala e em breve chegou o tabuleiro do gamão, que os dois velhos amigos descansaram sobre os joelhos; armadas, porém, as pedras, e tendo Antônio lançado o seu dado, Jerônimo, em vez de imitá-lo, falou tristemente:

— Dizias bem: o governo da colônia está confiado a um cego, que não quer ver e que tomou por condutor o vício desenfreado.

— Cada dia, novas extorsões. . .

— É o menos: o mais é o exemplo da corrupção que parte dos que governam, e que empesta a sociedade; o mais é a impunidade do sedutor indigno que ameaça as famílias! . . .

O rosto de Jerônimo tornara-se rubro de cólera.

— É assim; mas. . .

— Antônio, eu a ninguém o disse ainda, nem mesmo à tua comadre; direi, porém, a ti, e a ti somente; pois que tens direito de sabê-lo, e és homem capaz de compreender-me. . .

— Que há então? . . .

— O oficial-de-sala ousou levantar seus olhos corruptores até à tua inocente afilhada! . . .

— Estás certo disso?

Jerônimo continuou com voz trêmula e abalada:

— Quando quisesse duvidar, não podia. . .

— Por quê? . . .

— Porque cartas anônimas me denunciam todos os passos e todas as maquinações de Alexandre Cardoso para aproximar-se de minha filha,

relacionando-se comigo, e tudo se verifica de quanto me previnem; portanto, já anda por aí o nome de Inês exposto às línguas venenosas desses devassos da companhia do oficial-de-sala!

— Jerônimo, talvez estejas exagerando: és rico e pode bem ser que Alexandre Cardoso calcule com um casamento. . .

— Casamento! Darias a mão de tua afilhada a esse homem?

— Nunca; mas, semelhante ambição está longe de ser uma ofensa, como seria a infame tentativa de sedução.

— E quem assegura que o não é? . . .

— Eu por certo que não.

— Também minha resolução está tomada, e eu precisava comunicá-la a ti.

— Qual é?

— Minha família continuará a negar-se a Alexandre Cardoso.

— Muito bem.

— E se o homem fatal por qualquer modo tentar seduzir Inês, ou der motivo a que seu nome e a sua reputação sofram ainda a mais leve e a mais injusta suspeita. . .

— Que farás? . . .

Jerônimo levantou-se e indo abrir as pesadas portas de um pequeno armário cavado na parede da sala, tirou dele um papel dobrado e lacrado triplicadamente e duas ricas pistolas.

— Estes objetos explicam o que hei de fazer: ficas sabendo onde se há de achar o meu testamento e estás vendo as pistolas, com que hei de na rua, de dia, e à face de todos matar Alexandre Cardoso.

Antônio fez um movimento de aprovação; mas logo depois disse:

— Pobre velho Jerônimo! se errasses o primeiro tiro, não te dariam tempo de usar da segunda pistola.

— Antônio!

— Eu tenho melhor idéia.

— Qual? . . .

— Que magníficas pistolas! Aqui na colônia não se encontram iguais! Jerônimo, dá-me uma delas. . . será aquela de que não terias tempo de servir-te.

Jerônimo, banhado o rosto em lágrimas, abraçou-se com o amigo, exclamando:

— Não! Seria demais!

— Que demais? . . . tornou Antônio com gravidade; tu és pai, e por isso tens o direito de ir adiante; mas eu sou amigo e padrinho e tenho o direito de ir depois. Em dois velhos que atiram de pistola, quando um erra, o outro pode acertar.

Jerônimo estendeu o braço para dar uma das pistolas a Antônio,

que não a quis receber, dizendo a sorrir:

— Tenho lá em casa também duas da mesma fábrica: o que eu queria, era assegurar-te que na hipótese que imaginaste, se errares o tiro, eu tratarei de apontar mais certo. Vamos jogar o gamão.

Hoje em dia dois velhos que assim falassem, fariam rir pelas bravatas ridículas, a que ninguém daria grande importância; naqueles tempos havia um ditado que definia certos homens; o ditado rude, como rude era o povo, era este: "pé de boi português velho" e em Jerônimo e Antônio se encontravam dois pés de boi portugueses velhos que faziam o que diziam, dois homens de bem às direitas, mas teimosos, emperrados, indomáveis, que tinham no cumprimento da palavra o fanatismo da religião.

Os últimos representantes dessa geração de heróis de firmeza obstinada, antíteses da egoísta inconstância e interesseiro aviltamento de notabilidades passivas, foram aqueles paulistas que tomavam por divisa vaidosa, ao menos porém não suspeita de indignidade, o famoso princípio: "antes quebrar, que torcer".

Jerônimo foi trancar o testamento e as pistolas no armário com a mesma fria simplicidade com que os tirara dele e os mostrara pouco antes.

Os dois amigos voltaram ao gamão, ordenaram de novo as pedras, outra vez Antônio lançou no tabuleiro o seu dado e outra vez Jerônimo lhe disse:

— O vice-rei nos oprime; além do mais o recrutamento não tarda a caçar o povo. . .

— Já está caçando: recebi dos meus fregueses notícias de Magé, de Itapacorá e de Cabo Frio, onde o recrutamento é horrível; queriam poupá-lo à cidade durante os dias da folgança do entrudo; mas os pasquins de hoje exacerbaram o vice-rei que mandou recrutar sem piedade.

— Como devemos proceder?

— A resistência é impossível.

— Antônio, eu penso que há duas resistências, e que uma das duas é sempre possível.

— Qual?

— A resistência passiva, a resistência que pela inércia cria embaraços, e pela negação dos meios fatiga a violência. Doravante eu não darei mais um só real, o mais insignificante auxílio ao governo: o que o governo quiser de mim há de tirar-mo à força; contra o governo do vice-rei nem uma palavra, hei de observar completa submissão passiva; mas a fâvor do governo do vice-rei nem um passo, nem o mais leve concurso.

— A idéia é boa; muitos te seguirão o exemplo.

— Nada mais de donativos, nem de oferecimento de trabalhadores para as obras do rei; que nos arranquem o nosso dinheiro, e que nos tomem à força nossos escravos; o arbítrio e o despotismo também cansam, ou se tornam impossíveis pelo ódio de todos; façamo-los cansar pelo excesso das violências, e morrer pela sentença da condenação geral.

— Tens mil vezes razão, Jerônimo, disse Antônio; mas eu enten-

do que não basta a inércia, e que é indispensável também a ação negativa: onde o governo do vice-rei perseguir haja proteção, caridoso amparo e couto aos perseguidos; um, dois hóspedes demais não exigem aumento de pratos em nossas mesas; em regra nossas refeições chegam para o triplo da família; a hospedagem é um dever, hospedemos os que fugirem à perseguição.

Jerônimo sacudiu a cabeça, indicando desaprovação.

— Discordo e discordarei de tudo quanto puder dar ao governo o direito de repressão; na minha idéia não há ofensa das leis del-Rei nosso senhor, e na tua há: ninguém, sem delinqüir, acouta ou protege contra a ação da autoridade o homem criminoso ou não que a autoridade se empenha em prender.

— Eu não falei em proteção a criminosos.

— Embora: falaste em vítimas injustamente perseguidas, em infelizes marcados pela vingança e pelos ódios pessoais dos recrutadores; mas nem para salvar essas vítimas nos é lícito ultrajar as leis, maquinando contra a ação da autoridade.

— Ora esta! . . . então se um desses desgraçados te batesse à porta esta noite, fugindo a uma patrulha de soldados, tu lhe negarias entrada e asilo? . . .

— Ainda mesmo a réus de certos crimes eu não o negaria; mas ao romper do dia de amanhã, depois de fazer almoçar regaladamente o hóspede, dar-lhe-ia uma bolsa cheia de ouro, e dir-lhe-ia: o dever da hospedagem está cumprido por mim; agora salve-se, como puder.

— Para um homem generoso é pouco.

— Eu sou ainda mais respeitador do governo do que homem generoso.

— Jerônimo!

— Que é?

— E as pistolas que guardas naquele armário? . . .

— Vingança de honra ultrajada; mas crime na própria consciência do criminoso, se eu precisar vingar-me.

— És um parlapatão.

— Por quê? . . .

— Porque acoutarias durante um mês, um ano, dez anos o infeliz injustamente perseguido pela autoridade que bradasse à tua porta: "protegei-me!"

— Faria o que disse há pouco.

— Farias o que acabaste de ouvir-me.

— Não!

— Sim!

— Não!

— Aposto.

— Só se és tu que vens pedir-me asilo.
— Isso é medo de apostar.
— Aposto o que quiseres.
— A época é tal, que bem pode dar-se a hipótese em qualquer dia: marco o prazo de vinte dias, porque exatamente acaba na noite da serração da velha.

— Como te parecer.
— Se até lá ninguém te vier pedir guarida, paciência, não me da-rei por convencido; mas perco a aposta, e virei jantar contigo em quatro do-mingos consecutivos; mas se eu ganhar a aposta em qualquer dia desse prazo, tu irás com a comadre e as meninas assistir da minha casa à passagem da ser-ração da velha e em seguida cear comigo; hein? . . .

— Entendo: juraste comer o meu peixe da quaresma em quatro domingos. Está feita a aposta.

— Vamos finalmente ao gamão.

— É verdade. . . é agora que sinto o tabuleiro nas pernas.

Os dois amigos sorveram suas pitadas de tabaco amostrinha, e lançaram os dados: coube jogar primeiro a Antônio, que sacudindo os dados no copo, ia atirá-los no tabuleiro, quando se suspendeu, ouvindo bater pal-mas e uma voz argentina e trêmula dizer:

— Deus esteja nesta casa.

— Amém, respondeu Jerônimo, levantando-se.

— Quer me parecer que hoje não jogamos o gamão, observou Antônio. . .

Jerônimo foi até à porta da entrada que se abria para um pequeno terraço com duas escadas laterais,

— Pode subir e entrar.

Saiu de uma cadeirinha de aluguel uma mulher de mantilha, que subiu a escada do terraço e entrou na sala. Era uma mulher alta que pelo vulto indicava ser magra e sem dúvida tinha alvo rosto, pois que branca e fina foi a mão que mostrou fora da mantilha, entregando uma carta a Jerônimo.

— Queira sentar-se, tornou este, oferecendo-lhe uma cadeira.

A mulher sentou-se, Jerônimo abriu a carta e à medida que a foi lendo, seu rosto corou fortemente, as mãos tremeram-lhe e o fogo da ira brilhou em seus olhos.

Acabando de ler a carta, dobrou-a e pô-la no bolso, e enquanto a mulher de mantilha, tendo a cabeça tão caída que a ponta do queixo tocava-lhe no peito, parecia esperar importante decisão, o nobre velho levantou-se e agitado passeou ao longo da sala durante alguns minutos; enfim, como se tomasse uma resolução, mandou chamar sua esposa.

A senhora Inês entrou, e fez de longe um leve cumprimento à mulher de mantilha que se levantou para saudá-la.

— Inês, preciso ler-te esta carta, vem cá.

E levou a mulher para a janela mais afastada em cujo vão desapareceram ambos defendidos pelas grossas paredes de pedra da antiga edificação das casas grandes.

Jerônimo leu em voz baixa a carta que recebera à sua esposa e logo em seguida perguntou:

— Que pensas? . . .

— Eu não sei: o melhor de todos os conselhos é aquele que quiseres seguir.

— Eu, porém, quero ouvir-te: acho-me em luta comigo mesmo; hesito. . .

© 2007 by L. C.

— Por quê?

— O meu desejo era servir, e o meu dever é não servir ao que me pedem.

— Nunca desejaste o mal, e o dever nunca é ofendido pelo verdadeiro bem; Deus me perdoe, se erro.

— Explicar-me-ei melhor: eu desejo e não devo asilar em minha casa esta vítima de infame perseguição.

— Se há vítima de infame perseguição, deves dar-lhe asilo e defendê-la.

— É contra as leis del-Rei nosso senhor.

— É conforme as leis de Deus senhor dos reis, da terra.

Jerônimo estava no caso daqueles que, almejando ser convencidos para desculpar-se ante a própria consciência, cedem às primeiras razões que lhe apresentam; felizmente para ele a primeira razão que a senhora Inês lhe apresentou, vinha cheia de unção religiosa.

— Inês, disse ele, tu reletes bem.

— Eu não reflito, Jerônimo; digo o que aprendi, graças a Deus.

— Mas além deste embaraço há outro muito mais sério.

— Qual?

— Ouviste, atendeste bem à carta que li?

— Sim.

— As relações diárias, constantes, de nossas filhas com a tal mulher de mantilha assustam-me. . .

— Desejas deveras prestar-lhe asilo? . . .

— Confesso que desejava. . . tenho meus motivos.

— Deus abençoará a obra de caridade.

— Mas as meninas? . . .

— O gabinete contíguo ao do oratório não tem comunicação com o resto da casa.

— E de dia?

— Sabes que acordo sempre mais cedo e me deito sempre mais tarde do que nossas filhas.

— Qualquer descuido facilitará liberdades que não admito.

— Jerônimo, queres saber? Creio que Deus nosso senhor quis pôr em provas os nossos corações: em nome de Deus façamos esta obra de misericórdia. Eu respondo pelas meninas.

— Tu respondes por elas, Inês? . . .

A virtuosa senhora, ouvindo a pergunta do marido feita à mãe de Irene e Inês, sorriu-se e disse:

— Sou mãe, meu amigo; as mães vêem mais e adivinham antes dos pais tudo quanto se refere aos filhos; sou mãe que vê mais e que adivinha antes de ti o que mais tarde me escondes para poupar-me cuidados.

Jerônimo ficou um pouco confuso.

— Respondo pelas meninas, repetiu a piedosa e digna senhora; e vou mandar preparar o gabinete.

A senhora Inês retirou-se, e Jerônimo, levantando a cabeça e cravando os olhos no céu, disse em voz alta sumida, mas lançada no coração.

— Santíssima Virgem Mãe de Deus! Esta obra de misericórdia que vou fazer recaia toda por vossa poderosa intercessão em proveito da minha inocente Inês, em favor e defesa de cuja virtude e castidade peço e reclamo a proteção divina.

E tendo-se persignado, Jerônimo deixou a janela, foi a sua secretária, escreveu brevíssima carta que fechou e selou, dirigindo-se à mulher de mantilha:

— A senhora fica conosco, disse-lhe; despache a cadeirinha, e dê esta carta ao escravo que a acompanhou desde o lugar donde veio para a cidade.

A mulher de mantilha levantou-se, avançou um passo para o velho, beijou-lhe com ardor a mão, que lhe dava a carta e foi despachar a cadeirinha e o criado.

Jerônimo ficou por momentos a sós com Antônio, e olhando para ele corou, e sorriu-se.

Desde a leitura da carta trazida pela mulher de mantilha, Jerônimo tinha esquecido completamente a presença de Antônio e a singular aposta que fizera; mas ao olhá-lo, de súbito lembrou-se da conversação que tivera, dos princípios de obediência severa que sustentara e do imediatto desmentido que dava contraditório àqueles mesmos princípios: corou por orgulho, sorriu-se por amizade.

A mulher de mantilha voltou antes que os dois velhos amigos tivessem trocado palavras; logo depois a senhora Inês tornou à sala, e veio tomar conta da asilada a quem convidou para segui-la ao aposento que lhe destinava.

Quando ambas iam sair, Jerônimo disse à mulher de mantilha, mostrando-lhe Antônio:

— Minha lealdade deve-lhe uma prevenção: este velho é o meu primeiro amigo; com ele não tenho reservas possíveis; o nosso segredo será também dele, que em minha falta lhe servirá de protetor ainda melhor.

A mulher de mantilha aproximou-se de Antônio, e tomando-lhe a mão, beijou-a, como tinha beijado a mão de Jerônimo.

A senhora Inês levou consigo a mulher de mantilha.

Jerônimo voltou-se então para Antônio, e deu-lhe a carta que havia recebido, e que este sem hesitação tomou e leu para si de princípio a fim.

— Bem te dizia eu! disse Antônio, restituindo a carta.

— Sim; mas, tu o vês, era impossível que eu resistisse! Quem me escreve é um amigo, um dos meus melhores fregueses, estabelecido na vila opulenta de Santo Antônio de Sá; tudo isso é o menos; nota porém: um pobre casal tem uma bela e honestíssima filha, e um filho rico de inteligência, que ali nas aulas dos frades franciscanos, que o estimam e dele se apoderam, faz prodígios e tem o infortúnio de superar, de tornar invisível o rude e bronco filho mais novo do capitão-mor do distrito, que por isso o aborrece; ainda pior: o filho mais velho do capitão-mor tenta seduzir a bela filha do pobre casal e repellido por ela chega a ameaçar os pais; essa menina, Antônio, chama-se Inês, tem o mesmo nome de minha filha, quase a mesma desdita da tua afilhada, a diferença única é que eu sou rico, e que a outra Inês é filha de pais pobres; perseguição infame! Ao menino mais talentoso do que o estúpido filho do capitão-mor, ao filho único e esperançoso de mísera família marca-se e procura-se para soldado recrutado, e à linda donzela desvalida e sem fortuna atropela-se, armam-se ciladas, e maquinam-se violências para os gozos impuros do filho mais velho do senhor capitão-mor!. . . Esta donzela também se chama Inês, Antônio! Que coincidência nos tormentos que sofro!. . .

— Ainda bem que veio ao caso a coincidência.

— Dize, pois, que podia, que me cumpria fazer?. . . Das duas vítimas de atroz perseguição, uma me chega recomendada por bom amigo, por homem honrado e incapaz de mentir; que deveria eu fazer? dize-o pelo amor de Deus!

— Devias fazer o que fizeste, Jerônimo.

— Portanto eu errava ainda há pouco, quando conversava contigo; não há princípios absolutos na vida humana. A minha vaidade foi castigada: no mesmo dia, na mesma hora fiz o contrário do que assegurava e jurava fazer!. . .

Antônio começou a rir.

— Guloso, exclamou Jerônimo; não me comerás o peixe de quaresma em quatro domingos, sou eu, minha mulher, as meninas e esta misteriosa senhora de mantilha que havemos de devorar a tua ceia na noite da serração da velha.

— Confessas que perdeste a aposta?

— É claro: apronta-nos boa ceia.

— Fica a meu cuidado; agora experimentemos, se é possível que hoje nos deixem jogar o gamão.

Os dois velhos amigos tomaram de novo o tabuleiro do gamão e ordenaram as pedras que se tinham desarranjado.

Irene e Inês, ou, como o povo as chamava, os dois lírios, tomaram ao pé da letra a ordem de Antônio Pires, e a tolerante concessão de Jerônimo, e mandaram comprar com as cautelas que o padrinho de Inês aconselhara algumas dúzias de limões-de-cheiro.

Enquanto não chegam os compradores de limões-de-cheiro que as meninas despacharam, matarei o tempo, conversando sobre o entrudo.

Há cerca de vinte anos que a máscara matou a seringa, que o passeio e o baile carnavalesco da nova civilização aniquilaram o entrudo dos costumes rudes trazidos dos séculos passados. A geração moderna ainda hoje ouve descrições completas desse folguedo, loucura festiva de três dias; daqui mais a vinte anos ninguém se lembrará do entrudo, e poucos compreenderão o que era entrudo.

O entrudo era durante os três dias que se chamam do carnaval o jogo delirante de todas as idades, desde o menino até o velho, de ambos os sexos, e de todas as classes da sociedade, de todas, porque também os escravos jogavam entre si.

O jogo consistia essencialmente em molharem-se uns aos outros; o exaltamento e o frenesi dos jogadores, uma vez travado o combate, não se limitavam a água e com outros meios enxovalhavam, como podiam, naturalmente havia no jogo práticas delicadas, práticas rudes e práticas selvagens.

A prática delicada adotava o limão de cera cheio de águas perfumadas, e tolerava a seringa esguichando águas da mesma natureza; a prática rude ostentava-se no banho de corpo inteiro dado à força em grandes gamelões ou banheiras de pau, e na aplicação do polvilho ao rosto; a prática selvagem apelava para todas as tintas, e até nos jantares para o arrojo de caldos gordurosos e com especialidade de — arroz-de-leite — ao rosto e ao corpo dos jogadores.

Molhar sem ser molhado era para alguns ponto de vaidade, que em geral se reputava de mau gosto, quando se jogava o entrudo com senhoras.

Quem não queria jogar o entrudo, trancava as portas e janelas de sua casa, e não saía à rua durante três dias.

As laranjinhas ou limões-de-cheiro jogavam-se de perto e de longe: de perto nas ruas entre os que se encontravam, e no interior das habitações, onde se reuniam famílias para brincar, o que era muito comum; de longe das ruas para as janelas dos sobrados, como combate entre a força que atacava a praça e esta que se defendia, ou de sobrado contra sobrado, casa térrea contra casa térrea, como fortalezas a bombardear-se. Muitas vezes grupos de jogadores invadiam as casas, como assaltantes que escalavam muralhas de fortes, e então a alegre e ruidosa peleja começava na escada, estendia-se pelos corredores, e inundava as salas.

Nas ruas e praças a multidão estrepitosa tresloucava sem medida; os gritos e as gargalhadas, às vezes injúrias e violências, outras vezes passagens desordens tumultuavam sem perigo a cidade; homens e mulheres de educação desmazelada, ou de costumes livres, com os vestidos alagados grudando-se ao corpo, e desenhando perfeitamente as formas, com as caras pintadas de vermelho e negro, com as roupas rotas, os pés nus, corriam, fugindo ou perseguindo, molhando, enxovalhando, pintando, e besuntando conhecidos e desconhecidos, e de hora em hora procurando as tavernas, por gosto muitos, por necessidade todos para beber aguardente e molhar com ela os corpos resfriados.

No interior das casas pobres e ricas, onde se ajuntavam famílias amigas, o entrudo não era brutal; era porém igualmente arrebatado e delirante: jurava-se três vezes, quatro e mais no fim de cada acesso do jogo fabricitante, adia-lo por algumas horas aprazadas; senhoras e homens mudavam de vestidos, tinham-se trancado à chave os tabuleiros das laranjinhas cheirosas; mas de súbito um limão-de-cheiro voava no espaço e ia quebrar-se contra alguém, lá se ia o juramento, e recomeçava a batalha, que só à noite e tarde terminava.

Como nos atuais festejos carnavalescos, o entrudo era animado no domingo, fraco na segunda-feira, desenfreado e frenético na terça-feira.

O entrudo era mil vezes mais contagioso que a máscara, porque era ilimitadamente provocador; sobravam os casos em que os velhos mais austeros e severos, as donzelas mais mimosas e as mais acanhadas, aborrecendo o entrudo, desde que, a despeito de suas pragas e de seus protestos, se viam molhados, perdiam as cabeças, e se tornavam furiosos jogadores do jogo d'água.

Sem contestação havia muitos que abusavam da grande liberdade autorizada pelos costumes do entrudo; é positivo que nesse jogo desordenado, nessa reunião de tantos homens e senhoras que se apertavam em lutas, o pudor destas nem sempre escapava a atrevimentos que se perdoavam ou

não. O menor desses abusos ainda era um abuso pela intenção; o anelo ardente de um namorado, anelo que com freqüência se realizava, sendo compreendido e tolerado à custa do rubor do pejo que assomava às faces da mulher amada, era quebrar com a mão um limão-de-cheiro suavíssimo sobre a parte superior e não velada do peito querido, de modo que a água odorífera lhe fosse banhar os cândidos seios.

Não é possível negá-lo: os folguedos do nosso carnaval não são menos perigosos do que o antigo entrudo, no que diz respeito à saúde dos que neles tomam parte; mas em relação à moral a sociedade moralizada ficou menos exposta. O nosso carnaval também facilita mil abusos, mas em regra as vítimas desses abusos não têm muito que perder com eles, e, o que é mais, teve a fortuna de menos áspero, muito mais aparatoso, e dobradamente aprazível substituir um jogo rude, material e desenvolto.

Havia muitos ou pelo menos alguns que não jogavam, nem permitiam que em suas casas se jogasse o entrudo, e isso por princípios de moral e de higiene.

Jerônimo Lírio era um desses: suas filhas tinham visto o entrudo sempre de longe, e a fingida cegueira dos pais tolerava apenas que elas fizessem uma dúzia de laranjinhas para molhar uma a outra. Em 1766 a intervenção protetora do padrinho de Inês autorizara a compra de duas caixas de limões-de-cheiro, o mais ostensivo brinquedo.

Os portadores das duas meninas chegaram enfim.

Os dois Ífrios penderam suavemente para as caixas de laranjinhas que acabavam de abrir.

Brilhavam nos olhos a flama, e nos lábios o sorriso da alegria de Irene e Inês.

Eram limões-de-cheiro brancos, verdes, rubros, amarelos, de todas as cores e nuances possíveis. . .

— Tão bonitos, diz Irene; que faremos deles? . . .

Inês fez um momo e respondeu:

— Tu me molharás e eu te molharei. . . eis af tudo.

A nobre mãe das duas meninas tinha parado junto delas e as contemplava e ouvia risonha.

Irene tornou:

— Se pudéssemos molhar mais alguém. . .

— Nanhã, disse Inês, meu padrinho me deu licença para molhar a todos. . . e, se não fosse meu pai, eu era capaz. . .

— De quê? . . .

— De molhar, de quebrar limões em meu padrinho que deu licença para isso. . .

A senhora Inês não se pôde vencer, riu-se da idéia da filha e de modo que as meninas se voltaram para ela.

— Mamãe ouviu?

— Ouvi, sim.

— E que diz?

— Vão molhar o compadre: cada uma leve dois limões, cheguem-se a ele sem mostrar os limões, e não tenham medo.

— E meu pai? . . . perguntou Irene, enquanto Inês se armava, não com dois, mas com quatro limões em suas mãos pequeninas.

— Eu me acharei perto de vosso pai para dizer que vos dei licença para o que ideo fazer.

As duas meninas animadas pela mãe, palpitantes de emoção, dirigiram-se à sala, escondendo, como puderam, os limões-de-cheiro que levavam, e se aproximaram de Antônio.

Era exatamente no momento em que, armadas as pedras, os dois amigos lançavam os dados.

— Vou dar-te um gamão cantado! exclamara o padrinho de Inês.

Mas de súbito soltou um grito: as meninas tinham-lhe quebrado os limões-de-cheiro no peito.

Em vez de ralar Jerônimo desatou a rir.

— Ah, brejeirinhas! exclamou Antônio, levantando-se e largando o tabuleiro do gamão nos joelhos do parceiro.

E correndo a um moringue d'água, que vira sobre a mesa, tomou-o, mas em vez de vingar-se das meninas, foi despejá-lo na cabeça de Jerônimo que ainda se ria.

Jerônimo deixou cair o tabuleiro do gamão, e levantando-se para o interior da casa, voltou com um prato d'água que atirou sobre Antônio.

As meninas tornaram com outros limões e também a senhora Inês que os quebrou no marido e no compadre; vendedores de limões-de-cheiro da casa onde os portadores de Irene e Inês os tinham ido comprar, prevendo o costumeado fervor que sucedia sempre ao começo do jogo, apareceram no terreiro, trazendo tabuleiros disfarçados em caixas fechadas; Antônio e Jerônimo compraram todos estes, e a luta se tornou mais vigorosa e animada com a abundância e igualdade das armas, embora houvesse desproporção entre os combatentes; porque toda a família Lírio acabava de fazer colisão contra Antônio.

De repente e ao grande ruído que se fazia, apareceu correndo agitada e temerosa a mulher de mantilha, já porém sem mantilha, e deixando ver em si uma bela moça vestida com simplicidade.

A chegada imprevista da jovem fez hesitar por instantes os combatentes; as duas meninas ficaram surpreendidas; Jerônimo contrariado; mas a senhora Inês pronunciava-lhe breves palavras ao ouvido, quando também Antônio exclamava à bela moça:

— São quatro contra um! Venha em meu socorro, menina! . . .

A moça confusa e trêmula não ousava avançar um passo; Jerônimo porém que ouvira o bom conselho, provocou-a, arrojando-lhe limões, no que foi imitado pela mulher e pelas filhas; então ela, risonha e com vivacidade pronta, voou para o lado de Antônio, e tomou parte na ação, excedendo a todos na viveza do ataque e na certeza das pontarias.

No fim de uma hora de amigas provocações, risadas, gritos e alegria, que novos tabuleiros de limões, acudindo à mina explorada, alimentaram, o combate cessou por falta de munições e pela fadiga dos combatentes.

que todos se acharam molhados da cabeça aos pés, assim como estava a sala toda inundada.

Jerônimo atirou-se em uma cadeira, dizendo:

— Eis aí o que fizeram aquelas duas doidinhas impelidas por um velho criança!

— Cala-te aí, rabugento! Comadre, mande-nos vir aguardente de Parati, disse Antônio.

— E basta de entrudo, ouviram? tornou o outro, falando a Irene e Inês; vão mudar de roupa. Quanto à senhora. . . à senhora. . . esqueceu-me o seu nome. . .

A moça respondeu, abaixando os olhos:

— Isidora.

— Peça-lhe perdão, menina Isidora; pois fui o primeiro a desafiá-la a este jogo maldito; ande, vá mudar de vestidos e tranquilize-se que ninguém mais se lembrará de entrudo nesta casa.

A senhora Inês e suas filhas entraram para o interior da casa, e Isidora recolheu-se ao gabinete que lhe haviam destinado.

Cada um dos dois velhos bebeu um cálix de aguardente e foram ambos tomar outras roupas, ao mesmo tempo que alguns escravos varriam e enxugavam a sala.

Meia hora depois aqueles bons amigos achavam-se de novo em frente um do outro, rindo-se das inocentes proezas que acabavam de fazer tão contra os seus hábitos e disposições, e como um pouco envergonhados ambos, não disseram palavra sobre o entrudo.

— Jerônimo, disse Antônio: estou com vontade de ensaiar uma experiência. . .

— Qual?

— Quisera ver, se ainda haveria hoje pessoa ou fato que nos impedisse de jogar o gamão. . .

— Pois experimentemos.

E, tomando o tabuleiro, sentaram-se e armaram as pedras; mas imediatamente a senhora Inês entrou na sala, e disse:

— Compadre, o nosso feijão está na mesa.

E foi à porta do gabinete chamar Isidora.

— Antônio, observou Jerônimo, sopa fria não presta.

— Há de ver que nem à tarde conseguiremos jogar o gamão, respondeu Antônio, deixando o tabuleiro sobre as duas cadeiras.

Eram seis pessoas à mesa de um excelente e variado jantar de família rica em dia de festa; sólido jantar da cozinha portuguesa de mistura com os guisados especiais da cozinha brasileira: succulenta sopa, o monumental cozido de vaca com seus numerosos acessórios, o peru recheado, o leitão assado, o magnífico presunto, o arroz de forno, as galinhas assadas e de molho pardo, e, além do mais, o lombo fresco e as costeletas de porco, o carneiro assado, o peixe de forno, o negro feijão, e dez pratos ardentes de pimenta, enfeitadores do paladar e do olfato, e de ordinário mais ou menos nocivos à saúde.

Para sobremesa, doces secos e de calda, variadíssimos, e superiores em número e perfeição a quanto nesse gênero ostentavam e ostentam os banquetes europeus; nos vinhos exclusivismo nacional, os do reino e nenhum outro.

Eram seis pessoas em um jantar que chegaria para sessenta: ainda hoje nos dias solenes, em que se recebem algum, ou alguns amigos de família, se observa essa prática, especialmente nas casas ricas do interior do Brasil, onde o banquete apenas tocado pelos convivas, passa aos escravos do serviço doméstico e aos pajens dos hóspedes.

Eram seis pessoas a jantar, Jerônimo à cabeceira da mesa, a seu lado direito Isidora e depois Antônio e a Senhora Inês; ao seu lado esquerdo Irene, e em seguida Inês, ou a sinhazinha, defronte do padrinho. Esta disposição indicava a exclusão sistemática de toda e qualquer contigüidade das filhas com os hóspedes. A regra não se estenderia com Antônio que se sentaria onde lhe aprouvesse, e mesmo entre as duas meninas, a quem tratava como pai; mas foi observada com rigor explicável pela presença de Isidora, que devia aprender desde logo as leis, os costumes da casa, que aliás eram gerais na colônia.

Irene e Inês, os dois lírios, comiam pouco, tocavam nos pratos, como passarinhos em frutas, ao contrário de Isidora que mostrava o melhor

apetite, e mais desocupadas que os outros à mesa, observavam a bela hóspeda a quem não conheciam, nem sabiam quem era; se fora um mancebo, não ousariam levantar para ele os olhos, sendo porém do seu sexo, e moça como elas, ousavam do inocente direito de estudar-lhe as feições, os modos e os vestidos.

Isidora era uma moça alta, esbelta, porém não bem feita de corpo; tinha o peito demasiadamente largo, e a cintura pouco delicada; mas em compensação sua cabeça era magnífica: seus cabelos castanho-claros, finos e crespos, perdiam-se escondidos em uma touca de mau gosto; tinha a fronte branca, alta e espaçosa, os supercílios bastos sem exageração e separados, os olhos grandes, claros e brilhantes; o nariz de proporcional feição, as faces coradas, os lábios quase grossos, levemente curvos, o superior com finíssimo e franco buço cor de cinza clara, e ambos formando pequena e graciosa boca ornada de dentes iguais e lindíssimos; a ponta de seu queixo terminava com suavidade o belo oval do rosto; seu pescoço era mais grosso que fino, e suas mãos brancas, pequenas e bonitas, como deviam ser seus pés.

Em seu proceder e em seus modos Isidora dava testemunho de educação doméstica desvelada, mas comprometida pelo mais confuso acanhamento de moça, apenas chegada da roça; em seu trajar mais infeliz ainda, além da touca severa e funestíssima para sua natural beleza, vestia-se com aquela exagerada e sinistra simplicidade que amesquinha as graças, e torna o corpo como um cabide do vestido.

Em uma palavra, Isidora era bela, mas desajeitada; brilhante bruto apanhado no leito da corrente do deserto, precisava que a moda, lapidando-o, fizesse ostentar o seu elevado e natural valor.

Isidora era uma linda roceira com todas as confusões, acanhamento e rudezas das solidões em que vivera, e que na vida da cidade receberia o lavor, que havia de torná-la esplêndida beleza.

Foi este pelo menos o juízo que sem inveja e com espontaneidade inocente e conscienciosa fizeram sobre ela Irene e Inês.

É provável que Isidora desejasse também e muito apreciar os encantos físicos e não menos os enfeites das duas meninas da cidade; mas a pobre roceira sem dúvida por vexame apenas de relance e a furto olhara algumas vezes para elas: era em verdade moça excessivamente acanhada; tinha os olhos quase sempre fitos, pregados, ou no colo ou no prato, e se lhe faziam alguma pergunta, respondia com discrição, mas com voz trêmula e sem olhar para o interlocutor; só em um ponto não sabia acanhar-se; comia como Antônio Pires ou Jerônimo Lfrio, que eram bons gastrônomos; não bebia porém vinho, e unicamente pelo dever de saudar a companhia, fazendo sucessivamente a saúde de cada um dos convivas, como era de uso, tocara com os lábios em um cálice de vinho.

Jerônimo e a senhora Inês ocupavam-se particularmente da sua

hóspeda, porém com certo constrangimento mal dissimulado, ou com inexplicáveis reservas, que todavia não incomodavam Isidora.

Antônio no intervalo de cada prato entendia com as meninas e atirava ora a uma, ora a outra pequenas bolas de miolo de pão.

O jantar prolongou-se um pouco; porque os dois velhos amigos que desde algum tempo tinham por companheira única a gulosa Isidora, acabaram por deixá-la fora de combate, e continuaram muito plácida e pausadamente a atacar todos os pratos, amenizando o gozo gastronômico com histórias e recordações da sua mocidade.

Enfim resolveram-se os dois velhos a passar à sobremesa, e Jerônimo, vendo retirarem-se os pratos do jantar, voltou-se para a mulher, e disse:

— Ah, Inês! eu já não sei comer, como dantes!

— É a velhice que até do apetite nos vai privando, observou

Antônio.

E carregaram ambos sobre as duas colunas de compoteiras e pratos de doces que se enfileiravam na mesa; mas nesse ataque Isidora fez-lhes boa companhia até o fim.

Jerônimo deu o sinal de termo do jantar: levantaram-se todos e em pé renderam graças a Deus e persignaram-se.

Imediatamente depois Jerônimo e Antônio foram dormir a sesta, e Isidora retirou-se para o seu gabinete.

Dormir a sesta era costume português muito mais generalizado no clima ardente do Brasil; mas Jerônimo e Antônio não abusavam da sesta, e a limitavam a uma hora de descanso.

O primeiro que se levantou do leito foi Jerônimo, que indo à porta do quarto onde dormia o amigo, gritou-lhe:

— Acorda, velho preguiçoso! Vem jogar o gamão.

Antônio acudiu ao chamado.

— Deixar-nos-ão jogar? perguntou.

— Estás manfaco, Antônio? . . .

— É a quarta ou quinta vez que hoje inutilmente tomamos o tabuleiro.

E dessa vez nem chegaram a tomá-lo; porque ouviram o tinir da espada de um soldado de cavalaria que subia a escada de pedra do terraço.

— Então? disse Antônio.

Jerônimo não respondeu e chegou à porta, onde recebeu da mão do soldado uma carta com caráter oficial.

A carta estava assinada por Alexandre Cardoso de Meneses com a designação de — ajudante-de-sala do senhor Vice-Rei e dizia assim:

“Senhor Jerônimo Lúrio. Hoje depois do conhecimento dos insolentes, criminosos e públicos desanhos e injúrias à pessoa e autoridade

do senhor Vice-Rei, fixaram-se editais, proibindo absolutamente o jogo do entrudo sob penas que se marcaram; mas agora mesmo o senhor Vice-Rei acaba de saber com dolorosa surpresa e vivo e justo ressentimento que em vossa casa da Gamboa se ostentou escandaloso jogo de entrudo com ofensa de suas terminantes ordens, e audaciosa provocação aos castigos impostos a semelhante crime de formal e manifesta desobediência; ordenava a justiça severa que fôsseis imediatamente preso e sujeito a duro castigo, como todos quantos em vossa casa concorreram coniventemente naquele crime; lembrando-se porém dos serviços que haveis prestado, ordena-vos o senhor Vice-Rei que amanhã ao meio-dia compareçais na minha sala para dar-me explicações do vosso procedimento revoltado e de péssimo exemplo, a fim de que, ouvidas vossas desculpas, se as tendes, delibere depois o senhor Vice-Rei sobre a vossa muito grave responsabilidade do crime de semelhante desobediência nas circunstâncias melindrosas em que se acha a capital da colônia.”

Seguia-se a data e a assinatura.

Mas dentro da carta e em uma tira de papel de marca diferente liam-se em letra disfarçada as seguintes palavras:

“O oficial-de-sala obedeceu; porém o amigo que hoje não pôde conseguir mais, assevera que amanhã conseguirá tudo; venha sem falta falar-lhe amanhã ao meio-dia; pois que é isso formalidade indispensável; o amigo lhe garante plena segurança e a todos os seus.”

Rubro e trêmulo de cólera, Jerônimo, contendo-se por dignidade própria, disse ao soldado:

— Está entregue: beba um copo de vinho e retire-se.

À ordem de seu senhor um escravo trouxe um grande copo de vinho do Porto ao soldado que o bebeu todo, e voltou para a cidade a galope do seu cavalo.

— Que é isso, Jerônimo? perguntou Antônio.

— Toma e lê.

Enquanto Antônio lia, Jerônimo refletia.

— Jerônimo, disse Antônio, entregando ao amigo a carta e o bilhete; isto é um atentado incrível! Os sacrários de nossas casas não são tascas sujeitas à fiscalização imoral de sacrílegos; as tuas e as minhas pistolas não bastam: quando a autoridade ataca as casas, é direito e dever de todos defendê-las com trabucos.

Jerônimo riu-se com um rir horrível.

— Que rir é esse?

— Olha, Antônio; eu nunca fui citado em minha vida, e isto é citação, a que só faltou a vergonha do meirinho à porta! . . .

— É assim!

— Eu nunca fui injuriado por alguém, e nesta carta há insultos, há injúrias que eu não hei de perdoar.

— Nem eu.
— Há até ameaça de perseguição a minha mulher, a minhas filhas,
e a ti! . . .

Antônio quis falar, e rugiu, gaguejando uma praga.

— E ainda há insulto maior do que todos os que contém esta carta infernal. . . há este bilhete, e neste bilhete a extrema afronta. . . há nela a intenção de seduzir o pai para em seguida e por conta da gratidão seduzir a filha! . . .

— Dá-me outra vez o bilhete.

Jerônimo entregou-o a Antônio, que o leu de novo; e disse com voz rouca:

— Tens razão; há.

— Pois bem: quero vingar-me.

— Conta comigo.

— Sim; mas por ora te conservarás de parte.

— Não.

— Eu o exijo.

— Conforme, que vais fazer? . . .

— Obedecer.

— Jerônimo!

— Farei o que devo: o vice-rei me ordena que me apresente a dar-lhe contas de mim, irei; mas dormir com a suspeita de um crime me é impossível; amanhã ao meio-dia é muito tarde para a minha honra: hei de ir hoje, hei de ir já; não quero desculpar-me ao oficial-de-sala, quero queixar-me do vice-rei ao vice-rei.

— E eu?

— Ficarás aqui, velando por minha família; se eu não voltar, é que me mandaram pôr a ferros; porque vou falar português claro, português do bom tempo dos nossos avós, português leal, nobre e sem medo.

— E se não voltares?

— Procederás como te aconselhar a honra e a amizade combinadas com a prudência.

— Vai, Jerônimo.

— Antônio, tu não deixarás minha mulher e minhas filhas! . . .

— Vai; eu ficarei aqui; mas se te puserem a ferros, o que é possível, também tenho o meu plano.

— Qual é?

— Custe o dinheiro que custar, tua mulher e tuas filhas terão asilo seguro no convento d'Ajuda.

— E tu? . . .

— Depois de havê-las posto em segurança, farei com que me ponham também a ferros.

— Antônio!

— Vai, Jerônimo.

Esses dois homens se conheciam: cada qual mais honrado e mais teimoso, sabiam ambos que era inútil toda disputa para mudar a resolução tomada por um deles; entendiam-se bem: eram amigos desde o tempo da pobreza; tinham-se relacionado sobre o mar, vindo ambos para o Brasil no mesmo barco, em cuja tolda haviam dormido juntos ao relento; tinham jurado amizade e proteção um ao outro, e com o trabalho e a economia enriquecido quase ao mesmo tempo, e em firme e constante estima recíproca. Eram amigos como dois irmãos amigos; as filhas de Jerônimo podiam contar com um segundo pai em Antônio, e tanto mais que este sempre decidido e pertinaz celibatário por exagerado espírito de perfeita independência individual, não tinha família que lhe ocupasse o coração.

Jerônimo tinha chamado um escravo e mandado selar um cavalo para si e aprontar dois pajens, e tendo combinado com Antônio uma explicação que servisse para poupar cuidados à mulher e às filhas que bem poderiam alvoroçar-se, sabendo o verdadeiro motivo da sua ida à cidade, despediu-se da família, e partiu às sete horas da noite.

A senhora Inês não se iludiu; mas conteve-se por amor das filhas; não dirigiu pergunta alguma a Antônio; tomando porém por pretexto a possibilidade de encontros sinistros à noite no caminho da Gamboa, abriu o oratório, fez acender as velas e às nove horas da noite foi rezar com Irene e Inês, sendo nesse piedoso ato acompanhada pelo velho compadre.

As duas meninas repetiam as orações ditadas por sua mãe, e embora o fizessem com a maior atenção e fé, sentiam-se como que receosas de algum mal iminente; porque para elas era extraordinária aquela oração a horas, em que de costume já se achavam recolhidas.

Ficou dito que o gabinete, onde estava o oratório, era contíguo ao que fora destinado a Isidora, a qual, ouvindo a oração da família hospitaleira, foi de manso e sem que a percebessem, ajoelhar-se também, mas um pouco afastada das três senhoras e de Antônio, e rezou em voz baixa e sumida.

No meio da ladainha de Nossa Senhora a fadiga e a comoção to-lheram a voz à senhora Inês que a entoava; houve uma pausa de cruel ansiedade para esta que se empenhava em ocultar sua aflição; logo porém uma voz de suavíssimo e firme contralto se desprende, continuando a entoar a ladainha, e terminada esta, prosseguiu, dirigindo as orações.

— Rezemos um credo, disse enfim Isidora, pela vida, segurança e felicidade do chefe desta família!

E rezou o credo em latim, pronunciando-o, como se fora um padre.

Quando acabava o credo, chegou Jerônimo de volta da cidade, e

de joelhos como a mulher, as filhas e os hóspedes, rendeu graças a Deus.

Apagadas as luzes e fechado o oratório, a senhora Inês foi apertar a mão do marido, e logo depois, procurando com os olhos Isidora, não a encontrou mais; dirigiu-se então à porta do gabinete contíguo, e sem entrar disse em voz bastante alta para ser ouvida:

— Deus te abençoe!

— Que é? perguntou Jerônimo.

— Um socorro oportuno e um credo que me ficaram no coração.

Irene e Inês receberam a bênção do pai e de Antônio e se retiraram seguidas pela zelosa mãe e nobre esposa que se tranqüilizara, observando a serenidade e quase a satisfação no rosto do marido.

Os dois velhos amigos ficaram sós, e velaram, conversando, até depois da meia-noite.

Alexandre Cardoso tinha errado em seus cálculos: mandando a terrível carta e o traiçoeiro bilhete à hora vizinha da noite a Jerônimo Lúrio, contava que só no dia seguinte, e no prazo oficialmente marcado, se apresentaria este para dar as explicações exigidas, e tanto mais que redigia a carta de modo a encher de terror o mais corajoso.

Na segunda -feira desde as oito horas da manhã, o ajudante oficial-de-sala estaria no seu posto, e somente com ele Jerônimo Lúrio poderia entender-se, pois que para chegar ao vice-rei era preciso passar por ele, que quando lhe convinha, sabia ser indestrutível-barreira, tendo em todos os empregados da sala e da alta administração criaturas suas.

Refletindo assim, Alexandre Cardoso foi procurar esquecer-se da bela Inês, mergulhando a lembrança do seu amor ainda infeliz no Letes do jogo e da orgia.

Além do jogo e da orgia Alexandre Cardoso apeteceu para um dos dias de entrudo o passatempo da sedução ou do rapto violento de uma bonita rapariga de cor, que tinha pretensões a viver muito honestamente apesar de ser filha de um simples carpinteiro.

Jerônimo Lúrio tivera a mais feliz das inspirações.

Às oito horas da noite, apresentou-se a pé e só na antiga casa dos governadores, onde estava o vice-rei; a guarda disputou-lhe a entrada e ele insistiu, declarando que viera a chamado do próprio vice-rei.

Um soldado subiu a dar parte ao Conde da Cunha do que se passava, e voltou em breve, dizendo que o vice-rei não recebia pessoa alguma a tais horas.

Jerônimo Lúrio teimou; rasgando uma tira de papel da carteira, escreveu seu nome, e disse que havia questão de honra, e caso de grande crime público, obrigando-o a incomodar o chefe supremo da colônia.

O soldado, depois de longo hesitar, e convencido pela eloquência de uma peça de ouro, tornou a subir, embora tremendo de medo.

Ouviu-se daí a pouco uma praga do vice-rei, e em seguida prolongado silêncio.

O Conde da Cunha ouvira o anúncio de grande crime público e sopitara sua ira, lera o nome de Jerônimo Lfrio, e se lembrara de que esse homem era reputado um dos negociantes mais respeitáveis da praça e um dos homens mais honrados e venerandos da cidade do Rio de Janeiro: esse nome, a quem se abriram todas as portas, não achou fechada a do vice-rei.

Jerônimo Lfrio foi introduzido em uma sala particular do Conde da Cunha, que o recebeu e o ouviu de pé.

A sala estava mal esclarecida por uma única luz. O Conde da Cunha nos fracos raios dessa flama se mostrou a Jerônimo Lfrio que avançou com passo firme, em pé, com a mão esquerda apoiada na ilharga, alto, pálido, e com a fronte severamente enrugada.

— Por que me incomoda a esta hora? perguntou.

— Porque a minha honra foi incomodada, senhor, respondeu com firmeza Jerônimo.

— A sua honra. . .

— Afrontada hoje por ordem do vice-rei, não pode esperar até amanhã. . .

— Não o entendo. . . anunciava-se um crime público. . .

— É o meu: o vice-rei me declarou atroz criminoso; vim pedir o meu castigo. . .

— O vice-rei sou eu; que está dizendo?

— Joguei hoje o entrudo com minha mulher, minhas filhas e dois hóspedes no interior da minha casa na chácara que possuo na Gamboa.

— Que tenho eu com isso? Mandei proibir o entrudo: é claro que o proibi nas ruas; que me importam as loucuras ou os folguedos do interior da sua casa?

Jerônimo Lfrio entregou a carta que havia recebido ao Conde da Cunha que, chegando-se à luz, leu com enregelada aparência de serenidade as ordens e as ameaças passadas em seu nome.

— Exageração de zelo muito louvável, disse ele, restituindo a carta.

— Vinha dentro este bilhete, tornou Jerônimo, entregando a pequena tira de papel.

O vice-rei leu dez vezes o bilhete, examinou o papel do bilhete com o da carta, passeou ao longo da sala, meditando, e vindo parar de súbito diante de Jerônimo, disse-lhe:

— Explique o fato ou a intriga, como os entende.

Jerônimo estremeceu de raiva.

— Fale, ordene-lhe que fale, tornou o vice-rei.

— Senhor Vice-Rei, eu fui intimado para vir explicar um fato passado em minha casa e declarado crime revoltoso; corria a confessar o fato que é

absolutamente verdadeiro e a sujeitar-me a receber o castigo que mereço.

— Já não se trata disso, disse o Conde da Cunha, impacientando-se; não houve crime da sua parte, houve excesso de zelo do meu ajudante oficial-de-sala. . . mas este bilhete? . . .

— Há de ser exageração de amizade do meu protetor, respondeu com ironia pungente Jerônimo Lfrio.

O Conde da Cunha, soberbo e irritável como era, bradou com furor:

— Assim me respondeu! . . .

— Daquela janela, senhor, se vê a dois passos a cadeia, e lá embaixo no saguão sobram soldados para conduzir-me a ela, pois que faltei ao respeito devido ao senhor Vice-Rei.

— Retire-se! gritou de novo o Conde da Cunha; retire-se, e agradeça ao nome honrado de que goza, a impunidade do seu atrevimento.

E voltou as costas a Jerônimo que saiu da sala não menos irritado e já descia com precipitação a escada, quando um criado veio, correndo, chamá-lo por ordem do vice-rei.

Não obedecer fora impossível; Jerônimo entrou de novo na sala que momentos antes deixara.

O Conde da Cunha o esperava.

— Como se retirou sem pedir-me perdão? perguntou.

— Porque não tenho consciência de haver ofendido ao senhor Vice-Rei, e porque o senhor Vice-Rei me ofendeu sem razão, respondeu Jerônimo com voz firme.

— Ofendi-o? Como? . . .

— Expulsando-me da sua casa com grito de cólera.

O Conde da Cunha não estava habituado a ouvir essas respostas francas e dignas e a ver essa atitude respeitosa, mas serena e grave, que Jerônimo mantinha diante dele; muito orgulhoso para desculpar-se, porém, impressionado pelas nobres maneiras do velho negociante português, compreendeu que a seus olhos tinha um homem e não um escravo; abrandando pois a voz alterada disse-lhe:

— Lealdade e franqueza: porque veio hoje falar-me? . . .

— Vim hoje apresentar-me ao senhor Vice-Rei para não vir amanhã apresentar-me ao ajudante oficial-de-sala.

— Por vaidade talvez. . .

— Não sou vaidoso; mas amanhã, ainda que eu quisesse e pedisse, não conseguiria falar ao senhor Vice-Rei.

— Quem lho impediria?

— O ajudante oficial-de-sala.

— E por que tanto se empenhava em falar-me?

— Porque estava seguro de que o senhor Vice-Rei ignorava a ordem que me foi mandada em seu nome na carta injuriosa que recebi.

O Conde da Cunha encrespou as sobrelhas.

— Estava seguro que eu a ignorava? . . . Pesa bem, entende bem o que pode significar o que acaba de dizer?

— Sim, senhor Vice-Rei.

— Diga pois, diga franco e sem reservas donde lhe vinha semelhante segurança, diga. . .

— É que tenho a certeza de que o senhor Vice-Rei ignora muitas ordens que se executam, e muitos atos que se praticam em seu nome!

— Mas. . . então. . . essa minha ignorância é um desmazelo criminoso, indigno. . . uma prova de incapacidade. . .

— Não, senhor Vice-Rei; mas é uma cegueira fatal. . .

O Conde da Cunha deu um murro sobre a mesa, e exclamou:

— Sei tudo quanto se faz!

— Não sabe, senhor Vice-Rei! Não sabe, e ainda bem que o não sabe!

O Conde da Cunha agarrou com ambas as mãos o braço direito de Jerônimo, e apertando-lho, disse:

— Velho terrível! Quero dar-te o direito do insulto, fala! dize tudo!...

— Não sabe, senhor Vice-Rei, tornou Jerônimo impavidamente; não sabe; porque eu recebi de Portugal informações sobre o caráter do senhor Conde da Cunha, e foram todas acordes em lamentar a rispidez do seu gênio, e em louvar o seu espírito de justiça severa, e a honestidade dos seus costumes e do seu caráter.

— E então? . . .

Jerônimo hesitou pela primeira vez.

— Fale! bradou-lhe o vice-rei.

— É que, se o senhor Vice-Rei soubesse tudo quanto se faz em seu nome e os verdadeiros motivos de atos que manda praticar, o senhor Conde da Cunha não seria um homem honrado.

O velho, orgulhoso fidalgo e potente vice-rei, recuou alguns passos aturdido e como cambaleando pela violência do golpe que recebera; guardou silêncio ameaçador durante alguns minutos; depois avançou para Jerônimo e disse-lhe com voz cavernosa e trêmula:

— Entendo: é inimigo de Alexandre Cardoso.

Jerônimo respondeu:

— Sou, senhor Vice-Rei.

— Deseja perdê-lo. . .

— Desejo.

O Conde da Cunha esperava negativas, e a franca declaração de Jerônimo ainda mais o impressionou.

— A razão dessa inimizade?

— É segredo meu que, se tiver conseqüências, correrão todas por minha conta e risco.

O vice-rei refletiu ainda alguns momentos, e enfim perguntou:

— Quais são os fatos mais escandalosos, os abusos mais violentos ou condenáveis, com que o ajudante oficial-de-sala tem comprometido o meu nome?

Jerônimo respondeu logo.

— Eu tinha o dever de avisar o senhor Conde da Cunha do perigo que corre a sua reputação já muito caluniada pelas vítimas de mil abusos; mas não quero tomar o papel de denunciante de criminoso algum, declinando o seu nome, e marcando os crimes.

— O nome é Alexandre Cardoso. . .

— É o povo que o denuncia.

O vice-rei tornou a refletir por algum tempo; respirava ansioso, e a cólera, a dúvida, o orgulho, o ressentimento, a dor atormentavam-lhe o coração e o espírito: voltava amiúde olhos ardentes para Jerônimo.

Depois que muito pensou, disse pausada e gravemente:

— Jerônimo Lúrio tem fama de negociante consciencioso e de homem puro, cuja palavra é sagrada.

Jerônimo curvou-se.

O Conde da Cunha continuou:

— Tenho até hoje desprezado quantas queixas e denúncias contra Alexandre Cardoso seus inimigos forjaram; depusitei até hoje plena, e, se quizerem, cega confiança no meu ajudante oficial-de-sala; sei bem como é fértil em calúnias o ódio, e como aqueles que mais fielmente, e em mais alta posição servem ao governo, estão sujeitos às setas do aleive e aos embustes da perfídia; mas Jerônimo Lúrio, o homem austero, sem refolhos nem mentira, o velho negociante português que nesta cidade é mais considerado e venerado, ou me ultrajou com injúria descomedida, ou me abriu os olhos sobre um erro que nodoa a minha vida: é isso ou não? . . .

— É isso, senhor Vice-Rei, respondeu Jerônimo.

— Pois bem: juro que hei de castigar a injúria ao lavar a nódoa.

E o Conde da Cunha fez a Jerônimo sinal para retirar-se.

— E amanhã ao meio-dia? . . . perguntou este.

— Apresente-se ao oficial-de-sala.

— Ele saberá que estive aqui hoje.

O vice-rei sorriu-se terrivelmente.

— Não é claro que o remeti para ele? . . . Se Jerônimo Lúrio não mente, o vice-rei é o oficial-de-sala.

E com um novo aceno despediu Jerônimo, que, depois de profunda reverência apenas correspondida por leve movimento da cabeça do Conde da Cunha, se retirou.

O vice-rei foi encerrar-se em seu gabinete; mas passados dez minutos, tocou com força a campainha, a que acudiu. . . um criado:

- Germiano? perguntou ele.
- Está no seu quarto.
- Que venha já aqui.

Germiano era um português soldado, ordenança, criado, agente de compras, o homem fiel e dedicado, o cão amigo do Conde da Cunha que o encontrara em Maragão, o levava para Angola, o trouxera para o Brasil, e não mais se separara dele.

Germiano não sabia ler e somente por isso não pudera adiantar-se na carreira militar; mas era a atividade que nunca dormia, a dedicação que nunca fraqueara, a astúcia que nunca falhara no serviço do amo; adorava o Conde da Cunha com dedicação sublime, nem havia ofensa, havia verdade na apreciação dos seus sentimentos, quando o comparavam ao animal tipo da fidelidade.

Na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a gente que servia no palácio chamava a Germiano — o cão do vice-rei.

Sempre ocupado de Inês, Alexandre Cardoso, tendo sabido do estruço que se jogara na casa de Jerônimo Lfrio, aproveitara o ensejo para explorar duas minas, a da intimidação e a gratidão de Jerônimo Lfrio, e enquanto esperava o resultado da carta e do bilhete, saiu quase ao anoitecer da sala do vice-rei, com quem havia jantado, e seguido de um dos seus amigos dirigiu-se pela praia de Santa Luzia para tomar o Largo d'Ajuda e ir à casa de Maria de. . . onde se ajustara jogar a banca nessa noite.

Porque Alexandre Cardoso se impunha tão extensa volta, era muito simples: no ponto em que começa hoje a pequena rua, onde naquele mesmo século foi estabelecido o matadouro que ali ficou até os nossos dias, ponto que então comunicava a praia de Santa Luzia com o Largo d'Ajuda, havia uma pequena casa térrea isolada, quase solitária, mas com o seu terreiro limpo e meia dúzia de laranjeiras ao lado; morava aí Marcos Fulgêncio com sua mulher e uma filha de vinte anos de idade.

Marcos Fulgêncio era laborioso e zelava sua família, duas condições porém o amesquinhavam aos olhos de Alexandre Cardoso, de seus amigos e de muitos outros: era pobre e sua cor menos branca, e seus caracteres físicos atestavam o cruzamento de duas raças.

Emiliana, a filha de Marcos Fulgêncio, quase desmentia a origem de seu pai e era verdadeiramente bonita: tinha recebido boa educação moral; e honesta e esperta sabia bem fugir aos cumprimentos e aos manejos de sedução que empregavam contra ela velhos e mancebos ricos e de posição muito superior à sua.

Alexandre Cardoso andava à pista de Emiliana, não porque a amasse, mas porque desde alguns dias a desejava, embora tivesse-lhe mandado de balde recados lisonjeiros e oferecimentos deslumbradores.

Passando diante da pequena casa, o ajudante oficial-de-sala parou, e no empenho de ver Emiliana, chamou em voz alta por Marcos Fulgêncio, que apareceu à porta.

— Como vamos de trabalho? perguntou Alexandre Cardoso.
— Não me faltam obras, louvado Deus!
— Mas nem por isso aumenta a fortuna, creio eu.
— Não lastimo a minha sorte, senhor: sou mais feliz do que muitos.

— Por que não se emprega nas obras del-rei? Asseguro-lhe que será bem pago; temos necessidade de bons carpinteiros; se lhe fizer conta, eu o protegerei.

— El-rei é meu senhor e se em nome dele me intimarem para trabalhar nas obras, hei de obedecer, mas prefiro andar ocupado nas obras de meus antigos fregueses.

— Por quê? . . .

— É por costume, senhor; a gente trabalha em mais liberdade cá por fora.

— Pois bem: não será incomodado; se porém precisar de trabalho ou de proteção, procure-me.

— Deus lhe pague, senhor!

Alexandre Cardoso, vendo que Emiliana não aparecia, continuou seu caminho, e algumas braças adiante viu sentada no terreiro de um casebre humilde e em começo de ruína uma velha que com respeito se levantou, e estendeu a mão direita, pedindo esmola.

O elegante oficial deixou por instantes o amigo, e foi dar a esmola à velha, que ao recebê-la passou fingidamente à mão caridosa um anel, e murmurou:

— Ela não quis.

Alexandre Cardoso, retirou-se contrariado: Emiliana rejeitara um rico anel, que lhe mandara.

— Vamos, Capitão, disse ele ao companheiro; vamos e tome o meu conselho: não jogue hoje contra mim; tenho certeza de ganhar.

— Como?

— Infeliz no amor, feliz no jogo.

— Nem sempre; e conselho por conselho, seja prudente e cauteloso, senhor Tenente-Coronel; há oito dias que temos jogado três vezes, e três vezes as suas perdas foram excessivas.

— Apenas chegaram a dois mil cruzados.

— Temos um antagonista que adivinha as cartas. . .

— É feliz; mas joga com franqueza e lisura.

— Conhece-o?

— Pouco; sei que Ângelo por algum tempo mereceu que Maria me atraísse; não lhe perdoaria essa dita há cinco meses; hoje que é desprezado e que Maria não me domina mais, pouco ou nada me importa isso; fui eu que o convidei para o sarau desta noite.

- Desconfio desse mancebo. . . juraria que ele furta ao jogo.
 - De que modo?
 - Não sei: se as cartas obedecem às suas paradas é que ele sem dúvida as terá marcado.
 - Não é Ângelo que dá as cartas para o jogo, e nós mudamos de baralho por vezes.
 - Mas a sua teimosia e infalível fortuna?
 - É fortuna.
 - Ângelo não é rico. . .
 - Ao contrário, não tem onde caia morto.
 - Todavia. . . o seu ouro cobre a mesa do jogo, e ele pára com a afouteza de um milionário.
 - É claro: se fosse milionário não parava assim; mas o seu ouro é ouro verdadeiro, eis o essencial.
 - Onde lho vem?
 - Que importa? Façamos por ganhar-lhe o ouro.
 - Eu não jogarei esta noite.
 - Tanto melhor: jogador que não joga e observa o jogo, vê em dobro; preste-nos um serviço; não arrede os olhos e a atenção desse endemoninhado Ângelo, para quem não sei donde tire mais dinheiro.
- Quando isso dizia, Alexandre Cardoso chegava com o amigo à porta da casa de Maria de. . .

Eram nove horas da noite.

Na casa da formosa cortesã havia sarau e jogo; na sala principal a dança e o canto eram os pretextos; na sala de jantar a mesa de jogo era o verdadeiro motivo da reunião.

Maria animava e encantava a companhia de moralidade duvidosa ou negativa na primeira sala; na outra uma roda de jogadores, mancebos ricos, velhos aferrados ao vício, à paixão fatal do jogo, oficiais e paisanos, dispunham-se a parar à banca.

A mesa enchia-se de ouro.

Alexandre Cardoso, ou por cortesia ou por desafio diante dos montes de ouro, ofereceu as cartas a Ângelo, que recusou-as modestamente, aceitando-as porém às primeiras insistências.

O jogo começou.

Na primeira cartada Ângelo perdeu quase sempre, e metade das suas pilhas de ouro passou para os outros jogadores; na segunda ficaram apenas cerca de vinte moedas ao banqueiro que havia perdido já muito mais de três mil cruzados.

Ângelo perguntou com imperturbável serenidade se alguém queria tomar-lhe o lugar de banqueiro.

Alexandre Cardoso, que fora quem mais ganhara, e que, apesar do que havia dito ao amigo com quem viera, tinha ojeriza a Ângelo, disse com intenção de confundi-lo:

— Abdica talvez por falta de recursos; mas sobra-lhe o crédito: disponha da minha bolsa.

— Obrigado, respondeu Ângelo sem formalizar-se.

E tirando do bolso um pequeno saco de veludo verde, despejou na mesa nova enchente de ouro.

— Vamos, senhores.

E espalhando, confundindo e baralhando as cartas com exage-

rado escrúpulo, ia dá-la a partir, quando hesitou, e sorrindo-se disse:

— Evidentemente baralho hoje contra mim!. . . Se alguém baralhasse melhor as cartas . . . Capitão! o senhor que não joga, quer fazer-me este favor?

O capitão recusou-se.

— Paciência, tornou Ângelo.

E deu as cartas para serem partidas.

A terceira cartada vingou o banqueiro, que ganhou nessa quanto perdera nas duas primeiras.

— Quem quer as cartas?. . . tornou Ângelo a perguntar.

— Continue, respondeu Alexandre Cardoso.

Ângelo carteceu e ganhou ainda mais.

— Quem quer as cartas? repetiu.

— Continue, insistiu Alexandre Cardoso, mas se não o leva a mal, mudaremos o baralho.

— Como quiserem.

Um criado trouxe cartas novas, e o capitão, a pedido de Ângelo e a instâncias dos outros jogadores, tomou, abriu e misturou o baralho.

O interesse do jogo aumentava.

Alexandre Cardoso apontou elevada soma na dama.

— É um erro, observou Ângelo, sorrindo; as damas não são favoráveis aos jogadores.

E carteceu. A terceira carta foi dama e caiu à direita. O banqueiro ganhara.

Alexandre Cardoso dobrou a parada na mesma carta; um outro ponto imitou-o.

Não apontem na dama, tornou Ângelo; sou ainda muito moço para que as damas me desdenhem.

E ganhou segunda vez.

Alexandre Cardoso teimou e com ele pararam outros ainda na dama, que oferecia então mais probabilidades contra o banqueiro, que impávido cartecava recolhendo sempre mais do que pagava.

A dama que se demorara apareceu, saindo pela terceira vez à direita.

Alexandre Cardoso acabava de perder a sua última pilha de moedas, e no meio do ruído que excitara a fortuna do banqueiro, levantou-se dizendo:

— Esgotou-me a bolsa; por hoje basta.

— Sua palavra vale mais que mil bolsas recheadas, respondeu Ângelo; e devo lembrar-lhe que ainda está no baralho a quarta dama.

— Mil cruzados pois! exclamou o ajudante oficial-de-sala.

Olharam todos para o banqueiro.

— Aceito, disse ele.

E perguntou aos outros pontos:

— Alguém mais quer honrar à dama? . . .

O desafio chegava a ser imprudente.

Dois mil cruzados esperaram a carta que três vezes já tinha sido favorável ao banqueiro.

Alexandre Cardoso tinha os olhos fitos nas mãos de Ângelo; o capitão em pé o observava com igual cuidado.

A dama não se fez esperar muito e ainda pela quarta e última vez nessa cartada foi fiel à fortuna do banqueiro.

— É demais! . . . exclamou um dos jogadores.

— Com efeito, disse Ângelo; convenho em que elas me perseguem docemente. . . mas só no jogo. . . só no jogo. . .

Alexandre Cardoso olhou-o com raiva.

O tenente Gonçalo Pereira, que pouco antes havia chegado e não jogava, fez um movimento de repugnância, ouvindo Ângelo, e saiu imediatamente da sala.

Enquanto na sala do interior fervia o jogo com todas as suas ansiedades e tormentosas emoções, Maria entretinha na outra a companhia que reunira, fazendo cantar e dançar as moças e dando ela mesma o exemplo para animar a sociedade que aliás não podia perder por acanhada.

Ao terminar uma contradança à espanhola, Maria viu Gonçalo Pereira entrar na sala, e fazendo-lhe um sinal com os olhos, convidou uma das moças a cantar um lundu, gênero de música ligeiro e brejeiro que em muitas composições não teria cabimento em boa companhia pela licença quase obscena das letras, mas, que nessa reunião se ouvia sem constrangimento.

Nem todos os lundus eram assim e pelo contrário alguns ostentavam a graça especial desse gênero de música sem de leve ofender o pudor de uma donzela, e tinham o grande merecimento de possuir certo caráter nacional, embora os quisessem e queiram fazer passar bem ou mal fundamentamente por imitação da zarzuela espanhola.

Gonçalo Pereira fora debruçar-se à janela, e enquanto a moça cantava o seu lundu com voz travessa e requebrados olhos, Maria dirigiu-se sem-cerimônia para onde estava o seu querido tenente.

— Jogaste? . . . perguntou ela.

— Não, e o teu conselho aproveitou-me.

— Ele ganha?

— Quem?

— Ângelo?

— Prodigiosamente.

— E Alexandre Cardoso?

— Perdeu já quanto dinheiro trazia e jogava sob palavra.

— Ainda bem!

— Mas por que, Maria?

— Amanhã e depois Alexandre Cardoso venderá em maior escala a justiça para trazer mais ouro a Ângelo.

Gonçalo Pereira fez um movimento de reprovação:

— Impiedosa! disse ele; tu deliras em tua vingança, e consentes que na tua casa se roube ao jogo!

Maria estremeceu.

— Ângelo rouba ao jogo. . . é um enpalmador de cartas, tem segredos infames de ligeirezas sutis dos jogadores ladrões; ele rouba ao jogo!

Maria curvou a cabeça e respondeu:

— Rouba.

— Maria, o teu ódio leva-te à cumplicidade no mais torpe dos crimes!

— Gonçalo!

— É preciso que Ângelo não torne a jogar em tua casa.

— Por quê? . . .

— Eu não quero ler no teu belo rosto o reflexo hediondo desse crime.

Maria teve medo da indignação de Gonçalo Pereira, e também furor impetuoso de sua vingança, preparando aquele meio imoral para perder Alexandre Cardoso, nem lembrou que concorria para que outros fossem abusiva e indignamente despojados de suas riquezas.

— Tens razão, disse ela; Ângelo não há de jogar mais em minha casa e nem se aproveitará dos seus lucros de hoje.

— Como?

— Vou jogar.

— Maria!

— Tu não saias: terás que agradecer-me esta noite.

E deixando Gonçalo, disse em voz alta, e sorrindo-se:

— Senhoras! Liberdade plena a cada um de nós, a mim também! Comadre Luisa, ocupe estes moços e moças com um jogo de prendas: eu preciso de uma hora para outro empenho.

E enquanto a comadre Luísa dispunha e explicava o seu jogo de prendas, Maria foi ao seu gabinete, escreveu algumas linhas em meia folha de papel, que fechou como carta, e chamando um escravo, ordenou-lhe que levasse a carta a Ângelo, dizendo-lhe que alguém a trouxera e se retirara.

Ângelo acabava nova e ainda feliz cartada, quando admirado recebeu, abriu, e leu para si o bilhete que Maria lhe escrevera: "estás perdido, se me não deixas salvar-te; vou jogar contra ti; perde sempre, e perde tudo".

Ângelo empalidecera, e refletia, baralhando as cartas.

• — Misericórdia! exclamou Maria, chegando-se à mesa do jogo; que monte de ouro! . . .

E desviando os olhos da áurea colheita de Ângelo, voltou-os pelos jogadores que palpitantes de emoção, uns descorados pela concentração da ira, outros afogueados pela expansão desse ou de outro aflitivo sentimen-

to, tinham os olhos presos às cartas, e teimosos provocavam ainda a fortuna. Maria tomou entre as suas uma das mãos de Alexandre Cardoso, e com estudada crueldade, largou-a logo, dizendo:

— Que gelo! Que mão de finado!

Alexandre Cardoso fingiu que se sorria.

— Como deve ser sublime o jogo! Senhores, eu também quero jogar!

— Escolhe má noite; o banqueiro tem o diabo nas mãos!

— Dizem alguns que a mulher às vezes pode mais que o diabo: quero jogar; mas com uma condição. . .

— Qual? . . .

— Jogarei emparceirada com algum dos senhores que se prestará e ensine-me o jogo, deixando-me livres as inspirações.

Todos aplaudiram a idéia e por cortesia e por certos prejuízos comuns nos jogadores cada qual pediu e reclamou a dita da parceria com a bela cortesã, que tendo calculado com isso, tornou, dizendo.

— Não farei exceções: dos que têm perdido ao jogo cada um por sua vez será meu parceiro; e ainda mais. . .

— Que mais?

— Se eu ganhar como espero, aquele que por mim tiver recuperado o dinheiro perdido, deixará logo a parceria a favor de outro. . .

Os jogadores começavam a rir.

— E conta ganhar? . . . deveras? . . .

— Até hoje a fortuna sempre me sorriu. Eia! joguemos! . . .

Ângelo, tendo recolhido mais de oito mil cruzados, refletira friamente sobre o bilhete de Maria, e acabava por dar pouca importância à sua ameaça.

— Bela senhora, disse ele; não posso vencer a felicidade e a pesar meu, terei de vencer o seu encanto.

Maria sorriu-se para Ângelo tendo por segura a sua obediência.

Logo depois, recebendo breves explicações do jogo talvez desnecessárias, lançou sem contar um punhado de moedas de ouro na carta que escolheu.

O parceiro que ela designara, seguiu-lhe a inspiração.

Ângelo cartou e ganhou.

Maria tornou a sorrir, aplaudindo a dissimulação do banqueiro, a quem ainda supunha obediente; mas, continuando o jogo, reconheceu-se ludibriada.

No fim da cartada ela tinha já perdido perto de dois mil cruzados.

Mais ressentida da desobediência do que da perda do dinheiro, e lembrando-se de Gonçalo Pereira, cuja reprovação a magoava, a ativa cortesã disse:

— Asseguram-me que sou bonita e sei que sou moça; ora as moças que são bonitas têm o direito do capricho e até do abuso: não é insulto que irrogo; é experiência que proponho ao banqueiro: a sua fortuna não lhe vem dos dedos, oh, não! Vem-lhe do simples acaso. Pois bem! Continue a ser banqueiro; mas entregue o baralho a alguém, que carteie por ele.

— Um homem não me faria tal proposição! observou Ângelo, perturbando-se.

— Mas, respondeu Maria com acento colérico, sendo uma mulher que a faz, a negativa do banqueiro autorizaria as suspeitas de qualquer homem.

E acrescentou logo depois:

— Senhor Ângelo, a sua felicidade é extraordinariamente prodigiosa: convém-nos experimentá-la ainda nesse mesmo baralho fora de suas mãos.

Os jogadores e entre eles alguns oficiais militares apoiaram vivamente a injuriosa proposição da bela e audaz cortesã que com olhos radiantes de fogo sinistro devorava o rosto do banqueiro desobediente.

Ângelo teve medo, baralhou as cartas, deu-as a partir, e entregou-as ao capitão que se sentara a seu lado, o que não quisera jogar.

— Volte-as o senhor, disse com raiva abafada.

— Baralhe-as de novo, e dê doutra vez a partir, disse também Maria ao capitão.

Baralhadas e partidas novamente, o capitão começou a cartear depois de feitas as paradas.

Ângelo pela falta do baralho tinha perdido o domínio das cartas, e pelo insulto que lhe fizera Maria, a placidez que apadrinha o tino; perdeu sucessivamente cinco paradas, ganhou a sexta e sétima, e tornou a perder seguidamente seis vezes antes de ganhar uma vez. A cartada custou ao banqueiro a terça parte dos seus lucros.

— Duas cartadas ainda, e ele perderá a sua última moeda de ouro, exclamou Maria a rir.

— Eia pois! bradou Ângelo fora de si, e sujeitando-se ainda à aviltadora experiência.

A profecia da bela cortesã realizou-se: Ângelo viu todo o seu dinheiro passar às mãos dos jogadores, de cuja confiança e lealdade havia indignamente abusado. A fortuna de Maria, e a sua própria perturbação tinham sido os instrumentos de um castigo providencial.

Ângelo levantou-se confuso:

— Conto em breve com a minha desforra, disse ele.

Maria tinha já deixado a sala do jogo, que aliás continuou sempre animado.

Ângelo saiu; mas ao chegar à escada encontrou Maria que lhe entregou um lenço cheio de moedas de ouro e lhe disse:

— Toma o que te ganhei; é o meu dinheiro que te volta às mãos: não jogarás mais em minha casa, e, pois que me desobedeceste, não tornes a ela.

Ângelo recebeu o dinheiro atado no lenço, e desceu a escada precipitadamente.

Maria, voltando-lhe as costas, encontrou diante de si o tenente Gonçalo Pereira que a seguira.

— Muito bem, Maria! Eu te adoro hoje mil vezes mais do que ontem!

Maria, sorrindo feliz, estendeu para Gonçalo o pescoço e recebeu nos lábios um beijo do amante amado.

— Quero jogar prendas! gritou ela, entrando na sala.

— E eu também! disse Gonçalo Pereira perdido de amor.

O jogo de prendas terminou, e Maria, levando outra vez Gonçalo Pereira para a janela, disse-lhe:

— Afortunado e doce entretenimento! Abraçamo-nos dez vezes e nos beijamos outras tantas!

— E era isso o que eu devia agradecer-te esta noite? perguntou Gonçalo.

— Achas pouco?

— Muito, e pouco.

Maria sorriu-se ternamente e apertando a mão do jovem e apaixonado oficial, tornou dizendo-lhe:

— Não era isso o que eu pensava que me agradecerias, o que ainda penso que me agradecerás.

— Então o quê? . . .

— O que não contavas e nem sequer me pediste! Adivinha! Gonçalo adivinhou imediatamente.

— Passarmos juntos o resto da noite, Maria?

— Sim; mas sob uma condição. . .

— Qual?

— Dir-me-ás o que me escondes; quais são os projetos de Alexandre Cardoso relativamente à filha do carpinteiro. . .

— Sempre vil espião!

— Gonçalo!. . .

— Esta imposição me desatina, e eu declaro que não é possível continuar a obedecer-te.

— Tão pouco mereço eu!

— Ah Maria! tu não me dás, vendes-me o teu amor a preço de deslealdade e de desonra minha!

A bela cortesã, inclinando a cabeça para murmurar um segredo ao ouvido do amante, tocou com os lábios na face dele, e depois continuou

do a conversar, torcia levemente com os dedos a ponta do negro bigode do elegante militar.

Dejanira cativava a Hércules.

Gonçalo, abrasado em apaixonadas flamas, jurou dizer-lhe quanto sabia, quando estivessem sós.

— Por que não agora? perguntou Maria.

O tenente corou e disse tremendo e com os dentes cerrados:

— Porque tu és escrava, e eu não sei se teu senhor te quererá deixar livre.

Maria corou por sua vez, teve um ímpeto de cólera; mas dominou-se e tornou a falar.

— E se eu o fizer sair já? . . .

— Já? . . .

— Em cinco minutos.

— Dir-te-ei tudo imediatamente.

Maria saiu da janela, dirigiu-se à sala do jogo, sentou-se junto de Alexandre Cardoso e disse-lhe ao ouvido:

— Há meia hora que um soldado da guarda do vice-rei veio trazer uma carta dirigida a ti.

— Onde está a carta?

Maria mostrou; mas não entregou a carta.

— Dá-ma, disse Alexandre Cardoso; é talvez alguma ordem do vice-rei. . .

— Não é do Conde da Cunha. . .

— Qu'importa? Seja de quem for; dá-ma.

— Aqui não, respondeu Maria, retirando-se.

Alexandre Cardoso seguiu a cortesã até um gabinete, onde ela entrou.

Maria voltou-se e com voz alterada e os olhos em fogo, disse, mostrando a carta em sua mão:

— Esta letra é de mulher! . . .

Alexandre Cardoso riu-se do acesso de ciúme da amante.

— Semelhante carta mandada a minha casa é uma zombaria, uma injúria a que não me resigno!

— Maria, não há mulher que me escreva; tranqüiliza-te.

— Oh! . . . tranqüilizar-me! . . . exclamou a cortesã, misturando o furor com as lágrimas que dos olhos lhe romperam.

Alexandre Cardoso comoveu-se, ou quis pôr termo à questão e disse:

— Convence-te de que és louca: abre a carta, e lê o nome de quem me escreve.

Maria, trêmula de irado ciúme, rasgou o sobrescrito, dobrou o

papel, e vendo a assinatura, sorriu-se e balbuciou um pouco confundida, entregando a carta, que não quis ler:

— Perdão, Alexandre.

O ajudante oficial-de-sala empalideceu, lendo o que lhe comunicavam, e visivelmente contrariado falou a Maria.

— É forçoso que eu te deixe: um caso imprevisto reclama a minha presença fora daqui; até amanhã.

E, beijando a mão da cortesã, foi à sala do jogo recolher o seu dinheiro, e saiu apressado.

Maria tinha aberto e lido a carta, em que um dos pretegidos de Alexandre Cardoso, e encarregado de dar-lhe conta de quanto se passasse com o vice-rei, de quem era criado, lhe anunciava que Jerônimo Lírio fora recebido em audiência particular pelo Conde da Cunha, e estava com este em conversação muito animada.

O ciúme da cortesã fora um embuste para encobrir o repreensível abuso do rompimento do selo da carta.

Quando Maria voltou à sala, Alexandre Cardoso já se tinha retirado; ela correu à janela, onde Gonçalo a esperava, e perguntou-lhe:

— Que há em relação à filha do carpinteiro?

— É uma bonita menina que nobremente resiste a toda espécie de sedução.

— E ele? o sedutor?

— A ele próprio nada ouvi; porque confesso que desde algumas semanas me furto às confidências e à intimidade de Alexandre Cardoso.

Maria fez um movimento de contrariedade.

— Um dos seus amigos porém há pouco me revelou um plano atroz, a idéia de um duplo crime. . .

— Qual?

— Aproveitando o isolamento da casa do carpinteiro, Alexandre Cardoso a fará incendiar, e a pretexto de acudir ao incêndio, será presente, e conta poder violentar ou raptar a pobre donzela.

— Quando se efetuará este projeto criminoso?

— Amanhã ou qualquer dia.

— A menina chama-se Emiliana. . . o pai Marcos Fulgêncio. . .

— Não sei; como o sabes tu, Maria?

— É que tu dormes, e eu velo, Gonçalo; nada sabes, e eu sei muito por isso.

— Oh! mas eu também sei muito, sei demais! . . .

— O que, mentiroso? . . .

— Adorar-te, feiticeira! . . .

Maria beijou a fronte de Gonçalo, e fugia-lhe; ele, porém, deteve-a, segurando-a pelo vestido e perguntou:

— Não basta de canto, de dança e de jogo, Maria?

A cortesã lançou sobre Gonçalo um olhar voluptuoso e delirante.

— Tens razão, respondeu ela; é tarde; as velas estão gastas, as luzes quase a apagar-se: que outras luzes, pois, se acendam.

E meia hora depois, estavam sós Gonçalo e Maria.

Desde alguns meses o Conde da Cunha começara a meditar sobre a possibilidade do comprometimento do seu nome e da sua reputação em abusivo e criminoso proveito do seu ajudante oficial-de-sala, e não menos sobre alguns indícios, que no murmurar do povo eram provas dos costumes desregrados e da vida desmoralizada de Alexandre Cardoso.

Encantado pela atividade e inteligência do tenente-coronel do regimento velho, a quem chamara para o gabinete do governo da Colônia, o Vice-Rei Conde da Cunha, durante os primeiros anos desprezara e até castigara todas as queixas e denúncias dadas contra Alexandre Cardoso, não só pela habilidade com que este se defendia, como pela recente lembrança do muito que sofrera o Conde de Bobadela em insultuosas cartas anônimas, que também então chegavam às mãos do vice-rei, cheias de acusações contra o seu querido ajudante oficial-de-sala.

Ultimamente, porém, um inimigo muito mais terrível operava incógnito, atacando Alexandre Cardoso.

Não se passava semana em que o Conde da Cunha não recebesse uma espécie de relatório da vida desordenada do seu ajudante oficial-de-sala, sendo para notar que às vezes o sinistro semanário preanunciava casos que efetivamente se realizavam.

As censuráveis relações de Alexandre Cardoso com Maria de . . ., a influência desta, fazendo-se sentir na administração, o patronato produtivo exercido por aquele, sua paixão em jogo, seus desregramentos e atentados contra o pudor e a moral, a venda de alguns empregos, a isenção do recrutamento a preço ajustado, as violências e imposições excessivas que se atenuavam ou desapareciam, conforme a importância de ajustes particulares, tudo enfim o vice-rei recebia comunicado no infalível semanário escrito de modo a disfarçar completamente a letra.

O Conde da Cunha fora por esse meio informado da paixão em que Alexandre Cardoso se abrasava pela filha mais moça de Jerônimo Lírio,

e dos esforços que ele empregava para cativar a gratidão do pai da bela menina, e introduzir-se no seio da família Lúrio como amigo e protetor.

Até fevereiro de 1766 os relatórios anônimos e semanais influíram pouco no espírito do Conde da Cunha; recebidos com a desconfiança que merecem denunciadores inimigos que ferem à traição, esses escritos conseguiram ao menos abalar um pouco a cega confiança que o vice-rei depositava no seu oficial-de-sala, mas no domingo do carnaval a carta e o bilhete que Jerônimo Lúrio foi apresentar, produziram impressão profunda no ânimo do Conde da Cunha, porque demonstraram que o secretário do governo abusava da sua posição e do nome do chefe da administração do Brasil servindo-se de uma e de outro para seus empenhos particulares e reprovados.

O Conde da Cunha sabia que Alexandre Cardoso era jogador e apaixonado do belo sexo; não acreditando, porém, que ele se entregasse doidamente a essas duas paixões, como seus inimigos propalavam, perdoava-lhe esses defeitos em atenção a essas qualidades; mas os fatos começavam a provar que o ajudante oficial-de-sala comprometia o vice-rei.

Suspeitoso enfim, e disposto a dissimular, o conde recebeu na manhã da segunda-feira, a Alexandre Cardoso com a mesma bondade com que sempre o fazia e perguntou-lhe se mais alguma novidade ocorrera no dia antecedente.

O ajudante oficial-de-sala estava prevenido.

— Nada mais, sr. Vice-Rei, respondeu ele; a proibição do entrudo foi geralmente observada; deu-se, porém, uma única exceção muito escusável: o honrado negociante Jerônimo Lúrio, jogando o entrudo na sua chácara da Gamboa, tolerou infelizmente que, contra o preceito dos editais fixados, mercadores de limões de cheiro fossem vendê-los no terreiro de sua casa; recebendo denúncias do fato e observações sobre minha parcialidade a favor desse negociante, feitas por amigos que gracejaram comigo, aludindo a uma nova colônia, de que sou vítima, escrevi uma carta oficial muito severa a Jerônimo Lúrio, intimando-o para vir hoje, ao meio-dia, explicar-me o seu procedimento; preparada assim esta satisfação para o público, mandei dentro da carta um bilhete, tranquilizando o bom velho negociante.

O Conde da Cunha fingiu que de leve se sorria.

— Tranquilizando-o. . . como? . . .

— Em breves palavras deixei entender que fora indispensável dirigir-lhe a severa carta; mas que hoje eu conseguiria tudo quanto não pudera conseguir ontem. . .

— Entendo: o vice-rei Conde da Cunha é o déspota, e o seu ajudante oficial-de-sala a bandeira da misericórdia; é isso? . . .

— Mudado o nome déspota em magistrado severo e reto, é isso mesmo, senhor.

— Explique-se então melhor.

— Tarde e quando V. Ex.^a já se havia recolhido, escrevi eu a carta e o bilhete em questão; resolvi por mim mesmo, porque o fato não tem conseqüências, e não devia por tão pouco incomodar a V. Ex.^a; mas, escrevendo, *cumpria-me fazer partir a ordem em nome do Vice-Rei*, e indicar que eu interviria hoje e conseguiria o completo esquecimento da desobediência de Jerônimo; porque de outro modo, e pondo de lado o Sr. Vice-Rei, que é quem governa e manda, diria o negociante que eu também governo e mando na Colônia.

Alexandre Cardoso tocara no fraco do Conde da Cunha.

— Assinou o bilhete? perguntou ele.

— Não, senhor, e desfigurei a letra.

— Por quê?

— Poderia dar-se o caso de Jerônimo Lúrio perdê-lo.

— Fez bem.

— Deixei cópia da carta e do bilhete, que o Sr. Vice-Rei lerá, quando quiser.

— Já os li, disse o Conde da Cunha.

— Como? Onde, senhor? . . . perguntou o ajudante oficial-de-sala com admiração perfeitamente fingida.

— Jerônimo Lúrio mos apresentou ontem, à noite.

— Ah! segue-se que ele desconfiou de mim.

— Eu o creio também.

— Dói-me isso: é um homem de bem, que me desconsidera e me desestima.

— Sem motivo? . . .

— A pergunta de V. Ex.^a me confunde.

— Ele não, mas alguém me disse que o meu ajudante oficial-de-sala ama uma das filhas de Jerônimo Lúrio.

— E é verdade, Sr. Vice-Rei.

— E que procura por todos os meios relacionar-se com a família da menina amada. . .

— Por todos os meios lícitos, também é verdade.

— E com que fim?

— Com o único fim honesto. . .

— Queria casar-se?

— Poderia eu ter outro pensamento? . . .

— Há quem o suponha, Sr. Alexandre Cardoso.

— O pai, Sr. Vice-Rei? . . .

— Muito orgulhoso, não lhe ouvi uma palavra a esse respeito; é, porém, certo que ele não faz honra aos seus sentimentos.

— Sr. Vice-Rei, tenho um meio seguro, infalível de manifestar

e provar a pureza de minhas intenções, e as torpes calúnias dos inimigos de V. Ex.^a, que são os únicos que conto.

— Qual é esse meio?

— Sou nobre, e tenho já no exército elevada patente; mais do que isso, o ajudante oficial-de-sala do vice-rei, que é o Sr. Conde da Cunha, não pode ser homem absolutamente obscuro.

— Certamente.

— Pois bem: V. Ex.^a que tem sido o meu protetor, o meu segundo pai, patrocine esse amor de que me fazem um crime, e faça com que se realize o meu casamento com a filha mais moça de Jerônimo Lúrio.

O rosto do Conde da Cunha expandiu-se.

— Senhor Alexandre Cardoso, disse ele, descansando a mão direita no ombro do seu secretário; acaba de tirar-me um peso horrível que me esmagava o coração; vá trabalhar; hoje mesmo farei o que me pede, e quero ser uma das testemunhas do seu casamento.

O ajudante oficial-de-sala beijou a mão do vice-rei.

— Ao meio dia Jerônimo Lúrio se apresentará.

— Depois de ter falado ao Sr. Vice-Rei?

— Eu sei manter a força moral dos meus subalternos.

Alexandre Cardoso curvou-se, agradecendo.

— Diga o que julgar melhor ao pai da sua noiva, na certeza do bilhete, e diga-lhe enfim, de minha parte, que esta tarde hei de ir visitá-lo à sua chácara da Gamboa. Vá trabalhar.

Alexandre Cardoso saiu.

— Como se julga mal e injustamente dos homens! . . . Como se caluniam aqueles que carregam com o peso e com a responsabilidade do governo! . . . disse consigo o Conde da Cunha.

Alexandre Cardoso acabava de reconquistar toda a confiança do vice-rei.

Uma visita do vice-rei era um acontecimento extraordinário que se marcava, como título de honra, no livro da família visitada. Jerônimo Lfrio, sem dúvida ufano, mas um pouco desconfiado da inesperada distinção, preveniu logo a sra. Inês do que deveria esperar, e demorou-se apenas duas horas na cidade, fazendo compras e despachando portadores.

Às cinco horas da tarde, o caminho da Gamboa estava em seus piores lugares consertado por mais de trinta escravos que se ocupavam desse serviço, e a casa do rico negociante pronta a receber o hóspede quase real.

A sala principal ostentava sua mobília rica, severa e pesada; as mesas e bufetes eram de jacarandá e ornados de custoso trabalho de talha; as cadeiras, também de jacarandá e com o mesmo trabalho, eram de espaldar e de assento de couro lavrado e brunido; as paredes e o teto pintados a fresco e com mais luxo e riqueza do que hoje se observa, tinham sido fácil e cuidadosamente escovados. A sala de jantar, ornada no mesmo gosto, apresentava imensa mesa ocupada por inúmeros pratos de riquíssimo banquete; a louça era a mais fina da Índia, e o resto do serviço de prata e de ouro; as toalhas, do mais fino tecido custosamente bordadas e com as melhores rendas nas cercaduras. A profusão e variedade dos doces excedia o mais exagerado cálculo em repentino banquete.

Melhor que tudo, ainda de mais apurado gosto — sempre a idéia religiosa na vida da família — o oratório grande e de elevado valor material, também de jacarandá e de perfeitíssima obra de talha, estava, como em ação de graças pela honrosíssima visita, armado e brilhantemente iluminado com velas novas e brandões.

A Sra. Inês, vestida ricamente, e com dezenas de contos de réis, ou de mil cruzados, como então se contava, em brilhantes nas orelhas e no colo, as duas meninas trajando finíssimos vestidos brancos de subido preço, e enfim, Jerônimo Lfrio, de casaca, jaleco e calções de veludo, e calçando sapatos com fivela de ouro encaستoadas de brilhantes, enfeitado com primo-

rosa cabeleira apolvilhada, e com babados de delicadíssimo trabalho no peito e punhos da camisa, esperavam ansiosos o vice-rei Conde da Cunha.

Nos atropelados e urgentíssimos serviços e cuidados dessa metade de um dia, o concurso de Isidora foi do mais útil auxílio: enquanto a Sra. Inês e as duas meninas cuidavam do banquete e especialmente dos doces, Jerônimo do conserto do caminho e do asseio da sala, ela tomara sobre si a armação, ornamento e iluminação do oratório e do respectivo gabinete, muito menos ansiosa e precipitadamente; porque não devendo aparecer ao vice-rei, não se preocupou com a lembrança do toucador.

Jerônimo entrou no gabinete do oratório, quando já se achava vestido e pronto para receber o vice-rei, e tão satisfeito ficou do que viu, que foi abraçar Isidora, a quem encontrou sentada e lendo placidamente.

Depois de abraçar a bela hóspeda com liberdade só escusável em um velho, perguntou-lhe:

— Por que não mudou de vestido? . . .

— Primeiramente, porque suponho que não devo aparecer, e em segundo lugar, porque realmente não tenho melhor.

Jerônimo saiu e dali a pouco trouxe a Isidora o melhor vestido branco da Sra. Inês.

— Os das meninas não podem chegar-lhe, disse ele; o de minha mulher talvez lhe sirva; experimente.

— Mas, devo eu mostrar-me? . . .

— Sem dúvida: o vice-rei não é espião, e de quem mais se arrisca, menos se desconfia.

O vestido da Sra. Inês serviu às mil maravilhas a Isidora, e apenas, embora rastejante, quando no corpo de sua verdadeira dona, podia ofender um pouco o rigor da moda, por deixar demasiado à mostra os pés delicados da bela moça asilada.

Jerônimo Lírio, que apesar de toda a sua gravidade, andava afofismado, e fora do seu natural com a idéia ufanosa da visita do vice-rei, exclamou, vendo Isidora trajando o vestido da Sra. Inês:

— Admirável! . . . Está bonita e elegante, como as meninas! Quero encantar o Conde da Cunha: nãhã e sinhazinha hão de dançar e . . . a senhora dança? . . .

— Muito desajeitadamente; canto, porém, menos mal do que danço.

— Pois as meninas dançarão, e . . . a senhora cantará, sim? . . .

— Farei tudo que me ordenar.

Um escravo correu a anunciar que o Vice-Rei Conde da Cunha se aproximava.

Jerônimo e as quatro senhoras precipitaram-se ao encontro do grande hóspede.

O Conde da Cunha chegava a cavalo seguido de uma guarda de doze soldados de cavalaria, e enquanto as quatro senhoras ficaram imóveis no terreiro e perto da escada do terraço, Jerônimo Lírio avançou alguns passos para segurar no estribo do vice-rei, como de fato assim procedeu.

O ilustre fidalgo e chefe do governo do Brasil-Colônia dignou-se de apertar a mão do rico e honrado negociante e foi logo cumprimentar as senhoras, subindo imediatamente a escada e entrando na sala antes de todos, e aí recebeu os primeiros agradecimentos de Jerônimo, que lhe apresentou designadamente sua mulher, suas filhas, e Isidora como sua hóspeda.

O Conde, tornando-se amável, dispensou palavras agradáveis a cada uma das senhoras, demorando-se alguns momentos mais do que com as outras, quando dirigiu-se à menina Inês, e voltando-se para Jerônimo, disse-lhe:

— Já ouvi gabar a beleza de suas filhas, e contaram-me que o povo da cidade as alcinhou, chamando-as os *dois lírios*: desta vez o povo do Rio de Janeiro tem razão.

As meninas, que se atreviam a levantar os olhos, coraram de modestia e abismaram-se em confusão.

O Conde da Cunha, lançando então os olhos em torno de si, viu todas as portas escancaradas, todas as salas patentes, e em frente o gabinete ornado e iluminado, onde o oratório estava aberto e compreendendo a lisonjeira significação do religioso obséquio, dirigiu-se ao gabinete e fez íntima e curta oração ajoelhando-se sobre uma almofada de veludo verde: ajoelhados também rezaram Jerônimo e as senhoras e quando o conde persignava-se para levantar-se, Isidora cantou suavemente um *simplex hino religioso* em ação de graças a Deus pela honra da visita do vice-rei, que, levantando-se enfim, examinou o oratório e as imagens, e retirou-se, permitiu a Jerônimo que cerrasse as portas do gabinete em respeito às imagens que expostas ficavam ainda.

Depois de conversar algum tempo com a família de Jerônimo, o conde foi ao terraço e encarceu a feliz posição da casa, e a esmerada disposição e o cultivo da chácara, e tornando à sala, recebeu da senhora Inês o pedido de aceitar uma colher de doce.

Um momento depois o vice-rei entrou na sala de jantar e viu diante de si o mais esplêndido e delicado banquete, e fazendo com que as senhoras e Jerônimo se sentassem com ele à mesa, disse sorrindo:

— Eu não tinha conhecimento da existência de um palácio encantado na capital da colônia!

E honrou o banquete de modo a satisfazer os hóspedes que tão galhardamente o recebiam.

Um escravo calçado e trajando libré nova e de luxo servia exclusivamente o Conde da Cunha, mudando-lhe os pratos e talheres.

No fim de cerca de meia hora o vice-rei levantou-se da mesa e fez mudamente a oração de graças.

Um outro escravo tão ricamente trajado, como o outro, apresentou-se, finda a oração, ao conde com um jarro e prato de ouro e finíssima toalha.

Enquanto o vice-rei lavava os dedos, Jerônimo tirou do bolso e deu ao primeiro escravo uma folha de papel dobrada em quatro, e quando o vice-rei acabou de enxugar os dedos, Jerônimo tirou do bolso outra folha de papel semelhante e a entregou ao segundo escravo.

O Conde da Cunha não compreendeu e teve curiosidade de saber o que significava aquela entrega de folhas de papel.

— Que papéis são esses? perguntou.

— Senhor Vice-Rei, os escravos que tiveram a honra de servir hoje imediatamente a V. Ex.^a, nunca mais servirão como escravos a outra pessoa.

Eram pois dois escravos que ficavam libertos.

O vice-rei saiu comovido da mesa do banquete.

A guarda do vice-rei foi com permissão deste introduzida na sala do jantar deixada pelo nobre senhor, que ao ver entrar os soldados, disse gracejando, o que raramente fazia:

— Invejo aqueles estômagos de tarimba! Mas eu tenho melhor livro do que eles para perpetuar a nota desta visita: eles não de lembrá-la pelas doze saudades de seu estômago, e eu pela memória grata do coração.

A um sinal de Jerônimo a senhora Inês foi sentar-se ao cravo, e as duas meninas levantaram-se, e ao som da música dançaram com explicável acanhamento, mas com graça natural, merecendo ser abraçadas de leve pelo vice-rei.

Isidora tomou em seguida uma guitarra, e cantou uma balada, e um lundu que era gracioso sem ter a menor inconveniência.

A voz de Isidora era um contralto admirável, e ou fosse o encanto dessa voz, ou talvez a novidade daquele gênero de música para o sempre recolhido e melancólico Vice-Rei Conde da Cunha, certo é que este fez Isidora repetir o seu lundu já cantado, e cantar ainda outros.

Às nove horas da noite marcadas no relógio do conde, disse este:

— Cheguei antes das seis horas, contava estar de volta às sete, e eis-me ainda aqui às nove, em que de costume recolho-me aos maus aposentos! . . .

Jerônimo curvou-se profundamente.

— O senhor e sua família improvisaram para obserquiar-me uma recepção real, de que jamais me esquecerei. Se alguma destas três meninas, ou se, como desejo, todas se casarem com aprovação de seus pais antes da minha retirada da colônia, quero ser testemunha de seus casamentos, e darei a cada uma delas o seu vestido de noivado: é um favor que peço.

Jerônimo tornou a curvar-se.

O vice-rei estava distribuindo as suas graças.

— Ouvi, continuou ele, a menina Isidora tratar a chefe da família por senhora Inês, esquecendo um título. . .

— Eu sou humilde plebeu, observou Jerônimo; minha mulher não tem *dona*. . .

— Pois terá esse título que vou mandá-lo impetrar, como há de o digno esposo da senhora dona Inês ser cavaleiro da Ordem de Cristo, se ainda mereço, como suponho, a confiança del-Rei nosso senhor.

Jerônimo respondeu:

— O senhor Vice-Rei nos confunde com tanta bondade e proteção: nós bendiremos de todas as graças que nos vierem por intervenção tão honrosa; mas a maior honra já a tivemos nesta singular e gloriosa visita.

— Agora, disse o conde, que as senhoras vão descansar do incômodo que lhes dei; antes de retirar-me preciso conversar a sós com o senhor Jerônimo Lírio.

As senhoras levantaram-se e despediram-se do vice-rei, que com elas repartiu obsequiosas amabilidades.

O Conde da Cunha ficou na sala com Jerônimo.

O Conde da Cunha estava na verdade penhorado pela recepção que tivera na visita a Jerônimo, o conserto do caminho, o recebimento pelas senhoras no terreiro, a oração religiosa no oratório brilhantemente ornado e iluminado, a riqueza do banquete, a alforria dos dois escravos que o serviram à mesa, a dança e o canto das meninas, e tudo isso combinado e realizado em cinco horas, tinham sido trabalhos e festas de improviso, e de cortesia delicada, que obrigam a gratidão.

Mas fazendo promessas de obséquios e de graças na mesma ocasião e com evidente falta de bom e melindroso gosto, o vice-rei talvez tivesse a idéia de dominar pela vaidade e pela ambição de distinções os sentimentos e a vontade do austero e teimoso velho português.

— Senhor Jerônimo, disse ele; desde que me fiz seu hóspede, reconheci-me seu amigo.

— Eis aí a minha ufania, e o meu maior galardão, senhor Vice-Rei.

— Pois bem; falemos, conversemos, como amigos que somos e devemos ser, e vamos direto à questão de que desejo ocupá-lo.

Jerônimo esperou silencioso que o vice-rei anunciasse a questão.

— Que juízo faz do meu ajudante oficial-de-sala?

— O pior possível, respondeu com segurança o velho negociante.

— Por quê?

— Eu já tive a honra de dizer ao senhor Vice-Rei, que em caso algum me farei denunciante.

— Aqui não está o vice-rei, está o amigo que interroga o amigo para oferecer-lhe ou não oferecer-lhe uma proposição importante.

Jerônimo adivinhou o pensamento e o empenho do Conde da Cunha, e disse com ampla franqueza:

— O dia mais glorioso da minha vida vai acabar desconsolado e triste; porque o senhor Vice-Rei veio distinguir-me altamente com a honra

da sua visita para dar-me uma ordem a que não poderei obedecer.

— Então. . .

— Senhor, eu sou como pai responsável a Deus pelo futuro e pela felicidade de minhas filhas, e em nome de Deus jamais convirei em que alguma delas seja esposa do tenente-coronel Alexandre Cardoso.

— Entretanto ele é cavaleiro nobre.

— Não é, porém nobre cavaleiro.

— Ainda! . . .

— E sempre, senhor Vice-Rei: pelo chefe supremo da sala respeito quanto devo e posso ao seu ajudante oficial; mas a consciência e o amor paternal não me permitem fazer de Alexandre Cardoso marido de minha filha.

— E se eu respondesse por ele? . . .

— Oh! Com todo o respeito digo que o senhor Vice-Rei já responde demasiado por ele no governo da colônia: é um vassalo fiel de El-Rei nosso senhor que fala assim; agora o que como pai sei e posso dizer, é que esse homem jogador frenético, libertino sem freio, sedutor que tem feito a vergonha e o infortúnio de não poucas famílias, não está no caso de merecer a minha confiança.

— É então inexorável com um jovem fidalgo, que apenas tem exagerado mais do que devia os defeitos próprios da sua idade? . . .

Jerônimo Lírio respondeu sem mudar de tom.

— Sei bem que não passo de humilde peão de baixa classe; pela minha honra porém declaro que me senti ultrajado, quando senti que esse fidalgo ousava levantar os olhos para minha família.

O vice-rei tinha feito voto de paciência, e via bem que tratava com um português velho e cabeçudo; insistiu pois, dizendo:

— Mas, levantando os olhos para sua família, Alexandre Cardoso o fez com as mais puras intenções, e a prova é que o fim desta conversação confidencial foi ainda há pouco adivinhado. Vim pedir-lhe, e peço-lhe a mão de sua filha Inês para o meu. . .

— Ah, senhor Vice-Rei! . . . perdão! . . . exclamou Jerônimo.

— Suas prevenções contra Alexandre Cardoso o tornam injusto: ele joga, mas deixará de jogar; tem freqüentado demais a casa de uma cortesã lamentavelmente célebre: não continuará porém a fazê-lo. Eis aí os graves senões, as tristes desculpas que com verdade se atribuem ao meu ajudante oficial-de-sala; eu as condeno; mas vão lá achar um santo entre mancebos e principalmente entre os dos regimentos velho e novo! São erros repreensíveis; todavia desde que são corrigidos, esses erros não desonram o futuro, porque não perpetuam a desonra, ou antes as nódoas do passado.

Jerônimo não respondeu, e o conde prosseguiu:

— Fora disso, bem sei, amontoam-se ainda tremendas acusações,

a décima parte das quais bastaria para levar Alexandre Cardoso à força: a sedução de donzelas, as extorsões e as violências em nome do governo, o peculato, formariam a lista dos seus crimes; donde porém as provas?

— As provas, senhor Vice-Rei... as provas?

— Acabe... sei que não tem intenção de ofender-me...

— As provas... o senhor Vice-Rei deve procurá-las.

— O Vice-Rei tem recebido cem cartas anônimas, como as que se escrevem contra o Conde de Bobadela; o povo desta capitania foi sempre mais ou menos altaneiro, e sofre de má vontade e morde o freio do governo; daí mil calúnias arrojadas para tormento e descrédito daqueles que governam; e a pior é que os próprios homens de bem, como o negociante Jerônimo Lúrio, acabam por acreditar nos aleives multiplicados e repetidos.

— E porque o senhor Vice-Rei duvida sempre, o povo é vítima do ajudante oficial-de-sala.

— Um fato com a prova...

— Senhor, eu cuido só da minha vida, e nunca pensei em recolher provas dos atentados e dos abusos do tenente-coronel Alexandre Cardoso.

— Eis aí...

Jerônimo Lúrio cruzou os braços e disse:

— O senhor Vice-Rei me fez a honra de dizer há pouco: "conversemos como dois amigos que somos"; se pois mereço o nome de amigo, assiste-me o direito de falar franco.

— Sem dúvida.

— O senhor Vice-Rei deve vigiar melhor o seu ajudante oficial-de-sala.

O Conde da Cunha turbou-se.

— Vossa Excelência tem confiado nele além dos limites da prudência...

O vice-rei encrespou as sobranceiras.

— Perdão, senhor; é o amigo que fala.

— Tem razão, disse o conde, serenando: continue.

— Se o senhor Vice-Rei, sem desconfiar do seu ajudante oficial-de-sala, mas também não confiando demasiado nele, ouvir com paciência os queixosos, e por si aprofundar o estudo dos fatos de que se fazem pontos de acusação, não precisará pedir provas dos crimes de Alexandre Cardoso, a pessoa alguma, e reconhecerá que ele tem sido fatal ao seu governo.

— Senhor Jerônimo Lúrio, pela segunda vez e agora ainda mais clara e positivamente acaba de dirigir-me grave censura.

Jerônimo curvou-se e não se desculpou.

— Insiste no que disse? perguntou o conde.

— Insisto, senhor Vice-Rei, e digo mais; ousei e ousei desobede-

cer a V. Ex.^a, não concedendo a mão de minha filha Inês ao ajudante oficial-de-sala de V. Ex.^a.

O conde fez um movimento de despeito.

Jerônimo continuou:

— Mas se o senhor Vice-Rei quiser vigiar mais cautelosa e atentamente o seu secretário, e no fim de dois meses não se achar convencido das minhas rêspeitosas prevenções de amigo, comprometo-me a aprovar e a realizar o casamento de minha filha com o tenente-coronel Alexandre Cardoso.

O rosto do conde expandiu-se.

— Senhor Jerônimo Lírio, disse ele; aceito o compromisso e farei o que me aconselha; tenho nisso maior interesse; pois que na condição que me oferece, compreendo a profundidade das suas convicções contrárias ao meu secretário do governo, e a grandeza da sua amizade a minha pessoa.

E dando a mão a Jerônimo, acrescentou:

— Retiro-me, levando a segurança da sua palavra.

— Eu, senhor Vice-Rei, fico tranqüilo com a certeza de que o casamento não se realizará.

O conde da Cunha que havia já dado alguns passos, voltou-se e ainda ajuntou:

— Não preciso recomendar-lhe segredo sobre o seu compromisso condicional: quero que todos absolutamente o ignorem; é matéria de que nem nós mesmos teremos de falar até o prazo de dois meses; direi a Alexandre Cardoso que não pude vencer a sua opposição ao casamento de sua filha com ele.

Jerônimo acompanhou o vice-rei, e no terreiro recebeu a última despedida, e não se esqueceu de segurar no estribo, quando o conde montou a cavalo.

O vice-rei partiu; quatro pajens de Jerônimo, levando lanternas, galopavam adiante, esclarecendo o caminho.

Eram dez horas da noite, quando o Conde da Cunha apeou-se à porta principal da casa dos vice-reis, que aliás ainda não se chamava e só para clareza chamamos palácio.

Satisfeito dos obséquios que recebera, o vice-rei voltara contudo da sua visita preocupado e entregue a pesadas reflexões: o homem da sua confiança era objeto de reprovação geral e Jerônimo Lírio, um tipo de austeridade e honradez, o apontara como criminoso e fatal ao vice-reinado, e, muito mais ainda, assinalara com respeito, mas tão claramente, o desmazelo do chefe do governo da colônia que chegara a prometer o casamento de sua filha, se ele, o vice-rei, vigiando melhor o seu ajudante oficial-de-sala, não reconhecesse em dois meses a indignidade deste, e a própria e repreensível cegueira.

O conde duvidava: os velhos são teimosos por vaidade, e aferados a suas afeições por fraqueza; mas a franqueza nobre de Jerônimo, e o compromisso por este tomado, o obrigava também a vencer, a domar os seus sentimentos de simpatia, favor e confiança que tanto aproveitavam a Alexandre Cardoso no dizer de todos. Disposto, decidido a pôr em ação a mais apurada vigilância e esmerilhado estudo dos negócios, subia as escadas do palácio, quando ouviu o dobre dos sinos, anunciando incêndio, e logo ordenou que de novo lhe trouxessem o mesmo cavalo, em que chegara, ou que imediatamente selassem outro.

Cinco minutos eram apenas passados e o vice-rei ia montar a cavalo apesar da idade e da fadiga; mas um soldado de cavalaria chegou a correr, trazendo uma comunicação verbal de Alexandre Cardoso, segundo a qual o incêndio era de pouca importância, devorava uma pequena casa isolada no fim da praia de Santa Luzia, e todas as providências estavam já tomadas.

O Conde da Cunha, abençoando ainda uma vez a atividade do seu ajudante oficial-de-sala que o poupava a tantos incômodos, tornou a subir as escadas, e despedindo os criados e dispensando a ceia, retirou-se para o seu quarto, sendo apenas acompanhado pelo seu criado particular, o velho soldado que servira em Mazagão, o seguira para Angola, e em seu serviço viera também para o Brasil.

Era, já ficou dito, um homem rude, analfabeto, mas fiel e dedicado, e que apesar dos seus sessenta anos valia dez moços em bravura, e um leão em força. Em Angola escapara milagrosamente a uma febre perniciosa com derramamento cerebral; ficara porém mudo em consequência de paralisia da língua.

Germiano, que assim se chamava o criado mudo, apenas chegou ao gabinete do amo, entregou-lhe uma carta.

Conhecido como exclusiva e, por assim dizer, religiosamente dedicado ao Conde da Cunha, Germiano era de ordinário o portador escolhido para certas cartas anônimas, que por diversos e variados ardis lhe chegavam às mãos sem que se atraçoasse ou descobrisse quem as escrevia.

O vice-rei abriu e leu a que acabava de receber, e que dizia o seguinte: “Cego e surdo Vice-Rei; é força que se antecipe o meu relatório da semana que apenas começa, para dar-te duas notícias e uma prevenção; eis as notícias: Alexandre Cardoso ontem à noite jogou doidamente a banca em má companhia na casa da cortesã audaciosa que por ele governa como vice-rei de toucado e leque. — Às nove horas da noite foi entregue a Alexandre Cardoso na casa imoral uma carta de um dos criados do vice-rei de calções, anunciando-lhe que este recebera em suspeitosa audiência o velho negociante Jerônimo Lírio, e o oficial-de-sala deixou precipitadamente o jogo, e saiu para informar-se miudamente do que se passara. — Limitam-se a estas as minhas notícias do passado que foi ontem: agora receba o cego e surdo vice-rei de calções a prevenção de um crime que se projeta. Na noite de hoje ou em alguma das mais próximas será incendiada a pequena casa do carpinteiro Marcos Fulgêncio na praia de Santa Luzia, e aproveitando a desordem e a confusão que sempre se observam nos incêndios, Alexandre Cardoso ou raptará ou violentará a honesta filha do pobre carpinteiro. — Parabéns ao cego e surdo vice-rei de calções por estas flores do seu vice-reinado. — *Post Scriptum*: a cortesã, vice-rei de toucado e leque, começa a ressentir-se do arrefecimento da paixão de Alexandre Cardoso, e solícita aproveita a luz do seu ocaso para arranjar os últimos afilhados (que prometem pagar bem) em empregos e em postos dos novos terços criados. — Adeus e até breve, cego e surdo Vice-Rei. — Alma do outro mundo”.

O Conde da Cunha amarrotou com raiva a carta insolente, apertando-a na mão; impressionado, porém, pela prévia notícia do incêndio, perguntou ao criado:

— A que horas te deram esta carta?

Germiano levantou a mão direita, estendendo os cinco dedos, e logo a esquerda, estendendo somente três.

— Às oito horas?

O mudo fez com a cabeça sinal afirmativo.

— Foi prévia a notícia, murmurou o vice-rei.

E tendo refletido alguns momentos, disse a Germiano:

— Faça com que se tranquem todas as portas, e que todos se recolham a seus quartos para dormir, e volta.

Um quarto de hora depois Germiano de novo se apresentou.

— Tudo está fechado? perguntou o conde.

O mudo respondeu que sim com o movimento da cabeça.

O vice-rei atirou a Germiano uma capa que podia envolvê-lo todo, cobriu-se com outra igual em dimensões, tomou o chapéu modesto e comum, e disse ao criado:

— Segue-me.

Esquecendo que falava a um mudo, acrescentou:

— Nem uma palavra. . . silêncio.

Germiano sorriu-se melancolicamente.

O Conde da Cunha marchou adiante, atravessou pé por pé uma sala, desceu a uma área interior do palácio, e indo direto a uma porta que se achava trancada, tirou do bolso uma chave, abriu uma porta e saiu seguido por Germiano, tomando a direção da praia de Santa Luzia.

Germiano movia com a cabeça, como se consigo falasse, e parecia dizer:

— Já era tempo.

Marcos Fulgêncio voltava do trabalho para o seio da família invariavelmente ao anoitecer; às oito horas ceava, às nove dormia.

Na segunda-feira do carnaval procedeu como em todos os outros dias; mas logo depois das dez horas da noite despertou aos pavorosos brados de Fernanda, que assim se chamava sua mulher, e saltando fora da cama, viu sua pobre casa ardendo em fogo; ainda tonto de sono Marcos Fulgêncio hesitou por alguns momentos; mas a fumaça começava a invadir o quarto, e um clarão horrível inundara a sala.

O carpinteiro tentou sair para a sala e recuou ante o fogo que devorava o teto, semeando de contínuo pedaços de ripas e caibros abrasados e telhas que caíam por falta de apoio; calculando então as proporções do perigo tornou a trancar a porta do quarto, correu a uma janela que se abria para o lado direito da casa, escancarou-a, tomou em seus braços Fernanda, lançou-a fora da casa, atirou-se também pela janela, tendo primeiro arrojado por ela o seu caixão de instrumentos.

— Minha filha! . . . minha filha! . . . gritava Fernanda.

Mas o carpinteiro não parara um instante: do caixão de ferros tirou um formão e o martelo, e precipitou-se para os fundos da casa, onde havia uma porta em frente do mar.

Marcos Fulgêncio não falava: chegou diante da porta que procurava, avançando com o formão e o martelo; mas como se julgasse moroso o meio, largou no chão os instrumentos, aplicou um dos ombros à porta e durante um minuto talvez empregou tão ferrenho esforço, que conseguiu rebentar a fechadura.

O carpinteiro cambaleou e abrindo a boca lançou uma golfada de sangue; mas penetrou logo acelerado na casa, e em breve, soltando um grito de dor imensa, voltou, trazendo nos braços Emiliana morta ou desmaiada, e a depositou, chorando, no colo de Fernanda, que em desespero se abraçou com ela.

Só então Marcos Fulgêncio ouviu os sinos, dando sinal de incêndio.

Começava a acudir gente e não tardou a velha vizinha que habitava a casa arruinada, e que, ao ver Emiliana estendida no chão e exposta em camisa como o pai a trouxera da cama, tirou a sua mantilha e cobriu-a com ela.

Emiliana não estava morta, e bastaram alguns minutos do ar livre, fresco e puro da noite para que ela recobrasse os sentidos que perdera.

Marcos Fulgêncio e Fernanda responderam com duas exclamações de alegria ao primeiro suspiro de Emiliana, que logo depois abriu os olhos e sentou-se apoiando-se em sua mãe.

Ouviu o tropel de cavaleiros.

— É a tropa que chega, disse a velha; esta menina não pode ficar aqui; comadre Fernanda, levemo-la para minha palhoça. . .

— Sim, disse Marcos Fulgêncio; vai com ela para a casa da comadre Pôncia.

E tranqüilo sobre o estado da filha, o carpinteiro pensou de novo no incêndio.

A antiga e pesada construção das casas, o emprego de madeiras de lei e de grossura exagerada, a fortaleza das paredes explicam a razão do longo trabalho do fogo a devorar ainda mesmo um pequeno prédio bem edificado.

A casa do carpinteiro Marcos Fulgêncio fora construída pouco a pouco por ele mesmo e sob sua zelosa direção e era toda dessas madeiras do Brasil que arremedam o peso, a dureza e a resistência do ferro.

Os socorros tinham chegado e o homem combatia o incêndio. O tenente-coronel Alexandre Cardoso dirigia com serenidade, inteligência e energia todos os trabalhos.

— Coragem, Marcos Fulgêncio! gritava ele, quando via o carpinteiro passar correndo.

O fogo conquistara todo o teto da casa.

Marcos Fulgêncio não falava; mas tinha com sublime frieza medido a fúria do incêndio, e compreendido o que mais lhe convinha fazer para que fosse menor o seu prejuízo.

Desprendendo um machado, o manejava ativamente, despedaçando as portas e janelas para dar livre saída ao fumo e com audacioso ímpeto arrojava-se ao interior da casa, ou entrando pelas portas, ou saltando pelas janelas, e logo enegrecido pela fumaça, chamuscado pela flama, saía trazendo à cabeça ou nos braços alguns objetos, algum pobre fardo ou traste que salvara.

As caixas de roupa de sua mulher e de sua filha, o bastidor e a

roca de Fernanda, e outros objetos foram assim arrancados por ele à completa destruição.

Mas sem dúvida o tesouro do carpinteiro devia estar na sala da frente, pois que ele já vinte vezes tentara invadi-la e vinte vezes recuara, rugindo, por não poder assoberbar as línguas de flama e os vômitos de fumo.

E já duas vezes novas golfadas de sangue haviam marcado o sentimento do corpo pelo excesso do esforço de Marcos Fulgêncio.

Enfim o indômito carpinteiro fez o sinal-da-cruz, e aos gritos — “o teto vai desabar!” que, ouvindo um medonho estalo, soltava a multidão, ele, furioso, investiu pela porta da frente através da fumaça ardente, e desapareceu.

— Misericórdia! . . . bradaram mil vozes.

Um vulto imenso, como um fantasma mostrou-se à porta em meio da nuvem espessa de fumo. . .

O teto estalou outra vez e desabou todo.

E Marcos Fulgêncio, negro, com as mãos queimadas, com os vestidos em trapos, avançou, trazendo à cabeça o seu oratório que depôs no chão.

— Graças a Deus! exclamou ele.

E ajoelhou-se, estendeu os braços para o oratório, e caiu por terra sem sentidos.

Fernanda e comadre Pôncia tinham levado quase carregada para a pobre casa arruinada a menina Emiliana e lá a haviam feito deitar na humilde cama do estrado da velha.

Enquanto Emiliana descansava, pois que em breve dormiu sono embora agitado por contrações nervosas, a velha e Fernanda conversaram em voz baixa:

— Mas. . . este incêndio. . . como foi? perguntou Pôncia.

— Tomara eu que mo digam, comadre Pôncia, respondeu Fernanda: às nove horas da noite apaguei eu a candeia, e não havia no fogão nem uma brasa: o fogo foi maléfico. . .

— De quem?

— Eu sei lá!

— Depois que puseram para fora da terra os santos padres jesuítas, têm-se visto destas e de outras. . .

— E o meu Marcos! exclamou Fernanda.

— É o homem são e prudente que sabe o que faz; não se ponha em aflição por ele.

Fernanda chorava.

— As vezes o não-sei-que-diga tenta os tementes a Deus com estes e outros infortúnios para excitar o pecado do desespero; eu sei casos! Quer que lhe conte um que presenciei e vi com estes olhos que a terra há de comer? . . .

— Conte, comadre Pôncia, disse Fernanda, que aliás não atendia.

A velha Pôncia contou de enfiada meia dúzia de histórias de ridículas proezas do diabo.

Fernanda continuava a inquietar-se pela sorte de Marcos Fulgêncio, quando principiaram a chegar os objetos por ele salvos do incêndio e as notícias repetidas de que o carpinteiro estava ousando fazer com risco da própria vida.

Os temores e ânsias de Fernanda agravaram-se; ela porém que a miúdo deixava o quarto, onde Emiliana dormia, para falar às pessoas que chegavam, e que lhe davam novas do marido, não se atrevia a deixar só a filha na casa de Pôncia, em quem Marcos não confiava.

Mas por último um soldado que viera, correndo, anunciou o desmaio e o estado melindroso do carpinteiro.

Fernanda esqueceu a filha, e saiu precipitada em socorro do marido, que fora conduzido para a Santa Casa da Misericórdia, onde ela foi encontrá-lo devorado de febre e em furente delírio.

A esposa amante e fiel ficou junto do esposo ameaçado de morte próxima.

Entretanto, na casa da velha Pôncia, Emiliana despertara em sobressalto aos lamentos de sua mãe, que correndo, partira, e a traiçoeira hospeda não hesitara em dar-lhe a notícia do que acontecera a Marcos Fulgêncio.

Emiliana soltou um gemido profundo e outra vez desmaiou.

Alexandre Cardoso entrou então no quarto, e a velha infame saiu, cerrando a porta.

Às três horas da madrugada o ajudante oficial-de-sala do vice-rei esgueirou-se furtivo da casa arruinada da tia Pôncia, onde aliás muito se demorara.

E depois que ele passou, dois embuçados saíram dentre os arbustos que próximos havia, e caminharam pela praia de Santa Luzia e Rua da Misericórdia até o palácio, diante do qual pararam junto de uma porta lateral.

Um sentinela vigilante correu, e tomou-lhes o passo, intimando-os a dizer quem eram.

Um dos vultos embuçados atirou para trás a capa que o outro apanhou, e mostrando o rosto à sentinela, perguntou-lhe:

— Conheces-me?

O soldado recuou tremendo espantado, e disse a gaguejar:

— O senhor Vice-Rei! . . .

— Que te mandará enforcar, se disseres a alguém o que acabas de descobrir.

A sentinela ficou muda e estática.

O vice-rei e Germiano entraram no palácio.

O Conde da Cunha velou o resto da noite: irascível e violento, atormentou-o a necessidade da dissimulação com Alexandre Cardoso, de cujo procedimento criminoso e indigno não podia mais duvidar como dantes. Testemunhando incógnito o incêndio e os trabalhos para dominá-lo, o vice-rei a princípio se ufanou do zelo da intrepidez, e da ação e direção inteligentes que mostrara o seu ajudante oficial-de-sala; mas logo que abateu o teto da casa incendiada, Alexandre Cardoso não foi mais visto, e outro oficial comandou em seu lugar.

Contrariado pelo súbito desaparecimento daquele a quem viera observar e que assim lhe escapara às vistas, o conde afastou-se um pouco da multidão reunida e perguntou ao ouvido de Germiano.

— O tenente-côronel Alexandre Cardoso?

O mudo estendeu o braço e com a mão apontou para a mata de arbustos fronteira à casa incendiada.

— Segue-me, disse o vice-rei.

E entrou na mata que por aquele lado cobria a falda do monte do Castelo.

As últimas flamas do incêndio esclareciam a mata, onde Germiano tomou a dianteira ao vice-rei, gastando ambos algum tempo a procurar debalde o ajudante oficial-de-sala.

Por fim o vice-rei ouviu lamentos e logo descobriu uma pequena casa, perto da qual acabava, ou antes, era interrompida a mata.

O Conde da Cunha parou, observou por alguns minutos e viu sair da casa, em pranto e desespero, uma mulher que deitou a correr, e viu mais um oficial surgir da sombra espessa, passar perto dele e entrar na casa, cuja porta fechou.

O vice-rei estremeceu, tomou uma das mãos de Germiano, e disse-lhe:

— Quando me apertares a mão, dirás — sim; se não ma apertares, quererás dizer — não.

Era um recurso para se entender com o mudo às escuras.

— Conheceste o homem que acaba de passar perto de nós, e de entrar naquela casa? . . .

O mudo apertou a mão do vice-rei.

— Era Alexandre Cardoso?

O mudo tornou a fazer o mesmo sinal.

— Estás certo de que era ele? . . .

Germiano apertou com mais força a mão do Conde da Cunha.

— Sabes quem mora nessa casa? . . .

A mão do mudo ficou inerte.

O vice-rei esqueceu-se da noite em longo refletir, e querendo convencer-se por seus próprios olhos de que era Alexandre Cardoso e não outro que entrara na casa arruinada, aproximou-se do caminho, e sempre oculto na mata, mas com os olhos na porta da casa, esperou.

Passado algum tempo ouviu um grito pungente, fez um movimento para lançar-se à casa arruinada; mas Germiano o susteve.

Reinou profundo silêncio.

O Conde da Cunha arquejava de impaciência e de fadiga; mas finalmente a porta da casa se abriu, uma velha apareceu, levando na mão uma candeia, a cuja luz mostrou-se o rosto e o vulto de Alexandre Cardoso, que apressado se retirou.

O vice-rei ficou sabendo metade do que lhe cumpria saber e adivinhou o resto.

Na manhã da terça-feira do carnaval o ajudante oficial-de-sala apresentou-se ao vice-rei.

— O incêndio? . . . perguntou este apenas o viu entrar.

— Devorou a casa, de que apenas ficaram as paredes.

— Foi casual?

— Supõe-se que não, senhor Vice-Rei.

— Como o explicam?

— Por mim nada sei ao certo; dizem porém alguns que o incêndio abriu a porta a uma filha contrariada em seus amores por pais severos.

— E o cúmplice da perversa?

— Falam de uma farda, de um soldado, ou de algum oficial.

— Onde está essa mulher incendiária?

— Esteve na casa de uma velha sua vizinha que a recolheu; agora não sei, pois que ao amanhecer fugiu desse pobre asilo. . .

— E os pais da desgraçada?

— O pai está na Santa Casa da Misericórdia e corre perigo de vida, a mãe ao pé do marido vela por ele, e não sabe de si, nem da filha.

O vice-rei mal contendo a sua cólera, disfarçou-a, exclamando:

— Tenente-Coronel! ontem à noite o vice-rei e o ajudante oficial-de sala contraíram duas dívidas, que é preciso pagar.

— Como, senhor?

— Devemos à moralidade pública o nome e a posição do cúmplice ou perverso violentador dessa moça, filha de pais pobres, mas honestos.

— Empenho-me em descobrir o crime e os criminosos, respondeu Alexandre Cardoso.

— Mas o crime produziu os seus efeitos: há uma casa incendiada e uma donzela desonrada; devemos, pois, aos pobres que tanto perderam, uma compensação; devemos-a; porque desta vez fomos ambos autoridades pelo menos desmazeladas; o ajudante oficial-de-sala o foi por não acudir a tempo de salvar a casa, e sobretudo por não ter sabido salvar a honra da família do mísero carpinteiro; e o vice-rei também o foi, pois o seu lugar ontem à noite era diante do incêndio e deixou-se ficar dormindo pelas seguranças que recebeu em um recado oficial. Multemo-nos portanto, Tenente-Coronel: o vice-rei mandará à custa do seu bolsinho reconstruir a casa incendiada, e o ajudante oficial-de-sala, se não descobrir o sedutor, raptor ou cúmplice da donzela dotá-la-á e casá-la-á com algum oficial de ofício a contendo dos pais da menina. Que diz?

— Que respeito e admiro sempre o espírito de justiça do senhor Vice-Rei.

— Bem. . . bem. . . recomendo-lhe este assunto do incêndio e de todas as circunstâncias que o acompanharam; quero providências urgentes, e notícias do infeliz carpinteiro.

Alexandre Cardoso, vendo-se livre dessa questão para ele escabrosa, apresentou ao vice-rei uma folha de papel com algumas linhas escritas.

— Que é isso? perguntou o conde.

— São os nomes de alguns bons vassalos de El-Rei nosso senhor lembrados para os postos principais de novo terço de infantaria criado na vila de. . .

— Ainda comandantes sem comandados! . . . exclamou o vice-rei, interrompendo Alexandre Cardoso.

— É o meio de organizar mais prontamente esses corpos e, obedecendo às ordens do senhor Vice-Rei, ajuntarei a cada nome proposto miúdas informações da nobreza, fortuna e serviços respectivos.

— Sim. . . veremos isso depois.

— Com o mais profundo respeito cumpre-me informar também ao senhor Vice-Rei que as necessidades do serviço continuam a reclamar a imediata organização desses terços de infantaria auxiliar.

O Conde da Cunha pensou por breve tempo e disse:

— Quer saber?... Acho-me hoje incapaz de resolver prudentemente negócios do governo; desde ontem sinto-me irritado e de mau humor...

Alexandre Cardoso observava respeitoso o vice-rei.

— Passei por cruel desengano: o meu nome, a importância do alto cargo que desempenho, o valor da honra imensa que fiz, foram desconsiderados!

— Como, senhor Vice-Rei?!!!

— Jerônimo Lfrio, um vil embora rico traficante, um mercador de vinhos e azeite, ousou ontem recusar-me sem reboço e com teima insolente a mão de sua filha Inês que abaixei-me a ir pedir-lhe para o meu ajudante oficial-de-sala!...

Alexandre Cardoso empalideceu.

— O Vice-Rei Conde da Cunha recebeu três vezes na face o — não — do traficante que deveria responder-lhe — sim — ajoelhando-se!

E o conde media a passos largos a sala, como costumava fazer quando se achava em cólera.

Alexandre Cardoso não falava; mas nervoso tremor agitava seus lábios que às vezes mostravam um rir, que não era riso, ou era o riso do demônio das vinganças.

O vice-rei parou enfim diante de Alexandre Cardoso e disse-lhe:

— Sofra no seu amor e na sua vaidade o que eu sofri na minha alta dignidade.

E com movimento de ira acrescentou:

— Proíbo-lhe que outra vez me fale nesse... negociante que me desconsiderou.

E voltando as costas, deixou a sala.

Alexandre Cardoso retirou-se para o gabinete, onde trabalhava, desoprimido de um grande peso, mas aturdido por duas contrariedades que muito agitavam-lhe o ânimo.

O vice-rei tinha freqüentemente dias de impaciência e de irritação difíceis de se suportar; nessa manhã porém menos desabrido que em outras, falara sobre o incêndio, negara-se a despachar as nomeações para o comando do terço, de modo que excitou suspeitas e temores no espírito naturalmente desconfiado de Alexandre Cardoso, que só respirou desafrontado de mais graves apreensões, ouvindo logo depois a explicação do mau humor e da cólera do poderoso senhor.

Mas ficaram a Alexandre Cardoso duas contrariedades.

O ajudante oficial-de-sala do vice-rei negociara particularmente e por bom preço as nomeações para os diversos postos do novo terço; de algumas recebera adiantado pagamento, e calculava com elevadas quantias que as outras haviam de render-lhe; o jogo, em que andava infeliz, e a devassidão que lhe custava rios de ouro, o apertavam em críticos apuros, e o vice-rei, adiando aquelas nomeações viera agravar seus embaraços financeiros, o que era questão de máxima importância para ele que em cada noite precisava ter a bolsa recheada de louras moedas.

A negativa de Jerônimo Lírio à sua proposição de casamento com a bela Inês era para Alexandre Cardoso além de uma repulsa insultosa, um desmancho de cálculos de futura riqueza, e um incentivo provocador de sua paixão pela formosa menina. Ultrajado em sua vaidade, prejudicado em seus planos de fortuna, esporeado, ferido em seu amor, se realmente amava, em seu ardor libidinoso, se outro não era o seu sentimento, o ajudante oficial-de-sala do vice-rei jurou vingar-se em Inês do orgulhoso pai de Inês e animou-se mais nessa idéia, contando com o ressentimento do Conde da Cunha que tão colérico se pronunciara contra Jerônimo Lírio.

Entretanto o cuidado instantâneo de Alexandre Cardoso era arran-

jar dinheiro, para o jogo e para seus desvoltos prazeres; trabalhou mal como ajudante oficial-de-sala nesse dia; porque, trabalhando, meditava, imaginando expedientes; às onze horas da manhã despachou um soldado com uma carta para Clélio Írias, velho usurário riquíssimo que morava na mais baixa e pobre casinha da Rua do Parto e apenas viu sair o soldado, pôs-se a escrever com maior cuidado em uma folha de papel, e consecutivamente em mais duas, imitando diversos caracteres de letra, no que era hábil e consumado, dobrou depois as folhas de papel, e guardou-as na sua pasta.

No fim de uma hora pouco mais ou menos Clélio Írias, hirsuto e com vestidos remendados, com a cabeça sem cabeleira, e os sapatos sem fivela, imundo e desprezível, foi introduzido no gabinete do ajudante oficial-de-sala.

— Senta-te e espera, Clélio Íria, disse este, e continuou a escrever.

O velho esperou meia hora e vendo Alexandre Cardoso como dele esquecido, disse:

— Tempo é ouro: que faço eu aqui?

O ajudante oficial-de-sala do vice-rei largou a pena, e respondeu:

— Tens razão meu velho: quanto te devo até hoje? . . .

— Cinco mil cruzados com os juros do último trimestre, que não recebi.

— Dou-te a melhor das notícias, Írias!

— A do pagamento?

— O contrário disso: a boa-nova de que esta noite te deverei dez mil cruzados.

— E como? se não tenho hoje nem um patacão para emprestar? exclamou o velho a tremer.

— Fala baixo, ou não te poderei valer, observou Alexandre Cardoso.

O velho ficou olhando em silêncio.

— Clélio Írias, não me esqueci de que em um dia me abriste a sua bolsa usurária e me emprestaste dois mil cruzados, que hoje por tuas contas de juros sobem a cinco; não discuto sobre a usura: precisei, achei-te, devo-te gratidão.

O velho continuava a olhar.

— Lê esta denúncia, disse Alexandre Cardoso, passando a Clélio Írias uma das três folhas de papel.

O velho leu uma denúncia que contra ele dava um incógnito inimigo, acusando-o, como judeu, ao Santo Ofício.

Clélio Írias não era judeu, mas filho de judeu.

— Lê agora estes ofícios, continuou Alexandre Cardoso, passando ao velho as outras duas folhas de papel.

Clélio Írias leu um ofício do comissário do Santo Ofício ao bis-

po, e outro do bispo ao vice-rei.

A prisão e remessa de Clélio Írias para Lisboa eram exigidas.

O velho tornou a ler e a reler os documentos, e depois caindo de joelhos disse com voz sumida:

— Salve-me pelo amor de Jesus Cristo!

Alexandre Cardoso pôs-se a rir; o velho quase chorava.

— Mandei-te eu chamar para te prender, pobre milionário Írias?

— Salva-me! repetiu o velho.

— Quanto te devo eu hoje?

— Ah, senhor! creio que coisa nenhuma. . .

— Não, usurário; o que eu devo, devo, hei de pagar-te.

E Alexandre Cardoso renovou a pergunta.

— Quanto te devo eu até hoje?

— Cinco mil cruzados.

— É quase nada.

Clélio Írias arregalou os olhos.

— Um homem da minha hierarquia ou não deve, ou deve mais do que isso, disse Alexandre Cardoso.

O velho tremia e esperava.

— Quero esta noite dever-te o dobro dessa quantia; já o disse.

— O dobro?!!!

— Achas pouco? Talvez tenhas razão; espera: deixa-me examinar outra vez esses papéis.

Clélio Írias teve medo de que o novo exame determinasse aumento da exigência, e perguntou:

— Onde levarei os cinco mil cruzados?

— À minha casa às seis horas da tarde.

— E estes papéis?

— Queima-los-ei à tua vista.

O velho usurário refletiu por algum tempo: tornou a ler e a examinar a denúncia e os ofícios, foi pouco a pouco recobrando o ânimo perdido e por fim disse com uma certa acentuação de malícia na voz:

— Eu preferia que me passasse a clareza da dívida em um desses papéis.

Alexandre Cardoso corou.

— Miserável!

— Questão de segurança: quem me responde pela futura complacência do meu denunciante?

— Eu.

— Não me basta.

— E de que te serve a clareza passada em um desses documentos?

— Ah! de muito! Se eu for outra vez denunciado, o senhor aju-

dante o oficial-de-sala me salvará ou eu o perderei com o papel da clareza.

Alexandre Cardoso conteve uma imprecação e disse:

— Retira-te.

— Quer que vá às seis horas?

— Não: mudei de parecer.

Clélio Írias, que perdera o medo, tornou:

— Tenho outra idéia. . .

— Retira-te, judeu!

— Perdão, senhor: olhe que está elevando a voz.

Alexandre Cardoso encarou com raiva o teimoso velho, que prosseguiu:

— Levarei às seis horas a clareza da dívida antiga e mais cinco mil cruzados em boa moeda, e em troca da clareza e do dinheiro receberei a denúncia e os dois ofícios; mas doravante o senhor Tenente-Coronel arranjará as coisas de modo que eu não seja outra vez denunciado, e que além disso eu com o meu próprio nome ou com o de outro ou de outros, venha a ter por administração as melhores obras públicas, e por contrato os melhores fornecimentos para as tropas del-rei, e pela minha parte eu também arranjaréi as coisas de modo que os lucros sejam irmã e honradamente repartidos entre mim e o meu sócio encoberto.

Alexandre Cardoso respondeu a tremer por sua vez:

— Bruto! Não sentes que me insultas?

O usurário, rindo-se com um rir irônico e repugnante, debruçou-se na mesa do ajudante oficial-de-sala, firmou o queixo sobre os punhos, fitou Alexandre Cardoso e continuou, dizendo:

— Que insulto? O que eu sei é que esses papéis são falsos mas que o senhor Tenente-Coronel é bem capaz de os arranjar verdadeiros e de perder-me para sempre, e também ainda sei que o senhor precisa muitas vezes de dinheiro; ora mesmo falsos como são, esses papéis me servem muito: dou por eles o que disse, sob a condição da sociedade, em que lucraremos bastante, e sem receio um do outro; porque ficaremos ambos em mútua dependência. Isso é que é ser franco: serve-lhe?

Alexandre Cardoso viu aberta a seus olhos uma mina de ouro, e respondeu:

— Às seis horas em minha casa.

Clélio Írias saiu.

A proposição do velho usurário agradaria plenamente a Alexandre Cardoso, se não fora a perigosa condição da entrega dos documentos que deixava-o para sempre à mercê das exigências e imposições que deviam tornar-se ilimitadas, pois Clélio Írias, tendo conhecido a falsidade dos três escritos, dava ainda por eles dez mil cruzados, uma riqueza naquela época e isso apesar da sua escandalosa avareza.

O ajudante oficial-de-sala não se escravizaria em caso algum a semelhante homem; mas para ver se descobria algum outro recurso que substituisse a entrega dos documentos, mandou que Clélio Írias fosse a sua casa às seis horas da tarde, e ficou debalde pensando, dando tratos à imaginação no empenho de achar ou de inventar o expediente almejado, ou outros meios prontos para prover-se de dinheiro.

Um empregado da sala veio perturbar suas cogitações trazendo-lhe um requerimento, que dependia de imediato despacho, ou para cujo indeferimento bastava a demora da providência perdida: era uma respeitosa apresentação dos mercadores de limões-de-cheiro, que lamentavam os seus prejuízos, mostravam como eram os inocentes castigados pelo crime dos perversos pasquinhos, e concluíam pedindo que o senhor vice-rei, dignando-se revogar suas anteriores ordens, permitisse o jogo do entrudo na tarde e noite da terça-feira.

Alexandre Cardoso, contrariado, desgostoso, aflito por diversos motivos naquele dia, atirou com o requerimento para baixo da mesa, dizendo:

— Eis o único despacho que esse canalha merece.

O empregado retirou-se, mas o ajudante oficial-de-sala imediatamente depois lembrou-se do mau humor, e do gênio irritável do Conde da Cunha. nessa manhã muito suscetível, e apanhando o requerimento, foi apresentá-lo ao vice-rei, a quem encontrou carrancudo e passeando acelerado pela sala.

— Por que me incomoda? perguntou o Conde, gritando.

— Senhor Vice-Rei, é a pesar meu: este requerimento que aliás reputo desprezível e talvez desrespeitoso, que pede a revogação de uma ordem de V.Ex.ª, depende de imediato despacho, e se eu o não apresentasse, era o mesmo que se o tivesse por mim próprio indeferido, o que não ousou fazer. . .

O vice-rei tomou com arrebatamento e leu para si o requerimento; logo depois sentou-se à mesa do despacho, e escreveu: "sim: publiquem-se editais, revogando a ordem de anteontem, e permitindo o jogo do entrudo até às nove horas da noite nas ruas, até à meia-noite precisa no interior das casas", e assinou.

— O requerimento não é desprezível: o que nele se pede é justo disse o vice-rei, entregando a folha de papel ao ajudante oficial-de-sala.

Alexandre Cardoso voltou apressado e tão ativamente dirigiu os trabalhos que no fim de uma hora estavam fixados mais de vinte editais autorizando o jogo do entrudo.

O Conde da Cunha era quase intratável em seus dias de irascibilidade molesta; o ajudante oficial-de-sala o sabia por experiência, e em tais casos silencioso e obediente, esperava em novo sol reassumir o poder de sua influência, o que sempre conseguia.

Tendo dado porém, de má vontade embora, as providências determinadas pelo despacho do vice-rei, Alexandre Cardoso tornou a pensar em Clélio Írias, e de repente desatou a rir.

Acabava de imaginar ou de achar o desejado, o afortunado recurso para a sua negociação com o velho usurário sem deixar em seu poder os perigosos documentos.

Contente, feliz, Alexandre Cardoso converçou, provocou todos os empregados da sala ao jogo do entrudo na tarde e noite desse dia e acabando o expediente, deu-se pressa em despedi-los e também em retirar-se, tendo antes e por dever suportado em despedida a terrível carranca do Conde da Cunha que outra vez lhe disse:

— Fui desconsiderado por sua causa: não o responsabilizo por isso: mas proíbo-lhe que outra vez me fale nesse negociante, que se chama Jerônimo Lfrio.

O ajudante oficial-de-sala aplaudiu-se do motivo da cólera do vice-rei.

Naquela cólera fulgiam a estima do Conde da Cunha pela pessoa de Alexandre Cardoso e o ressentimento do mesmo alto senhor pela negativa de Jerônimo Lfrio na questão do casamento.

Para o ajudante oficial-de-sala tudo corria bem em relação ao vice-rei que era a base do seu poder.

A tarde e noite da terça-feira, o último dia do entrudo, foram de alegria, de delírio, de frenesi, e de inocente loucura na cidade do Rio de Janeiro.

O jogo do entrudo proibido nos seus dois primeiros dias, e autorizado na tarde e noite do terceiro, foi como o ímpeto da inundaçãõ que vence e destrói o dique que se lhe opunha.

O fervoroso exaltamento da populaçãõ na costumada festa de três dias reduzida à metade do terceiro e último dia, vingou-se da proibiçãõ, ostentando desenfreado furor do entrudo, e gozo pacífico, entusiástico, do jogo tantas vezes provocador de rixas e desordens, e então somente excitador de ruído festivo e de risadas expansivas e amigas.

A indústria anual e efêmera dos limões-de-cheiro era exclusivamente explorada por senhoras de famílias pobres e como em prova de gratidãõ ao despacho que o vice-rei dera ao requerimento, dezenas de mulheres de mantilha seguidas de multidãõ de ambos os sexos, rodearam à tarde da terça-feira o palácio, dando vivas ao Vice-Rei Conde da Cunha que pela primeira vez os recebia espontâneos.

Feito esse passeio de ostensivo reconhecimento, os aclamadores do Conde da Cunha espalharam-se pela cidade, onde em quase todas as casas, as famílias, e em todas as ruas paisanos de mistura com soldados, estudantes, operários, mulheres e meninos, se entrudavam freneticamente.

O velho Clélio Írias foi talvez o único habitante da cidade que maldisse da contra-ordem do vice-rei, porque menos comodamente, e sem dúvida expondo-se a algum banho, tinha de ir à casa de Alexandre Cardoso; mandou porém pedir de empréstimo a cadeirinha de um seu compadre, e metendo-se nela, fez-se conduzir, levando as cortinas fechadas, e a caminhar adiante um escravo, que bradava aos grupos de jogadores de entrudo: "É doente que vai para a Santa Casa!" e com efeito a cadeirinha levava a direçãõ da Rua da Misericórdia, onde morava o ajudante oficial-de-sala.

A multidão respeitou a cadeirinha que enfim parou à porta da casa de Alexandre Cardoso.

Clélio Írias subiu a escada e foi recebido pelo futuro sócio que se achava só.

Sentaram-se os dois em frente um do outro.

— Trazes o dinheiro? perguntou Alexandre Cardoso.

— Certamente e também a clareza da dívida antiga.

— Bem: eu te garanto ampla e constante proteção em matéria de administração de obras do rei, e de fornecimentos que forem necessários para as tropas; prescindindo da parte que me ofereceste nos lucros e. . .

— Mas eu não prescindindo: quero-o por sócio, senhor ajudante oficial-de-sala; é essa uma honra de que faço questão.

— Sociedade sob palavra.

— Lá isso como lhe parecer.

— Sujeito-me, Clélio Írias: é negócio concluído.

— E as três folhas de papel? . . .

— Dar-te-ei trezentas.

— Bastam-me as três que contêm a denúncia e os dois ofícios.

Alexandre Cardoso resistiu e durante uma hora empregou de todos os argumentos e todo o empenho para fazer com que o velho usurário não insistisse nessa condição cruel; este porém ria-se e dizia:

— Cada um sabe as linhas com que se cose.

Por fim o ajudante oficial-de-sala sacou do bolso as três folhas de papel exigidas, e atirou-as a Clélio Írias, dizendo:

— Toma-as pois, velho do diabo!

Clélio Írias examinava com o maior cuidado o papel e a letra, e linha por linha, e palavra por palavra os três escritos, e rindo-se outra vez com o seu riso repugnante, observou:

— Não há que notar. . . são os mesmos. . .

— Ousavas pô-lo em dúvida, malvado usurário? . . .

— Cada um sabe as linhas com que se cose.

Alexandre Cardoso em outro qualquer dia houvera castigado a insolência de Clélio Írias; nesse, porém, tanto o aviltava a necessidade de dinheiro, ou nele podia alguma consideração, que em vez de repelir o insulto, disse:

— Dei-te os papéis que por mim e por ti deves encerrar para sempre no fundo da tua burra de ferro: dá-me agora a clareza e os cinco mil cruzados.

Clélio Írias desabotoou o jaleco, e logo em seguida um bolso de couro preso à face interna do mesmo jaleco, e fechado com botões de metal na parte superior: tirou um pequeno saco, e dele a clareza passada e assinada desde dois anos por Alexandre Cardoso de Meneses, e peças de ouro no

valor de cinco mil cruzados.

O ajudante oficial-de-sala recebeu e guardou a clareza e o dinheiro, e Clélio Írias fechou no bolso de couro as três folhas de papel e disse:

— Agora sim, está o negócio concluído.

— Retira-te pois, velho maldito: por hoje basta de aturar-te.

— Mas prepara-te para aturar-me depois de amanhã.

— Tão depressa!

— Trar-lhe-ei o plano das primeiras operações da nossa sociedade.

O ajudante oficial-de-sala sorriu-se e Clélio Írias tomou o chapéu, e fez sua reverência de despedida.

Alexandre Cardoso acompanhou o velho até à porta que trançou sobre ele, e dirigiu-se com precipitação para o interior da casa.

Clélio Írias acomodou-se na cadeirinha, cerrou as cortinas, e mandando que o levassem de volta por outras ruas, incumbiu o escravo que caminhava na frente de anunciar aos jogadores de entrudo: “é uma senhora que caiu na rua com um ataque de cabeça!”.

A cadeirinha seguiu pela Rua da Misericórdia, Praça do Carmo (hoje Praça de D. Pedro II), Rua Direita, Rua do Ouvidor, aproveitando-lhe quatro vezes o triste anúncio da senhora com ataque de cabeça; tomou depois pela Rua dos Ourives; mas no ponto em que esta rua corta em ângulos retos a da Cadeia (atualmente da Assembléia), um grupo numeroso de entrudadores com limões-de-cheiro, seringas e baldes d’água avançou, galhofando, para a cadeirinha.

— É uma senhora que caiu na rua com ataque de cabeça! bradou o escravo.

Os brincadores hesitavam.

— Que graça! exclamou um homem alto, corpulento, e que pelo trajar indicava ser oficial ou mestre de ofício; que graça: este mesmo pregoeiro anunciou, há duas horas, nesta mesma cadeirinha, um doente levado para a Santa Casa! . . .

— É pulha! É pulha! gritavam muitas vozes.

— Vejamos a doente! . . . Vejamos a senhora! . . .

E o homem alto e corpulento, lançando-se adiante de todos, abriu à força as cortinas da cadeirinha, e arrancou de dentro e mostrou suspenso em seus braços de ferro o velho Clélio Írias, cuja voz se perdeu no meio das gargalhadas e da algazarra da gente que formava o grupo e da que corria para aplaudir o caso que tanta alegria excitava.

Preso pelas pernas e braços, empurrado para todos os lados, já todo molhado dos pés à cabeça, cego pelos esguichos das seringas, surdo pela tempestade de gritos, o velho usurário lutava e se estorcía em vão.

— Um banho! um banho! um banho!

Um enorme gamelão cheio d’água estava perto no meio da rua

para o serviço do entrudo: o homem alto e corpulento disputava a vinte outros a glória de levar o velho ao banho, e na luta e no esforço rompiam-se os vestidos da vítima que pelo hércules que desde o princípio o agarrara, foi conduzido e mergulhado no gamelão.

Com a força prodigiosa, suprema, que em desespero ostentam os ameaçados de asfixia por submersão, Clélio Írias pôs a cabeça fora d'água e bramiu furioso:

— Não me afoguem!

— Ninguém o quer afogar; mas aprecie aí o seu banho! respondeu o hércules, comprimindo com as mãos o peito do velho que a reagir contra a força que o esmagava, estorcia-se nas mãos do homem terrível, que escoregavam para um e outro lado, e cujos dedos no fervor da luta ainda mais lhe despedaçavam os vestidos.

— Basta! Basta! exclamaram finalmente muitas vozes.

— Pois basta, respondeu o hércules, e deixando livre das garras o velho, afastou-se e desapareceu no meio da multidão.

Clélio Írias saiu do gamelão do banho no meio de estrondosas risadas, e sem mais lhe importar a cadeirinha, dirigiu-se colérico e precipitado para a sua casa que bem perto ficava, pois era, como dissemos, na Rua do Parto, e nela entrando, ia mudar de roupa, quando viu que o bolso de couro de seu jaleco estava despedaçado, e que havia perdido ou lhe tinham roubado os três documentos.

O velho soltou um rugido, e correu, como estava, para o lugar, onde recebera o violento banho; ali chegando exclamou:

— Perdi ou roubaram-me papéis preciosos! Eu os quero, eu os peço! Eu exijo os meus papéis! . . .

Algumas pessoas condoeram-se da aflição do velho, e empenharam-se improficuamente em descobrir os objetos perdidos.

Clélio Írias, fora de si, em frenético ardor, marchou apressadamente para casa de Alexandre Cardoso, a cuja porta encontrou-se com um soldado:

— O senhor ajudante oficial-de-sala? perguntou o velho usurário.

— Procure-o amanhã.

— Como? Não está em casa?

— A estas horas nunca.

— Sou exceção; para mim ele está sempre em casa.

— Faça pois o senhor um milagre: não ouve o galopar de um cavalo?

Clélio Írias atendeu ao ouvido, e respondeu logo:

— Ouço.

— É o senhor tenente-coronel, que apressa o seu cavalo.

— Aonde vai ele?

O soldado riu-se, e tornou dizendo:

— Ele tem tanto aonde ir! . . .

O velho usurário caiu sentado na soleira da porta, sobre os joelhos descansou os braços, sobre estes a cabeça, refletiu por alguns minutos, levantou-se de súbito:

— Maria de. . . é a sua amante; ele deve estar lá. . . disse ao soldado.

E sem esperar pela resposta, caminhou com acelerados passos.

Em sua aflição pela perda dos importantes documentos Clélio Írias contava com o auxílio enérgico e com as providências do ajudante oficial-de-sala, por certo muito interessado em reaver papéis que podiam comprometê-lo gravemente.

Afrontando pois certas conveniências o velho usurário foi bater à porta da casa da bela cortesã, e deu o seu nome ao escravo que lhe abriu, declarando que procurava o senhor Tenente-Coronel Alexandre Cardoso para negócio urgentíssimo, e da maior delicadeza.

Dai a breves instantes recebeu ordem para subir e esperar na sala; mas pouco esperou; porque Maria apareceu-lhe com todo o esplendor de sua voluptuosa formosura, trazendo soltos os longos e anelados cabelos e um simples vestido branco, apertado ao pescoço, mas amplo e sem prisões, como fraca e tênue nuvem a cobrir com um véu provocador os encantos de uma fada.

Clélio Írias apesar de velho estremeceu à aparição daquele prodígio de beleza.

A voz de Maria de . . . era suave e encantadora, como era belo o seu rosto e se adivinhava admirável de perfeição o seu corpo.

Sorrindo-lhe meigamente, ela disse a Clélio Írias:

— Alexandre Cardoso esqueceu-se hoje de mim; eu porém não o esqueço nunca, e velo sempre pelos seus interesses; chegará daqui a pouco, ou virá amanhã despertar-me para almoçar comigo. . .

Clélio Írias mostrou-se contrariado, e levantava-se para sair.

— Por que se incomoda? perguntou-lhe a cortesã.

— Eu precisava falar-lhe já.

— Já é impossível; se lhe apraz espero-o aqui, que ele há de vir ainda esta noite, ou amanhã pela manhã, pois nunca me falta; se isso o constrange, incumba-me do seu recado: eu sei dos negócios de Alexandre. . . falou-lhe hoje, e a mim também, algum dinheiro. . . não ignoro o que se pas-

sou entre ele e o senhor Clélio Írias, a quem não é a primeira vez que recorre. . .

O velho usurário olhou espantado para a encantadora cortesã.

— Não me crê? perguntou ela com um daqueles feitiços sorrisos, que convenciam de tudo a todos.

— Não me atrevo a duvidar, minha bela senhora. . . , disse Clélio Írias:

— Então. . . mas. . . eu pensava que os senhores. . . já. . . se haviam entendido hoje. . .

— Sim. . . perfeitamente entendidos. . .

— E. . . realizado o negócio. . .

— Por isso é que se torna indispensável que fale hoje mesmo. . . já. . . ao senhor Alexandre Cardoso.

— O senhor começa a aterrar-me. . . Eu estremeço por Alexandre. . . Que aconteceu, senhor Clélio Írias?

Maria era uma atriz consumada: conhecia desde muito tempo o velho usurário; mas ignorava completamente o assunto de que ele e Alexandre Cardoso se tinham ocupado naquele dia; adivinhava como qualquer outro adivinharia que era negócio de empréstimo de dinheiro e fingiu ter conhecimento de outras circunstâncias, pois que evidentemente as havia e graves, pronunciando meias palavras que podiam significar tudo e nada; finalmente, ardendo na mais viva curiosidade, simulou-se possuída de grande medo, e trêmula e comovida, tomou entre as suas uma das mãos de Clélio Írias, e repetiu a pergunta que fizera:

— Que aconteceu? Que aconteceu? Diga-me. . . pois que está aranjado o negócio. . . Que mais quer de Alexandre ainda hoje? . .

— Onde posso eu encontrá-lo? . . perguntou o velho, levantando-se aflito.

— Oh! exclamou Maria; não me deixará assim nos tormentos da dúvida mais desesperadora. . . ah! eu adivinhava algum infortúnio e preveni Alexandre. . .

— Como, senhora?

— Opus-me a semelhante negócio. . .

— Sabe então. . . tudo?

— É por isso que tremo. . .

— Pois é preciso que o senhor tenente-coronel dê prontas e imediatas providências. . .

— Mas o que aconteceu?

— Perdi ou roubaram-me os documentos! disse o velho com voz lúgubre.

— Oh! e o louco jurou-me que eles não tinham a importância que. . .

Clélio Írias teve um ímpeto de furor:

— Porque eram falsos, eu sei, e lho disse! O senhor Alexandre Cardoso porém esqueceu-se de que há na denúncia dada contra mim uma nota de sua letra escrita a lápis, e que os falsificados ofícios do comissário do Santo Ofício e do bispo são provas de um crime que não de perder a ele e a mim, que além disso fico ainda com o prejuízo de dez mil cruzados!...

— Exatamente como eu dizia, murmurou convulsa a cortesã; e eu que não sei onde achar Alexandre! . . . Mas é indispensável que ele saiba da perda dos papéis. . .

E ansiosa e quase chorando, chamou e despachou sucessivamente três escravos em procura de Alexandre Cardoso, tendo acompanhado o primeiro até à escada como a instruí-lo sobre diversas casas a que de preferência lhe cumpria ir.

— Também eu saio. . . disse o velho, tomando o chapéu.

— De modo nenhum, senhor Clélio Írias: espere aqui Alexandre, e aproveitemos o tempo, estudando a sangue frio o caso, como ele se passou, para com alguma luz imaginarmos, calcularmos as medidas que convém tomar.

— Não tenho cabeça, respondeu o velho.

— Tenho-a eu e em breve lho provarei: refira-me sem desprezar o mais leve incidente, a mais insignificante circunstância, este desastroso sucesso; faça porém de conta que ignoro tudo.

Clélio Írias olhou atentamente para Maria.

— Ah! exclamou esta, como se lhe houvesse acudido uma idéia.

E levantando-se, chamou uma escrava, e mandou-a procurar Alexandre Cardoso em casa que lhe determinou.

Sentando-se de novo, disse:

— Vamos, senhor Clélio Írias.

— Quer que comece pela entrevista de hoje de manhã? perguntou o velho com os olhos fitos em Maria.

— Não; até aí sei eu; respondeu a fingida moça; mas. . . suspeita que alguém pudesse estar ouvindo às ocultas o que os senhores conversaram?

— Falamos em voz de segredo e com a porta fechada.

— E depois? . . .

Clélio Írias que demais já havia dito, contou miudamente tudo quanto se passara com ele, desde que saíra de casa em cadeirinha até à sua volta da casa de Alexandre Cardoso, o ataque dirigido contra a cadeirinha, a teimosa fúria dos hérules que não o deixara, senão no fim do banho, e concluiu, dizendo:

— Juro que foi aquele desalmado que me roubou os papéis, pensando que roubava dinheiro.

Maria, que ouvira em silêncio, disse-lhe sorrindo:

— Perdão! Só agora reparei que tem os vestidos completamente molhados.

E mandou vir licores e aguardente.

Enquanto o velho usurário se banhava interna e externamente em aguardente, Maria meditava, brincando com os dedos a enrolar e a desenrolar os anéis de seus cabelos soltos.

Quando acabou de beber e de embeber-se em aguardente, Clélio Írias, sempre agitado, disse:

— E o senhor tenente-coronel que não chega!

Maria desatou uma risada.

O velho encarou-a, raivoso.

— Há uma hora que representamos uma cena de comédia, meu velho: eu não sabia nem um ceitil do seu negócio com Alexandre Cardoso.

Grotesca estupefação de Clélio Írias.

— Mas eu prometi provar-lhe que tenho cabeça.

— E os escravos e escravas que saíram? perguntou estupidamente o usurário.

— Não saíram, respondeu Maria, rindo-se.

— Traição! bradou o velho.

— Em nosso proveito: eu sei e posso dizer-lhe, onde estão os documentos que lhe roubaram.

— Onde estão?

— Sente-se aí e responda-me: é capaz de esperar um dia, um mês, um ano pela vingança?

Clélio Írias sentou-se e respondeu:

— Sou.

— E se não a esperar, que me importa? Não há nada de comum entre nós; é porém de seu interesse servir à minha vontade e obedecer-me.

O velho sentia-se cada vez mais espantado.

— Senhor Clélio Írias, os seus dez mil cruzados foram-se. . .

— Não preciso que mo diga.

— O desalmado que o arrancou da cadeirinha, e que o conteve em suas garras até o fim do banho era um soldado que se disfarçava em paisano. . .

— E para quê? . . .

— Para roubar-lhe os documentos. . .

— E que diabo tinha ele com os documentos? . . .

— Desgraçado homem! O senhor não sabe senão emprestar dinheiro com usura abusiva e assoladora.

— Isso não vem à questão.

— Mas é um castigo do céu, que o embruteceu tanto que o senhor nem scube ver no homem desalmado e furioso um instrumento do mais interessado em privá-lo, em despojá-lo daqueles documentos. . .

O velho tentou pronunciar um nome, e gaguejou, e a convulsar

de raiva nada disse.

— Esses papéis estão em poder de Alexandre Cardoso, ou ele já os destruiu, queimando-os.

Clélio Írias espumava.

— Perdeu a partida, meu velho; agora porém continue o jogo, e espere um dia, um mês ou um ano pela vingança.

O usurário acenou com a cabeça afirmativamente.

— Amanhã, dissimulando toda suspeita, vá prevenir a Alexandre Cardoso da perda dos documentos, e finja-se temeroso das conseqüências possíveis por ele e por si.

O usurário escutava sem responder.

— Oportunamente insista pelo cumprimento das promessas que lhe foram garantidas: peça-lhe administração de obras do rei, e fornecimentos de tropas, e para conseguir uma e outros, abra-lhe a bolsa, se é que tem alma capaz de vingança.

O usurário teimava em não falar.

— Abra-lhe a bolsa; mas à força de paciência e de sacrifícios consiga da mão desse homem uma assinatura, uma ordem, um escrito que o comprometa ou que sirva de prova de sua indignidade, e de suas prevaricações.

O velho queria falar e hesitava.

— E em qualquer caso duvidoso, no ajuste de qualquer transação venha previamente falar-me, e conte comigo para a sua vingança, se é que tem alma capaz de vingar-se.

Clélio Írias pôde enfim usar da palavra e perguntou com espanto:

— E a senhora quem é, . . . ou o que é do senhor Alexandre Cardoso? . . .

— Fui sua amante, e sou sua inimiga, respondeu a cortesã.

À mesma hora em que o velho usurário saía da casa de Maria, Marcos Fulgêncio depois de longo padecer, devorado por ardente febre e tormentoso delírio, adormeceu enfim no leito da caridade que lhe dera a Santa Casa de Misericórdia.

Fernanda, que nem um só instante se afastara de seu marido, e que depois do fatal incêndio não se alimentara, nem dormira, preocupada com o perigo que corria a vida do seu Marcos, respirou esperançosa ao vê-lo sossegadamente adormecido, e enxugando as lágrimas, chamou o enfermeiro e pediu-lhe que examinasse o doente.

O enfermeiro, feito o exame pedido, sorriu-se e disse a Fernanda:

— Boa mulher, a febre cedeu; agora sim, creio que o homem se salvará; é tempo de tratar de si: vá comer alguma coisa, e dormir sem receio.

— Obrigada, respondeu Fernanda; eu voltarei ao romper do dia: se ele acordar e procurar-me, diga-lhe que, vendo-o sossegado, corri a cuidar também de Emiliana. . . Emiliana é nossa filha, meu bom senhor.

E, atando um lenço à cabeça, Fernanda saiu apressadamente.

A nobre esposa do carpinteiro tinha recebido na manhã desse dia um recado que a enchera de tristes receios pela sorte de Emiliana; mas em vez de ir procurá-la na casa da velha comadre, com quem a deixara, foi bater à porta de uma pequena casa térrea do Beco (hoje Rua) do Cotovelo.

Uma mulher velha fez entrar Fernanda.

— Como vai o homem?

— Melhor, minha tia; e Emiliana?

— Levou a chorar todo o dia e toda a noite; mas bendito seja Deus, pegou no sono ainda agorinha.

— Por que não foi ela ver o pai?

— Três e mais vezes, coitadinha, correu até à porta; mas voltava sempre gritando: “não! não! jamais, nunca!”.

— Minha tia, disse-lhe o estado em que se achava iviarcos?

— Eu não, e pelo contrário fui sempre assegurando que ele passava cada vez melhor; Deus me perdoe estas mentiras.

— Então por que tanto chora Emiliana?

— Eu sei lá! Perguntei e ralhei, e ela nada quis dizer-me.

Fernanda tremia.

— A que horas chegou Emiliana?

— Acordou-me, batendo à porta pouco antes de romper o dia e veio só, a pobrezinha, por essas ruas.

— Onde está ela?

— No sótão.

— Minha tia, desde ontem à noite que não como, nem durmo; acorde a negra, e mande preparar-me alguma coisa para cear, enquanto vou ver Emiliana.

— Ah, menina! por que não disseste logo?

Fernanda não tinha fome, mas queria subir só ao sótão, pobre sótão que constava de uma única sala, baixa, e de telha-vã.

Emiliana estava estendida em um antigo catre, e dormia sono às vezes agitado por contrações nervosas; defronte do catre estava acesa uma candeia sobre uma caixa de pau.

Fernanda sentou-se aos pés de sua filha e contemplou-a com enternecimento e dor ao notar-lhe os olhos inflamados, os cabelos em desordem, o rosto contraído, e os braços com manchas de contusões.

De súbito Emiliana estendeu os braços, pareceu querer com as mãos trêmulas repelir alguém, e assombrada sentou-se no catre; vendo porém a mãe, tornou a deitar-se, desatando a chorar.

Fernanda sufocou um gemido de angústia; deixou que a filha chorasse livremente por algum tempo e depois disse-lhe com voz grave.

— Fugiste da casa, onde te deixei; vieste só e a horas mortas da noite acolher-te a esta; não correste para meu lado junto ao leito de teu pai quase moribundo; tens vinte anos, e recebeste educação de virtudes; uma de duas: ou explicarás o teu procedimento, ou és uma filha maldita.

E elevando a voz, acrescentou:

— Basta de lágrimas! . . .

Emiliana deixou de chorar; mas à luz da candeia o seu rosto se mostrava de fogo e carmim.

— Fala!

A jovem saltou fora do catre, caiu de joelhos, e com a cabeça inclinada para o chão, balbuciou tremendo.

— Juro por Deus Nosso Senhor. . . não tive culpa. . .

Fernanda torceu as mãos com desespero; levantou-se, e em pé diante da filha ajoelhada, disse com voz repassada de cólera ou de dor:

— Miserável! . . . desonraste-nos?

Emiliana ergueu a cabeça e ao mesmo tempo ressentida e confusa, orgulhosa e envergonhada, respondeu sem soluçar, mas caindo-lhe em bagas as lágrimas:

— Levaram-me à casa da traição e aí me abandonaram! . . .

Ao anúncio do desmaio e do perigo de meu pai, minha mãe esqueceu a filha que ficava só, pelo marido que longe era levado, e nem reparou que me deixava sem sentidos. . . não me queixo disso. . . o abandono em que me achei foi exigido por outro dever. . .

E elevando também a voz, por sua vez:

— Mas porque agora me condenam?

Fernanda abriu o coração às queixas e increpações que fazia a filha; ainda porém em tom severo, perguntou:

— E depois? . . .

Emiliana respondeu, falando com os dentes cerrados:

— Abandonaram-me inanimada nas garras da traição e tornei a mim nos braços do crime, e no abismo da vergonha!

— Desgraçada! . . .

— De quem é a culpa? . . . perguntou desesperada a infeliz moça.

Fernanda estendeu o braço sobre a cabeça de Emiliana, e com a mão abençoou a filha.

— Debalde gritei. . . abafaram-me os gritos, cerrando-me com força a boca; fui maltratada, e esmagada em luta desproporcional. . . e outra vez desmaiando, nem sei que fizeram da filha abandonada! . . . Quando recobrei os sentidos, achei-me só, levantei-me, e abri a janela, saltei por ela, e vim bater à porta da casa de minha tia. . .

E ainda mais profundamente ressentida, perguntou lugubrememente:

— Quem tem a culpa de minha desonra?

— Tu és pura diante de Deus, minha filha; e, além de pura, és mártir!

— E o mundo? . . . E eu agora no mundo? . . .

Fernanda não sabendo que dizer, perguntou:

— Conheceste o infame? . . .

— Desde muitos dias eu tinha reclamado a vigilância e a proteção de meus pais contra ele. . .

— Alexandre Cardoso!!! exclamou Fernanda.

— Eu tinha dito a meus pais que a velha perversa estava vendida a esse homem!

— Emiliana! . . .

A pobre moça em angústias despedaçava o coração materno:

— Eu disse tudo. . . Avisei debalde! Debalde, porque meus pais me entregaram sem defesa, me abandonaram fraca e desmaiada à traição e ao crime!

Fernanda caiu de joelhos em face da sua filha ajoelhada, e disse chorando:

— Perdão, Emiliana! . . .

Mãe e filha abraçaram-se, misturando as lágrimas.

A velha tia, falando da escada, anunciou que a ceia estava à mesa.

Fernanda e Emiliana levantaram-se.

— Vamos cear, disse a mãe.

— Não posso. . .

— É preciso poder fazê-lo: tua desgraça deve ser um segredo para todos, e principalmente para teu pai; ao algoz aproveita o silêncio; a velha perversa terá medo do conhecimento do crime, pois que o senhor vice-rei mandou garantir-nos a sua proteção, e reconstruir à sua custa a nossa casa incendiada; eu sou mãe e tu foste a vítima: ninguém falará: é necessário esconder ao mundo, a todos, a tua, a nossa vergonha. Vamos cear.

— Vamos, murmurou Emiliana.

E fez um movimento rápido para caminhar adiante.

Fernanda segurou-a pelo vestido.

— Emiliana! disse-lhe; minha pobre filha, tu levas no coração o amargor que há de durar muito, e um ressentimento, que me confrange e que me mata! . . .

— O que, minha mãe? . . .

— Meu marido, teu pai, estava em perigo de morte. . .

Emiliana hesitou. . .

— Oh, minha filha! Perdoa pelo amor de Deus o abandono em que tua mãe te deixou!

Emiliana lançou-se chorando nos braços de Fernanda.

O velho usurário não se recolheu a sua casa, quando saiu da de Maria. A cortesã não lhe merecia confiança e em todo caso convinha-lhe falar a Alexandre Cardoso; a boa aguardente com que se banhara interna e externamente lhe dera calor e lhe aumentara a força; dispôs-se pois a perder o resto da noite e foi esperar o ajudante oficial-de-sala à porta de sua casa na Rua da Misericórdia, e achando a porta fechada, sentou-se na soleira.

Dentro em pouco a idade, a fadiga e o isolamento puderam mais do que o cuidado dos papéis perdidos, e Clélio Írias insensivelmente foi-se deitando na soleira e tendo os pés firmados em um dos portais, as pernas encolhidas, e um braço a servir-lhe de travesseiro, adormeceu.

A cidade já dormia também, e não houve quem, passando, perturbasse o sono do velho usurário, que aliás podia não ser percebido, pois que então as ruas ainda não tinham lampiões de iluminação.

Os sinos já haviam anunciado duas horas da madrugada, e em breve marcariam três, quando Alexandre Cardoso seguido de uma ordenança aproximou-se trazendo o seu cavalo a meio galope e somente por ser muito adestrado cavaleiro deixou de medir a terra, pois o soberbo animal em que vinha montado deu violento e inesperado salto, assustando-se com a roncância e o vulto de Clélio Írias.

Alexandre Cardoso, firme na sela, esporeou, dominou o cavalo, obrigou-o a reconhecer o objeto que o assustara, e depois gritou à ordenança:

— Desperta esse mendigo e leva-o à cadeia.

O velho já tinha despertado, e reconhecendo aquela voz, sentou-se, gemendo, e disse:

— Sou eu, senhor Tenente-Coronel! . . .

— Clélio Írias! . . . exclamou Alexandre Cardoso.

E, apeando-se, atirou com as rédeas à ordenança, dizendo:

— Vai recolher os animais.

— E bateu à porta, enquanto o velho, agarrando-se a um dos um-

brais e soltando gemidos, levantou-se a custo.

— Que fazias aqui? perguntou Alexandre Cardoso.

— Esperava-o.

— Por quê? Para quê? . . .

O velho repetiu a história da perda ou do roubo dos papéis e Alexandre Cardoso não o deixou acabar, entrando em explosões de furor, e injuriando Clélio Írias.

— Sinto-me muito doente, disse este; já nem posso apreciar a natureza e as feições da sua cólera; roubaram-me papéis que podem lembrar idéias e meios capazes de perder-me; mas o homem, a quem esses papéis mais interessam, e cuja posse mais convinha é o senhor Tenente-Coronel.

— Que pretendes significar, bruto? . . .

— Que a honra exige e manda que o senhor Ajudante Oficial-de-Sala descubra onde estão aqueles documentos e mos restitua.

O velho caiu outra vez sentado, desprendendo pungente gemido. Alexandre Cardoso pareceu compadecer-se dele.

— Tens razão, meu velho; empregarei toda a minha atividade em reaver os documentos, cuja perda ou roubo pode ser ainda mais fatal a mim do que a ti. Se pudermos colhê-los, serão teus, voltarão ao teu poder, juro-o pela minha honra; se tanto não conseguirmos, nem por isso respeitarei menos as condições do nosso contrato verbal.

Clélio Írias quis levantar-se e não pôde.

Alexandre Cardoso deu-lhe as mãos e o pôs em pé.

— Tu sofres. . . vem; eu te recebo e te tratarei em minha casa.

O velho arredou-se dois passos com tanta viveza, e respondeu com tal acento de voz: — Oh! não! — que Alexandre Cardoso sentiu a espontânea manifestação da mais injuriosa desconfiança e, ressentido, lançou um insulto ao usurário e entrou batendo e fechando a porta.

Clélio Írias apoiando-se à parede quis andar; faltaram-lhe porém as forças e caiu.

Saíram então da sombra dois vultos, duas mulheres, uma de mantilha e outra sem mantilha; ambas se curvaram e ergueram em seus braços o velho doente:

— Senhor Clélio Írias, nós o levaremos à sua casa, disse a mulher que não trazia mantilha.

Eram Fernanda e Emiliana que se dirigiam à Santa Casa da Misericórdia, e que, por acaso, tinham ouvido a conversação ou o diálogo de Clélio Írias e Alexandre Cardoso.

A mãe dissera à filha:

— Socorramos o velho Írias: Deus tomará em conta e a favor de teu pai o bem que lhe fizermos.

A filha respondera com voz trêmula:

— Socorramo-lo; ele é meu irmão.

A fraternidade de que Emiliana se lembrara, não era a do Evangelho: era a de duas vítimas de um só e do mesmo algoz. Não ficava longe a casa de Clélio Írias; este porém se achava tão tomado de dores, que as duas senhoras quase desanimaram em meio da empresa caridosa, tendo de carregá-lo em seus braços.

Arquejando de fadiga chegaram finalmente, e aberta a porta da casa por um escravo tão velho como seu senhor, e o único e a única pessoa que com ele habitava, depositaram na mais pobre cama o rico usurário, que ardia já em febre, e soltava profundos gemidos.

O escravo foi chamar um licenciado que morava na mesma Rua do Parto e que, acudindo diligente, examinou Clélio Írias e declarou-o em perigo de vida e precisando dos mais assíduos cuidados.

O velho tinha reconhecido Fernanda e lhe beijara as mãos.

Fernanda chamou de parte a filha e disse-lhe:

— Emiliana, este homem emprestou dinheiro a teu pai, quando construímos a casinha que ontem se incendiou, e, usurário cruel para todos, lembrou-se que um dia Marcos o defendera contra um devedor que desatinado por bárbara penhora, o atacara na rua; e não quis receber juros da quantia que lhe devíamos e lhe pagamos.

— Eu sabia tudo isso, minha mãe.

— O velho Írias está às portas da morte e não tem quem o trate: eu não posso, e tu podes fazê-lo. Teu pai aprovará o nosso procedimento. No correr do dia acharás uma hora menos atarefada para ir ver teu pai. Fica velando por este homem sem amigos e sem parentes: é uma obra de misericórdia, minha filha; e eu voltarei aqui muitas vezes.

Fernanda afastou-se, e Emiliana murmurou lugubrememente:

— Já não corro perigo.

E ainda teve duas grossas lágrimas para acompanhamento da ironia terrível com que se ferira.

Alexandre Cardoso não pensou nas providências que sem dúvida tomaria para descobrir os documentos perdidos ou roubados, se ele os não tivesse queimado antes de sair de casa naquela para ele propícia noite.

O ajudante oficial-de-sala do vice-rei preparara habilmente a comédia de que fora vítima Clélio Írias: o hércules que agarrara o velho e que só o largara no fim do banho era soldado do seu regimento e da sua confiança, a quem vestira à paisana, a quem no interior da casa correra a instruir sobre o bolso forrado de couro, onde estavam os papéis, e que os roubara na luta violenta do banho.

Alexandre Cardoso perpetrava pois um crime vergonhoso, o mais infame dos crimes pela mão do soldado, seu instrumento obediente e cego; mas sofismava com a própria consciência, pretendendo que apenas arrancara a um usurário os meios de o dominar como senhor, e que cumpriria plenamente seus deveres contraídos verbalmente, satisfazendo as condições de uma negociação que aliás era também um crime.

A corrupção tem degraus fáceis de descer, desde que se desce o primeiro, e Alexandre já havia descido tantos que no fundo do abismo não tinha mais luz de simples dignidade, e se perdia nas trevas, e se chafurdava no lodo das ações mais torpes.

Esquecera facilmente Clélio Írias; voltara contente das horas que passara, jogando, e de volta a casa saboreava ainda a sua primeira vitória sobre o famoso jogador que nessa noite perdera avultada soma, e nem sequer lembrava, que Ângelo, depois do que lhe acontecera, fazendo a banca na casa de Maria de. . . , bem podia por sagacidade e para desfazer suspeitas, perder ao jogo em uma noite para mais seguro ganhar seguidamente em dez.

O ajudante oficial-de-sala do vice-rei dormiria pois muito tranquilamente o resto da noite, se a imagem de Inês e o desejo de vingar-se de Jerônimo Lírio, que lha negara em casamento, não viessem freqüentemente enegrecer-lhe o coração e inflamar o seu apaixonado sentimento que ele

chamava amor, e a sua cólera abafada.

Alexandre Cardoso resolvera desde que soubera da recusa feita ao vice-rei, vingar-se de Jerônimo Lúrio, sacrificando Inês aos seus instintos malvados: ele, um nobre, oficial de grande aspirações no exército, desempenhando alto cargo na administração, fora pelo negociante, plebeu obscuro e sem nome de família, julgado indigno de ser esposo de Inês; era pois indispensável à satisfação do seu orgulho e à sua paixão manchar a pureza daquela mimosa flor da solidão; animava-o ainda mais a isso o ressentimento profundo do Conde da Cunha contra o velho negociante; mas um pouco suspeito e apreensivo desde a noite de domingo, não confiou suas intenções e seus projetos a nenhum dos amigos e só consigo planejava a obra do crime.

Perdera a esperança de seduzir a bela menina; porque empregara em vão todos os meios para aproximar-se dela e falar-lhe; escrever-lhe era loucura, porque Inês não sabia ler; mandar-lhe recados, flores, e declaração de amor, também tentara debalde, recorrendo a escravos de Jerônimo, que conhecendo bastante a severidade de seu senhor não ousavam expor-se ao cometimento de atos que seriam terrivelmente punidos.

As velhas pobres que envolvidas em mantilhas esmolavam pelas casas eram naquele tempo as useiras do ofício de confidentes e recadistas de amor: delas não se esquecera Alexandre Cardoso; se alguma porém conseguiu falar ao ouvido de Inês, nenhuma lhe merecera atenção.

Contra a filha do negociante rico e venerado, do homem austero e forte que nem ao vice-rei se dobrara, o plano de ataque e de conquista violenta precisava ser fria e cautelosamente combinado, e disso o orgulhoso e audaz ajudante oficial-de-sala se ocupava.

Os dias foram passando: o jogo não sorria mais a Alexandre Cardoso, que em breve se achou sem dinheiro e privado dos recursos com que então mais contava; porque de um lado o vice-rei negava-se a nomear comandantes para o último dos novos terços, e do outro, Clélio Írias, o seu contratado sócio, de quem muito esperava, batia às portas da morte, atacado de uma febre maligna.

Entretanto, o Conde da Cunha continuava a tratar com a maior benignidade o seu ajudante oficial-de-sala, e apenas o incomodava, exigindo notícias da filha do carpinteiro, e a descoberta do cúmplice ou sedutor dessa moça.

Alexandre Cardoso sofria. . .

Quatro ou cinco dias depois do carnaval, o Conde da Cunha, tendo recebido e lido o misterioso e anônimo relatório da semana, passou algumas horas em febril irritação, fazendo gemer as salas do palácio sob seus passos pesados e acelerados.

Os servos, as ordenanças, os próprios empregados que trabalhavam na Secretaria, tremiam.

— A tempestade ronca; sobre quem cairá o raio? dizia um.

— O Sr. Vice-Rei em idas e voltas, tem passeado hoje duas léguas, observava outro.

— É a medida de sua cólera, acrescentava um terceiro.

Mas a tempestade serenava sem que caísse raio sobre alguém.

O vice-rei deixou de passear; a tarde correu tranqüila, e ao anoitecer, Germiano foi chamado ao gabinete do Conde da Cunha.

Os dois se acharam a sós.

— Escuta, disse o vice-rei.

E tomando a carta ou relatório que recebera das mãos do próprio Gemiano, leu-lhe uma página, que continha a história de quanto se passara entre Alexandre Cardoso e Clélio Írias, e do modo por que a este haviam sido roubados os três documentos falsos.

Acabando de ler, o Conde da Cunha tornou, dizendo:

— Quero saber se isso é verdade e preciso simular ignorância destes fatos, é indispensável interrogar o velho Clélio Írias; eu me atraitoaria, se o fosse procurar, e só tenho confiança em ti; mas tu és mudo, e Clélio Írias está a morrer: que farás? . . .

Germiano ficou imóvel e refletindo; no fim de alguns minutos sorriu-se: tinha resolvido o problema.

O mudo dividiu uma folha de papel em oito pedaços, correu com o dedo duas linhas do relatório e com o mesmo dedo fingiu escrever no primeiro dos oito pedaços de papel, e assim foi igualmente trazendo com os outros.

O vice-rei compreendeu Germiano, tanto mais facilmente, que tinha tido a mesma idéia.

— Entendo: copiarei a denúncia que me dão, fazendo perguntas, cada uma das quais escreverei em papel separado.

O mudo fez sinal afirmativo.

O vice-rei escreveu muitas perguntas, e cada uma em um oitavo de papel.

Germiano quando viu terminado este trabalho, e que o vice-rei lhe entregava os papéis, apontou com o dedo indicador para este, depois para si, e depois para a rua, na direção da casa do velho Clélio Írias.

O Conde da Cunha escreveu em uma folha de papel, que Germiano ia por ordem do vice-rei, interrogar daquele modo a Clélio Írias, como o inteligente mudo acabava de indicar-lhe, e ajuntou a isso garantia de perdão ao velho usurário, uma vez que ele não procurasse ocultar a verdade, e impondo-lhe, enfim, ordem de absoluto segredo.

Acabando de assinar o que escrevera, o vice-rei leu tudo a Germiano, e perguntou-lhe:

— Queres mais alguma coisa?

O mudo fez sinal que não.

— Sabes onde mora Clélio Írias?

O mudo sorriu-se.

— Até amanhã à noite, dar-me-ás conta desta comissão.

Germiano curvou-se respeitosamente e retirou-se, levando todos os papéis escondidos no peito, por baixo da farda.

Passadas duas horas, bateram à porta do gabinete do vice-rei.

— Quem é? Perguntou este.

Nenhuma voz respondeu; mas os dedos de alguém arranhavam a porta.

— É Germiano, disse o Conde da Cunha.

E foi abrir a porta.

O mudo fez sua vênia ao vice-rei, entregou-lhe os papéis que lhe tinham sido confiados e ficou imóvel.

O Conde da Cunha examinou os papéis e no fim da maior parte das perguntas, encontrou, feita a lápis, uma cruz, em duas um risco passado sobre a pergunta, em uma absoluta falta de sinal.

— Que quer dizer a cruz?

O mudo fez com a cabeça movimento afirmativo.

— Portanto, a estas perguntas, Clélio Írias respondeu que era verdade?

O mudo repetiu com a cabeça o movimento afirmativo.

— E o risco passado sobre as palavras destas duas perguntas?

O mudo moveu a cabeça em sinal negativo.

— Quer dizer que não; muito bem; mas esta pergunta, que não traz sinal de resposta? . . .

O mudo moveu ambos os braços em abandono, e tendo as mãos abertas, levou-as um pouco para trás.

— Não entendo, disse o vice-rei.

O mudo fechou os olhos e com as mãos tapou os ouvidos.

— Queres dizer que o homem não viu, nem ouviu, e respondeu que não sabe?

Germiano sorriu-se, indicando sim.

O Conde da Cunha bateu com a mão no ombro do mudo e disse-lhe:

— Aqui, como em toda parte, desde que te conheço, és fidelidade inteligente que Deus concedeu para o meu serviço e defesa. Vai dormir, meu velho amigo!

Duas grossas lágrimas correram pelas faces rugosas de Germiano, que beijou a mão do Conde da Cunha e foi dormir, como ele lhe ordenara.

Germiano, orgulhoso e ufano, lembrou-se acordado e em sonhos dormindo, o título de *meu velho amigo*, que lhe dispensara o alto senhor Conde da Cunha, Vice-Rei do Brasil.

Emiliana estava cumprindo zelosamente o seu dever de caridade e, primeiro prêmio de Deus, os cuidados incessantes que exigia o velho usurário a faziam esquecer por vezes o seu infortúnio.

Marcos Fulgêncio, que ia sempre melhor, não só aprovara a nobre tarefa incumbida por Fernanda a sua filha, como ordenara que esta não desamparasse um só instante a Clélio Írias, e apenas, cauteloso e prudente, quisera que a velha tia de sua mulher fosse acompanhar Emiliana, que não devia ficar só em uma casa estranha.

Clélio Írias se achava no estado mais perigoso: o descuido com que se deixara molhado até secarem-lhe as roupas no corpo, o sono dormido ao relento, a excitação nervosa e o desespero que lhe tinham causado as violências sofridas no entrudo e o roubo dos seus papéis, prepararam-lhe moléstia gravíssima.

O facultativo chamado era prático, hábil, e desenvolvia com energia todos os recursos que os seus conhecimentos médicos e o livro magistral da experiência de longos anos de clínica punham à sua disposição; mas debalde lutava com a morte, que parecia ter marcado a sua vítima.

Clélio Írias, ardendo em febre e caído em sono comatoso, passara quarenta e oito horas nesse estado, que indicava próxima agonia; mas, à luz do terceiro sol, a febre diminuiu, o sono horrível cessou, e dores atrozes o atormentaram; o facultativo concebeu algumas esperanças de salvar o doente e continuou a luta com a morte.

Gemendo pelas dores que sofria, abrasando-se na febre que se abatia sem cessar de todo, durante breves horas, para agravar-se logo depois, banhando-se em viscoso suor, agitando-se no leito, e algumas vezes defirando, Clélio Írias tinha sempre ao pé de si Emiliana, que, paciente, delicada, compassiva, animadora, velava noite e dia cuidando dele como a filha mais extremosa.

Muitos improvisados amigos ao saberem que o velho usurário es-

capara ao sono precursor da morte e voltara à consciência da vida e da sua situação, correram a oferecer-se para tratá-lo; este, porém, apontava para Emiliana e dizia com voz trêmula:

— Basta ela.

Uma vez, tendo respondido do mesmo modo a um novo oferecimento, Clélio Írias chamou Emiliana, e tomando-lhe uma das mãos, beijou-a com enternecimento.

O facultativo proibiu ao doente receber visitas e fez parar assim a procissão dos fingidos amigos do usurário, que somente estabeleceu uma exceção da regra para o seu vizinho compadre, aquele que lhe emprestara a cadeirinha.

Emiliana era quem recebia e despidia as visitas na pobre sala de jantar do rico usurário, cujo leito passara de um quatinho escuro e úmido para a sala principal, que lhe servia de escritório.

Uma noite, pouco depois do toque de Ave-Maria, uma senhora trazendo mantilha apresentou-se na casa de Clélio Írias e foi levada para a sala de jantar.

Emiliana recebeu-a e a fez sentar.

— Venho visitar o Sr. Clélio Írias, disse a mulher de mantilha.

— Eu darei parte da visita da senhora, e peço o favor de dizer o seu nome.

— Então ele não pode receber-me?

— Não, minha senhora; o Sr. licenciado proibiu absolutamente as visitas ao doente.

A mulher fez um movimento de desagrado.

— Perdão, minha senhora; eu cumpro ordens que me deram.

— A menina é a enfermeira? . . .

— Sim, minha senhora.

— É parenta de Clélio Írias?

— Não, minha senhora.

— Sua afilhada talvez? . . .

— Também não, minha senhora.

Uma velha que trabalhava a um canto da sala, na sua almofada de rendas, disse:

— É Emiliana, filha do mestre carpinteiro Marcos Fulgêncio, que é um homem muito honrado e amigo do Sr. Clélio Írias.

A mulher de mantilha levantou-se, estremecendo:

— Ah! exclamou; o mestre Marcos? a vítima do incêndio? . . .

— É verdade, minha senhora, respondeu Emiliana; mas não sei por que minha tia deu agora em apregoar o meu nome.

— Cala-te aí, enfezadinha! tornou a velha; nós não temos motivo para andar escondendo quem somos, graças a Deus!

— Menina, disse a mulher de mantilha, sua tia tem razão; o seu mister nesta casa é uma tarefa de anjo de caridade.

— Oh! não, minha senhora, é apenas o pagamento de uma dívida de gratidão, e o cumprimento da santa lei do amor do próximo.

A mulher lançou a mantilha no banco de pau, onde estivera sentada e mostrou seu rosto de peregrina beleza e seu corpo de suaves e maravilhosos contornos.

Emiliana contemplou-a admirada; com ingenuidade que valeu mais que todas as lisonjas dos salões elegantes, foi atizar a candeia, e voltou a contemplar de novo a senhora.

— Como é formosa, minha senhora! . . . disse ela.

Maria de. . . abraçou Emiliana, beijou-a em ambas as faces e respondeu:

— A menina pode, sem inveja, como o faz, reconhecer a beleza de qualquer mulher; porque a nenhuma cede em lindeza.

Emiliana confundiu-se, e abaixou o rosto.

— Mas eu precisava muito falar a Clélio Írias!

— É impossível, minha senhora. . .

— Oh! . . . se a menina soubesse. . .

— Dói-me muito repeti-lo; mas o licenciado não quer, e eu sou responsável. . .

Maria interrompeu Emiliana, tomando-lhe a mão e levando-a para o corredor, onde, falando-lhe ao ouvido, murmurou:

— Silêncio! . . . nem uma exclamação, nem um grito, ou despertará suspeitas. . .

Emiliana tremeu e prestou atenção.

Maria continuou, segredando:

— Nós somos irmãs, e sob este teto há três vítimas, e três inimigos do mesmo homem; lá o velho, que vai talvez morrer, aqui uma amante ultrajada e uma donzela ofendida em sua honra.

Maria susteve Emiliana, que titubeava. . .

— Silêncio e prudência. . . já lho disse; nós ambas temos o mesmo ódio, e eu preparo a vingança: preciso falar a Clélio Írias antes que ele morra.

Emiliana envergonhada, trêmula, quase sem voz, sentiu horror desse frenesi de vingança que ousava ir perturbar, tempestuar a alma de um velho, talvez próximo a morrer.

— Não, balbuciou ela; por isso mesmo não, minha senhora.

Maria recuou um passo e perguntou com ironia:

— A vítima perdoou ao algoz? . . .

Emiliana respondeu com vexame profundo e justo despeito:

— Não entendo o que me dizes; mas sei o que me cumpre fazer.

O facultativo, licenciado, ou cirurgião, como então indistintamente se dizia, chegou nesse momento; antes de tudo, foi examinar o velho doente, e no fim de alguns minutos dirigiu-se à sala de jantar, onde cumprimentou a velha e as duas moças.

— A febre declina, mas não me engana; é evidentemente traiçoeira e anda a fazer-me negaças; esta resistência de certos sintomas nervosos pode dar de si. . . o velho Írias conserva na língua uma crosta com cheiro de morte; notem que ele já mudou de cabeceira duas vezes. . .

— Mas eu precisava falar a Clélio Írias, disse Maria.

— Nada, de modo nenhum, respondeu o licenciado, rindo-se; a Sr^a D. Maria é bonita demais, e era capaz de fazer pecar por pensamentos o velho, que amanhã deve receber os socorros da Igreja.

Maria quis teimar; bateram, porém, à porta da casa.

Emiliana mandou entrar, e entrou Germiano.

— Que pretende? . . . perguntaram a Germiano.

O mudo, pondo em ação a sua mímica expressiva, indicou que queria entender-se com Clélio Írias.

Responderam-lhe que isso não era possível.

Germiano conhecia o facultativo e dirigindo-se a ele, pôs um dedo na boca, recomendando silêncio e mostrou-lhe uma folha de papel.

Apenas leu as primeiras palavras, o licenciado curvou-se com respeito, e disse ao mudo:

— Venha.

E introduzindo Germiano na sala, onde estava Clélio Írias, retirou-se, cerrou a porta, e saiu, prometendo voltar em breve.

— Aquele soldado é um enviado do vice-rei; e sou capaz de jurar que vem pedir a Clélio Írias informações sobre a sua enfermeira.

Emiliana não respondeu a Maria e ficou imóvel.

Bateram de novo à porta, e enquanto Emiliana foi ver quem chegava, Maria, conhecedora, como qualquer outro, das divisões e comunicações adotadas em quase todas as casas da cidade, atravessou a sala de jantar, entrou em um quarto, passou desse para outro que era contíguo à sala que servia de escritório, onde estava Clélio Írias, e abrindo um pouco e levemente a porta, aplicou o ouvido e escutou.

Germiano levava a candeia que estava acesa na sala do doente para perto deste, e oferecera-lhe aos olhos a folha de papel que mostrara ao facultativo.

— Da parte do Sr. Vice-Rei! disse Clélio Írias, lendo; e fazendo vão esforço para sentar-se.

O mudo conteve o doente e com a sua mímica recomendou-lhe tranqüilidade e começou o seu interrogatório, apresentando a primeira pergunta escrita.

Clélio Írias leu em meia voz e respondeu sim.

Germiano traçou com um lápis que trazia, uma cruz no papel onde estava escrita a pergunta.

No entanto Emiliana tinha vindo procurar Maria e encontrando-a a escutar à porta entreaberta do quarto, puxou-a com força pelo braço para afastá-la daquele lugar, onde surpreendia um segredo; achando, porém, teimosa resistência, hesitou, não sabendo o que devia fazer; porque, tolerando aquele abuso, era cúmplice em uma traição, e denunciando-o, expunha talvez a tremendo castigo a mulher audaciosa, e ia provocar perigoso abalo provavelmente fatal ao velho doente.

Ansiosa e trêmula, Emiliana ouviu o nome de Alexandre Cardoso murmurado por Clélio Írias na pergunta que lera, e não podendo arredar dali a senhora de mantilha, deixou-se também ficar, puxando sempre pelo braço desta, mas talvez já não menos curiosa que ela.

O mudo foi sucessivamente passando a Clélio os papéis de perguntas, e traçou uma cruz, quando a resposta foi — sim —, um risco sobre as letras da pergunta, quando o velho respondeu — não —, e não fez sinal algum em uma pergunta, à qual o doente respondeu — não sei.

Clélio Írias lia sempre em meia voz a pergunta que o mudo lhe apresentava e a que respondia imediatamente.

Terminado esse interrogatório singular e imprudente nas circunstâncias em que se achava Clélio Írias, Germiano apertou a mão do doente e voltou a dar conta da sua comissão ao vice-rei.

Ao mesmo tempo Maria tornou à sala de jantar e, voltando-se para Emiliana disse:

— Perdi o meu tempo; nada ouvi que fosse novo para mim.

Emiliana não podia dizer outro tanto, e estava espantada da reversão e dos crimes do homem que já era bastante criminoso para ela.

— Em que pensa, menina? perguntou Maria, pensa em. . .

A moça interrompeu-a com viveza e respondeu:

— Pensava naquele mudo. . .

Maria sorriu-se maliciosamente; vendo, porém, que Emiliana corava, disse-lhe:

— A providência divina também é muda: não fala, mas não dorme.

O facultativo chegou, como prometeu; e Maria, perdendo de todo a esperança de falar a Clélio Írias, envolveu-se em sua mantilha, e, embora levasse a promessa de que lhe participariam, quando o doente pudesse recebê-la, dada a hipótese de escapar à morte, retirou-se contrariada.

Dois egoísmos tinham, um, tentado com empenho sacrificar, e outro, efetivamente sacrificado à sua vontade todas as considerações de respeito e de caridade, a que tinha direito um velho doente e em perigo de vida; o egoísmo da vingança e o egoísmo do poder despótico. Emiliana soubera

resistir a Maria; o licenciado não ousara resistir ao vice-rei.

Mas, receoso das conseqüências do interrogatório misterioso feito pelo mudo, o licenciado foi ver outra vez o doente: a febre aumentara um pouco e com ela as dores e a agitação.

— A tal conversa lhe foi nociva, disse o prático; espero, porém, que há de amanhecer melhor; vou receitar-lhe um calmante poderoso. . .

Clélio Írias sacudiu a cabeça em sinal de incredulidade.

— Isso é medo de velho. . .

— Amanhã receberei os sagrados socorros e a extrema-unção, murmurou o doente.

— É o seu dever de católico.

— E suave consolação e conforto de minha alma de usurário e pecador arrependido. . .

— Está bem; descanse.

— Não; é preciso que eu lhe fale: Sr. Licenciado, tenho mais de setenta anos; o mundo e a vida já me cansam.

— Conversaremos amanhã. . .

— Amanhã pode ser tarde. Sr. Licenciado, seja franco: tenho negócios a arranjar, disposições a tomar; se ainda espera salvar-me e esses cuidados podem contrariá-lo, estou pronto a adiá-los; se, pelo contrário. . .

O licenciado cortou a palavra ao doente e respondeu-lhe:

— O seu estado é grave; ainda tenho esperanças de vencer esta febre maldita que o devora; mas quer me parecer que a preocupação dos arranjos dos seus negócios é ainda pior do que será a fadiga e a excitação do trabalho que vai ter; descanse, pois, duas horas, tome depois as suas disposições, e deixe o resto por minha conta.

Clélio Írias compreendeu perfeitamente a verdadeira significação das palavras do licenciado, e sem comoção e sem tremer, disse:

— Agradeço-lhe a verdade.

E fechou os olhos como para dormir.

O licenciado recebeu e despediu-se de Emiliana e da velha.

Meia hora depois, Clélio Írias abriu os olhos e viu sentada a seus pés a dedicada enfermeira.

— Venha sentar-se aqui, disse-lhe, mostrando uma cadeira de pau que estava junto da cabeceira.

A moça obedeceu e ele tomou-lhe uma das mãos, e falou com ansiedade que enérgico dominava.

— Emiliana! Devo-lhe muito nestes dias, e vou morrer, apesar dos seus cuidados de filha dedicada. Veja em mim seu pai, e creia que vai confessar-se a um moribundo; mas confesse-se. . .

Emiliana estremeceu.

— Faltam-me as forças. . . padeço muito. . . não me fatigue: fale,

que preciso ouvi-la.

— Que quer que eu diga?

— Que confesse ao moribundo que vai dar contas de si a Deus, o que com inteira verdade se passou na noite do incêndio da casa de seu pai.

Emiliana desatou a chorar.

— É pois verdade o que disseram? perguntou Clélio Írias.

— É verdade, balbuciou a moça.

— Alexandre Cardoso é pois seu amante?

— Oh! não!. .. exclamou ela levantando-se.

— Sente-se.

Emiliana sentou-se.

— Mas Alexandre Cardoso, o infame por mil infâmias, manchou a sua reputação. . .

A moça contou soluçando, a breve história da sua desgraça.

Clélio Írias fatigado e em febril agitação teve pressa de acabar essa íntima conversação.

— Embora inocente, o seu nome está exposto às irrisões do mundo: tome outro nome. . .

— Como, senhor? . . .

— Seja noiva amanhã para ser viúva depois de amanhã.

Emiliana não soube que dizer.

— Mandê chamar sua mãe, e prevenir a seu pai; amanhã a senhora será esposa do velho usurário, que morrerá logo depois com a cabeça encostada no seu seio.

E Clélio Írias tornou a fechar os olhos; mas, passados poucos momentos, murmurou:

— As orações do anjo serão as asas que hão de levar a alma do velho pecador arrependido aos pés do Senhor Deus misericordioso.

E Clélio Írias dormiu.

Na manhã do dia seguinte Clélio Írias aparentemente muito melhor dos seus cruéis sofrimentos, calmo e contrito, confessou-se e recebeu a sagrada comunhão.

Em seguida foi celebrado e abençoado o seu casamento com Emiliana, a filha do carpinteiro Marcos Fulgêncio.

Acabado o ato religioso do casamento, o padre saiu da sala, onde entrou o tabelião.

No fim de uma hora duas testemunhas assinaram o testamento do marido de Emiliana.

Ao meio-dia o velho que era noivo estava sem febre, tranqüilo, e como sorrindo aos horizontes da vida.

Às duas horas da tarde voltou a febre com extraordinária violência.

Às cinco horas Clélio Írias delirava.

Às seis perdera a fala e seu corpo cobriu-se de frio suor.

À meia-noite o velho usurário, pecador arrependido, agonizava, tendo a cabeça encostada no seio de sua jovem esposa.

À uma hora da madrugada, Emiliana Írias estava viúva e era a única herdeira de uma fortuna de seiscentos mil cruzados.

Na chácara da Gamboa, continuara sem a mais leve perturbação a vida suave e tranqüila da família de Jerônimo Lírio; tipo das famílias de costumes severos do tempo colonial, principalmente do último século observava as regras adotadas com precisão, mas sem constrangimento, porque a educação passada de pais a filhos as tornara fáceis e como que naturais.

Assim, Jerônimo Lírio, o chefe, dirigia exclusivamente os negócios e neles resolvia tudo sem consulta anterior e sem conhecimento posterior da Sr.^a Inês; esta governava absolutamente na economia doméstica, no que o marido só intervinha, quando a mulher precisava do seu concurso; cada uma das duas filhas por sua vez fazia semana subgovernando e dirigindo todos os serviços domésticos debaixo das vistas de sua mãe, cada uma tinha sua escrava particular que costurava e engomava seus vestidos e a servia no quarto; os costumes dessas escravas eram especialmente zelados. As duas meninas não falavam a pessoa estranha, senão em presença de seus pais, e nunca passeavam nem se mostravam sós.

O cuidado do futuro da família pertencia a Jerônimo, que diria oito dias antes do casamento os nomes dos noivos de suas filhas a sua mulher: mais ainda em segredo; porque bastava que as noivas os soubessem na véspera do enlace nupcial.

Entretanto Jerônimo teve de fazer uma exceção a esta última regra do absolutismo logo depois da retirada na noite da segunda-feira de entrudo. Ele se lembrara de que na tarde antecedente Inês o confundira, dizendo-lhe: "Sou mãe que vê mais e que adivinha antes de ti o que mais tarde lhe escondes para poupar-lhe cuidados".

Sem contestações Inês tinha-se referido às pretensões de Alexandre Cardoso à mão de sua filha mais moça, e pois era justo que soubesse o que sem quebra do sigilo convencionado, podia Jerônimo comunicar-lhe da sua conversação particular com o Conde da Cunha.

Chegando ao seu quarto, o negociante disse à Sr.^a Inês que o esperava:

— Sabes a que veio o vice-rei?
— A quê?
— Pedir-me a Sinhá em casamento para o seu ajudante oficial-
de sala.

— Misericórdia! . . . antes não viesse cá o senhor vice-rei! . . .
— Por quê? . . .
— Será uma desgraça semelhante casamento. . .
— Pensamos do mesmo modo.
— E então?
— Respondi com um não redondo.
— Mas e o senhor vice-rei?
— Ele governa a colônia; eu, porém, governo minha família.
— E as perseguições e os perigos a que ficamos expostos com um
tal inimigo?

— Sossega: o Conde da Cunha retirou-se às boas comigo.
— Mas esta gente alta não finge?
— Oh! e muito: mas eu tenho razão para estar tranqüilo, nem de
outro modo te comunicaria isto.

— Deus Nosso Senhor nos ampare.
— Ontem apanhei em algumas palavras tuas a declaração de que
antes de mim tiveste conhecimento das atrevidas e importunas intenções e
cortusias do tal Alexandre Cardoso.

— É verdade; eu as tinha percebido.
— E a Sinhá? . . .
— Coitadinha! ainda não pensa em semelhantes coisas.
— Olha que ela é muito esperta. . .
— É um anjinho de inocência, como a Nhanhã.
— Bem: o que acabo de dizer-te, é um aviso para que redobres de
vigilância.

— Sem dúvida; mas o vice-rei?
— Que tem o vice-rei?
— Como acharia ele a recepção que lhe fizemos?
— Onde a terias melhor no Brasil? Não vês que fomos despachados,
e que vais ser a senhora *dona* Inês?
— Sim, e com marido cavaleiro do hábito. . .
— Estás vendo que a nobreza nos entra em casa. . .

Ambos se puseram a rir, mas dentro de si muito ufanos das
graças prometidas.

E deles não se riam hoje os comendadores e barões admirados
de ufanía por tão pouco; pois o título de *dona* a uma senhora e um hábito da
Ordem de Cristo a um homem custavam e distinguiam então muito mais do
que as comendas e os baronatos do nosso tempo.

Ainda antes de dormir os dois velhos e amigos esposos conversaram sobre Isidora; mas em voz tão baixa que só eles mesmos se podiam entender.

O dia seguinte era feriado e o compadre Antônio Pires chegou inesperadamente e foi recebido com expansão de alegria pela família.

O dia tornou-se de festa.

Os dois velhos amigos conversaram a sós uma hora: Jerônimo Lírio confiou a Antônio Pires tudo quanto se passara na visita do vice-rei; e este referiu àquele a notícia do incêndio da casa do carpinteiro Marcos Fulgêncio e os rumores que corriam do novo atentado que perpetrara Alexandre Cardoso; discutiram sobre os dois acontecimentos e depois voltaram à sala onde se achavam as senhoras.

As meninas falavam muito no vice-rei, a quem faziam encantados elogios; Isidora sentada junto da senhora Inês se conservava em silêncio.

Os dois compadres jogaram o gamão e Jerônimo Lírio que estava em maré de felicidade punha em torturas a impaciência de Antônio Pires, contido e coato pela presença das senhoras.

Uma vez depois de cinco gamões consecutivos perdidos por Antônio, a fortuna pareceu mudar, Jerônimo, falhando três vezes, estava exposto a levar gamão; era quase impossível a este salvar a partida, ou conseguir perder apenas jogo simples.

— Toma agora a lição de mestre, velho presumido! exclamou Antônio.

— E se eu te der na pedra? . . .

— Era preciso que tivesses o diabo no corpo para que me desses na pedra, saíesses com os três, que estão quase presos, e que te caseasses, enquanto eu fosse falhando por um século!

E foi o que aconteceu! . . .

Jerônimo teve dos dados o quase impossível, fechou-se todo, e gritou a Antônio que furioso apertava a pedra na mão:

— Tragam doce para Antônio, enquanto eu não lhe abro casa!

Antônio teve medo de esquecer-se da presença das senhoras, e voltando-se para elas, disse:

— Comadre, mande despedaçar este tabuleiro de gamão!

— Não jogue mais, compadre!

— Aí tem casa aberta, disse Jerônimo; entra depressa se queres livrar o gamão. . .

— Com uma pedra só a entrar e recolher?

— Tem-se visto tantas vezes!

Antônio falhou três vezes, entrou depois; mas em seguida lançou duas vezes dois e ás, e levou o gamão cantado.

— Jerônimo quase rebentava de rir, provocando com zombarias o velho amigo, que arrebatado, deixou-lhe o tabuleiro nos joelhos, e para

disfarçar a sua irritação perguntou a Isidora:

— O vice-rei assustou-a muito? Escondeu-se dele?

— Ao contrário, compadre; ela encantou o senhor Conde da Cunha com os lundus que lhe cantou.

— Ah! canta lundus?

— E muito bem.

— Pois faça de conta que eu sou o vice-rei, e vamos aos lundus.

Isidora não se fez rogar; foi para o cravo, e então menos acanhada, cantou muito melhor do que na presença do Conde da Cunha.

— Mas... isto é muito bonito! exclamou Antônio.

E voltando-se para os dois lírios.

— E vocês cantaram também?

— Nós dançamos, meu padrinho, disse Inês.

— Pois deviam ter também cantado: a música vale mil vezes mais que a dança.

— Mas... não sabemos... .

— Era fácil sabê-lo agora, visto que vocês têm boa mestra em casa, disse Antônio.

E voltando-se para Jerônimo, continuou:

— Jerônimo, por que as meninas não aprenderam a cantar alguma coisa com a senhora Isidora? . . .

O velho negociante um dia antes se revoltaria contra a proposição; mas desde a oração da noite do domingo começara a afeiçoar-se a Isidora, e o muito que esta agradara ao vice-rei pelos seus lundus, acabou por decidi-lo:

— Isso é lá com Inês, que é quem se ocupa das meninas, respondeu.

A senhora Inês que observara a expressiva fisionomia do marido, acudiu depois de breve reflexão:

— Se a menina Isidora quiser prestar-se a dar algumas lições... .

Isidora respondeu, corando:

— Sei muito pouco, minha senhora, mas estou pronta a servir em tudo quanto possa à família respeitável e benéfica a quem devo hospitalidade e proteção.

— Quanto tempo perdido! exclamou Antônio.

— Como?

— A primeira lição já devia ter principiado... .

Jerônimo levantou-se e saiu da sala, dizendo:

— Temos doidices: ainda hei de ver-me obrigado a fechar a porta a este velho... .

Antônio era o único homem que influía com poder quase irresistível sobre Jerônimo; e cada uma de suas visitas era sinal de festa e de

alegria na chácara da Gamboa, onde ele com dissimulado apazimento do amigo, punha as duas meninas em folgado não coagidas pela austeridade do pai.

— Fazes bem em te ir, carrancudo, ralhador, dissera Antônio a Jerônimo.

E falando à Sr.^a Inês, prosseguiu:

— Comadre, há de ver o que sai daqui: eu aposto que a Nanhã, que é menos alegre, cantará bem modinhas, e que a Sinhá há de brilhar nos lundus. Vamos a um ensaio? A Nanhã que experimente uma modinha.

A Sr.^a Inês sorriu-se e animou as filhas; Isidora foi sentar-se ao cravo; mas Irene, vergonhosa e confundida, não se atreveu a ensaiar sua voz.

— Sinhá, disse o padrinho à afilhada, dá o exemplo a tua irmã.

A menina Inês levantou-se risonha, corada e entre o vexame natural e o desejo de agradar ao padrinho, foi colocar-se ao lado de Isidora.

— Que deseja cantar? perguntou esta, docemente.

— Ora! Não sou eu, é meu padrinho que deseja que eu cante um lundu.

— Qual é o que vai cantar? . . .

— O primeiro que ouvi ontem à senhora.

— Ah! o da velha que quer casar?

— Esse mesmo.

— Acha bom que lho repita?

— Meu padrinho não poderia ouvir-me depois.

Isidora começou o acompanhamento e a inteligente e engraçada Sinhá, vencendo o medo, desatou a voz e cantou de cor o lundu que ouvira duas vezes, conseguindo imitar as inflexões da voz, o método e a graça do canto de Isidora.

A menina Inês acabava de exceder o que porventura dela esperava o padrinho, que batia palmas.

Isidora contemplou admirada a sua imitadora.

— Que lhe pareceu? perguntou a Sr.^a Inês.

Isidora afastou logo os olhos que fixara na menina e respondeu:

— Estou maravilhada, minha senhora.

— Se pensa que vale a pena, principiaremos amanhã as nossas lições de música.

Havia quinze dias que as lições de canto tinham começado; desde que satisfazia os trabalhos diários do governo da casa, regularmente, às dez horas da manhã a Sr.^a Inês levava as filhas para a sala e sem se ausentar por um só momento, e com os olhos e a atenção mais ativa e o mais escrupuloso zelo empregados nelas, assistia às lições de solfejo e canto, que Isidora dava às duas meninas.

Irene e Inês, que achavam nessas lições distração suave em sua vida monótona, aplicavam-se muito e faziam rápidos progressos; além do estudo da música, Irene tinha aprendido de cor duas modinhas e Inês outras tantas e um lundu, para cantá-los em casa de Antônio Pires, na noite da serração da velha.

Jerônimo Lúrio estava satisfeíssimo do aproveitamento das filhas, já as fazia cantar em sua presença e calculava com essa nova prenda das meninas para a festa que daria ao vice-rei em uma segunda visita, com que contava.

O recato, o proceder honestíssimo, os modos sempre respeitosos de Isidora, tranqüilizavam cada vez mais o austero velho, que nem mais disfarçava a estima que lhe merecia a hóspeda; entretanto, não se modificara por isso o sistema da vida íntima da família Lúrio: Isidora era sempre uma estranha; nem uma só vez se achava a sós com as duas discípulas, e unicamente em horas determinadas era admitida no interior da casa, a conversar com a Sr.^a Inês.

Ainda naqueles tempos quase recentes, os portugueses e seus descendentes conservavam no sangue os germes do turvo ciúme mourisco que rouba a mulher à admiração e aos cultos dos homens e a condena à escravidão do zelo brutal.

Irene e Inês tinham vivo sempre sob vigilância como suspeitosa, e cada, uma só na outra encontrava a confidente única de seus inexplicáveis enleios.

Jerônimo Lírio e sua esposa defendiam a inocência de suas filhas contra todas as lisonjas e contra todas as luzes do mundo; mas não puderam defendê-las contra a voz da natureza, que devia anunciar-lhes, embora confusamente, um mistério na vida da mulher, um quer que seja que a natureza manda desejar e que em sua inocência deseje sem saber o quê.

Irene e Inês estavam já nesse caso, Irene menos ardente, a pensar sem falar; Inês mais suscetível e mais exaltada, a pensar, a sonhar, a confiar à irmã o que nem ela nem a irmã entendiam.

Sabiam ambas que havia um laço que unia uma mulher a um homem, o casamento; mas do casamento só compreendiam, além do fato misterioso da união, a beleza ou o encanto do vestido branco e do véu, e da coroa da noiva, e o subsequente governo da casa do noivo.

Ainda assim, e sem saber por que, ambas desejavam ser noivas; mas noivas de bonitos e elegantes mancebos.

Tanto Irene como Inês, por mais de uma vez tinham recebido de velhas pobres pedintes a quem davam o pão da caridade, recados lisonjeadores e amorosos de homens a quem conheciam ou não; nunca haviam dado resposta alguma; mas os recados as faziam rir e as divertiam muito, e ambas instintivamente os escondiam dos pais.

Assim Inês sabia e acreditava que Alexandre Cardoso a adorava perdidamente e com a sua inata e sutil habilidade de mulher, tinha, mais de uma vez, olhado e observado imperceptivelmente o soberbo ajudante oficial-de-sala que lhe causara profunda repugnância, talvez em parte devida à reputação de homem mau e desmoralizado, que ele gozava.

As duas irmãs brincavam, riam-se, e zombavam em confiança dos protestos de amor que recebiam muito raramente, mas que em todo caso, as faziam pensar em amor, e em casamento sem sentir um e sem compreender o outro.

Em um dos últimos dias a menina Inês, correndo a dar esmola a uma velha de mantilha que mendigava, ouvira dela, no meio de um dilúvio de bênçãos, as seguintes palavras, proferidas em tons diversos:

— Minha bela menina — seja pelo amor de Deus — o senhor tenente-coronel Alexandre Cardoso, oficial-de-sala do senhor vice-rei — Nossa Senhora do Amparo a proteja — ama-a e quer casar com a senhora — e todos os anjos e arcanjos a acompanhem sempre — o senhor vice-rei deseja o seu casamento com o Sr. Alexandre Cardoso e a protegerá contra seu pai — e São Pedro, e São Paulo, e Santo Antônio de Lisboa a façam feliz — porque seu pai a destina para freira — mas o seu belo apaixonado está pronto a salvá-la e a casar com a-senhora, tomando por padrinho o senhor vice-rei — e todos os santos e santas do céu a façam feliz — dê-me a resposta que devo levar — para sempre amém.

Inês voltara as costas à mendicante, que se retirara confusa e

apressada, tremendo justo castigo, se a menina denunciasse o seu ousado e ímpio recado.

Mas Inês nada disse a sua mãe e somente, esperando a noite, e quando se achava longe da família e a sós com Irene, em seu quarto de dormir e quando ambas, feita a oração da noite, se acolheram a seus leitos puros, e próximos um do outro, perguntou à irmã:

- Nanhã, como vais de recados?
- Que recados?
- De amor, de paixão, de casamento, de tudo?
- Ora . . . Sinhazinha, tu pensas nisso?
- Creio que nós pensamos; mas, em todo caso, eu penso.
- Por quê?
- Porque ainda hoje recebi um.
- De quem?
- Do oficial-de-sala; foi a velha mendicante de hoje de manhã

que me trouxe o recado.

- E que mandou ele dizer-te?
- O mesmo que das outras vezes, e uma notícia curiosa.
- Qual?
- Que meu pai me destina para freira.
- E repetes isso a rir?
- Não tenho medo; se fosse verdade, eu pediria proteção e socorro a meu padrinho.

- E respondeste ao recado?
- Eu? . . . que me importa o oficial-de-sala, com aqueles bigodes

tão feios!

- Ah! . . . se ele fosse bonito. . .
- E bom, e engraçado. . .
- Responder-lhes-ia, Sinhazinha? . . .
- Não julgas que se pode responder a um desses recados, sem se

ofender a Deus, e ao nosso dever? . . .

- Eu não sei. . . talvez. . . conforme a pergunta e a resposta.
- Tu és sonsa, Nanhã.
- E que responderias, Sinhazinha? . . .
- Mandaria dizer que falasse a meu padrinho.
- Sobre o quê?
- É claro, sobre o casamento.

A inocência de Inês transpirava da própria ingenuidade com que se pronunciava.

– Sinhazinha, perguntou Irene, qual é o moço com quem desejarias casar-te?

- Nenhum. . .

- Ora . . . estás mentindo . . .
- Não; já achei alguns bonitos, agora acho todos feios.
- Por quê? . . .
- Quase que tenho vergonha de dizer.
- Dize-me sempre . . .
- Quisera casar-me com um moço que tivesse o rosto, a voz, a bondade e a graça de Isidora . . .
- Na verdade ela é bonita, e é pena que seja um pouco malfeita de corpo . . .
- Mas . . . que olhar o seu! . . .
- Muito suave . . . sem dúvida . . .
- Quando não é brilhante de fogo; porque, então, é abrasador.
- Ela nunca me olhou assim . . .
- Parece que se arreceia da mamãe.
- Como, pois, sabes que ela tem olhar de fogo? . . .
- Já por três ou quatro vezes, quando dás lição e mamãe se ocupa mais contigo, apanhei-a a olhar-me assim de relance.
- De relance?
- É como um relâmpago, Nhanhã . . .
- Ah!
- Também não sei por que mamãe nunca nos deixa em liberdade com uma senhora que é moça como nós, e ainda melhor educada que nós.
- É verdade; nós nos divertiríamos tanto!
- E eu então? Olha, Nhanhã, não tenhas ciúmes; suponho que ela gosta muito de mim.
- Por quê?
- Um dia esqueci sobre o cravo um raminho de alecrim, e à noite, quando fomos rezar ao oratório, vi o meu raminho, servindo de marca no livro de oração de Isidora.
- Talvez ela o apanhasse por acaso e sem pensar em ti.
- Julgas que sou tola? Deixei passar dois dias, e, enquanto cantavas, fui esquecer um botão de rosa na janela . . .
- E mamãe não deu por falta do botão de rosa? . . .
- Ora, esta Nhanhã me considera idiota! Pois eu havia de levar o botão de modo que a mamãe o visse?
- Onde o levaste?
- Bem escondido no seio.
- E que foi feito dele?
- Vi-o, à mesa do jantar, no cabelo de Isidora.
- E depois . . . que mais?
- Acabou-se a história.

— Sinhazinha, agora é que eu digo que és tola.
— Sim? . . .
— De que te serve gostar de uma moça como nós? . . .
— Eu sei! o que dizes é muito acertado; mas Isidora me encanta. . . não é por minha vontade, não entendo o que sinto; mas já duas vezes tenho visto em sonhos um moço com o rosto de Isidora.
— Ela diz que tem um irmão que é o seu retrato perfeito. . .
— Pois era com o irmão de Isidora que eu queria casar-me.
— Casar-te? . . . Falas tanto em casar-te! Eu também desejava casar-me. . . tenho curiosidade. . . há no casamento um segredo que nos encobrem. . . por que o escondem? Já o adivinhaste, Sinhazinha? Para que desejas casar-te?

Inês respondeu logo sem o mais breve vexame, e com indizível naturalidade:

— É para ter filhos, Nhanhã, como os têm quase todas as moças que se casam, e também para ter casa minha, e em meu marido um homem que trabalhe para mim.

— Ainda falta aí o segredo. . . , murmurou Irene.

Inês, que também ignorava o segredo, e que se viu abatida pela evidência da falha considerável no seu saber pretensioso, disse um pouco amuada:

— O mais, não sei.

As duas irmãs guardaram silêncio por alguns minutos.

Irene tornou a falar.

— Dormes, Sinhazinha?

— Não.

— Eu estava pensando em Isidora.

— Também eu.

— Causou-me surpresa e dúvida o que me disseste: talvez tenhas interpretado mal o fato de recolhêr esta moça o ramo de alecrim e o botão de rosa. . .

— Interpretei muito bem.

— Quisera fazer uma experiência. . .

— Qual. . .

— Amanhã serei eu quem esqueça uma flor sobre o cravo. . .

— E eu esquecerei outra na janela.

— Pois sim.

— Mas com a condição de não teres ciúmes.

— Juro que tenho só curiosidade. Vamos dormir.

E Irene e Inês dormiram fácil, suave e tranqüilamente, como devem dormir os anjos, se os anjos dormem.

No dia seguinte, à hora da lição de música, Irene, que levava na

mão uma violeta, deixou-a cair sobre o cravo, quando solfejava, ao mesmo tempo que Inês esquecia na janela um amor-perfeito que levara escondido.

Terminada a lição e ao retirarem-se as meninas, Isidora chamou-as, e apresentou-lhes a violeta, perguntando a quem pertencia.

Irene recebeu a flor, corando, e agradeceu a Isidora, e ainda mais curiosa e atenta, viu, à noite, durante as rezas no oratório, o amor-perfeito de Inês servindo de marca no livro de orações de sua mestra de canto.

Quando, abençoadas por seus pais, as duas meninas se recolheram para dormir, e se achavam a sós, Irene disse a Inês:

— Tens razão, Sinhazinha, Isidora te ama.

— E eu a ela, muito, cada dia mais!

— Eu, porém, não entendo isto. . . que amor é este, entre pessoas que não se podem casar? . . .

— É verdade, Nhanhã; não me governo, porém, mais. . . amo Isidora. . . e nem compreendo a natureza do sentimento que a ela me cativa. . .

— Sinhazinha, quem sabe se há nisto obra de tentação do inimigo? Eu te dou um conselho. . .

— Qual? . . .

— Antes da semana santa, havemos de confessar-nos: não te esqueças de consultar o padre sobre este caso de consciência.

— Ah, Nhanhã! O padre é tão rabugento!

— É porque pecamos muito, Sinhazinha; e porque talvez rezamos pouco.

E instintivamente as duas meninas cobrindo os seios com os lençóis em voltas, ajoelharam-se sobre as camas, e rezaram o credo, a ladainha de Nossa Senhora, e outras orações que as ocuparam durante uma hora.

E depois adormeceram sorrindo, como se agradecidas, sorrissem à bênção de Deus.

O vigésimo dia da quaresma é em todo o mundo católico de suspensão de penitência, e como de férias dadas pela Igreja aos jejuns e aos austeros preceitos de religião santa e única verdadeira, impostos aos fiéis nesse período anual que recorda os quarenta dias de jejum e da suprema meditação de Jesus Cristo antes da sua sagrada paixão e morte, que deixou no sangue do Deus mártir o Jordão que lava todas as culpas, e na cruz santíssima a árvore da liberdade que regenerou e nobilitou, que regenera e nobilita, que há de regenerar e nobilitar para todo sempre a humanidade.

Esse dia excepcional, que a Igreja concede aos fiéis para descanso das penitências e dispensa das abstinências dos jejuns e das práticas austeras, dava no Brasil ocasião a uma folgança popular não pouco burlesca. A folgança tomava o nome de serração da velha.

Descreveremos em poucas palavras essa espécie de mascarada dos antigos costumes, que só no presente século foi proscrita pela nova civilização.

Nas cidades e até nos pequenos povoados ajuntavam-se mancebos folgazões para a festança; dizia-se que pelo correr da noite se havia de serrar a mulher mais velha da cidade ou povoação, e era tão simples e crédula a gente daqueles tempos, que havia velhas que, tremendo de medo, se escondiam durante o dia fatal para não serem apanhadas pelos serradores.

À noite, saía a sociedade à rua: homens possantes, vestidos a caráter, às vezes representando índios, ou negros africanos, ou mouros, puxavam um carro com imenso estrado, sobre o qual viam-se meia dúzia de figurantes trajando à fantasia e uma grande serra armada e pronta para serrar uma pipa, dentro da qual se dizia ir encerrada a velha condenada ao sacrifício.

Onde era possível obter-se música, uma dúzia de tocadores de instrumentos bárbaros, ou capazes de produzir grande ruído, não excluía a banda de música de verdadeiros professores que, durante a marcha da burlesca procissão, alternavam com a orquestra infernal, tocando marchas alegres;

onde tanto não se podia conseguir, contentavam-se os folgazões com a orquestra infernal.

Às vezes cessava a música, e os puxadores do carro marchavam, entoando cantigas alusivas ao trabalho que executavam, alternando também com os serradores que cantavam, ora fazendo alusões à velha que levavam na pipa, ora outros cantos mais ou menos engraçados, ou em moda entre o povo.

Quando os carregadores paravam para descansar, ou de propósito defronte de alguma casa, a cujos moradores queriam obsequiar, os serradores dançavam grotescamente, e um deles, principal, fazia em voz alta a leitura de uma composição poética, em que era cantada a vida da velha que ia ser serrada.

Passavam assim pelas ruas, até que na praça principal, se completava a função, serrando-se a pipa, que em vez de mostrar serrada, no seu interior, a velha, apresentava boa e variada ceia, e abundância de garrafas de vinho.

Às vezes fingiam serrrar a pipa desde o princípio e em todo o correr da procissão; ainda de muitos e diversos modos variavam o divertimento, que por fim, acabava sempre com a ceia na praça ou em casa para isso disposta.

Como se vê, a serração da velha era uma folgança inocente, mas rude, e talvez um pretexto para as ceias fartas e alegres no dia da suspensão dos preceitos da quaresma.

Esse texto era perfeitamente compreendido pelas famílias, que também ceavam em festa.

Dos antigos cantos que entoavam os serradores da velha, um apenas ouvimos com seguranças dadas por quem no-lo repetiu, de que pertencia ele ao século passado. Ei-lo:

Serra, serra, serra a velha,
Puxa a serra, serrador;
Que esta velha deu na neta
Por lhe ouvir falas de amor.

Serra-ai! — serra-ai! — serra-ai! — puxa,
Puxa-ai! — puxa, serrador!
Serra a velha — ai! — viva a neta
Que falou falas de amor.

Serra! — a pipa é rija;
Serra! — a velha é má;
Serra! — a neta é bela;
Serra! — e serra já.

Eis aí mais ou menos como era a serração da velha no século passado.

Tinha chegado o dia dessa folgança, no ano de 1767, e desde que despertaram ao canto dos passarinhos, que saudavam a aurora, Irene e Inês não pensaram senão na alegre noite que haviam de passar, na casa do bom velho Antônio Pires, a quem ia pagar Jerônimo Lfrio a aposta perdida, levando a família a ceiar com o amigo e compadre.

As duas meninas, tão sobejamente enfeitadas pela natureza, empregaram o dia todo em imaginar enfeites para seus formosos cabelos e finos vestidos brancos.

Enfim, às seis horas da tarde, a família de Jerônimo Lfrio pôs-se em marcha da Gamboa para a cidade. A Sr^a Inês, Isidora e os dois Lfrios eram levadas cada uma em sua cadeirinha; o velho caminhava atrás, cavalgando soberbo cavalo, e seguido de dois criados.

Às sete horas e pouco mais, da noite, Antônio Pires desceu do sobrado para receber à porta da rua a família do seu amigo.

A casa de Antônio Pires era na Rua Direita, a principal da cidade; no pavimento térreo, tinha ele o seu armazém comercial, com amplas proporções que se estendiam até em frente ao mar; no sobrado, preparado com o maior luxo, morava ele, como em desmesurada solidão.

Mais rico do que Jerônimo, pois que não tinha mulher nem filhos, expansivo, alegre e obsequiador. Antônio Pires cultivava numerosas e excelentes relações na cidade do Rio de Janeiro, e naquela noite reunira escolhida sociedade com propósito tão evidente de festejar Jerônimo Lúrio, que não havia um só convidado, que não fosse também negociante ou cavaleiro, que o seu amigo conhecesse, estimasse ou apreciasse.

Antônio Pires estava como adoidado pela alegria que lhe causava a presença da família de Jerônimo; a este dissera:

— Tu és velho caloteiro arrependido, que começa hoje a pagar-me o que me deves.

À Sr.^a Inês disse, com os olhos úmidos de lágrimas de inexprimível contentamento:

— Comadre, tome o governo da casa; todos aqui e eu na conta, somos seus hóspedes. . .

E voltando-se para Irene e Inês, exclamou a rir, mostrando Jerônimo:

— Meninas, aquele velho carrancudo e feio não manda nada nesta casa; vocês hoje são minhas filhas, toca a brincar!

E, dirigindo-se a Isidora:

— Devolvo-lhe a dita que estou gozando. . .

— A mim? perguntou Isidora, admirada. . .

— Não o sabe, não o pensa; mas é assim; sou o devedor; porém, em vez de pagar-lhe a minha dívida, pedir-lhe-ei novos favores. . . há de cantar-nos os seus lundus. . .

E voltando-se ainda para Irene e Inês, gritou-lhes:

— Meninas! Corram por aí, vão correr-me a casa. . . se forem capazes, adivinhem onde é o meu quarto de dormir, e se o adivinharem, entrem, e acharão dois irmãos muito parecidos, que guardei para vocês. . .

As meninas, tendo consultado os olhos de sua mãe, levantaram-se, correram para dentro, e em breve tornaram à sala, trazendo cada uma nos braços um pequenino, branco, felpudo e lindo cachorrinho.

Antônio andava às tontas pela sala.

— Tu deitas-me a perder as meninas, disse-lhe Jerônimo, como-vido pelo júbilo do amigo.

— Vais ralhar em tua casa, velho enfezado.

— Queres ver e apreciar o que tens feito? . . .

— Quero; vamos a isso.

Jerônimo chamou as filhas e ordenou que fossem cantar.

Irene cantou, tremendo, e talvez por isso com maior efeito, uma modinha de música suave e melancólica.

Inês cantou dois lundus com arrebatadora graça.

Uma e outra mereceram gerais e sinceros aplausos.

— Se foi assim que eu deitei-as a perder, hás de pagar-me o malefício com juro acumulados, disse Antônio a Jerônimo.

Começaram as danças, depois outras senhoras cantaram, renovou-se a dança, os dois lírios cantaram outra vez, instavam com Isidora para também cantar, quando se anunciou próximo o préstimo da serração da velha.

Todas as senhoras correram para as janelas.

Por acaso — quem sabe, se por acaso? — Inês achou-se junto de Isidora, e afastada de sua mãe.

— Por que não quer cantar? perguntou Inês a Isidora.

— Porque prefiro ouvi-la.

— Mas pode ouvir-me, e deixar-se ouvir.

— Depois que a vi e a ouço, já não sei cantar: preparo-me somente para chorar. . .

— Por quê?

— Porque a amo. . .

— Mas eu também a amo, e muito!. . .

— Inês. . . Sinhazinha!. . .

— Somos duas moças e quase da mesma idade: que amor mais inocente e puro? . . . É o único, que não pode fazer chorar. . .

Isidora curvou a cabeça e roçou com os lábios a mão de Inês que estava sobre o parapeito da janela.

Inês estremeceu e corou sem saber por que, recebendo aquele fugitivo beijo.

Isidora como que se arreceou da comoção da inocente menina, e

travou conversação com a senhora que lhe ficava do outro lado.

O préstito da serração da velha se aproximava cada vez mais; alguns cavaleiros, porém, tomaram-lhe a dianteira levando os cavalos a trote; todos esses cavaleiros eram militares, e um deles, demorando ainda mais o trote do seu ginete, fitou a menina Inês com olhos tão audaciosos, que, passando além da casa de Antônio, não se lhe deu de que o vissem voltar para trás a cabeça, continuando a olhar a bela filha de Jerônimo Lfrio.

Esse cavaleiro era Alexandre Cardoso.

Cinqüenta rapazes trazendo archotes adiante do préstito iluminavam bastante a rua para que todos pudessem ter notado a contemplação inconveniente, com que o ajudante oficial-de-sala parecera adorar o lindo rosto de Inês.

Jerônimo Lfrio mal disfarçou a sua cólera.

Só a menina Inês com pasmosa isenção nem sequer deixou perceber que vira o apaixonado cavaleiro.

Na rua murmurava-se entre o povo: — São os dois lfríos! — Que formosos que eles são! — Não será o maldito oficial-de-sala quem mereça alguma daquelas flores! — Ainda bem que o velho Jerônimo é casmurro.

Enfim o préstito passava, e, ainda melhor, o carro parou defronte das janelas de Antônio e as danças se executaram no meio dos aplausos do povo.

Aproveitando o movimento e o ruído, Isidora perguntou com voz trêmula a Inês:

— Quem é aquele cavaleiro, que tanto a olhou ainda há pouco?

— Que cavaleiro? . . .

— Por que dissimula? Vi bem que ele a ama. . .

— Viu mais do que eu.

— Mas quem é ele? . . .

— Que me importa isso? . . .

— Diga-me o seu nome. . .

Inês admirou-se da alteração da fisionomia de Isidora, para quem levantara os olhos, e sem mais hesitar disse em voz baixa:

— Chama-se Alexandre Cardoso.

— O oficial-de-sala do vice-rei?

— Ele mesmo.

Isidora exalou um gemido mal abafado, e ficou silenciosa e triste.

Inês não sabia o que pensar desse abalo da sua bela mestra de música.

O préstito da serração da velha seguiu seu caminho.

Logo depois Antônio Pires levou seus convidados para a mesa da ceia que foi profusa e rica.

Às onze horas da noite Jerônimo voltou com sua família para a chácara da Gamboa, e, atravessando as ruas da cidade, ainda viu modestas sociedades ceando em esteiras estendidas às portas de casas térreas.

A noite ia adiantada e o caminho para a Gamboa era, como ficou dito, solitário e arriscado, mas Jerônimo estava tranqüilo, porque além dos oito escravos carregadores das cadeirinhas, levava dois pajens escolhidos.

O velho negociante não contava com Alexandre Cardoso.

O vingativo, soberbo e desmoralizado oficial-de-sala já desde alguns dias tinha concebido o plano da sua vingança e só esperava ensejo oportuno para executá-lo.

Tendo visto a família de Jerônimo às janelas da casa de Antônio Pires, apenas chegou à Praça do Carmo, despediu-se dos oficiais com que passeava, tendo antes dito em voz baixa algumas palavras a dois que eram seus íntimos, e que mais tarde a ele foram reunir-se em lugar aprazado.

Em uma hora Alexandre Cardoso tomou todas as medidas que lhe faltavam, e às dez da noite, oito possantes soldados do regimento velho disfarçados em maltrapilhos e escondidos no bosque, esperavam a família de Jerônimo.

O plano era simples, ousado, e tão imprudente que só se podia explicar pelos hábitos de impunidade e pela cega e frenética paixão de Alexandre Cardoso: simular-se-ia um ataque de ladrões, começando por alguns tiros dados ao acaso para espantar os cavalos, imediatamente seriam atacadas as cadeirinhas, as senhoras despojadas de jóias, e no meio da desordem, Inês devia ser arrastada para o bosque que estava completamente fora de seu conhecimento e de suas previsões.

O algoz se reservava papel sublime: acudiria intrépido aos tiros, e chegaria ainda a tempo de salvar as vítimas, e de... encontrar Inês no bosque.

Pouco faltou para que completamente se realizasse a malvada trama de Alexandre Cardoso, que entretanto não pudera calcular com uma intervenção, ou com um potente auxílio.

As quatro cadeirinhas seguidas por Jerônimo chegavam ao ponto mais solitário e escabroso do caminho, quando de súbito estrondaram alguns tiros de espingarda; os cavalos espantaram-se, um dos pajens caiu e perdeu os sentidos, o outro foi arrebatado para o lado contrário do bosque pelo animal que cavalgava, o velho negociante ocupado a domar o cavalo achou-se de improviso lançado por terra e preso nos braços de um desconhecido, sem dúvida salteador.

As senhoras foram arrancadas das cadeirinhas, e os escravos carregadores destas, obedecendo a generoso impulso, começaram uma luta desigual, pois que estavam desarmados.

Os gritos desesperados das senhoras despedaçavam o coração de Jerônimo, que rugiu furioso ao ver um dos salteadores tomar em seus braços Inês; mas imediatamente Isidora lançou-se de um salto sobre o roubador ou raptor da bela menina, e disputou-lhe a presa com tanta felicidade, que talvez pelo imprevisto do ataque, conseguiu arrancar-lhe da mão a espada que ele trazia.

O salteador largando no chão Inês desmaiada, arremeteu contra Isidora; mas recuou logo, e soltando um gemido, fugiu.

Manejando a espada com braço varonil Isidora atacou animosa os outros ladrões, e com o concurso dos escravos sustentou breve, mas enraivado combate, ostentando o arrojo e a força de um leão.

O pálido clarão da lua iluminava a cena pavorosa e Jerônimo Lfrio testemunhou ansioso durante dois ou três minutos o mais terrível dos episódios desse drama horrendo.

Enquanto os escravos se achavam a braços e atarefados com cinco ladrões, um outro destes, o mais gigantesco, o hércules, armado com um sabre atacava Isidora: era a força contra a agilidade muito constringida pelos vestidos de mulher; mas ainda assim o leão não se deixava prender; saltando ligeira, Isidora livrava-se dos botes tremendos do hércules, cujo sabre perdia seus golpes neutralizados pela espada hábil da valente amazona; cego de raiva o gigante bradou:

--- Não é mulher!

E desabriu um golpe; Isidora porém o rebateu, e feriu o gigante no rosto.

Seguiu-se um bramido, novo bote, e nova ferida na ilharga do salteador, que cambaleou e caiu.

Ouviu-se então o galopear de cavalos, e o ladrão que continha preso Jerônimo e os outros que combatiam com os escravos, fugiam carregando dois o companheiro ferido e os quatro restantes protegendo aqueles, e defendendo-se em retirada pelo bosque com evidente prática militar.

Isidora deixou-se então cair sentada.

Jerônimo correu a ela:

— Está ferida? perguntou.

— Não, respondeu a amazona; estou cansada; o salteador bateu-se bem. . . deve ser algum soldado. . .

Alexandre Cardoso e dois oficiais esbarraram os seus cavalos, e olhando o campo do combate, onde estavam estendidos o pajem que caíra do cavalo, e três escravos feridos, pediram informações do caso, dizendo que por ouvir o estrondo de alguns tiros, tinham corrido a prestar socorro.

Jerônimo Lfrio relatou de mau modo quanto acontecera, e concluiu, dizendo:

— Ainda bem que chegou tarde para defender-nos.

— Ainda bem?

— Sim; porque teria chegado tarde demais, se outro defensor e salvador não houvésemos tido.

O pajem, cujo cavalo desencabrestara, apresentou-se com um grupo de escravos armados.

Jerônimo Lfrio despediu-se de Alexandre Cardoso e dos dois oficiais, agradecendo e não aceitando o oferecimento de sua companhia até à chácara.

As senhoras embarcaram-se de novo nas cadeirinhas, e o pajem que caíra do cavalo e os escravos feridos foram levados nos braços de alguns dos seus parceiros.

Chegados a casa, Isidora foi de novo interrogada por Jerônimo sobre o seu estado, e a senhora Inês desfez-se em cuidados por ela.

As duas meninas olhavam espantadas para Isidora.

A senhora Inês a contemplava em adoração.

Jerônimo abraçou-a três vezes.

Isidora tinha sido a providência salvadora daquela família.

Quando se acharam sós em seu quarto, as duas meninas conversaram ainda palpitantes e trêmulas de abalo pelo perigo de que haviam escapado. Irene perguntou:

— Viste-a bater-se, Sinhazinha?

— Eu não vi coisa alguma; lembra-me que ouvi tiros, que logo depois me agarraram, e não soube mais de mim...

— Os mais bravos cavaleiros devem bater-se como ela se bateu.

— Foi ela então que me salvou?

— Sem dúvida e a todos nós e a nosso pai.

— Que mulher extraordinária!

— Sinhazinha, tu és feliz!

— Por quê?

— Porque Isidora não pode ser mulher; é um mancebo e te ama.

Irene adivinhara o segredo de Isidora, que de fato era lindo jovem que se disfarçara com vestido de mulher para escapar ao recrutamento.

Jerônimo compreendera que não era admissível por mais tempo o disfarce depois do admirável combate, e ao despedir-se de Isidora perguntou-lhe:

— Trouxe vestido do seu sexo. . .

— Sim, senhor.

— Pois é preciso trajá-los: a sua bravura e o seu valor tiraram-lhe o direito de fingir-se mulher.

E antes de dormir Jerônimo ainda pensou em Isidora; pois perguntou à senhora Inês:

— Não pensas que devemos grande serviço a esse valente mancebo?

— Salvou-nos mais que as vidas, salvou a honra de nossas filhas.

— Inês, vou mandar colher informações sobre o caráter e procedimento de Isidoro.

— Para quê?

— Se ele for como parece. . .

— Então? . . .

— Qual de nossas filhas julgas que devemos dar-lhe em casamento?

— A Nanhã é a mais velha. . .

— Mas foi a Sinhazinha que ele precisamente salvou, atacando e ferindo o seu malvado raptor.

Por mais ativos que fossem os trabalhos da reconstrução da casa de Marcos Fulgêncio ordenada pelo Conde da Cunha e à custa do seu bolsinho, em cerca de vinte dias estava apenas adiantada, mas ainda um pouco longe de terminação das obras.

Marcos Fulgêncio e Fernanda estavam morando com sua filha na pequena casa que fora de seu marido, e que ela não quisera deixar, embora muito rica se achasse.

Emiliana limitara-se a mandar limpar a casa e a orná-la com extrema simplicidade; muito recente era a afronta de que fora vítima, e ainda não podia pensar nos gozos de uma vida brilhante que lhe proporcionava a fortuna.

A filha do carpinteiro tinha o coração cheio de ódio, aspirava vingar-se do seu algoz; mas devorava em silêncio as lembranças da afronta; porque seu pai ignorava a sua desonra, e ela sabia de quanto era capaz Marcos Fulgêncio, tão pobre como honesto, e tão respeitador dos preceitos da moral e da religião, como zeloso até o extremo da reputação de sua família.

Emiliana, apesar de viúva e portanto emancipada, tinha medo do furor de Marcos Fulgêncio.

Na noite da serração da velha, às oito horas pouco mais ou menos uma mulher, trajando com elegância, veio bater à porta da casa da Rua do Parto, procurando Marcos Fulgêncio e foi recebida na sala, onde estavam o carpinteiro, Fernanda e a filha viúva.

Emiliana estremeceu, reconhecendo Maria, que oferecendo a mão a Marcos Fulgêncio, disse-lhe:

— Sua mulher é uma santa, sua filha uma vítima que se resigna, e só o senhor é forte, e capaz de entender-se comigo.

-- Virgem Nossa Senhora! exclamou Fernanda.

Emiliana ficou muda e a tremer.

O carpinteiro disse:

— Fale, minha nobre senhora.

— Vou ferir-lhe o coração; tenha porém paciência para ouvir-me até o fim e estou certa de que se entenderá comigo.

O carpinteiro cruzou os braços sobre o peito.

— O senhor tem sido piedosamente enganado por sua mulher e sua filha. . .

— Perdão, minha nobre senhora! mas. . .

Marcos Fulgêncio queria dizer, porém não disse — não creio; porque viu a perturbação e o susto de Fernanda e de Emiliana.

Maria continuou impávida:

— Quando na noite do incêndio da sua casa, o senhor foi levado quase moribundo para a Santa Casa de Misericórdia, sua virtuosa mulher correu em desespero, onde lhe levavam o esposo. . .

— E Emiliana?

— Ficou na casa arruinada da velha perversa, que de surpresa deu a notícia da sua morte à filha infeliz, que soltou um grito e desmaiou. . .

— E depois? . . .

— A velha introduziu no quarto onde estava sua filha um oficial militar, e fechou a porta.

— Alexandre Cardoso! bradou Marcos Fulgêncio, levantando-se.

— Ele mesmo, que abusou da inocente que estava desmaiada.

Marcos Fulgêncio agarrou com força nos punhos de Emiliana, obrigando-a a encará-lo e perguntou-lhe com os dentes cerrados:

— É verdade?

A filha respondeu, gemendo.

— É verdade.

O carpinteiro largou a filha, e furioso, disse à mulher:

— Abandonaste Emiliana!. . .

— E tu que morrias?!!! exclamou Fernanda.

— Sabias que o malvado tentava seduzir nossa filha!

— E tu que morrias?!!! repetiu a esposa com veemência.

— Devias deixar-me morrer! disse Marcos Fulgêncio com raiva.

— E tu me deixarias morrer?

O carpinteiro voltou-se para Maria e perguntou-lhe:

— Que mais? . . .

— Tenha a bondade de sentar-se, disse sossegadamente Maria.

Marcos Fulgêncio levou as mãos calejadas à frente, e soltando um gemido de leão ferido, sentou-se:

Maria prosseguiu com horrível frieza:

— Conte-lhe em resumo, a verdadeira história da sua maior desgraça: aquela menina foi vítima inocente, e sua mulher, tão culpada por abandoná-la, como o senhor foi culpado por cair, lançando golfadas de san-

gue. Agora, redigamos: a nódoa que manchou a reputação de sua filha ou foi lavada pelo casamento com Clélio Írias, de quem a Sr.^a Emiliana é hoje viúva, ou se ainda subsiste. . .

— Subsiste! disse sinistramente Marcos Fulgêncio.

— Ou se ainda subsiste, somente pode lavar-se de todo por meio do casamento com Alexandre Cardoso. . .

— E tu queres? perguntou rude e asperamente o carpinteiro à filha.

Emiliana fez um movimento de horror.

— Em tal caso, disse Maria, sempre inalterável e refletidamente fria; em tal caso, há só um caminho a seguir: é o caminho da vingança.

— Minha nobre senhora, murmurou terrível Marcos Fulgêncio: bem-vinda seja! Nós nos entenderemos.

— A senhora é uma tentação que quer deitar a perder meu marido! exclamou Fernanda.

— Silêncio! bradou Marcos.

— Que pretende fazer? perguntou Maria.

— Não se pergunta.

— Ao contrário, pergunta-se; entregue a si mesmo, amanhã Marcos Fulgêncio seria réu de assassinato, ou ainda pior, de tentativa de assassinato, e além de dar público testemunho da desonra da filha, iria pagar na forca o crime perpetrado.

— Que me importa a forca? Deixarei um exemplo de justíssima vingança. . .

— Que a lei de Deus condena.

O carpinteiro rugiu surdamente.

— Há mais fácil, mais segura, mais dolorosa e não pecável vingança, disse Maria.

— Qual?

Amanhã vá falar ao vice-rei. . .

O protetor do monstro? . . .

— Procure no palácio Germiano, o criado do Conde da Cunha, dê-lhe o seu nome, peça uma audiência particular do vice-rei, e apresente a este a sua queixa. Vá, ou de manhã, às sete horas, ou à tarde, às cinco.

— E o vice-rei mandará levantar um sobrado sobre a pobre casa que fez construir para o carpinteiro! disse com ironia pungente Marcos Fulgêncio.

— Espere oito dias, pelo castigo do criminoso.

— E se no fim de oito dias o criminoso ostentar ainda a sua impunidade, e em vez de receber a punição merecida, mandar-me prender e condenar-me aos trabalhos públicos?

— Dada essa hipótese, há só dois recursos.

- Quais?
- Ou submissão de escravo ao poder que abusa e provoca. . .
- O carpinteiro bateu raivoso com o pé.
- Ou começar a vingança pelo vice-rei.
- Misericórdia! bradou Fernanda.
- Ela tem razão, disse Emiliana; se o vice-rei não fizer justiça, haverá não um, porém dois criminosos, e dos dois o primeiro será o vice-rei.
- Ainda bem! exclamou Marcos Fulgêncio.
- Estamos, pois, entendidos? perguntou Maria.
- Estamos, disse o carpinteiro.
- Ainda não, tornou Emiliana.
- Por quê?
- Porque não é meu pai, sou eu que devo ir pedir justiça ao vice-rei.
- É assim, disse Maria.
- Meu pai me acompanhará ao palácio, e serei eu quem pedirá audiência ao vice-rei.
- Até que enfim! tornou Maria.
- E se o Conde da Cunha ainda, por oito dias, deixar impune o seu ajudante oficial-de-sala, justiça seja feita por meu pai, pois que não temos governo que no-la faça.
- Maria sorriu-se e disse:
- Não há de ser preciso.

O Conde da Cunha era madrugador, e especialmente no verão, preferia trabalhar nas horas frescas que precedem ao intenso calor tropical.

Sentado à mesa, o vice-rei examinava diversos papéis relativos à administração da grande colônia, e muito atentamente o alistamento dos habitantes da Capitania, a que mandara proceder, e que da cidade e de algumas vilas já tinha chegado sem dúvida muito incompletamente executado; causava-lhe estranheza e pena o número extraordinário de jovens solteiros de ambos os sexos, e maldizia de um fato que, embora aproveitasse bastante ao exército, era evidentemente nocivo à moralidade e ao progresso da colônia, dependente do aumento da população.

O vice-rei meditou por muito tempo sobre o assunto, e enfim, parecendo ter assentado em alguma providência, passou a ler outros papéis, encrespou a fronte, encontrando as nomeações dos comandantes e oficiais do novo terço, propostas por Alexandre Cardoso, e traçando com a pena os nomes dos candidatos, escreveu em nota: "proponha outros".

Interrompendo o trabalho para almoçar, voltava de novo a ele, quando Germiano lhe apareceu.

O Conde da Cunha olhou para o mudo, que estendendo o braço, apontou com o dedo para o lado da entrada do palácio, e aproximando-se, entregou-lhe uma folha de papel.

O vice-rei leu: "a viúva de Clélio Írias".

— Clélio Írias! O velho usurário que morreu?

O mudo fez sinal afirmativo.

— Faze-a entrar para aqui.

Germiano tinha regalias excepcionais no palácio, e todos respeitavam nele o cão fiel e estimado do vice-rei.

Daf a pouco Emiliana, trajando pesado luto, entrou conduzida pelo mudo, que imediatamente se retirou.

A jovem e bela menina estava comovida e trêmula; mas havia no

seu rosto alguma coisa de enérgica decisão.

— É a viúva de Clélio Írias? perguntou o conde.

— Sou, Sr. Vice-Rei; e sou também a filha do carpinteiro Marcos

Fulgêncio.

Ouvindo esse nome, o vice-rei fez um movimento; mas conteve-se logo, e disse friamente:

— Pode falar.

— O Sr. Vice-Rei mandou reconstruir à sua custa, a casa de meu pai, devorada pelo incêndio, cuja origem até hoje não se explicou; há, porém, outra desgraça muito maior, de que fomos vítimas nessa noite e que o Sr. Vice-Rei não pode reparar.

— E qual é? . . .

— O ultraje feito à minha honra, disse Emiliana, abaixando a voz e a cabeça.

— Se houve crime, não faltará o castigo; mas, onde as provas do crime?

— Sr. Vice-Rei, não venho pedir a exposição pública da minha vergonha para alcançar vingança, aviltando-me aos olhos de todos...

— Então que quer?

— O Sr. Vice-Rei é juiz e é pai do povo que governa, eu não requeiro ao juiz, queixo-me ao pai.

O conde sentiu a delicadeza da observação e reconheceu que lhe falava uma jovem, que recebera alguma educação.

— Quem foi o seu ofensor? perguntou.

— Um homem que se cobre com o nome e com a proteção do Sr. Vice-Rei.

— O seu nome?

— Alexandre Cardoso.

O conde já esperava ouvir esse nome, e por isso não mostrou abalo, nem surpresa.

— Conte-me a história do seu infortúnio, disse ele.

Emiliana fez um supremo esforço para dominar o pejo que lhe peava a língua, e com os olhos no chão, começou a falar.

O vice-rei escutava a história de que sabia metade; havia, porém, nela, um ponto obscuro e duvidoso que desejava esclarecer: era se Emiliana fora vítima da violência, ou cúmplice seduzida, ou especuladora enganada.

Pouco a pouco a inocência e a verdade de Emiliana foram entrando na alma do vice-rei.

Mas, enquanto o Conde da Cunha ouvia com interesse animador a filha do carpinteiro, uma cena violenta se passava no saguão do palácio.

Alexandre Cardoso chegou; e, ao entrar no saguão, esbarrou com Marcos Fulgêncio, que, passeando, esperava Emiliana.

O ajudante oficial-de-sala estremeceu, supondo que o carpinteiro vinha falar ao vice-rei, e dirigiu-se a ele com fingida amabilidade:

— Marcos Fulgêncio! Estimo ver-te; a tua casa estará acabada dentro de quinze dias, e . . .

Alexandre Cardoso estacou, vendo os traços descompostos do rosto de Marcos.

As naturezas nobres, generosas e rudes não sabem fingir: o carpinteiro olhava Alexandre Cardoso com raiva ameaçadora, e no convulsar dos lábios, mostrava-lhe alvejantes os dentes cerrados.

— Que tens, Marcos Fulgêncio? Que aspecto feroz é esse? perguntou o soberbo oficial, sorrindo com desprezo.

— Siga o seu caminho! murmurou rouca e sinistramente o carpinteiro, tendo já a cabeça perdida.

Alexandre Cardoso voltou-lhe as costas, e disse aos soldados da guarda:

— Ponham fora daqui esse doido.

Como se realmente houvesse endoidecido o carpinteiro rugiu terrível, e atirou-se furioso sobre o seu inimigo; mas numerosos braços o agarraram e travou-se luta desigual, em que o carpinteiro contra os soldados, um contra vinte, desesperado se debatia.

O ruído chegou aos ouvidos do vice-rei, que mandou saber o que havia, e Alexandre Cardoso, correndo a informá-lo, recuou como espavorido, encontrando o conde em companhia de Emiliana.

Simulando não ter percebido o espanto do seu ajudante oficial-de-sala, o conde perguntou-lhe:

— Que há lá embaixo? . . .

Alexandre Cardoso dominara-se logo, e respondeu, adivinhando e arrostando toda a situação.

— Senhor Vice-Rei, lá embaixo o pai desta moça insultou-me, e ousou ameaçar-me; cá em cima esta mulher me caluniava sem dúvida.

— Como o sabe?

— No empenho de hostilizar-me, odientos inimigos, explorando a perversão de uma aventura, fizeram dela o seu instrumento, e ela e eles convenceram o mais estúpido dos pais de que eu fui sedutor de sua filha. . .

Emiliana, tomada de horror, olhou para o Conde da Cunha e não ousou falar.

— Era o que eu estava pensando! exclamou o vice-rei; e com intrigas semelhantes me tomam o tempo, e perturbam o espírito! Que destino deu ao pai desta desgraçada?

— Vou mandá-lo recolher à cadeia, se o Sr. Vice-Rei não ordenar o contrário. . .

— Estou hoje de bom humor; dormi bem e almocei ainda me-

lhor: haja perdão! A esta moça, basta a sua vergonha, ao pai, a sua loucura; faça entregar a filha ao pai, e que ambos nos deixem tranqüilos.

O ajudante oficial-de-sala curvou-se respeitosamente.

Emiliana, profundamente ressentida, fez uma simples vênha ao vice-rei, e saiu abrasada em cólera.

Marcos Fulgêncio estava subjugado no saguão do palácio; mas, em obediência às ordens do vice-rei, foi solto, e acompanhou Emiliana de volta para casa.

— Disseste tudo ao vice-rei?

— Tudo.

— E então?

— Justiça seja feita contra o vice-rei, que é o primeiro criminoso.

Durante dois dias, que se passaram depois da noite da serração da velha, a população da cidade do Rio de Janeiro só se ocupou de dois assuntos: do atentado contra a família de Jerônimo Lírio, e do encontro de Alexandre Cardoso com o carpinteiro Marcos Fulgêncio no saguão do palácio; a audiência dada pelo vice-rei a Emiliana foi geralmente sabida, e os fatos, comentados e exagerados, tomaram proporções romanescas, mas em todas ou em quase todas as diversas relações, o ajudante oficial-de-sala era gravemente comprometido.

Assim nas mil histórias do acontecimento do caminho da Gamboa, a parte que tomara na luta o jovem Isidoro, que trajava vestidos feminis, abria espaço a contos de imaginação; corria, porém, como certo que o atentado tinha por exclusivo fim o rapto da menina Inês, determinado por Alexandre Cardoso; relativamente à filha do carpinteiro, contavam-se diversos romances, a começar da noite do incêndio, e cujos últimos capítulos se desenvolviam à custa do casamento do velho usurário Clélio Írias com a pobre Emiliana e da enérgica resolução tomada por esta, de ir pessoalmente dar queixa ao vice-rei contra Alexandre Cardoso; além de outras invenções, pretendiam uns que o Conde da Cunha maltratara e despedira com desprezo cruel a pobre moça queixosa; queriam outros que o conde se dispunha a castigar severamente o seu ajudante oficial-de-sala; mas que tendo na mesma ocasião Marcos Fulgêncio esbofeteado no saguão do palácio ao ofensor de sua filha, o vice-rei dera este por suficientemente castigado, e mandara embora a ofendida sem reparação, e o esbofeteador com perfeita impunidade. Havia, enfim, quem assegurasse que esta questão se resolvera, ajustando-se o casamento de Alexandre Cardoso com a viúva de Clélio Írias.

O Conde da Cunha tinha mandado chamar Jerônimo Lírio, de quem ouviu por miúdo quanto lhe acontecera, e o verdadeiro motivo do disfarce de Isidoro; garantindo ao negociante a segurança pessoal desse jovem, ordenou-lhe que o trouxesse logo à sua presença.

Isidoro recebeu do vice-rei cumprimentos pela sua intrepidez e valor, e passou em seguida por minucioso interrogatório, sendo até obrigado a declarar quantos golpes de espada supunha ter acertado, e que pontos do corpo dos salteadores, com quem se batera, acreditava ter ferido.

Infelizmente, faltava um objeto que estivera em poder de Isidoro e que talvez pudesse indicar os criminosos: a espada que o jovem arrancara das mãos de um deles, e com que combatera, tinha desaparecido, ficando esquecida no lugar do atentado.

Além destas averiguações, feitas pelo vice-rei, o ajudante oficial-de-sala mostrava-se muito empenhado na descoberta dos salteadores, e o juiz competente abria devassa.

Os dias, porém, iam correndo, Alexandre Cardoso continuava a ser ajudante oficial-de-sala, ostentando mais influência e poder do que nunca, e nem Emiliana, nem Jerônimo, nem a moralidade pública recebiam satisfação alguma.

O povo murmurava por toda parte, não era mais Alexandre Cardoso, era o Conde da Cunha o mais detestado e recriminado. Dizia-se que tinham sido mandadas para Lisboa as mais graves queixas contra o vice-rei.

Antônio Pires chegava a comprometer-se, manifestando publicamente e com imprudente veemência, as mais acres censuras contra o governo do Conde da Cunha.

Os pasquins injuriosos repetiam-se, aparecendo quase todas as manhãs nas paredes das casas, ou largados pelas ruas.

Dir-se-ia que se conspirava uma revolta.

Mais ainda: as senhoras começavam a pronunciar-se; em todas as casas, nos encontros casuais, nas visitas, as mães de família, como as donzelas, maldiziam do vice-rei, que as não protegia contra Alexandre Cardoso e seus sócios, tornados ameaças vivas e impunes que traziam em risco a inocência e a honra das mais recatadas.

Agravava este justo sobressalto do sexo mimoso e fraco, o desgosto proveniente das providências severas, mas bem aconselhadas, que tomara o bispo proibindo certas solenidades religiosas à noite, a conversação com as senhoras, e a corte feita a elas, às portas e nos átrios das Igrejas, e alguns costumes ridículos que se misturavam com as cerimônias das procissões, e só serviam para profano divertimento.

Além dessas medidas, que diminuíam as ocasiões de colheitas de tributos de adoração para as senhoras, revoltavam-se estas contra as instituições de casas de recolhimento forçado para muitas esposas e filhas, verdadeiros cárceres em que a vontade dos pais e dos maridos tinham recurso seguro, que servia à sua prepotência.

Realmente a época não era lisonjeira para o belo sexo, que desde alguns anos, ressentindo e desgostoso, aproveitara então o sentimento ge-

ral de reprovação do governo do Conde da Cunha, e tomava parte considerável na oposição de murmurações e de acerbas censuras.

E não se tenha em pouco essa oposição feminil; pode muito a diátria e insistente pregação da mãe, da esposa, das filhas e das irmãs, que falam livremente em casa, e que sabem convencer agradando, ameigando ou chorando; e podiam muito as senhoras, que, arriscando-se menos que os homens às perseguições da autoridade, cantavam ao cravo, ou à guitarra e à viola, os lundus e as cantigas com alusões epigramáticas ao Conde da Cunha, ao seu ajudante oficial-de-sala, e aos abusos e escândalos que se observavam.

O que além de tudo isto preocupava alguns espíritos, e nenhum explicava, era uma notável modificação nas práticas do governo do Conde da Cunha, que sempre suspeito e violento, esmagava com pronto castigo e sistemática opressão as mais leves demonstrações de censura ou de reprovação dos seus atos, e que então por tolerância, ou por desprezo, deixava livre curso às queixas do povo, não ordenara prisão alguma, e nem ao menos fizera perseguir algum suspeito de fixar ou espalhar os pasquins, em que aliás era ele o mais injuriado.

Mas nem por essa generosidade o vice-rei era poupado ou ainda por essa ostentação de desprezo do povo murmurador; o povo se mostrava cada dia mais hostil a ele, não lhe perdoando a impunidade de Alexandre Cardoso, que aliás se exaltava com a sua confiança, sendo conservado no cargo de ajudante oficial-de-sala.

Era esta a situação da capital do Brasil-Colônia nos últimos dias da primeira quinzena do mês de março, quando o vice-rei mandou anunciar solene parada dos regimentos de linha e auxiliares ou de milícia da cidade, para 19 do mesmo mês, ou dia de São José, santo do nome do rei.

Evidentemente a festa não era feita ao bem-aventurado do céu, e sim ao bem-aventurado da terra.

Na manhã seguinte o pasquim disse:

O nosso Conde da Cunha
Nem do céu respeita a lei;
No furor da adulação
Furta do santo para o rei.

Tem razão o Vice-Rei;
A consciência o aterra;
Descrê os santos do céu,
Agarra-se ao rei da terra.

O Conde da Cunha, se leu ou teve conhecimento deste pasquim, desprezou-o, como desprezara outros.

No meio deste pronunciamento de desgosto geral, Jerônimo se

conservava silencioso, e esperava: espantava-se da longanimidade do Conde da Cunha; mas ainda confiava nele.

Velando implacável pela vingança que jurara tomar de Alexandre Cardoso, Maria não se descuidava.

Dois dias depois daquele em que Emiliana falara ao vice-rei, Maria voltou à casa da Rua do Parto, e pediu informações do que se passara na audiência.

Emiliana deu-lhe conta de tudo, acabando por dizer que o conde ouvira com fingida bondade.

— Fingida por quê?

— Porque, desde que nos apareceu Alexandre Cardoso, não me atendeu mais, e despediu-me de modo revoltante.

— Ótimo sinal, disse Maria.

— Como?

— O Conde da Cunha fingiu somente para com Alexandre Cardoso. Esperemos mais seis dias.

— Mais cinco apenas, que completarão oito, que prometi esperar, disse Marcos Fulgêncio, levantando-se.

— E depois? perguntou Maria.

— Depois? . . . isso fica por minha conta.

— Que farás, pobre Marcos?

— Obra do meu ofício, minha nobre senhora; levantarei uma força. . . para mim.

Fernanda segurou instintivamente, com força, o braço do marido, exclamando:

— Santo nome de Jesus! . . . Nossa Senhora que te livre de tal!

— Senhor Marcos Fulgêncio, disse Maria; daqui a cinco dias voltarei; espere-me.

Alexandre Cardoso afetava aos olhos de todos serenidade e segurança; mas, dentro de si, receava talvez bem próxima a sua desgraça, porque também a ele espantava a cega confiança, com que o vice-rei o amparava contra a animadversão geral, apesar da gravidade dos últimos acontecimentos.

Além disso, outras contrariedades o afligiam; o jogo absorvera-lhe quanto dinheiro tinha, e quanto pudera tomar de empréstimo à bolsa dos amigos; a morte de Clélio Írias o privara de uma fonte de recursos, e a recusa do vice-rei à nomeação dos oficiais para o novo terço o deixava em difícil clima e triste posição; por último, a sua infeliz paixão pela menina Inês, o mau resultado de sua criminoso tentativa, na noite da serração da velha, enchiam-lhe de fel o coração.

Entretanto, o ajudante oficial-de-sala dissimulava as perturbações do seu ânimo; mas, irritado e desejoso de tirar vingança daquele que principalmente fora a causa de haver abortado o seu plano para o rapto de Inês e já perfeitamente informado de quem era Isidoro e do motivo do seu disfarce, determinara persegui-lo a todo transe, e recrutá-lo para soldado.

Não entrava no seu plano a idéia de que Jerônimo Lfrio quisesse para seu genro um jovem sem fortuna e sem futuro, como era Isidoro, que somente se recomendava por alguma educação literária e artística, que os frades franciscanos do convento de vila de Santo Antônio de Sá lhe tinham dado, movidos pelo interesse que lhes inspirava a bela inteligência daquele menino.

Alexandre Cardoso compreendeu que não era prudente, depois do que acontecera, fulminar diretamente com os raios da sua vingança o simpático Isidoro; estudara, pois, e calculara uma providência que compreendesse Isidoro pela regra geral, e dirigiu-se ao conde da Cunha com um bando já redigido, em que eram declarados soldados de linha todos quantos até a data do bando eram solteiros e não tinham ofício ativo, ou estabeleci

mento próprio e conhecido no comércio, indústria e artes, tendo de dezoito a quarenta anos.

O Conde da Cunha leu o bando e disse, mostrando-se satisfeito:

— Eu também tinha pensado nisto, que aliás já está em prática, pois é principalmente na massa dos solteiros e vadios que fazemos recrutar.

— No bando que escrevi, para oferecer à sábia consideração do Sr. Vice-Rei, excluo a idéia do recrutamento arbitrário de que muitos se queixam e proponho uma regra que, por ser geral, agradará ao povo.

— Que temos nós com a gritaria do povo? . . . Guardo o seu bando, e amanhã ou depois lhe darei outro com uma idéia nova que desejo ensaiar.

O ajudante oficial-de-sala curvou-se.

O vice-rei continuou:

— Quero que seja esplêndida a grande parada que pessoalmente comandarei no dia do nome del-Rei, meu senhor; há muitos dias que não visitamos as fortalezas, e delas se devem retirar, para concorrerem à parada, quantas praças se puderem dispensar em suas guarnições; saiamos, pois: o senhor vá às fortalezas, eu irei aos quartéis e ao meu arsenal.

Alexandre Cardoso tornou a curvar-se e saiu.

Pouco depois o conde da Cunha foi visitar os quartéis, onde se informou do número de praças prontas, do estado das armas e do fardamento.

No regimento novo, os soldados doentes tratavam-se todos no competente hospital e no da Santa Casa de Misericórdia; no regimento velho, três soldados doentes não estavam, como outros, nos hospitais.

O vice-rei quis saber a razão dessa exceção.

O major do regimento respondeu:

— Tiveram licença para tratar-se fora.

— E quem os cura? . . .

— Eu o ignoro, Sr. Vice-Rei.

O conde da Cunha cerrou as sobranceiras e perguntou:

— E onde se tratam?

O major estremeceu.

— Também o ignora? . . . Quero sabê-lo.

— Um desses soldados doentes é casado e tanto ele como os dois camaradas, de quem é parente ou amigo, são tratados em casa.

— E onde é essa casa?

— Sr. Vice-Rei, eu não estava preparado para. . .

— Devia estar! bradou o Conde da Cunha; e se não está, prepare-se já para responder-me; dou-lhe dez minutos.

E o vice-rei tirou o relógio e marcou, em alta voz, a hora que era.

O major, trêmulo e assustado, foi para o interior do quartel e,

no fim de três minutos, voltou apressado.

— Preparou-se? perguntou o vice-rei com ironia terrível.

O major disse, a gaguejar de medo:

— A casa é no morro do Desterro, um pouco acima do convento de Santa Teresa. . . à beira do caminho e à mão esquerda de quem sobe. . .

O vice-rei voltou as costas ao major e disse aos oficiais que à distância respeitosa se achavam reunidos:

— O tenente-coronel Alexandre Cardoso, obrigado a desempenhar os deveres de meu ajudante oficial-de-sala, tinha o direito de ser mais zelosamente servido pelos seus subordinados no comando do regimento velho; hei de dizer-lhe o que observei aqui, e basta-me isso. O tenente-coronel ainda não mentiu à minha confiança.

E o velho Conde da Cunha montou a cavalo, dirigiu-se ao arsenal, onde se demorou até à hora do jantar.

De volta ao palácio, e recolhido ao seu gabinete, consultou apontamentos que tomara, interrogando Isidoro, e leu para si: "penso que feri no ombro o salteador que tentava raptar a menina Inês; com certeza feri no rosto e na ilharga outro salteador, de alta estatura e força descomunal, que esteve a ponto de matar-me; não feri nenhum outro".

O Conde da Cunha abriu uma gaveta de segredo e dela tirou uma carta; era ainda um novo relatório semanal da vida e proezas de Alexandre Cardoso, que ele leu ainda para si: "o mandatário do atentado foi Alexandre Cardoso, o fim era o rapto da menina Inês, filha de Jerônimo Lfrío; os instrumentos foram soldados do regimento velho, alguns dos quais foram feridos, e estão sendo tratados fora do quartel; ainda não sei onde, e menos o sabe o vice-rei, que faz garbo de tudo ignorar".

O Conde da Cunha mandou chamar Germiano, que não tardou a apresentar-se. O vice-rei lhe disse:

— No morro do Desterro, um pouco acima do convento, à beira do caminho, à mão esquerda, de quem o sobe, há uma casa, onde estão em tratamento três doentes, soldados do regimento velho; preciso saber que moléstias sofrem eles, e se estão feridos, como me informam, em que regiões ou pontos do corpo receberam feridas. Vai-te: tens dois dias para desempenhar esta comissão.

O mudo sorriu-se, fez sua vênica e deixou o vice-rei.

Germiano, que sabia tudo quanto se passava e se murmurava na cidade, compreendeu perfeitamente o empenho do vice-rei, e, por amor deste, sendo inimigo de Alexandre Cardoso, esmerou-se em executar prontamente as ordens do seu idolatrado amo: jantou e bebeu em vez de uma, como tinha por costume, três garrafas de vinho ao jantar.

O mudo sabia a sua conta: uma garrafa de vinho era apenas o excitante normal da digestão, duas davam-lhe alegria, três o levavam ao estado

duvidoso que precede a embriaguez; quatro tiravam-lhe a consciência.

Germiano bebeu, pois, três garrafas de vinho e saiu a passear; tomou a direção do morro do Desterro e começou a subi-lo, passou além do convento e, reconhecendo, pelas indicações, a casa que procurava, parou diante dela, introduziu na garganta dois dedos para provocar um vômito e desde que conseguiu esse indício da embriaguez, que pretendia simular, deixou-se cair contra a porta da casa e, estirado no chão, pôs-se a gemer pungentemente.

A porta da casa abriu-se, e uma mulher e um soldado, que trazia um lenço atado à cabeça, apareceram.

A mulher disse:

— É um bêbedo.

O soldado curvou-se um pouco, examinando o rosto de Germiano, e exclamou:

— É o cão do vice-rei, é o patife do mundo, que hoje bebeu pelo menos um garrafão de vinho!

— Manda esse maroto para a porta do convento, disse outra voz, que partia do interior da casa.

— Era preciso que o borracho tivesse pernas; aqui não há que hesitar: ou atirar com o cão do vice-rei pela esarpa do morro abaixo, levando a cabeça quebrada e sem miolos, ou recolhê-lo e tratá-lo como amigo; este biltre é cão capaz de morder, e ao cão bravo, ou compra-se a fidelidade, ou mata-se de uma vez.

Isto dizia da porta o soldado que, entrando e conferenciando com os camaradas, voltou com a mulher e ambos carregaram para dentro Germiano, a quem estenderam em uma esteira velha.

O mudo dormiu ou fingiu dormir longas horas, até que, despertando e sentando-se na esteira, olhou espantado em torno de si.

— Estás em casa de amigos, Germiano, disse-lhe o soldado que trazia o lenço à cabeça; tomaste solene bebedeira, como às vezes nos acontece, e o senhor vice-rei não ficará mal contigo por isso.

Germiano pôs-se a custo de joelhos e levou um dedo à boca, pedindo segredo do excesso de vinho que o levava à embriaguez.

— Um dia não são dias, e uma mão lava a outra: tu te embebedaste por exceção e nós te socorremos; toma nota disto, e olha bem para nós a fim de que, lembrando as caras, não esqueças a gratidão.

O mudo tornou a deitar-se e adormeceu.

Só no dia seguinte, pelas dez horas da manhã, Germiano entrou, de volta, no palácio; mas apenas entrou, foi direito ao gabinete particular do vice-rei.

— Já sabes tudo? perguntou-lhe o conde.

O mudo fez sinal afirmativo.

- Os soldados estão feridos? . . .
Igual resposta deu Germiano, acenando com a cabeça.
— Quantos são?
O mudo mostrou três dedos.
— São três, muito bem; e o primeiro, onde foi ferido?
O mudo pôs a mão na cabeça.
— O segundo?
O mudo mostrou o ombro direito.
— Ah! no ombro? Isso mesmo.
— E o terceiro? . . .
O mudo apontou o rosto, e depois a ilharga.
— No rosto e na ilharga? . . . tal e qual! E esse ferido no rosto e na ilharga, é de baixa estatura? . . .
O mudo fez com a cabeça sinal negativo, e depois encostando-se à parede, levou a mão um palmo acima da sua própria altura.
— Então... um homem gigantesco? . . .
O mudo indicou que sim.
— Tudo como me informam! murmurou o vice-rei.

Sem o pensar, o Conde da Cunha pôs a cidade em movimento, distraíndo-a de suas sombrias apreensões com uma medida sábia e útil, mas que oferecia margem para gracejos e apreciações divertidas.

Dois dias antes do de São José, a 17 de março, o vice-rei entregou a Alexandre Cardoso o bando que escrevera em substituição do outro que o ajudante oficial-de-sala redigira, e ordenou-lhe que o fizesse logo proclamar.

O bando do vice-rei encerrava pensamento absolutamente oposto ao de Alexandre Cardoso, ou pelo menos, muito favorável de isenções do recrutamento; mas o secretário do vice-rei não se animou a fazer objeção alguma, antes, deu-se por feliz, vendo que o Conde da Cunha, ocupado seriamente deste assunto, e dando-lhe grande importância, se esquecia da questão dos soldados doentes do regimento velho, cuja averiguação completa bem pudera produzir graves conseqüências.

Assim, pois, no mesmo dia, o bando foi proclamado, e os habitantes da cidade ficaram na inteligência de que o vice-rei, atendendo à desproporção que se notava entre os homens casados e solteiros, sendo exageradamente superior o número destes, e considerando a fartura que havia de vadios onerosos ao Estado e nocivos à sociedade, ordenava que todos os jovens e quantos estivessem na idade varonil, tratassem de casar-se em breve prazo, e que aqueles que o não fizessem, assentassem praça nos regimentos de linha.

Esta providência econômico-política, a que não faltava o cunho do poder absoluto e da opressão do governo, se estendia além da cidade, a toda a capitania, e era por certo de considerável proveito futuro; os habitantes de Sebastianópolis, porém, a consideraram em suas relações com o presente e a receberam em tom brincão.

Houve festa ao bando do vice-rei.

À noite, as famílias amigas saíram a visitar-se; as moças pergun-

tavam umas às outras, quantos pedidos em casamento já haviam recebido; os velhos celibatários, com o direito da sua idade, divertiam-se a empenhar-se por achar noivas, e os jovens solteiros e esquivos ao dever de tomar família, pensavam seriamente no bando do vice-rei.

O que não se mostrou duvidoso, o que se manifestou francamente, foi uma revolução súbita na opinião pública feminina. O belo sexo, que até então e principalmente nos últimos dias, se pronunciara vivamente adverso ao Conde da Cunha, mudou de parecer e encareceu-lhe a sabedoria do governo; as jovens solteiras, com particularidade, entusiasmaram-se pelo velho vice-rei.

Na primeira e nas seguintes, às mesas de ceias de alegres companhias, as senhoras faziam dez vezes a saúde do Conde da Cunha, e elas tinham razão, porque em dois dias, mais de vinte meninas pobres já tinham noivos muito empenhados em apressar seus casamentos.

Na casa de Maria de. . . também se festejava o bando do vice-rei e na noite da véspera do dia de São José, reunira-se no círculo folgazão e não pouco leviano da famosa cortesã.

Alexandre Cardoso e Gonçalo Pereira não tinham faltado; mas o primeiro caía às vezes em irresistível meditação e o segundo mal disfarçava a sua tristeza.

A razão das reflexões de um e da tristeza do outro provinha das intrigas da odienta e vingativa mulher.

Gonçalo Pereira tinha nesse dia almoçado com a cortesã e acabado o almoço, recomeçou entre ambos a luta que desde muito se travava, e que punha no ânimo do oficial a paixão mais ardente em violento combate contra o melindre e a honra.

Maria reclamava, mais que nunca, o concurso de Gonçalo para perder de uma vez Alexandre Cardoso, e exigia que ele se prestasse a dar ao vice-rei testemunho de fatos criminosos ou escandalosos que vira o ajudante oficial-de-sala cometer.

Gonçalo revoltou-se e perguntou colérico:

— Queres, pois, que, além da ignomínia de espião, me caiba ainda a vergonha de denunciante?

— Quem fala em denúncia? disse Maria.

— Que exiges então?

— Que se fores chamado e interrogado pelo vice-rei, lhe digas a verdade.

— Oh! e quem denunciará Alexandre Cardoso?

— Eu.

— Maria! Serias capaz? . . .

— Eu sou pomba e tigre.

E confiou ao amante a história dos relatórios semanais, que

mandava ao Conde da Cunha.

Gonçalo pôde apenas dizer:

— Terrível mulher!

— Vou apelar para o teu testemunho na carta anônima, que o vice-rei há de receber amanhã, à noite.

— E eu negarei os fatos, embora minta! exclamou o oficial.

Maria empregou todas as suas graças e fascinações para dominar Gonçalo, que pela primeira vez resistiu ao poder da fada maléfica.

A cortesã revoltou-se contra a resistência invencível do amante, e, entrando em furor, disse-lhe:

— Não preciso dos teus serviços. . . sei tudo quanto desejo sobre Alexandre Cardoso. . . e não és tu que mo dizes desde muitos dias. . .

— Ainda bem!

— Não o sabes, ou não me disseste e eu sei que foi Alexandre Cardoso quem mandou atacar no caminho da Gamboa, a família de Jerônimo Lúrio. . .

— É impossível! Semelhante crime. . .

— Eu sei e o vice-rei também já sabe todas as circunstâncias do atentado.

E Maria referiu por miúdo o ataque, o combate, os ferimentos dos soldados, cujo tratamento se fazia fora do quartel.

— E quem foi o traidor que te informou tão circunstanciadamente? Porque foi um traidor, um cúmplice que viu tudo. . . Quem foi? . . .

Maria desatou numa risada de escárnio.

— Hás de dizer-mo! exclamou Gonçalo abrasado em furioso ciúme; há de dizer-mo! Semelhante traição só podias comprar com a moeda, com que me corrompeste!

Maria empalideceu; mas disse com firmeza:

— Não to direi.

Seguiu-se longa cena de frenético ciúme, até que, de repente, Gonçalo murmurou, raivoso:

— O alferes Constâncio Lessa. . .

Maria empalideceu ainda mais; fingiu, porém, segunda risada de escárnio.

Gonçalo acabava de lembrar-se de haver encontrado, no dia imediato ao do atentado do caminho da Gamboa, o alferes Constâncio Lessa na casa da cortesã, acrescentando que desde algumas semanas concebera suspeitas de relações mais íntimas entre os dois.

Constâncio Lessa era o mais desmoralizado dos oficiais do regimento velho, e sócio e instrumento dos maiores escândalos e perversões de Alexandre Cardoso.

Arreatado de ciúme e de indignação, Gonçalo tomou o chapéu

e deixou Maria, que não menos colérica ficava.

Um longo passeio apacou o furor do oficial, que resolveu-se a procurar pleno conhecimento dos fatos, cuja suspeita o desorientava.

Foi-lhe fácil encontrar o alferes Constâncio Lessa, a quem convidou para jantar, e ainda mais fácil fazê-lo despejar e beber algumas garrafas de vinho generoso.

Habituaado a todos os vícios, Constâncio Lessa embriagava-se muitas vezes.

Gonçalo calculou o efeito das libações e quando viu o alferes mais alegre e mais gárrulo, provocou a questão:

— Tu és um bom diabo, disse-lhe; mas às vezes pecas pela língua desenvolta. . .

— Na eloquência do vinho, meu tenente; dá-me mais um copo.

E recebeu e virou o copo.

— Então. . . falo às vezes demais?

— E muito; queres uma prova? Escuta: por que havias de confiar o segredo daquela brincadeira do caminho da Gamboa à nossa alegre amiga Maria, que tão ciumenta anda do tenente-coronel?

— É mentira. . . Eu sei lá dessas coisas? . . .

— Não podes negá-lo; foi ela mesma que mo confessou. . .

— Ela? . . . Vem-me cá com essas. . .

— Bebamos um copo à saúde daquela condescendente beleza!

— Viva Maria! exclamou o alferes Constâncio Lessa, bebendo.

— Eu também amo a Maria, que nem sempre é cruel comigo; mas o diabo me leve, só ela me arranca segredo!

— Sim? . . . Pois que te abres comigo, eu... eu vou abrir-me contigo. . .

Gonçalo sentiu que a língua de Constâncio Lessa tornava-se pesada, e recebeu havê-lo feito beber demais.

— Dá-me vinho, disse o alferes.

— Acaba primeiro o que ias dizer e dou-te uma garrafa cheia; então Maria. . .

— Aquele demônio... é mercadora de amor. . . por segredos. . . da vida do tenente-coronel. . .

— Então ela não mentiu? Contaste-lhe a história da tal brincadeira? . . .

— Pois se ela disse metade. . . eu devia dizer tudo...

— Entendo, feliz diabo! Foi favor por favor. . .

— Ou favores. . . por favores. . . tomara eu ter mais que contar... e levo o demo. . . o tenente-coronel. . .

— Ora! Que boa vida! Que peças que pregamos ao tenente-coronel! Maria ama-me há quatro meses. . . E a ti? . . .

— Há três semanas somente. . . Dás-me mais vinho? . . .

Gonçalo , ciente da mais cruel verdade, empurrou uma garrafa para Constâncio Lessa, levantou-se e saiu maldizendo da cortesã, que se aviltava ao ponto de vender-se por vingança e corrupção. ao mais vil dos homens.

Maria caíra, a seus olhos, na mais profunda abjeção; olhando-a, porém, no fundo do vergonhoso e imundo abismo, o nobre oficial se encontrava a seu lado com a marca da ignomínia pelos abusos de confiança, pelas traições, em que por sua vez incorrera, denunciando à fatal cortesã os abusos e as desenvolturas criminosas de Alexandre Cardoso.

Arrependido e envergonhado das suas fraquezas, Gonçalo, porque era verdadeiramente nobre, experimentava nos remorsos e no mais violento e amesquinhador ciúme, o castigo de sua paixão desvairada.

Duas imagens, a de um homem e a de uma mulher, incessantes se mostravam ao espírito agitado de Gonçalo: Alexandre Cardoso, por ele durante algum tempo traído, e Maria, que atraíra a ambos. Procurando escapar a essas lembranças cruéis, o jovem oficial desprezou o alferes Constâncio Lessa, que ficara a beber na mesa, e de novo foi pedir ao passeio, ao ar livre, ao encontro de conhecidos, e à fadiga, o arrefecimento do seu veemente sofrer.

Mas passeava apenas há meia hora, e Gonçalo sentiu que alguém lhe pusera a mão sobre o ombro direito, e achou-se em frente de Alexandre Cardoso.

— Nem me via, Tenente! . . . Que preocupação!

— É certo, Sr. Tenente-Coronel.

— Se precisa de um amigo, disponha absolutamente de mim.

Gonçalo corou; preferia um insulto, ao obsequioso oferecimento de Alexandre Cardoso.

— Nada de cerimônias, Tenente; ponho à sua disposição o coração, o braço e a bolsa, embora esta não ande muito provida.

Gonçalo levou a mão ao peito, que arfava, e disse, tomando de súbito uma resolução:

— Senhor Tenente-Coronel, far-lhe-ei uma confiança importantíssima, receba-a e guarde-a em segredo, para melhor acautelar-se.

— Pois é de mim que se trata?

— Pode ser que de nós ambos; mas, pouco importa o que me é relativo.

— Então, que há?

— Há mais de três meses que o atraíam e tramam a sua desgraça.

— Eu começava a suspeitá-lo. . .

— O vice-rei é constante e miudamente informado de todos

os seus atos, ainda os mais. . . melindrosos. . . e comprometedores. . .

— E como?

— Ele sabe tudo. . . os episódios que acompanharam o incêndio da casa do carpinteiro. . . a tentativa de rapto da menina Inês, são-lhe conhecidos, como as suas perdas ao jogo, e quantos fatos podem servir ao seu descrédito. . .

Alexandre Cardoso desfigurou-se.

— Tem certeza disso, Tenente? perguntou com voz alterada.

— Absoluta certeza.

— E o nome do traidor?

— Há nomes de traidores.

— Diga-mos todos.

— Não posso fazê-lo; só tenho o direito de dizer-lhe o nome de

um.

— Esse ao menos. . .

— Não me é possível dizê-lo já; o Sr. Tenente-Coronel vai a serviço? . . .

— Não. . . passeava sem destino. . .

— Passeemos.

— Tenente, quem me esconde o nome dos traidores, serve a traição. . .

— Eu dei-lhe o aviso da traição urdida; nomear-lhe os traidores fora tornar-me delator.

— Mas prometeu-me denunciar um. . .

— Tenho esse direito. . . passeemos. . .

Alexandre Cardoso, aturdido pela notícia, não soube mais de si, e ora instando por novos esclarecimentos, ora absorvendo-se em profunda e sombria meditação, deixou-se levar por Gonçalo, que no fim de longa marcha pelo campo do Rosário, parou em um sítio deserto e limpo de árvores, mas cercado de moitas de arbustos.

— Senhor Tenente-Coronel, disse Gonçalo; o traidor, cujo nome posso declarar, apaixonou-se no correr do ano passado por uma mulher que tinha sido sua amante, e que ferida pelo seu desprezo, pôs por preço ao amor que esse homem lhe pedia, a espionagem dos seus passos, e a traição à sua confiança.

— E o infame. . .

— O infame?!! exclamou Gonçalo, batendo com a mão nos copos da espada; o infame. . . louco de paixão. . . submeteu-se a essa indignidade, e durante alguns meses foi espião de seus atos. . . e abusou de sua confiança. . .

— E quem foi esse miserável? . . .

— O tenente Gonçalo Pereira, que está pronto a dar-lhe satisfa-

ção de cavalheiro.

Os dois oficiais desembainharam as espadas, e o combate travou-se logo.

Eram ambos valentes e adestrados; mas Gonçalo Pereira, esgrimidor notável e muito mais hábil que o seu adversário, parecia determinado a cansá-lo, e apenas se defendia.

Alexandre Cardoso, enfurecido, sentiu que Gonçalo lhe poupava a vida; ainda mais se enraiveceu por isso e quando contava ferir de morte o tenente, viu sua espada escapar-lhe da mão e cair a duas braças de distância.

Gonçalo cruzou os braços e ficou imóvel.

— Não aceito a vida! bradou o tenente-coronel.

O tenente apanhou a espada de Alexandre Cardoso, e oferecendo-lha, disse friamente:

— Começemos de novo.

— Quero saber o nome da mulher por quem se infamou disse Alexandre Cardoso, sem receber a espada.

— Não lho direi, respondeu Gonçalo.

Rangendo os dentes e espumando de cólera, o tenente-coronel tomou a espada já vencida uma vez e renovou o combate, que por mais de dez minutos se prolongou terrível.

Três vezes Gonçalo deixou de ferir o adversário, que se pusera loucamente a descoberto, três vezes a sua generosidade foi sentida pelo desesperado e cego tenente-coronel; mas, finalmente, ao dar um salto, embarçou um dos pés nas raízes secas deixadas por antigos arbustos e caiu por terra.

Alexandre Cardoso com a espada ameaçadoramente levantada sobre Gonçalo, bradou:

— O nome da mulher. . .

— Não lho direi, respondeu o tenente, sem alteração de voz.

— Esse nome, ou a morte!

— Mate!

Alexandre Cardoso recuou dois passos e embainhou a espada, dizendo:

— Não posso matá-lo.

E acrescentou:

— Vida por vida.

Gonçalo pôs-se em pé e com o rosto em flamas de vergonha:

— Pois que é assim, disse tristemente, perdoe-me também o mal que lhe fiz.

Alexandre Cardoso ofereceu a mão, que Gonçalo apertou.

O Tenente Gonçalo Pereira, instado por Alexandre Cardoso para acompanhá-lo à casa de Maria, não ousou resistir ao convite; a resistência pudera despertar uma de duas suspeitas: ou que ele se arreceava de mostrar-se ao lado do ajudante oficial-de-sala, ameaçado pela adversidade, ou que lhe repugnava a casa de Maria, que aliás até então freqüentara, o que exporia à desconfiança a cortesã a quem devia generosidade.

Era assim que na alegre reunião, Alexandre Cardoso caía às vezes em irresistível meditação, e Gonçalo mal disfarçava a sua tristeza.

— Lundu novo! exclamou uma linda rapariga, levantando-se e tomando a viola.

— Por que não ao cravo?

— O cravo é mais nobre, pertence às xácaras e às baladas; o lundu é mais plebeu e cabe de direito à viola, que é o instrumento do povo.

— Venha pois o lundu.

A moça cantou:

Graças ao Conde da Cunha,
Ao bando casamenteiro,
Acham noivos raparigas
Sem beleza e sem dinheiro.

Em um mês se acabam
As moças solteiras,
Os noivos recorrem
Às velhas gaitadeiras.

Pra muitos que sobram,
Soltar vão as freiras,
Dos recolhimentos
Saem prisioneiras.

E as qu'ém vão amavam,
E as que lastimavam
A sorte, que o feio, cruel celibato
Tão mau lhes impunha,

E as moças sem dote, e as velhas e as freiras
Que à luz se escondiam, corujas do mato,
São hoje devotas e noivas festeiras
Do Conde da Cunha.

Como esta, mais cinco ou seis coplas cantou a bonita rapariga no meio de vivos aplausos.

Depondo a viola, disse ela a rir:

— Todos me aplaudiram, menos o senhor tenente-coronel, que pensa no dia de amanhã, e o senhor tenente Gonçalo, que está triste, com saudades do dia de ontem!

— Não é isso, exclamou Maria; o Sr. Alexandre Cardoso e o Sr. Gonçalo Pereira estão aflitíssimos, porque ambos me pediram em casamento, e a ambos me recusei.

— Querem ver que tivemos medo de assentar praça! disse Alexandre Cardoso.

— Não; mas o vice-rei vai mandar proclamar outro bando, condeando à perda de seus postos os oficiais solteiros que não se casarem prontamente.

— Em tal caso, pedirei a minha demissão.

— Pois, Sr. tenente-coronel, apresse-se antes que lha dêem. Alexandre Cardoso perturbou-se, lembrando-se da confiança de Gonçalo Pereira.

Maria voltou-se para o tenente, e perguntou-lhe:

— E o senhor também pretende pedir a sua demissão?

Gonçalo ficou com olhos flamejantes a cortesã e disse:

— Já dei-a.

Maria corou de leve, sentindo o golpe que recebera; acrescentou, porém, logo:

— E como conserva e traz a farda e as divisas?

— Estas são as do regimento novo, e foi de oficial de outro corpo que me demiti.

— Então de qual?

— Do regimento dos escravos do vício.

— Ainda bem que a sua presença aqui indica que esta casa não é quartel desse regimento, respondeu Maria, contendo-se.

Alexandre Cardoso começava a prestar atenção.

A cortesã, ferida rudemente em sua vaidade, tornou, dizendo:

— Que súbita regeneração! Os arrependidos assim, ou ficam san-

tos, ou bem depressa perdem no caminho da salvação, e só não caem no inferno, quando o diabo lhes fecha a porta.

Gonçalo Pereira guardou silêncio.

Alexandre Cardoso conservava-se pensativo e imóvel na sua cadeira.

— Que insuportável melancolia a destes senhores oficiais! Fazem-nos sono! Creio que estão assustados com a grande parada de amanhã.

E, sempre audaciosa, Maria acrescentou:

— Falta-nos aqui o elegante alferes Constâncio Lessa, que nunca sabe o que é tristeza!

E falando às senhoras:

— Mundo às avessas! Façamos dançar estes cavalheiros, exclamou.

As senhoras levantaram-se alegremente, e Gonçalo Pereira, aproveitando o movimento da companhia, aproximou-se da cortesã, e disse-lhe:

— Se quer aqui o alferes Constâncio Lessa, mande buscá-lo à minha casa, onde o deixei em vergonhoso estado de embriaguez, depois que lhe ouvi quanto me convinha saber.

Gonçalo voltava as costas; porém Maria travou-lhe do braço, e respondeu-lhe com impavidez:

— Se me tivesse perguntado o que lhe convinha saber, poupar-se-ia a uma ação desleal, e às despesas de um jantar envenenado; porque eu lhe diria. . . tudo.

E lançou-se ao turbilhão da dança.

Gonçalo Pereira foi debruçar-se à janela.

Alexandre Cardoso esperou alguns minutos, e quando viu a sociedade mais ocupada com a dança, encaminhou-se também para a janela.

— Tenente Gonçalo Pereira! disse-lhe; se não nos tivéssemos batido esta tarde no campo do Rosário, sairíamos agora mesmo daqui para nos batermos.

— Senhor Tenente Coronel. . .

— A mulher que me traiçoa e por quem me traiu, é Maria.

Gonçalo não respondeu.

— É Maria! repetiu Alexandre Cardoso.

O tenente manteve-se mudo.

— É Maria!. . . tornou com voz surda e ameaçadora o tenente-coronel.

Gonçalo, por única resposta, perguntou:

— Quer que saíamos? . . .

Alexandre Cardoso passou a mão pela frente e disse:

— Não tornaremos a bater-nos. . . não. . . essa mulher não é digna de um duelo entre dois cavalheiros. . . vi bem que suas relações com

ela estão quebradas. . . as minhas, quebro-as hoje. . . e desde agora. . .

— Um pouco tarde! murmurou sinistramente Maria, mostrando-se junto dos dois oficiais.

Espantados de tanto e tão afrontoso cinismo, Alexandre Cardoso e Gonçalo Pereira tiveram a mesma idéa para castigar a soberba e impávida cortesã, idéa profundamente insultuosa, material, baixa e repugnante; mas idéa que sem prévio ajuste, ambos puseram em prática ao mesmo tempo, e como se estivessem de acordo.

Os dois oficiais simultaneamente atiraram suas bolsas de ouro aos pés da cortesã e retiraram-se.

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro despertou festiva no dia 19 de março, acordando ao ribombo das salvas de artilharia das fortalezas embandeiradas.

A Praça do Carmo ou Largo do Paço estava margeada de imenso povo que ocupava suas quatro faces, olhando e admirando as tropas que se desenvolviam no centro; as janelas do palácio, do convento do Carmo, e das casas particulares, se mostravam armadas, e as últimas atonetadas de senhoras; junto do palácio e perto da porta, onde soberbo cavalo esperava o Conde da Cunha, mais compacta era a multidão de curiosos, e encostado à parede tinham muitos mostrado o carpinteiro Marcos Fulgêncio com semblante carregado; o carpinteiro não se fizera acompanhar nem pela esposa, nem pela filha: tinha a um lado uma mulher de mantilha, e do outro um padre velho que lhe eram ou pareciam desconhecidos.

Marcos Fulgêncio trazia uma determinação criminoso e horrível; viera armado de uma pistola, de um punhal, e decidido a assassinar o Conde da Cunha, aproveitando os momentos, em que ele montasse a cavalo; deixara em casa Fernanda chorando desesperadamente e Emiliana em violenta agitação nervosa.

Na tarde da véspera Maria tinha ido entender-se com Marcos Fulgêncio; mas de balde o aconselhara a adiar a sua vingança, garantindo-lhe o próximo castigo de Alexandre Cardoso.

O carpinteiro respondera com aterradora frieza estas únicas palavras sempre repetidas:

— O prazo da espera termina hoje: o vice-rei conhece o criminoso, e o deixa impune; amanhã hei de matar o vice-rei e, se eu puder escapar, depois de amanhã matarei Alexandre Cardoso.

A descrença da justiça pública inspirava a vinda particular e um homem honrado, perdendo a razão pela impunidade do perverso algoz de sua honesta filha, ia ser criminoso de assassinato.

Maria deixara preocupada e aflitíssima o carpinteiro Marcos Fulgêncio, de cujo vingativo empenho fora ela a própria provocadora.

Maria não era celerada, e a idéia de um assassinato a horrorizava; mais ainda além disso, o crime que Marcos Fulgêncio premeditava, devia em todas as hipóteses contrariar as tramas que ela enredava para sacrificar Alexandre Cardoso.

A despeito das instâncias de Maria, e das lágrimas de Fernanda, o carpinteiro fora tomar o seu posto na manhã de 19 de março, e com a mão no peito, onde trazia a pistola, esperava o vice-rei.

Às onze horas da manhã em ponto, o grito da guarda e a continência dos soldados anunciaram a presença do Conde da Cunha, que mostrou-se, e avançando para o cavalo, pôs o pé no estribo.

Aclamações gerais saudaram o vice-rei.

E Marcos Fulgêncio fez tal movimento com a mão que trazia-ao peito, que rebentou alguns botões da véstia; mas a mulher de mantilha que estava a seu lado imediatamente lançou-se diante dele, e disse-lhe em voz baixa:

— Não quero. . . não quero. . . isso!

Marcos Fulgêncio recuou um passo e quando reconheceu Maria na mulher de mantilha, já o Conde da Cunha estava longe.

— Que pretendia fazer este homem? perguntou o padre que perto se achava.

— Atirar este ramalhete de flores sobre o vice-rei, disse Maria, apresentando um ramalhete ao padre.

— Pois era isso?

— E então? o fioso cavalo em que vai o senhor Conde da Cunha poderia espantar-se, e talvez acontecesse algum infortúnio.

O padre voltou-se, e daí a pouco a mulher de mantilha seguia par e passo o carpinteiro que deixara a posição que, para tentar contra a vida do Conde da Cunha, havia tomado.

Marcos Fulgêncio seguiu em direção à praia, e quando se achou bastante afastado da multidão para não ser ouvido, voltou-se para Maria e perguntou-lhe irado:

— Que tem a senhora com o meu proceder e com o meu destino?

— Em todas as hipóteses faria o que fiz; mas nesta, o sangue derramado do vice-rei cairia também sobre a minha cabeça; porque fui eu que acendi a sua vingança.

— Está bem, senhora, já cumpriu o seu dever; agora deixe-me em paz.

— Não.

O carpinteiro travou do braço de Maria, e com um rir feroz:

— Julga-me seu escravo? perguntou.

— A sua mão de ferro me contunde o braço, disse pacificamente a moça.

Marcos Fulgêncio abriu a mão, e voltou os olhos, ouvindo o ruído de uma pisada.

O padre que fora testemunha do que pouco antes se passara, tinha-se aproximado sem ser visto e estava junto do carpinteiro e da mulher de mantilha.

— Marcos Fulgêncio, disse ele; tu precisas de mim, meu irmão.

— Eu, senhor reverendo?

— Não era um ramalhete que ias atirar sobre o vice-rei.

O carpinteiro olhou espantado para o padre.

— Conheço-te, meu irmão, continuou o padre; és homem chão e temente a Deus; mas o demônio te persegue sem dúvida e não estás em ti.

— Abençoada seja a intervenção do ministro do Senhor! murmurou Maria.

— Pecador! disse ainda o padre ao carpinteiro; as portas da igreja de São José estão abertas; é Deus que me envia a ti: vem confessar-te e contrito receber o corpo e o sangue de Jesus que te há de salvar.

E tomou pela mão a Marcos Fulgêncio que humilde e absolutamente dominado se deixou conduzir.

Maria respirou, e caminhando apressadamente, desapareceu no seio da multidão.

A grande parada foi magnífica em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro, que até então nunca vira tão belo e festivo aparato militar; a diversidade dos uniformes dos corpos de linha e auxiliares, o elegante fardamento dos oficiais e sobre todos os brilhantismo com que se mostrou o Conde da Cunha, encantaram tanto o povo, como a disciplina e precisão que ostentaram na marcha, nas manobras, nas descargas e nas continências os regimentos e os terços.

Mas a festa não acabou aí: à noite devia haver no teatro representação gratuita, tendo sido os camarotes oferecidos às principais famílias da cidade, os bilhetes de platéia dados em parte aos oficiais militares e em parte deixados ao povo, ou, melhor, àqueles que primeiro se apressassem a tomá-los, ou que mais protegidos fossem.

Além da representação teatral e da iluminação geral da cidade, o vice-rei daria grandiosa ceia, para a qual estavam solenemente convidados todos os oficiais dos diversos corpos e muitas famílias nobres, ou notáveis pela posição social ou riqueza de seus chefes.

Como é sabido, o teatro era então na casa que se chama hoje Tesouraria da Casa Imperial e que olha pela frente para o palácio, pela face direita para o mar, e pela face esquerda para a antiga cadeia, e desde 1823 Paço da Constituinte e da Câmara dos Deputados.

Bem que esse teatro estivesse a quatro braços do palácio, o vice-rei, que não devia tocar com os seus pés o chão que todos pisavam, foi para ele de carruagem, sendo saudado com entusiasmo pelos espectadores que enchiam os camarotes e a platéia.

Na platéia ostentavam-se as fardas; nos camarotes o riquíssimo e pesado luxo dos ornamentos das senhoras, cujos vestidos e sapatos de saltos eram bordados de prata ou de ouro, e nos homens as casacas de veludo, jalecos de cetim também bordados de prata ou ouro e contendo um relógio em cada bolso, dois relógios, pois, presos por cadeias de ouro, que tais eram as

modas usadas pelos ricos senhores.

O Conde da Cunha sorriu-se levemente, contemplando a esplêndida assembléia, e pareceu satisfeito de encontrar em um dos camarotes Jerônimo Lfrio com a mulher e as filhas, tendo ainda a seu lado o velho Antônio Pires e o jovem Isidoro, trajando com a mais perfeita elegância; turvou-se porém um pouco, notando em um dos camarotes, último obsé-quo que Alexandre Cardoso fizera três dias antes, a muito conhecida e, embora, formosa cortesã Maria de. . .

Deslumbrante de beleza, esmeradamente vestida, e trazendo em jóias uma riqueza afrontosa, Maria era como um sol a radiar naquela noite.

Causava pena a lembrança da vida licenciiosa daquela mulher verdadeiramente encantadora! Só a virtude devia ser bela assim.

O vice-rei, que procurou informar-se de quem partira o oferecimento do camarote à mulher reprovada, mostrou-se indiferente, sabendo a verdade da própria boca de Alexandre Cardoso.

— Eu o desculpo, disse; tratava-se de festa, e não se encontraria flor mais linda.

Representou-se a ópera — Labirinto de Creta — do *Judeu*, isto é, do poeta fluminense Antônio José da Silva.

A representação teatral que começara às sete horas terminou às dez e meia da noite.

Às onze horas serviu-se a ceia no palácio: foi ceia de vice-rei, ostentosa, riquíssima, porém comprimida pela etiqueta, e abafada pela gravidade.

A mesa imensa chegara todavia para os convidados, entre os quais se contavam não poucas senhoras.

A família de Jerônimo Lfrio, e os dois amigos, Antônio e Isidoro, que a acompanhavam, estavam presentes.

Às onze horas e meia da noite acabou a ceia.

Reunida a sociedade em outra sala, o Conde da Cunha dirigiu-se a Jerônimo Lfrio, mostrou-lhe um cravo, e perguntou-lhe se Isidoro queria prestar-se a cantar.

O desejo do vice-rei era um decreto.

Isidoro cantou; mas delicado e conveniente escolheu para executar música apropriada à cerimoniosa festa.

Desejoso de obsequiar o Conde da Cunha, e um pouco vaidoso do merecimento de suas filhas, Jerônimo ofereceu fazê-las ouvir.

Irene cantou melancólica e suavemente a mais terna das suas modinhas.

Înês, ignorante de etiquetas, sem a inspiração das conveniências de uma festa oficial, sem que a tivessem prevenido do que lhe cumpria fazer, escolheu para cantar o que melhor sabia, e com que mais gabos ganhava:

cantou o mais engraçado dos lundus.

— Se a — modinha — fora mal cabida, o lundu era inteiramente fora de propósito.

Jerônimo Lírio arrependia-se do estouvamento da sua vaidade de pai e olhava severo para a menina Inês, que só via Isidoro.

Mas a inocência, a graça e a beleza de uma jovem têm privilégios quase ilimitados.

O lundu cantado por Inês foi revolta feliz contra a etiqueta.

O vice-rei pôs-se a rir, a assembléia a aplaudir, e a cantora animada pelos aplausos, redobrou de graça e de sainete, e deixou o cravo no meio de uma revolução de alegria, em que o Conde da Cunha não era o menos revoltoso.

Mas nesse momento o sino de São Bento anunciou meia-noite.

— Meia-noite! disse o vice-rei com voz forte e severa.

Toda a sociedade se conteve e guardou silêncio respeitoso.

O Conde da Cunha em pé no meio da sala, continuou, falando grave e solenemente:

— Começa o novo dia; o de ontem foi de festa e devoção ao santo do séu, e ao nome abençoado de El-Rei meu senhor; o de hoje, que principia agora, não é mais de festas, nem de folguedos; é de justiça, e de castigo aos culpados.

A companhia enregelara-se e tremia diante do despótico vice-rei que falava assim.

— Senhor Tenente-Coronel do regimento novo! bradou sinistro o Conde da Cunha, chamando.

O tenente-coronel confuso e perturbado aproximou-se do vice-rei que lhe falou em voz baixa, e quando acabou de ouvi-lo, avançou triste e compungidamente para o ajudante oficial-de-sala, e diante de toda a assembléia surpresa, disse-lhe:

— Senhor Tenente-Coronel Alexandre Cardoso de Meneses, entregue-me a sua espada! Está preso por ordem do Senhor Vice-Rei Conde da Cunha.

Alexandre Cardoso trêmulo e lívido desembainhou a espada, entregou-a ao tenente-coronel do regimento novo, e perguntou:

— Posso saber para onde vou ser conduzido? . . .

— Para a fortaleza de Santa Cruz e incomunicável até segunda ordem.

— E o meu crime? . . .

O vice-rei deu um passo para aquele que desde esse momento deixava de ser o seu ajudante oficial-de-sala, e disse:

— É um acervo de crimes.

O preso não respondeu; mas simulando força de ânimo que real-

mente lhe faltava, porque a própria consciência o acusava, saiu com a fronte erguida, acompanhando o tenente-coronel do regimento novo que o conduzia desautorado à prisão.

A assembléa ficara tomada de surpresa.

Quando Alexandre Cardoso desapareceu, o Conde da Cunha exclamou:

— Creio que a cidade continuará em festa no dia que vai amanhecer!

Logo depois e a um sinal de despedida feito pelo vice-rei, as famílias e os oficiais se foram retirando sem descuidar-se da profunda vênia a ele devida.

A Jerônimo Lfrio tinha o conde ordenado que se demorasse, e quando haviam saído todos os convidados, perguntou-lhe:

— Está satisfeito?

Jerônimo respondeu:

— Não desejo mal a alguém; mas o Senhor Vice-Rei fez justiça.

— Saiba pois que esta ceia foi dada de propósito para que muitos e com especialidade o senhor Jerônimo Lfrio fossem testemunhas da prisão solene de Alexandre Cardoso, porque a todos, porém muito especialmente ao senhor, o Vice-Rei devia uma satisfação pública.

— Ah, Senhor Vice-Rei!

— Eu tentei precipitá-lo a fazer a desgraça de sua filha mais moça, pedindo-lha em casamento para esse homem indigno, e ainda bem que o senhor me negou; mas juro-lhe que não conhecia nem o caráter, e menos os crimes do meu fatal ajudante oficial-de-sala!

— Eu e minha família somos escravos da bondade do Senhor Vice-Rei.

— Pois bem; dê-me uma prova disso: peça-me um serviço, um favor que esteja nas minhas faculdades satisfazer.

Jerônimo animou-se e disse:

— Peça ao Senhor Vice-Rei o cumprimento de uma promessa que será para nós a honra mais elevada.

— Qual é?

— Que o Senhor Vice-Rei se digne ser padrinho do casamento de minha filha Inês com este mancebo.

E mostrou Isidoro.

— Oh! com o nosso bravo cavalheiro! Perfeitamente: serei o padrinho do casamento.

Saindo do palácio e no ato de embarcarem as senhoras nas cadeirinhas, Jerônimo perguntou a Antônio Pires:

- Então que dizes agora do vice-rei?
- Digo que ele acordou muito tarde; Deus pode perdoar-lhe; a justiça do rei não.

CONCLUSÃO

A desgraça de Alexandre Cardoso foi geralmente recebida como justo castigo.

O infeliz desmoralizado oficial devia consolar-se porque a sua punição se limitou a seguir para Lisboa, onde aliás acabou seus dias na maior e mais tormentosa miséria.

O povo não perdoou o Conde da Cunha o não ter castigado exemplarmente no Rio de Janeiro a Alexandre Cardoso, e a memória do governo opressor e despótico desse vice-rei ficou marcada com o selo da re-provação pública.

O grande ministro do rei D. José I, o Marquês de Pombal, deixou também entender que o governo de Lisboa igualmente condenara a administração do Conde da Cunha; porquanto o Conde de Azambuja chegou para substituí-lo no vice-reinado do Brasil, inesperadamente, sem ter havido prevenção alguma, e surpreendendo o vice-rei demitido de modo sem dúvida bem desagradável.

A 21 de novembro de 1767, entregou o Conde da Cunha ao de Azambuja o vice-reinado do Brasil, e poucos dias depois seguiu para Portugal.

Maria de. . . esqueceu depressa os gozos sinistros da sua vingança de vaidosa no empenho de novas conquistas e nos braços de novos amantes, entre os quais a tradição não diz que se contasse algum outro ajudante oficial-de-sala do vice-rei.

O vice-reinado do velho Conde de Azambuja durou apenas dois anos incompletos, sucedendo-lhe o Marquês do Lavradio que era muito sensível aos encantos do belo sexo, e ardentemente se apaixonou por Maria de. . .

Mais tarde me empenharei em escrever a história ou o romance desses amores do Vice-Rei Marquês do Lavradio e da formosa cortesã.

BIBLIOGRAFIA

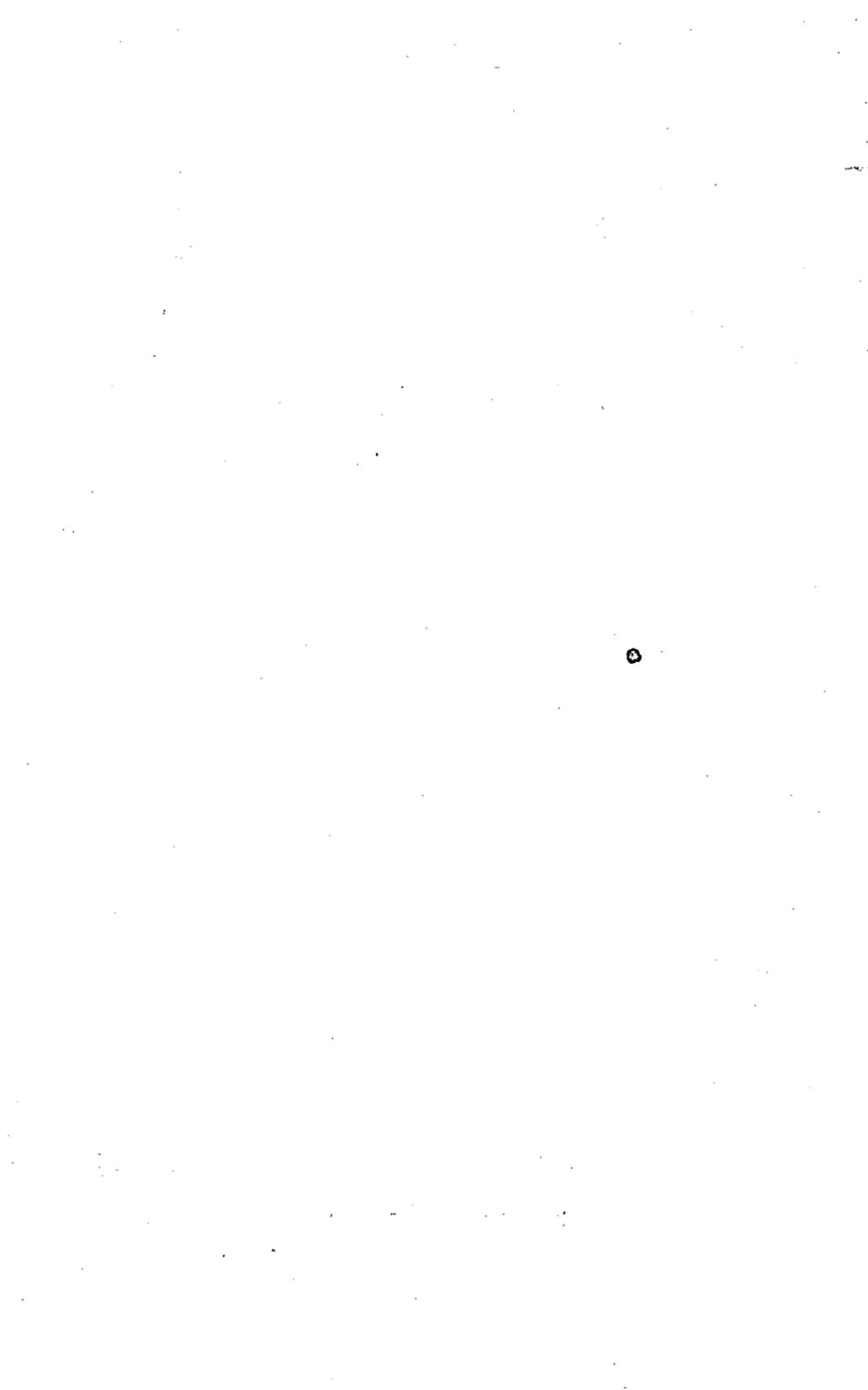
1 — OBRAS DO AUTOR

- 1844 — *A moreninha* (romance)
1845 — *O moço loiro* (romance)
 O cego (teatro)
1848 — *Os dois amores* (romance)
1849 — *Rosa* (romance)
 Cobé (teatro)
1853 — *Vicentina* (romance)
1855 — *O forasteiro* (romance)
1856 — *O fantasma branco* (teatro)
1857 — *A nebulosa* (poema)
1858 — *O primo da Califórnia* (teatro)
1860 — *Luxo e vaidade* (teatro)
1861 — *Romances da Semana* (romance)
1862 — *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*
1863 — *O novo Otelo* (teatro)
 A torre em concurso (teatro)
 Lusbela (teatro)
1865 — *O cultô do dever* (romance)
1867-68 — *Memórias de um sobrinho do meu tio* (romance)
1869 — *A luneta mágica* (romance)
 As vítimas algozes; quadro da escravidão (romance)
 O rio do quarto (romance)
1870 — *A namoradeira* (romance)
1871 — *Um noivo e duas noivas* (romance)
1872 — *Os quatro pontos cardeais* (romance)
 A misteriosa (romance)

- 1873 — *Cincinato Quebra-Louças* (teatro)
 1876 — *A baronesa do amor* (romance)
 1878 — *Memórias da Rua do Ouvidor*
 1880 — *Antonica da Silva* (teatro)

2. SUGESTÕES DE LEITURAS SOBRE O AUTOR

- AMORA, A. Soares. *O romantismo*. São Paulo, Cultrix, 1967. p.210-238.
 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970. p. 143-145.
 CANDIDO, Antonio. O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo. In: —. *Formação da literatura brasileira; momentos decisivos*. São Paulo, Martins, 1959. v. 2. p. 97-101; 136-145.
 COUTINHO, Afrânio (dir). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Sul-Americana, 1955. v. 2. p. 231-236.
 MERQUIOR, J. Guilherme. *De Anchieta a Euclides; breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977. p. 63-64.
 PEREIRA, Astrogildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro, CEB, 1944. p. 49-113.
 ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943. p. 260-271.
 SANT'ANNA, A. Romano de. A moreninha. In: —. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis, Vozes, 1973.p.84-96.
 VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília, Ed. UNB, 1963. p. 172-176.



Impresso em off-set por:
ERRÈGÈ EDITORA, GRÁFICA E PUBLICIDADE LTDA

Rua Sargento Silva Nunes, 154 - Ramos - Tel.: 270-3946
Rio de Janeiro - RJ
com filmes fornecidos pelo editor

As mantilhas do título são os elementos-chave deste mecanismo de disfarce. De ornamentos usados pelas mulheres honestas do século XVIII tornam-se, no romance de Macedo, uma forma de desmascaramento das arbitrariedades do poder. Sob elas se escondem identidades e se revelam verdades.

E é justamente nas festas populares que crítica e desejo se encontram. É aí que acham brechas para se expandir, agilizando ações de rebelião contra o governo opressor do Conde da Cunha e os abusos de seu ajudante-de-ordens.

Num clima de mistério, intrigas, paixões, amores impossíveis e muito suspense se movimentam os personagens, até o final, cheio de mistério e ação.

Sétimo volume da Biblioteca Carioca, *As Mulheres de Mantilha* traz para o leitor de hoje um texto pouco conhecido de um de nossos maiores escritores românticos. Ao leitor, o prazer de apreciar ora o romancista perfeito, ora o historiador meticuloso.

BIBLIOTECA CARIOCA

Títulos publicados:

- 1 – *A Era das Demolições/Habitações Populares*, de Oswaldo Porto Rocha e Lia de Aquino Carvalho
- 2 – *Aforamentos* - inventário sumário, elaborado por equipes do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
- 3 – *Rio de Janeiro: Cidade e Região*, de Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares.
- 4 – *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio
- 5 – *O Garatuja*, de José de Alencar
- 6 – *História da Cidade do Rio de Janeiro*, de Delgado de Carvalho

Próximo lançamento:

Diário do Hospício/O Cemitério dos Vivos, de Lima Barreto

SECRETARIA MUNICIPAL DE

CULTURA
RIO

ISBN 85-85096-06-3

821.1